

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Josimaber Siqueira Rezende

A Igreja Batista Memorial de Alphaville:
Um estudo teológico-pastoral no contexto da
missão na cidade

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
Programa de Pós-graduação em Teologia

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Josimaber Siqueira Rezende

A IGREJA BATISTA MEMORIAL DE ALPHAVILLE

Um estudo teológico-pastoral no contexto da missão na cidade

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2020



Josimaber Siqueira Rezende

A Igreja Batista Memorial de Alphaville

Um estudo teológico-pastoral no contexto da missão na cidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Puc-Rio, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Teologia. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Antonio Luiz Catelan Ferreira
Orientador
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof^a. Francilaide de Queiroz Ronsi
Departamento de Teologia - PUC-Rio

Prof. Marcial Maçaneiro
PUC-PR

Prof. Jaziel Guerreiro Martins
FABAPAR

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2020

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Josimaber Siqueira Rezende

Em 2000 concluiu o bacharelado em Administração de Empresas pela Uniandrade. Em 2009 graduou-se bacharel em Teologia pela Fabapar. Em 2010 finalizou o curso de Liderança Avançada e em 2011 o de Docência Nacional, ambos pelo Haggai Institute. Em 2012 concluiu a especialização (*Latu Sensu*) em Liderança Pastoral. Em 2016 terminou o mestrado (*Strictu Sensu*) em Teologia pela Fabapar. É pastor batista, filiado à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil desde 2009. Atuou como docente em instituições de ensino superior como Anhanguera, Fabapar e Uninter. É autor de livros nas áreas de eclesiologia, filosofia, liderança e ética. Atualmente é professor em Curitiba, na PUC-PR.

Ficha Catalográfica

Rezende, Josimaber Siqueira.

A Igreja Batista Memorial de Alphaville: Um estudo teológico-pastoral no contexto da missão na cidade / Josimaber Siqueira Rezende; orientador: Antonio Luiz Catelan Ferreira. – 2021.
193 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Teologia – Teses. 2. Eclesiologia. 3. Eclesiologia Contemporânea. 4. Igreja. 5. Igreja Batista. 6. Novo Testamento. I. Ferreira, Antonio Luiz Catelan. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos líderes eclesiais brasileiros que dedicam suas vidas para a
construção de igrejas bíblicas e contemporâneas.

Agradecimentos

A Deus, que me ama incondicionalmente e nunca desistiu de mim.

Aos meus familiares - especialmente minha esposa e meus pequeninos Felipe e Heitor - pela compreensão de terem sido privados de minha presença em importantes momentos nos últimos quatro anos.

Ao meu orientador, Professor Antônio Luiz Catelan Ferreira, por acreditar que a pesquisa fosse possível e contribuir com incontestável dedicação, inclusive em períodos de férias.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia se realizar. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

Aos professores com os quais tive momentos significativos de aprendizado e troca de informações durante o período do doutorado.

Aos colaboradores do Departamento, especialmente ao Sérgio Albuquerque – que desde antes de meu ingresso na PUC-Rio sempre foi pontual e preciso nas informações - e Leonete Carvalho.

As pastor e amigo Sidney Costa e demais pastores e líderes da Igreja Batista Memorial de Alphaville, que apoiaram a pesquisa da igreja à qual pertencem e contribuíram para que as informações do objeto de pesquisa fossem relevantes e atuais.

A todos os amigos que direta ou indiretamente me ajudaram durante a caminhada. Espero ter mais tempo para estar com vocês.

Resumo

Rezende, Josimaber Siqueira; Ferreira, Antonio Luiz Catelan. **A Igreja Batista Memorial de Alphaville: um estudo teológico-pastoral no contexto da missão na cidade**. Rio de Janeiro, 2021. 193p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente tese tem como finalidade realizar um estudo científico-pastoral sobre a experiência espiritual da Igreja Batista Memorial de Alphaville junto à cultura atual e face às características da eclesiologia fundante. O atual trabalho é composto por cinco capítulos. O primeiro deles contém aspectos introdutórios. O segundo é de natureza narrativa, onde descrevemos o objeto de estudo, apresentando as suas características essenciais e experiências históricas. O terceiro traz uma exposição da eclesiologia da Igreja do Novo Testamento e tem por objetivo examinar a eclesiologia fundante. O quarto capítulo é uma análise crítica de alguns elementos notórios da Igreja Batista Memorial de Alphaville realizada a partir da experiência eclesial fundante vivida pelas igrejas locais do Novo Testamento. No quinto e último capítulo é apresentada uma conclusão baseada nas informações e reflexões dos capítulos anteriores.

Palavras-chave

Eclesiologia; Eclesiologia Contemporânea; Igreja; Igreja Batista; Novo Testamento.

Abstract

Rezende, Josimaber Siqueira; Ferreira, Antonio. **The Memorial Baptist Church of Alphaville: A theological-pastoral study in the context of the mission in the city.** Rio de Janeiro, 2020. 193p. Doctoral Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The present thesis aims to carry out a scientific-pastoral study on the spiritual experience of the Memorial Baptist Church of Alphaville with the current culture and in view of the characteristics of founding ecclesiology. The present work consists of five chapters. The first of them contains introductory aspects. The second is narrative in nature, where we describe the object of study, presenting its essential characteristics and historical experiences. The third brings an exposure of the ecclesiology of the New Testament Church and aims to examine founding ecclesiology. The fourth chapter is a critical analysis of some characteristic elements of the Alphaville Memorial Baptist Church carried out from the founding ecclesial experience lived by the local New Testament churches. In the fifth and final chapter a conclusion is presented based on the information and reflections of the previous chapters.

Keywords

Ecclesiology; Contemporary Ecclesiology; Church; Baptist Church; New Testament.

Sumário

1. Introdução	16
2. A Igreja Batista Memorial de Alphaville	20
2.1. A origem denominacional da IBM Alphaville	21
2.1.1. A origem dos batistas	22
2.1.2. Os batistas no Brasil	23
2.1.3. A organização dos batistas	24
2.1.4. Os documentos referenciais dos batistas	25
2.1.5. Os princípios batistas	28
2.2. A experiência histórica da IBM Alphaville	28
2.2.1. A motivação e a visão inicial	29
2.2.2. A fase de consolidação	31
2.2.3. A fase de expansão	34
2.2.4. A fase de transição	35
2.3. A relação com a cidade e com a cultura contemporânea	36
2.3.1. A construção de pontes	36
2.3.2. A mobilidade urbana	37
2.3.3. A velocidade das informações	38
2.3.4. Os pequenos grupos	39
2.3.5. A espiritualidade sem religiosidade	40
2.4. A teologia e a liturgia da IBM Alphaville	40
2.4.1. Uma teologia cristocêntrica	40
2.4.2. Uma teologia bíblica	42
2.4.3. Uma teologia pneumatológica	44
2.4.4. Os aspectos litúrgicos	46
2.4.5. O ambiente litúrgico	47
2.4.6. A adoração comunitária	48

2.4.7. As mensagens e meditações	48
2.5. O estilo de atuação da IBM Alphaville	49
2.5.1. As celebrações e cultos semanais	50
2.5.2. As <i>lives</i> e os devocionais diários	51
2.5.3. O programa “Celebrando a Restauração”	52
2.5.4. O IBMA universitário	53
2.5.5. O IBMA <i>teen</i>	54
2.5.6. O IBMA <i>pré-teens</i>	54
2.5.7. O IBMA <i>kids</i>	55
2.5.8. As atividades anuais	56
2.5.9. O Musical de Natal	56
2.5.10. A Conferência Target	57
2.5.11. As Serenatas de Natal	57
2.5.12. O Musical de Páscoa	58
2.5.13. A Associação Foco	58
2.5.14. Os projetos esportivos e artísticos	63
2.5.15. Os projetos de saúde e bem-estar	60
2.5.16. Os projetos educativos	60
2.5.17. Os projetos comerciais	61
2.5.18. Os projetos corporativos	61
2.6. A estrutura organizacional	62
2.6.1. A asa administrativa	62
2.6.2. A asa ministerial	63
2.6.3. O ministério pastoral	64
2.7. Conclusão	65
3. A eclesiologia da Igreja do Novo Testamento	66
3.1. A autoridade apostólica na vida eclesial	67
3.1.1. A conclusão da revelação constitutiva com a morte do último apóstolo	68

3.1.2. A normatividade dos escritos apostólicos	70
3.1.3. A concomitância entre a formação do cânon do Novo Testamento e a Igreja	71
3.1.4. A fundação do cristianismo	72
3.1.5. O cristianismo em atividade	73
3.1.6. A organização do cristianismo	74
3.1.7. As características fundamentais da Igreja no Novo Testamento	76
3.2. Questões conceituais da eclesiologia	77
3.2.1. A Igreja é agente do Reino de Deus	77
3.2.2. A Igreja é continuadora das ações de Jesus	80
3.2.3. O uso do termo <i>ekklésia</i>	81
3.2.4. A autoconsciência eclesial	83
3.2.5. A Igreja é corpo de Cristo	84
3.2.6. A Igreja é povo de Deus	85
3.2.7. A Igreja é templo do Espírito	87
3.3. As igrejas locais do Novo Testamento	88
3.3.1. A eclesiologia do evangelista Marcos	89
3.3.2. A eclesiologia do evangelista Lucas	91
3.3.3. A eclesiologia do evangelista Mateus	92
3.3.4. A igreja da cidade de Jerusalém	94
3.3.5. A igreja da cidade de Antioquia	95
3.3.6. As igrejas paulinas	96
3.3.7. As igrejas petrinas	101
3.3.8. As igrejas joaninas	102
3.3.9. As igrejas asiáticas	104
3.3.10. Outras igrejas	104
3.4. As características marcantes das igrejas	106
3.4.1. A perseverança no ensino dos apóstolos	107
3.4.2. A comunhão fraterna	109
3.4.3. A fração do pão	111
3.4.4. O compartilhamento dos bens	112
3.4.5. A universalidade do evangelho	113
3.4.6. A dinâmica missionária	115

3.4.7. O compromisso com os pobres	116
3.4.8. A organização ministerial	117
3.5 Conclusão	118
4. Análise crítica de elementos característicos da IBM Alphaville a partir da experiência eclesial fundante	120
4.1. A origem da IBM Alphaville	120
4.1.1. Os princípios norteadores	121
4.1.2. A motivação da fundação	130
4.1.3. A visão eclesial	133
4.2. A relação da IBM Alphaville com a cidade e a cultura	135
4.2.1. A relação com a cidade	136
4.2.2. A interação com a cultura	138
4.3. A teologia e a liturgia da IBM Alphaville	142
4.3.1. A teologia	142
4.3.2. A liturgia	147
4.4. O estilo de atuação da IBM Alphaville	152
4.4.1. Os pequenos grupos	152
4.4.2. O atendimento às faixas etárias	158
4.4.3. Os projetos sociais	159
4.5. A estrutura organizacional da IBM Alphaville	163
4.5.1. A organização administrativa	163
4.5.2. A organização ministerial	166
4.6. Conclusão	172
5. Conclusão	173
6. Referências bibliográficas	179

Abreviaturas

Livros Bíblicos

1Cr	Primeiro Livro das Crônicas
2Cr	Segundo Livro das Crônicas
1Mc	Primeiro Livro dos Macabeus
2Mc	Segundo Livro dos Macabeus
1Rs	Primeiro Livro dos Reis
2Rs	Segundo Livro dos Reis
1Sm	Primeiro Livro de Samuel
2Sm	Segundo Livro de Samuel
Ag	Ageu
Am	Amós
Br	Baruc
Ct	Cântico dos Cânticos
Dt	Deuteronômio
Ecle	Eclesiastes
Eclo	Eclesiástico
Esd	Esdras
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Gn	Gênesis
Is	Isaías
Jó	Jó 1
Jr	Jeremias
Js	Josué
Jt	Judite
Jz	Juízes
Lv	Levítico
Mq	Miqueias
Mt	Mateus
Ne	Neemias
Nm	Números
Pr	Provérbios
Rt	Rute
Sb	Sabedoria
Sl	Salmos
Tb	Tobias
Zc	Zacarias

Gerais

ABIBET	Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico
ADBB	Associação dos Diáconos Batistas do Brasil
AMBB	Associação dos Músicos Batistas do Brasil
ANEB	Associação Nacional de Escolas Batistas
AT	Antigo Testamento
CBB	Convenção Batista Brasileira
CC	Cantor Cristão
CIEM	Centro Integrado de Educação e Missões
Ed.(s)	Editor(es)
FABAPAR	Faculdades Batista do Paraná
FBRJ	Faculdade Batista do Rio de Janeiro – Seminário do Sul
FOCO	Associação Foco Conecta

FTBE	Faculdade Teológica Equatorial
HCC	Hinário para o Culto Cristão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa
IBM	Igreja Batista do Morumbi
IBM ALPHAVILLE	Igreja Batista Memorial de Alphaville
JBB	Juventude Batista Brasileira: Junta de Mocidade Cristã da Convenção Batista Brasileira
JMM	Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira
JMN	Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
OPBB	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil
OPBB	Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – secção Paraná
Org.(s)	Organizador(es)
p.	Página(s)
SEC	Seminário de Educação Cristã
SIBG	Segunda Igreja Batista de Goiânia
STBNB	Seminário Teológico Batista do Norte
UFMBB	União Feminina Missionária Batista do Brasil
UMHBB	União Missionária de Homens Batistas do Brasil
v./vv.	Versículo(s)
v.	Volume

O propósito da igreja não pode ser a sobrevivência ou mesmo a prosperidade, e sim o serviço. E às vezes alguns servos morrem servindo (...).

A vida da igreja é o coração de Deus (...). A igreja não pode viver se o coração de Deus não bater dentro dela. O pulsar divino consiste em buscar e salvar aquele que se acha perdido. A igreja existe para servir como corpo de Cristo, e é por causa desse compromisso em servir que somos obrigados a nos envolver em nossa cultura.

Erwin McMannus, *Uma força em movimento.*

1

Introdução

O caminho percorrido por esta tese iniciou bem antes do meu ingresso como discente no doutorado do programa de pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, haja vista que o interesse pelo estudo da eclesiologia brasileira me acompanha há alguns anos.

Em 2003, três anos após ter finalizado a graduação em administração de empresas, ingressei no curso de bacharelado em teologia com o objetivo de obter maior conhecimento e melhor me preparar para o futuro exercício do ministério pastoral. O contato com eclesiólogos durante o tempo em que estive na faculdade teológica somado à atuação ministerial junto à variadas igrejas locais contribuíram para que a minha paixão pela Igreja aumentasse ainda mais.

De 2004 a 2010 tive a oportunidade de conhecer diversas realidades eclesiais, especialmente dentro do contexto batista. A atuação em funções denominacionais na JUBEPAR (Juventude Batista do Estado do Paraná) - onde pude atuar por seis anos, quatro deles como presidente - e na JBB (Juventude Batista Brasileira) favoreceram o meu contato com pastores e líderes de igrejas locais, o que me permitiu conhecer uma diversidade de igrejas, tanto no Paraná quanto em todas as outras cinco regiões geográficas do país. Em síntese, pude verificar diversas formas de atuações eclesiásticas existentes do sul ao norte do Brasil.

A atuação como docente do Instituto Haggai do Brasil e como missionário da Sepal – instituições que atuam na capacitação de líderes cristãos e pastores, respectivamente – me ajudaram a ampliar o conhecimento e manter contato com igrejas de fora do contexto denominacional batista.

O contato com uma maior diversidade de denominações cristãs passou a ser mais intenso a partir de 2011, ano em que iniciei uma pós-graduação em liderança pastoral e passei a conviver com colegas de curso que eram pastores e líderes em diversas igrejas cristãs, desde as mais tradicionais até as neopentecostais. A experiência de interação com docentes e discentes de diferentes localidades do Brasil energizou o meu desejo de continuar estudando a eclesiologia contemporânea.

Foi também em 2011 que passei a me dedicar ao cuidado e mentoreamento pastoral. Particpei da formação de grupos pastorais através do projeto “renovo pastoral”, que tem em sua proposta a realização de vinte encontros de imersão com pastores com o intuito de trabalhar questões ministeriais e pessoais.

Através do mentoreamento de pastores que realizo desde 2011 tive a oportunidade de conhecer mais da vida pastoral e dos desafios inerentes a cada comunidade local. A atuação como presidente da OPBB-PR (Ordem dos Pastores Batistas do Brasil - secção Paraná) durante alguns anos também me permitiu intensificar o trabalho junto à pastores e igrejas locais.

Em 2014 passei a me dedicar com mais afinco ao estudo do mentoreamento de pastores na igreja brasileira, temática que foi objeto de estudo durante o período em que cursei o mestrado em teologia e que culminou na produção de uma dissertação sobre o assunto.

A partir de 2015 passei a atuar como docente universitário em cursos teológicos, lecionando em disciplinas ligadas à eclesiologia. A atuação como professor exigiu de mim um maior envolvimento com a pesquisa e com a produção de literaturas que atendessem às demandas dos alunos das instituições às quais eu me dedicava.

O investimento e apoio que recebi para a produção de livros voltados para a área da eclesiologia favoreceram o meu interesse em continuar estudando e pesquisando a respeito da Igreja. A veiculação das gravações das aulas e a distribuição dos materiais bibliográficos entre alunos que cursavam teologia nos diversos polos universitários espalhados pelo Brasil criaram para mim a demanda de interagir com estudantes que viviam experiências eclesiais bastante singulares e das quais eu ainda não tinha conhecimento.

Todo o histórico de estudos e pesquisas por mim percorrido, associado às experiências e influências recebidas por conta de todas as atuações e vínculos desenvolvidos, acabaram culminando na intenção de produzir uma pesquisa acadêmica em nível doutoral.

O alinhamento para que a presente tese fosse uma realidade passou a ocorrer a partir de 2017, quando comecei a cursar o doutorado em teologia na PUC-Rio. Tal instituição me permitiu ter as condições necessárias para que a pesquisa acontecesse.

A ideia inicial era a de estudar um grupo de igrejas contemporâneas da região da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Como o projeto era bastante amplo para uma pesquisa *strictu sensu*, optamos por escolher uma igreja local

que se enquadrasse dentro de nosso interesse, o que resultou na escolha do atual objeto de estudo.

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a Igreja Batista Memorial de Alphaville - localizada na grande São Paulo -, que na atual pesquisa será denominada de “IBM Alphaville”.

O título “A Igreja Batista Memorial de Alphaville: estudo científico-pastoral sobre a experiência espiritual na cultura atual face às características da Eclesiologia fundante” tem como escopo analisar a atuação da IBM Alphaville à luz da experiência da Igreja do Novo Testamento.

No segundo capítulo descreveremos a IBM Alphaville e apresentaremos suas características essenciais, bem como as experiências históricas e espirituais vivenciadas desde a sua fundação. Iremos expor aspectos relacionados aos distintivos de atuação e algumas das metodologias empregadas pela igreja. Apresentaremos a linhagem histórica, a teologia, os aspectos litúrgicos, a maneira como ela se relaciona com sociedade, as ações pastorais e algumas informações a respeito da sua estrutura organizacional.

No terceiro capítulo ofereceremos informações concernentes às qualidades efetivas das experiências históricas e espirituais vivenciadas pelas igrejas locais do Novo Testamento. Faremos uma exposição sobre a ascendência, a vida, a teologia, a liturgia e as formas através das quais as comunidades cristãs interagem com a urbe e com as civilizações da época. Também elencaremos determinadas ações e aspectos ligados à organização eclesial da ecclesiologia neotestamentária.

No quarto capítulo faremos uma análise crítica da IBM Alphaville em relação à experiência eclesial fundante. Utilizaremos informações descritas nos capítulos anteriores e dialogaremos com ecclesiólogos da atualidade, que nos darão subsídios para a parametrização e a comparação dos elementos do objeto de estudo junto às igrejas do Novo Testamento.

No quinto e último capítulo concluiremos nossas reflexões e realizaremos a exposição de algumas pistas levantadas e fundamentadas através dos capítulos anteriores. Apresentaremos percepções que acreditamos terem um grau de importância para os estudos e pesquisas eclesiais contemporâneos.

É importante esclarecer que esta tese foi escrita em “tempos de pandemia”, causada pela COVID-19, doença respiratória aguda grave que tem afetado a vida de pessoas em diversas regiões do mundo, trazendo como consequência a perda de amigos e familiares próximos.

Os primeiros esboços escritos desta pesquisa foram desenvolvidos em janeiro de 2020, quando a pandemia começou a tomar grandes proporções no Brasil. As últimas linhas da presente tese foram escritas em janeiro de 2021, quando uma nova onda da COVID-19 assolava o nosso país, que aguardava ansiosamente a chegada de uma vacina que pudesse diminuir os impactos negativos da doença.

Produzir uma tese em meio à pandemia demandou um esforço maior do que o normal, haja vista que o distanciamento social nos impediu de estar presencialmente e face a face com as pessoas, além de ter limitado o acesso a bibliotecas físicas e inserido em nós o desafio de compartilhar espaços físicos de estudo e de trabalho junto aos nossos familiares.

Ainda que estejamos entregando a produção da atual pesquisa em um período difícil para a humanidade, finalizamos a presente tese com dois sentimentos: o primeiro é o de tristeza e comoção pela perda de vidas que tivemos durante o período pandêmico, especialmente de pessoas próximas a nós; o segundo é o de alegria, pois temos a esperança de que o conteúdo aqui disponibilizado poderá contribuir para a reflexão e o desenvolvimento de igrejas brasileiras mais bíblicas e contextualizadas.

2

A Igreja Batista Memorial de Alphaville

Este segundo capítulo tem por objetivo descrever o que é a IBM Alphaville, apresentar as características essenciais, bem como as experiências históricas e espirituais vivenciadas desde sua fundação. O que propomos, portanto, é expor aspectos relacionados aos distintivos de atuação e as metodologias pela igreja empregadas.

Descreveremos as origens, a história, a teologia, a liturgia, e a forma como a IBM Alphaville se relaciona com a cidade e com a cultura atual, as ações e as atividades pastorais e, também, alguns aspectos vinculados à estrutura organizacional do objeto pesquisado.

O primeiro momento desta pesquisa tornar-se-á importante para a análise crítica que será realizada em um dos capítulos posteriores. É mister ressaltar que o capítulo atual visa a fornecer, da mesma forma, um aporte necessário para a compreensão da IBM Alphaville face à experiência eclesial fundante.

O método de pesquisa utilizado é o bibliográfico. Dentre as principais fontes de pesquisa utilizadas no presente capítulo destacam-se a obra “Compre Cadeira”, de autoria de Sidney Costa, bem como revistas, jornais, folders e impressos produzidos pela equipe de comunicação e jornalismo da IBM Alphaville.

Alguns dados foram retirados de ambientes virtuais, tais como os sites da IBM Alphaville e IBGE. Outras informações mais específicas puderam ser verificadas através de conteúdos disponibilizados em plataformas midiáticas. No tocante às informações denominacionais, foram utilizadas obras renomadas e conhecidas dentro do ambiente batista. Determinados elementos atuais foram extraídos de plataformas virtuais oficiais da denominação, como a Convenção Batista Brasileira.

2.1

A origem denominacional da IBM Alphaville

A IBM Alphaville é uma igreja batista¹. Por tal motivo, possui autonomia local e adota a forma de governo Congregacional Democrático. As igrejas batistas são igrejas autônomas e locais, relacionam-se umas com as outras pela mesma fé e ordem, de forma cooperativa e por laços fraternais.² As igrejas batistas consideram-se neotestamentárias, observadoras das grandes doutrinas cristãs e valorizam o testemunho dos “Pais da Igreja”.³

Para Reis, os batistas podem ser compreendidos como

(...) discípulos de Jesus Cristo, que a partir dos Séculos XVII e XVIII passaram a ser conhecidos como Batistas, têm as mesmas doutrinas e práticas das igrejas cristãs do primeiro século de nossa era. Mais ainda: as igrejas batistas de hoje podem resistir a uma comparação com as igrejas cristãs do primeiro século.⁴

Na atualidade, grande parte das igrejas batistas são filiadas a convenções de sua denominação. A IBM Alphaville, por exemplo, é filiada à Convenção Batista do Estado de São Paulo – CBESP, que por sua vez é filiada à Convenção Batista Brasileira – CBB,⁵ que é filiada à União Batista Latino-Americana – UBLA e à Aliança Batista Mundial – ABM.

Por se tratar de uma igreja batista, a IBM Alphaville compactua com todas as doutrinas⁶ e princípios batistas que historicamente são defendidos pela denominação.⁷

¹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

² Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em: 11 abr. 2020.

³ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 11-19.

⁴ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 6.

⁵ Disponível em:

<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/igrejasLocalizacao/mapal-igrejasEndereco.php?text=igreja%20batista%20memorial%20de%20alphaville>. Acesso em: 11 abr. 2020.

⁶ A “Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira” é composta por 19 artigos, abordando as seguintes temáticas: I – Escrituras Sagradas; II – Deus; III – O Homem; IV – O Pecado; V – Salvação; VI – Eleição; VII – Reino de Deus; VIII – Igreja; IX – O Batismo e a Ceia do Senhor; X – O Dia do Senhor; XI – Ministério da Palavra; XII – Mordomia; XIII – Evangelização e Missões; XIV – Educação Religiosa; XV – Liberdade Religiosa; XVI – Ordem Social; XVII – Família; XVIII – Morte; e XIX – Justos e Ímpios.

Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 25 jul. 2020.

⁷ PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. História e princípios dos batistas, 2005. p. 7-13.

2.1.1

A origem dos batistas

Os batistas são um grupo evangélico originário dos separatistas ingleses⁸ que adotavam a forma de governo eclesial congregacional e que defendiam que somente os cristãos regenerados deveriam se submeter ao batismo.⁹

A conceituação mais aceita correlaciona o início deste grupo com a perseguição perpetrada por James I, rei da Inglaterra, levando um grupamento a migrar para a Holanda. O primeiro evento importante que pode ser datado historicamente é o batismo de John Smyth e Thomas Helwys na Holanda em 1609.¹⁰

A partir do batismo de John Smyth e Thomas Helwys, um pequeno grupo de pessoas também optou pelo batismo, juntando-se a John e Thomas. Em 1612, parte do grupo retornou da Holanda para a Inglaterra e fundou uma igreja batista em Spitalfields, nos arredores da cidade de Londres.¹¹

Desde então, as igrejas batistas se estabeleceram em uma sucessão ininterrupta em diversas regiões do mundo.¹² Os batistas se estabeleceram primeiramente na Inglaterra e posteriormente na América do Norte.¹³

Ainda no século XVII, os batistas ingleses passaram a ser classificados em dois principais grupos: os “batistas gerais” e os “batistas particulares”.¹⁴ Os batistas gerais acreditavam na expiação geral e ilimitada, pois entendiam que Cristo havia morrido para salvar todos aqueles que viveram ou viverão; já os batistas particulares mantinham o entendimento de que a expiação era particular, limitada aos moldes apregoados por João Calvino.¹⁵

Em relação ao nome “batista”, podemos dizer que foi uma designação inicialmente adotada por alguns dos opositores dos batistas, que entendiam ser essa a melhor maneira de caracterizá-los.¹⁶

⁸ A origem dos batistas tem sido debatida ao longo da história. Existem pelo menos mais duas outras teorias a respeito da origem dos batistas. No entanto, descrevemos aqui a que mais se aproxima dos fatos históricos e é a mais aceitável entre os pesquisadores. TRAFFANSTEDT, C. Uma introdução à história dos batistas, p. 4.

⁹ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 9-11.

¹⁰ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 5.

¹¹ CAIRNS, E.E. O cristianismo através dos séculos, p. 92.

¹² VEDDER, H. C. A short history of the baptists, p.33-38.

¹³ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 67-78.

¹⁴ TRAFFANSTEDT, C. Uma introdução à história dos batistas, p. 4.

¹⁵ TRAFFANSTEDT, C. Uma introdução à história dos batistas, p. 6-8.

¹⁶ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 5-6.

2.1.2 Os batistas no Brasil

O primeiro missionário batista que pregou em terras brasileiras foi o norte-americano Thomas Jefferson Bowen, que já havia atuado vários anos no continente africano, mas que, por questões relacionadas à saúde, solicitou transferência para o Brasil no ano de 1859. Inicialmente, Bowen dedicou-se à evangelização dos escravos, pois era conhecedor da língua ioruba. A atuação junto aos escravos levantou suspeitas da polícia brasileira, que chegou a prendê-lo por um curto período. Em 1861, ele retornou ao país de nascimento, pois não apresentou melhoras no estado de saúde durante o período em que esteve no Brasil.¹⁷

A atuação batista no Brasil tornou-se mais notória por meio da atuação de um grupo de colonos norte-americanos que, em setembro de 1871, estabeleceram-se em Santa Bárbara d'Oeste, no estado de São Paulo. Os primeiros cultos eram realizados na língua inglesa, dado que o grupo era composto por famílias americanas que vieram ao Brasil com o intuito de fugir da Guerra de Secessão.¹⁸

As consequências dolorosas da Guerra Civil dos Estados Unidos da América do Norte (...), induziram muitas famílias dos Estados *Confederados* a emigrarem para o Império do Brasil que oferecia oportunidades para os estrangeiros que desejassem colonizar suas terras férteis (...).

NA COLONIA DE SANTA BARBARA, à margem esquerda do rio Piracicaba na então província de São Paulo, foi onde mais prosperou o grupo de emigrantes estadunidenses. A população aumentou com a chegada dos patrícios que se mudaram para lá ao deixar os lugares outros para onde se haviam ido antes. Havia entre eles vários representantes das grandes denominações evangélicas: Metodista, Presbiteriana, Batista. Pelo menos três pastores Batistas faziam parte da caravana aventureira. Eram eles os Revs. Robert O. Thomaz, Milton Pyles e Richard Racliffe (...).¹⁹

No entanto, a primeira igreja batista oficialmente reconhecida em terras brasileiras foi fundada na cidade de Salvador, na Bahia, em 1882.²⁰ Em 1884 ocorreu a fundação da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro e, em 1894, foi criada a primeira associação de igrejas no Brasil. Em 1901 foram fundados o Jornal Batista e a Casa Publicadora Batista, e em 1907 foi organizada a Convenção Batista Brasileira.²¹

¹⁷ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 88.

¹⁸ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 5.

¹⁹ ASSUMPÇÃO, X. Pequena história dos batistas no Paraná, p. 41-43.

²⁰ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 81-92.

ASSUMPÇÃO, X. Pequena história dos batistas no Paraná, p. 52.

²¹ PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 97.

Grande parte do desenvolvimento numérico dos batistas no Brasil ocorreu por conta do investimento denominacional na construção de uma infraestrutura sólida, que resultou na consolidação de seminários – que visavam o preparo de pastores e líderes – e de editoras que permitiram, ao longo dos anos, levar instrução e treinamento à membresia das igrejas existentes no país.²²

Hoje existem cerca de três milhões de batistas espalhados por todos os estados brasileiros.²³ O órgão máximo da denominação batista no Brasil é a CBB, que atualmente é a maior convenção batista da América Latina, composta por 8753 igrejas locais²⁴ e 4944 congregações.²⁵

2.1.3 A organização dos batistas

Como instituição, as igrejas batistas locais se organizam por meio de suas convenções, juntas missionárias, seminários teológicos, colégios e algumas organizações executivas que trabalham especificamente com mulheres, homens e jovens. No Brasil, existem também organizações auxiliares que atuam com os pastores, músicos, educandários, instituições teológicas, diáconos e educadores cristãos.²⁶

Para fins de sustento das instituições e para o avanço denominacional, as igrejas batistas locais contribuem financeiramente para o “plano cooperativo” – contribuições mensais regulares – e ofertas. As contribuições oriundas das igrejas locais são investidas no sustento missionário e em projetos que têm como objetivo impactar a sociedade e tornar a denominação relevante.²⁷

Entre as principais organizações batistas no Brasil destacam-se a CBB (Convenção Batista Brasileira),²⁸ a JMM (Junta de Missões Mundiais),²⁹ a JMN

²² PEREIRA, J. R. Breve história dos batistas, p. 101.

²³ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=18. Acesso em: 11 abr. 2020.

²⁴ A forma de governo batista é congregacional, sendo suas igrejas caracterizadas como soberanas, autônomas, autogeridas, interdependentes e cooperantes entre si. Para fins de responsabilidade jurídica e denominacional, os batistas brasileiros consideram “igreja local” toda igreja batista que possui registro do cartão CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) junto à Receita Federal, e “congregação” todo grupo que se reúne como igreja, mas que ainda não possui registro do cartão CNPJ. Toda “congregação” está vinculada estatutariamente à uma “igreja local”. TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 3.

²⁵ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=19. Acesso em: 11 abr. 2020.

²⁶ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=19. Acesso em: 9 jul. 2020.

²⁷ Disponível em: <http://batistasparana.org.br/cbp1/plano-cooperativo/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

²⁸ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=19. Acesso em: 9 jul. 2020.

²⁹ Disponível em: <https://missoesmundiais.com.br/quem-somos>. Acesso em: 9 jul. 2020.

(Junta de Missões Nacionais),³⁰ a OPBB (Ordem dos Pastores Batistas do Brasil),³¹ a UMHBB (União Missionária de Homens Batistas do Brasil),³² a UFMBB (União Feminina Missionária Brasileira),³³ a JBB (Juventude Batista Brasileira),³⁴ a ADBB (Associação dos Diáconos Batistas do Brasil),³⁵ a AMBB (Associação de Músicos Batistas do Brasil),³⁶ a AECBB (Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil),³⁷ a FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná),³⁸ a FBE (Faculdade Batista Equatorial),³⁹ o STBNB (Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil),⁴⁰ a FBRJ (Faculdade Batista do Rio de Janeiro),⁴¹ o SEC (Seminário de Educação Cristã),⁴² a ABIBET (Associação Brasileira de Instituições Batistas de Ensino Teológico),⁴³ o CIEM (Centro Integrado de Educação e Missão),⁴⁴ a ANEB (Associação Nacional de Escolas Batistas)⁴⁵ e a Editora Convicção.⁴⁶

No Brasil, o órgão mais importante da denominação batista é a Convenção Batista Brasileira, constituída, por natureza e definição estatutária, de igrejas locais de onde procedem os mensageiros que integram suas assembleias convencionais.⁴⁷

2.1.4 Os documentos referenciais dos batistas

Algumas das principais características dos batistas, e que compõem a identidade como denominação cristã, estão registradas em documentos que

³⁰ Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³¹ Disponível em: <https://www.opbb.org.br/quem-somos>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³² Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?BOX_ID=43. Acesso em: 9 jul. 2020.

³³ Disponível em:

<https://www.ufmhb.org.br/quem-somos-1>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁴ Disponível em: <http://www.juventudebatista.com.br/a-jbb/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁵ Disponível em:

http://www.diaconos.org.br/site/pagina.php?MEN_ID=8. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁶ Disponível em: <https://ambb.org.br/index.html>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁷ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=4. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁸ Disponível em: <https://fabapar.com.br/estrutura/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

³⁹ Disponível em: <http://www.fatebe.edu.br/a-faculdade/institucional/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁰ Disponível em: http://www.stbnb.com.br/site/pagina.php?PAG_ID=3. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴¹ Disponível em: <https://seminariodosul.com.br/faculdade-batista-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴² Disponível em: <http://sec.org.br/site/institucional.php>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴³ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?NOT_ID=88. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.ciem.org.br/historia>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁵ Disponível em: <https://aneb.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.conviccaoeditora.com.br/institucional/quemsomos-divisor>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁷ SOUZA, S. (Org.) Exame e consagração ao ministério pastoral, p. 7.

servem como referencial para todas as igrejas batistas locais, como é o caso da IBM Alphaville.

Um dos documentos mais importantes da denominação é o “Pacto e Comunhão”,⁴⁸ tradicionalmente conhecido como “Pacto das Igrejas Batistas” ou “Pacto da Igreja”. O referido documento deve ser apresentado a todo candidato que deseja se sujeitar ao batismo.⁴⁹ Abaixo transcrevemos a versão atual do Pacto.

Tendo sido levados pelo Espírito Santo a aceitar a Jesus Cristo como único e suficiente Salvador, e batizados, sob profissão de fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, decidimo-nos, unânimes, como um corpo em Cristo, firmar, solene e alegremente, na presença de Deus e desta congregação, o seguinte Pacto: Comprometemo-nos a, auxiliados pelo Espírito Santo, andar sempre unidos no amor cristão; trabalhar para que esta Igreja cresça no conhecimento da Palavra, na santidade, no conforto mútuo e na espiritualidade; manter os seus cultos, suas doutrinas, suas ordenanças e sua disciplina; contribuir liberalmente para o sustento do ministério, para as despesas da Igreja, para o auxílio dos pobres e para a propaganda do Evangelho em todas as nações.

Comprometemo-nos, também, a manter uma devoção particular; a evitar e condenar todos os vícios; a educar religiosamente nossos filhos; a procurar a salvação de todo o mundo, a começar dos nossos parentes, amigos e conhecidos; a ser corretos em nossas transações, fiéis em nossos compromissos, exemplares em nossa conduta e ser diligentes nos trabalhos seculares; evitar a detração, a difamação e a ira, sempre e em tudo visando à expansão do Reino do nosso Salvador.

Além disso, comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros; a lembrarmo-nos uns dos outros nas orações; ajudar mutuamente nas enfermidades e necessidades; cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar prontos a perdoar as ofensas, buscando, quando possível, a paz com todos os homens. Finalmente, nos comprometemos a, quando sairmos desta localidade para outra, nos unirmos a uma outra Igreja da mesma fé e ordem, em que possamos observar os princípios da Palavra de Deus e o espírito deste Pacto.

O Senhor nos abençoe e nos proteja para que sejamos fiéis e sinceros até a morte.⁵⁰

O Pacto serviu como instrumento balizador de praticamente todos os documentos batistas produzidos posteriormente. O documento foi impresso e reimpresso diversas vezes, mas ganhou maior amplitude e veiculação com a impressão realizada no ano de 1853 por John Newton Brown, que também havia participado da elaboração da “Declaração Doutrinária dos Batistas”, produzida pelos irmãos batistas de New Hampshire, em 1833. O “Pacto da Igreja Batistas” relaciona pontos práticos em que o crente que se torna membro de uma igreja batista deve

⁴⁸ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=40. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁴⁹ PORTER, P. Organização batista, p. 127-128.

⁵⁰ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=23. Acesso em: 8 jun. 2020.

observar.⁵¹ Ele é um breve testemunho público do compromisso que cada batista tem de viver de acordo com os padrões éticos, doutrinários e morais adotados pela denominação,⁵²

Outro importante documento que serve como referência para os batistas é a “Confissão de Fé Batista”, também conhecido como “Confissão de Fé Batista de 1689”. Este documento é uma espécie de catecismo puritano, e foi compilado por presbíteros e irmãos de muitas congregações de cristãos que residiam nos arredores de Londres. Mais tarde, em 1855, o pregador Charles Spurgeon reimprimiu o documento, tornando-o ainda mais conhecido.⁵³

Por sua vez, o “Culto e Adoração” é um dos balizadores litúrgicos mais importantes dos batistas.⁵⁴ Esse documento traz uma série de recomendações às igrejas e é tido como uma espécie de manual sobre filosofia de música sacra, abrangendo conceitos importantes e sugestões que podem ser adaptadas às realidades de culto das igrejas locais.⁵⁵

A publicação “Organização de Igrejas” é outro documento importante que traz um conjunto de informações que auxiliam a organização de uma igreja local, bem como a concretização de concílios de formação e modelos úteis para a liderança eclesial.⁵⁶

O livro “Exame e consagração ao ministério pastoral” também é um documento orientador para a convocação de concílios pastorais, constituição de diretorias para concílios, direcionamentos para o exame de candidatos ao ministério pastoral, procedimentos a serem tomados no ato de consagração de pastores e modelos oficiais de documentos.⁵⁷

Um último documento denominacional que merece destaque é o “Exame de consagração ao ministério diaconal”. Ele pretende fornecer orientações para a convocação de concílios diaconais, constituição de diretorias para concílios, direcionamentos para o exame de candidatos ao ministério pastoral, procedimentos a serem tomados no ato de consagração de pastores, assim como modelos oficiais.⁵⁸

⁵¹ SOUZA, S. (Org.). Pacto e comunhão, p. 7-11.

⁵² Disponível em: <https://www.sibgoiania.org/sermao/por-que-o-pacto/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁵³ SPURGEON, C. A confissão de fé batista de 1689, p. 25.

⁵⁴ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=40. Acesso em: 9 jul. 2020.

⁵⁵ KAMMER, T. (Org.). Culto e adoração, p. 8-11.

⁵⁶ SOUZA, S. (Org.). Organização de igrejas, p. 7-10.

⁵⁷ SOUZA, S. (Org.). Exame e consagração ao ministério pastoral, p. 7-11.

⁵⁸ RODRIGUES, D. B. L. (Org.). Exame e consagração ao ministério diaconal, p. 8-11.

2.1.5

Os princípios batistas

A IBM Alphaville compactua com todos os princípios batistas estabelecidos na “Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira”.

A seguir transcrevemos os principais princípios batistas:

- 1.º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta;
- 2.º) O conceito de Igreja como comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas;
- 3.º) A separação entre Igreja e Estado;
- 4.º) A absoluta liberdade de consciência;
- 5.º) A responsabilidade individual diante de Deus;
- 6.º) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas.⁵⁹

Os batistas também creem na autoridade de Cristo como Senhor, na autoridade das Escrituras e na autoridade do Espírito Santo. A respeito do indivíduo, reconhecem seu valor, sua competência e sua liberdade. No tocante à vida cristã, defendem a salvação pela graça, a exigência da prática do discipulado, o sacerdócio universal do crente, o lar como unidade básica da família e entendem que o cristão deve exercer sua cidadania.⁶⁰

2.2

A experiência histórica da IBM Alphaville

A história da IBM Alphaville tem início no ano de 2006, quando um grupo de treze pessoas⁶¹ de diferentes igrejas locais e de várias denominações cristãs, passou a se reunir na casa de um casal – Edna Alves e Levy Alves – residente na região de Alphaville,⁶² na Grande São Paulo.⁶³

⁵⁹ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 5 jul. 2020.

⁶⁰ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em: 5 jul. 2020.

⁶¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 19.

⁶² Alphaville é conhecido como um dos bairros mais nobres da Grande São Paulo. Embora muitas pessoas o conheçam como um “bairro de São Paulo”, Alphaville está situado em dois municípios próximos à cidade de São Paulo: Barueri e Santana de Parnaíba. A região de Alphaville é composta de 150 condomínios fechados, de alto padrão, e possui por volta de 35 mil habitantes. Apesar desse número de moradores, a população flutuante diária é de cerca de 200 mil pessoas que, por motivos de trabalho ou turismo, frequentam a região. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/barueri.html>. Acesso em: 20 jun. 2020. GUERRA, M. F. Vende-se qualidade de vida, p. 121-123.

⁶³ “Grande São Paulo” é um termo comumente utilizado para denominar toda região metropolitana da capital do estado de São Paulo. É considerada a maior região metropolitana do Brasil, já que em

Todas as pessoas que compunham o grupo inicial residiam na região de Alphaville, o que facilitou a união entre eles. Alguns deles já se conheciam porque haviam sido membros de uma igreja batista existente na região. Assim que o grupo passou a se reunir na casa do casal Edna e Levy, outras pessoas ficaram sabendo da realização dos encontros, e passaram a divulgar as reuniões por eles promovidas.

À medida que o tempo passava e o trabalho eclesial ia sendo desenvolvido, mais pessoas se uniram ao grupo. Quando o número de frequentadores chegou a cinquenta pessoas, a igreja foi oficialmente organizada. Mais tarde, quando a comunidade passou a ter aproximadamente oitenta membros, um pastor foi convidado a liderar o grupo.⁶⁴

A permanência do primeiro pastor foi breve, pois, quase um ano após a posse, ele deixou o pastoreio da IBM Alphaville. Nessa fase da igreja, a membresia era de aproximadamente vinte e cinco pessoas adultas, e, somadas às crianças, alcançava o número total de cinquenta e duas pessoas.⁶⁵

2.2.1

A motivação e a visão inicial

Entre as motivações iniciais dos irmãos que frequentavam a IBM Alphaville estava o desejo de construir uma igreja local que tivesse em Cristo a sua centralidade. Acreditavam eles que se Jesus estivesse no centro de tudo e se os frequentadores da comunidade cooperassem, o resultado poderia acontecer de acordo com a vontade divina. Eles sonhavam em fazer parte de uma igreja que fosse capaz de olhar e agir no mundo com base em uma comunidade local.⁶⁶

Também tinham em mente a ideia de uma igreja leve, profunda e missional, capaz de aprofundar o foco em Jesus, de fortalecer e ampliar o grupo-base de liderança e de desenvolver e ampliar a equipe ministerial.⁶⁷ Queriam que a visão da comunidade fosse de uma igreja de Jesus, e fundamentavam-se no texto da carta aos romanos que aponta que Dele – Jesus, por Ele e para Ele são todas as coisas (Rm 11,36).

sua extensão residem cerca 21 milhões de pessoas, distribuídas em 39 municípios. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa). Disponível em:

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em: 20 jun. 2020.

⁶⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 19-20.

⁶⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 21-24.

⁶⁶ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 4-5.

⁶⁷ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 1; 8.

Desde os anos iniciais, a comunidade tinha a visão de estabelecer as diretrizes de uma igreja que, segundo eles, seria capaz de amar e resgatar o ser humano que Deus criou. Em essência, as “diretrizes” foram denominadas “DNA” da IBM Alphaville.

No escopo da visão inicial estava o desejo de ser uma comunidade que acreditasse que Jesus é a fonte de tudo o que o ser humano precisa. Eles tinham o desejo de apoiar as novas gerações e de acolher as pessoas da forma como estivessem.

Apresentavam o anseio de que Deus poderia transformar as pessoas para melhor e de que a igreja poderia ser uma comunidade comprometida com a recuperação de indivíduos. Entendiam que deveriam ser uma igreja que combinasse com Jesus e com as pessoas.⁶⁸

A comunidade entendia que a IBM Alphaville deveria ser uma igreja comissionada para o mundo a partir de Alphaville, e que deveria repartir o amor de Deus de maneira urgente. Eles compreendiam que não deveriam supervalorizar as celebridades que porventura surgissem entre eles, já que Jesus deveria ser a pessoa mais importante.

Entre as diretrizes iniciais também estava a ideia de que a comunidade deveria ser liderada por pessoas comprometidas com Jesus e que fossem capazes de cultivar um ambiente de amor e acolhimento. Além disso, aspiravam por uma igreja que defendesse a sustentabilidade ambiental, pois tinham a compreensão de que o meio ambiente é um presente de Deus e precisa ser preservado e cultivado.

Um dos sonhos iniciais dizia respeito ao envolvimento da igreja com a cultura. Os membros diziam que a igreja poderia agir em favor da redenção de determinadas culturas e que a IBM Alphaville poderia colocar-se a serviço do reino de Deus e utilizar elementos culturais, por exemplo, a música e o esporte, como ferramentas evangelísticas.

A ética, a estética e a excelência também eram temas bastante valorizados pela igreja. A ideia era a de que os membros da igreja pudessem impactar a sociedade por meio da prática diária desses valores.

Com relação aos recursos, entendiam que a obra de Deus, quando realizada segundo a vontade D’Ele, receberia os recursos necessários para sua execução. A transparência com os recursos financeiros também era um valor apregoadado.⁶⁹

⁶⁸ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p .3.

⁶⁹ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p .3.

2.2.2 A fase de consolidação

A fase de consolidação da IBM Alphaville ocorreu entre os anos de 2009 a 2013.⁷⁰ Em 2009, por volta de cinquenta pessoas participavam das atividades eclesiais da igreja. Quatro homens que faziam parte da liderança foram em busca de um pastor para a igreja, que completava três anos de uma breve história de existência e estava momentaneamente sem pastor.⁷¹

Em abril de 2009, os líderes da igreja fizeram contato com o pastor Sidney Costa,⁷² com o intuito de pedir a ele orientação para traçar o caminho pelo qual o grupo deveria seguir. Esse foi o primeiro contato que a IBM Alphaville teve com o pastor Sidney, que viria a ser o pastor titular da igreja nos anos seguintes.⁷³

Naquela época, Sidney era o gestor ministerial na Igreja Batista do Morumbi,⁷⁴ na cidade de São Paulo, mas se dispôs a oferecer um projeto de consultoria ao grupo de IBM Alphaville.

Já com o projeto pronto, o grupo da IBM Alphaville convidou Sidney para ser o pastor da igreja; entretanto, ele não aceitou o convite, pois mantinha compromissos com a Igreja Batista do Morumbi. Com a resposta negativa, o grupo de líderes da IBM Alphaville prosseguiu com o processo de busca de um novo pastor disposto a iniciar o projeto idealizado.⁷⁵

Mais tarde, em junho de 2009, Sidney entendeu que deveria deixar a Igreja Batista do Morumbi, e passou a pensar a respeito de seu futuro. A seguir temos um breve testemunho em que ele relata o que se passava em sua mente naquele momento de transição ministerial.

(...) Em junho de 2009, Deus mudou o meu coração, e eu entendi que era hora de deixar a igreja onde estava. Mas para onde ir? Na minha mente, havia quatro opções: podia ficar, pois ninguém estava me mandando embora; podia voltar para a minha cidade de origem; podia buscar uma oportunidade em outras cidades do Brasil; podia plantar uma igreja. Descartei a última opção, mas foi ela que Deus fez crescer no meu coração. Procurei os irmãos de Alphaville para saber como estava o processo, e eles me disseram que podíamos conversar, pois ainda

⁷⁰ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 2.

⁷¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 21-24.

⁷² Sidney Costa é pastor batista, casado com Kátia Costa, com quem tem três filhas. Além de pastor, também é músico e teólogo. Foi docente por 12 anos na Faculdade Batista Teológica de São Paulo. COSTA, S. Compre cadeira: igrejas para hoje focadas em Jesus, 2015. Contracapa.

⁷³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 19-20.

⁷⁴ A Igreja Batista do Morumbi foi fundada pelo pastor Ary Velloso, há quase 40 anos. Começou com um pequeno grupo formado por oito pessoas, que se reuniam na casa do Ary e de sua esposa Carolina. A igreja desenvolveu, ao longo dos anos, três características marcantes: a amizade, o cuidado uns com os outros e o estudo da Bíblia. Hoje, a igreja é uma das principais referências eclesiais no Brasil. Disponível em: <https://ibmorumbi.com.br/#/>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

⁷⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 20.

continuavam buscando um pastor. Em agosto de 2009, recebi o convite para assumir a igreja e começar a plantação de uma “nova igreja” a partir daquele grupo. Isso aconteceu em outubro de 2009.⁷⁶

Com o início da liderança do novo pastor, a IBM Alphaville começou um novo capítulo de sua história, haja vista que, pelo menos até aquele momento, a igreja ainda não era conhecida na comunidade e no entorno em que estava inserida. Os relatos eram de que, se a IBM Alphaville fechasse suas portas em meados de 2009, provavelmente as pessoas da região não sentiriam a ausência da igreja junto à comunidade.⁷⁷

A nova forma de viver o evangelho também fez com que um número maior de pessoas se integrasse ao convívio eclesial. Ainda em 2009, a igreja realizava as celebrações em uma sobreloja da Alameda Araguaia. Na verdade, esse local ficava no andar superior de uma empresa que fazia alinhamento de pneus automotivos.

Os relatos são de que alguns irmãos da igreja costumavam dizer que a igreja ficava em cima de uma “borracharia” e brincavam dizendo que “quem fosse na igreja poderia participar do culto e ganhar um alinhamento de pneus”.

Apesar de realizar as celebrações em uma estrutura física inadequada para o desenvolvimento de uma igreja na região, a IBM Alphaville permaneceu no mesmo local por mais seis meses após a chegada do novo pastor, já que cláusulas dificultavam a quebra do contrato de locação e a possível mudança para um novo imóvel.

A igreja dedicou-se a ensinar e a estabelecer a base que daria suporte à expansão que viria nos próximos anos. Mudanças significativas ocorreram na maneira de ser igreja, tais como a forma litúrgica de culto, o início de um trabalho com pequenos grupos nas casas, a revitalização interna do espaço físico, a dinâmica de trabalho com as novas gerações, o investimento na recuperação de pessoas e a reorganização da equipe de liderança.

As habilidades gastronômicas do pastor⁷⁸ favoreceram a realização de jantares que eram feitos nas casas dos frequentadores da igreja, que, por sua vez,

⁷⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 19-20.

⁷⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 20-21.

⁷⁸ Por conta de suas habilidades culinárias, o pastor Sidney Costa chegou a participar de duas edições do programa “Master Chef Brasil”, da Rede Bandeirantes de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wKRm4jPjPs>. Acesso em: 23 abr. 2020. <https://entretenimento.band.uol.com.br/masterchef/noticias/16309116/masterchef-2020--veja-os-perfis-dos-participantes-do-8o-episodio-nas-redes-sociais>. Acesso em: 2 ago. 2020. <https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2020/08/31/masterchef-brasil-1-setembro-participantes.html>. Acesso em: 2 ago. 2020.

convidavam amigos e parentes para momentos de comunhão em suas próprias residências.

Entre outubro de 2009 e abril de 2010, esforçamo-nos para trazer de volta alguns parentes afastados dos membros e pessoas que tinham o desejo de construir uma igreja com esse jeito de ser. Alguns membros do grupo inicial decidiram não começar essa nova fase, e assim seguimos adiante. Como não tínhamos ainda um escritório da igreja, eu usava um escritório emprestado e me encontrava com as pessoas na igreja, bem como com os interessados em ouvir sobre o nosso projeto, nos cafés de Alphaville. Conheci quase todos os cafés e restaurantes, e firmamos boas parcerias com os que se uniam ao nosso projeto.⁷⁹

Os frequentadores passaram a ser desafiados a construir uma comunidade com um novo jeito de ser, favorecendo um crescimento numérico da igreja, que teve como consequência um gargalo nas celebrações semanais. A ausência de uma estrutura física adequada para que a IBM Alphaville pudesse alcançar mais pessoas e promover uma consolidação passou a ser um problema.

No mês de abril do ano de 2010, a IBM Alphaville possuía um grupo de aproximadamente cem pessoas, o que tornou necessária a locação de um novo prédio para as celebrações, na Avenida Doutor Did Sauaia Neto. O novo local de reuniões ficava de frente para o Rio Tietê, e oferecia condições bem melhores para o desenvolvimento de uma igreja para a cidade.

Em abril de 2010, mudamos para um espaço onde tínhamos melhores condições para as novas gerações e que podia receber 240 pessoas para as celebrações. Sua localização era mais viável e a acessibilidade adequada. Ali chegamos com 100 pessoas. A igreja era a mesma do modelo inicial. Foco em Jesus e nas pessoas que Ele ama; energia e tempo dedicados aos cultos, aos pequenos grupos, às novas gerações, à recuperação de pessoas e à missão, segundo a qual, cada um está nos lugares onde Deus nos mandar.⁸⁰

O crescimento da igreja também provocou algumas baixas. Pessoas que não se adaptaram ao novo jeito de ser da igreja deixaram a comunidade local. Do grupo que iniciou a implantação da igreja, duas famílias mudaram de cidade e outra não se adaptou aos novos modos. Mais tarde, uma dessas famílias retornou ao convívio da IBM Alphaville.⁸¹

Em julho de 2012, a igreja contava com quatrocentas pessoas, e foi necessária uma nova mudança de prédio. A IBM Alphaville mudou-se para a Avenida Tamboré, em Alphaville Industrial, onde foi possível a instalação de um auditório

⁷⁹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 21.

⁸⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 21-22.

⁸¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 13-20.

que comportava mil e duzentas pessoas, facilitando a realização das celebrações para os adultos e para as novas gerações.

Novas atividades foram inseridas na igreja, por exemplo, o programa “Celebrando a Restauração” – focado na recuperação de pessoas. Durante esse tempo a liderança da comunidade também precisou crescer e tornar-se ainda mais organizada.

2.2.3 A fase de expansão

A fase de maior expansão da igreja aconteceu de 2014 a 2018.⁸² Entre os anos de 2014 a 2015, a comunidade já contava com duzentos membros e em torno de dois mil e seiscentos frequentadores aos domingos. Se ao final dos três primeiros anos de fundação a IBM Alphaville não era uma comunidade conhecida na cidade, em 2015 era tida como uma igreja acolhedora e reconhecida não apenas por seus frequentadores, mas pela sociedade.⁸³

Em meados de 2018, a igreja já contava com cerca de cinquenta pequenos grupos que se reuniam nas casas, e mais de vinte projetos locais ao redor do mundo eram apoiados pela IBM Alphaville.

No decorrer dos anos, a maior parte dos líderes que ajudaram a formar a igreja nela permaneceram, dando indícios de que os relacionamentos internos da IBM Alphaville estavam sendo fortalecidos. Algumas pessoas ligadas à liderança migraram de área, mas permaneceram e ajudaram a construir o sonho de “ganhar sem perder”.⁸⁴

A liderança foi, aos poucos, amadurecendo, e novas pessoas juntavam-se à igreja. Atividades como retiros, musicais e projetos esportivos voltados para o público adolescente passaram a ser realizações essenciais para a igreja.⁸⁵

Entre os pastores e líderes que atuaram na igreja durante o ciclo de expansão destacam-se Sidney Costa, Kátia Costa, Pam McCord, Carlos (Bud) McCord, Elza Barcelos, Carlos Barcelos, Milena Rocha, Leandro Rocha, Tatiana Ksenhuk, Hugo Ksenhuk, Janete Silva, Orlando Silva, Sandra Gladstone, Marcos Gladstone, Guilherme Ribeiro, Eloir de Paula, Marcelo de Paula, Nelise Elias,

⁸² Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 2.

⁸³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 13-20.

⁸⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 22-23.

⁸⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 23.

Rafael Elias, Márcia Moraes, Vicente Moraes, Fátima Silva, Natalie Costa, Isabelle Furtado e Nikolas Furtado.⁸⁶

Sob o ponto de vista estratégico, a igreja manteve o que vinha sendo praticado desde o ano de 2009: a cultura de ter mais cadeiras do que o necessário em seu auditório de celebração. Por esse motivo, desenvolveu-se no meio da comunidade o jargão “compre cadeira”.

Quando o grupo da comunidade era composto por apenas quarenta pessoas, a igreja tinha cem cadeiras no auditório; quando a igreja chegou a ter cem pessoas, havia trezentas cadeiras no auditório; quando passou a ter quatrocentos membros, novecentas cadeiras foram adquiridas.⁸⁷

Na fase de expansão da igreja, houve um avanço no investimento relacionado ao aconselhamento e cuidado familiar, o que proporcionou um cuidado pastoral mais adequado às pessoas que mais precisavam de ajuda. Convites a pessoas sem igreja⁸⁸ foram intensificados e foi perceptível o crescimento espiritual e numérico que a comunidade vivenciou.

2.2.4 A fase de transição

A partir do ano de 2019, a igreja entrou no ciclo de transição, que, segundo o planejamento estratégico, deve ser finalizado somente em 2030.⁸⁹ A ideia é a de que a fase transitória de aproximadamente dez anos possibilite e prepare a igreja para um novo período de expansão, que será liderado, muito provavelmente, por um novo pastor e possivelmente novas lideranças.⁹⁰

Atualmente, no ano de 2020, a IBM Alphaville recebe em torno de sete mil pessoas por domingo em suas celebrações, e mantém a ideia inicial de manter cadeiras vazias para que as pessoas tenham a percepção que sempre há espaço para mais alguém e para receber mais pessoas que precisam de Jesus e desejam se conectar com uma comunidade cristã.⁹¹

⁸⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 5.

⁸⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 20.

⁸⁸ A expressão “sem igreja” tem sido utilizada nas últimas décadas para se referir às pessoas que não estão habituadas a frequentar cultos, missas ou celebrações religiosas em uma igreja. O pastor Rick Warren, da Saddleback Church foi um dos primeiros líderes eclesiais a utilizar a expressão. Mais recentemente, Dan Kimball também tem sido um dos pesquisadores mais escrevem a respeito do tema. Para um estudo mais aprofundado a respeito da temática, recomenda-se a leitura dos capítulos “Pregando para os sem-igreja”, constante da obra de Warren, e “Gosto de Jesus, mas não dos cristãos”, de Kimball.

WARREN, R. Uma igreja com propósitos, p. 355-372.

KIMBALL, D. A Igreja emergente, p. 101-114.

⁸⁹ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 6.

⁹⁰ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 6.

⁹¹ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 12.

A liderança da igreja defende que a ideia é trabalhar para que tudo o que foi planejado venha a acontecer, mas também leva em conta outras duas possibilidades: a primeira é a de que o ciclo se complete antes do tempo de transição previsto; e a segunda é a de que nem tudo o que está programado aconteça.⁹²

2.3

A relação com a cidade e com a cultura contemporânea

Levando em conta o grande interesse do ser humano de nosso tempo pela espiritualidade, a IBM Alphaville pretende ser uma igreja relevante a fim de alcançar e atender às demandas atuais do povo. Assim, suas ações objetivam se relacionar com a sociedade em que está inserida e com as diferentes culturas nela existentes.

O entendimento da liderança e do ministério pastoral da IBM Alphaville é que a igreja deve se relacionar diretamente com a cidade, concordando com a afirmação de D. Bonhoeffer, segundo o qual a relevância de uma igreja só ocorre quando ela existe para os de fora dela.⁹³

2.3.1

A construção de pontes

Uma das formas que a IBM Alphaville utiliza para se relacionar com a cidade está vinculado ao conceito de construir pontes. A ideia é a de que a igreja local seja um instrumento para interpretar o conteúdo do cristianismo a fim de melhor comunicá-lo para as pessoas da atualidade, fazendo com que o evangelho de Jesus seja entendido pela cultura local. Portanto, a concepção é de que a comunidade local possa repartir Jesus em cada ambiente da sociedade onde Ele possa ser anunciado, a fim de estabelecer uma relação não apenas com a cidade e região, mas com o mundo.⁹⁴

Construímos pontes para conectar pessoas com Jesus. Muitas pessoas querem uma vida de verdade, mas não sabem onde encontrá-la (...).
Construímos pontes para conectar pessoas com pessoas. Pessoas precisam de pessoas para a caminhada (...).

⁹² Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 12.

⁹³ apud COSTA, S. Compre cadeira, p. 25.

⁹⁴ COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas, p. 3.

Construímos pontes para construirmos o futuro. Quando pessoas em construção, em um mundo em construção se juntam, podem trazer à existência coisas que ainda não existem, através de ideias, recursos e influência (...).
Construímos futuro para construirmos pessoas. Acreditamos que temos a missão de cuidar do que Deus criou e expandir o que Ele fez para a humanidade. (...).⁹⁵

O pensamento da IBM Alphaville é o de que sua própria comunidade cristã deve se conectar com as pessoas para torná-las mais fortes, criativas e eficazes. É possível dizer que, como igreja local, ela busca realizar sua missão no mundo por meio de soluções que surgem a partir do que Deus faz na vida das pessoas.

A proposta eclesial é a de que as pessoas que compõem a igreja vivam entre as pessoas da cidade, deem atenção aos mais diversos tipos de indivíduos, e que não meçam esforços para tocá-las e atendê-las em suas variadas necessidades. A partir de movimentos intencionais de conexão, as pessoas ligadas à comunidade eclesial encorajam outras e se sentem encorajadas a se conectarem com mais irmãos em prol da expansão do reino de Deus.⁹⁶

A compreensão da IBM Alphaville é a de que a forma de se relacionar com a cidade demanda atenção e amor por parte dos integrantes de sua comunidade local. Na visão da igreja, as pessoas são colocadas juntas para repartir suas vidas com a comunidade, o que proporciona a construção de um futuro para elas. O resultado esperado é que a vida das pessoas seja transformada e que isso gere a evolução de quem estiver ao seu redor.

2.3.2

A mobilidade urbana

É perceptível a preocupação da IBM Alphaville em ser uma igreja que se propõe a estar atenta às mudanças que a cidade vem sofrendo nas últimas décadas. Especialmente à acentuação da mobilidade urbana e ao trânsito entre as cidades nas últimas décadas.

Face à evolução das cidades, a igreja procura atender às demandas geradas pelas mudanças de estilo de vida das pessoas.⁹⁷ Levando em conta que

⁹⁵ COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas, p. 3.

⁹⁶ COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas, p. 3.

⁹⁷ Barro aponta que a urbanização é o maior fenômeno da história mundial, e que a migração das pessoas para as cidades é um processo cada vez mais crescente. Ele explica que, por conta dos movimentos migratórios existentes no país, muitos métodos e estratégias pastorais ainda continuam sendo rurais. BARRO, J. B. O pastor urbano: dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido, p. 9.

grande parte da população brasileira vive em um contexto urbano,⁹⁸ a comunidade da IBM Alphaville pensa o ministério para atender as pessoas que moram e trabalham no grande centro urbano de São Paulo.

Assim, em vista de sua atuação nesse contexto, a igreja sente a necessidade de fazer uma leitura correta da forma de pensar das pessoas na contemporaneidade. Segue um exemplo:

- Uma pessoa urbana e seu contexto podem ser pensados da seguinte maneira:
- Suas pernas são os 4 pneus do carro;
 - Seu cérebro é o computador, que está cada vez menor e inserido nas mídias;
 - O meio de contato humano é o celular;
 - Sua cultura é influenciada pelas novelas, apesar de dizerem que a arte imita a vida;
 - O hedonismo impera nas relações interpessoais desenvolvidas em quase todos os ambientes;
 - A definição de honestidade mudou para enganar e se dar bem. O deus da sociedade atual é o dinheiro.⁹⁹

Além de levar em conta os aspectos mencionados acima, a IBM Alphaville tenta entender as mudanças da vida comunitária urbana, que também passaram por mudanças significativas nos últimos anos.¹⁰⁰

2.3.3

A velocidade das informações

A IBM Alphaville realiza ações que têm por finalidade a visibilidade no contexto urbano por meio da rápida veiculação de informações *on-line*.¹⁰¹ Com relação à aceleração das informações promovidas pela internet, a igreja mantém uma equipe de comunicação composta de um editor, um conselho editorial, revisores de texto, diagramadores e fotógrafos.¹⁰² O grupo tem a responsabilidade de pensar diversas formas de propagar as atividades da igreja e a experiência de encontro pessoal e de amor com Jesus.

As celebrações dominicais, por exemplo, são transmitidas ao vivo, via internet. Atualmente todos os cultos dominicais são transmitidos e gravados para posterior utilização das pessoas, fazendo com que o alcance de público não esteja limitado ao dia específico de sua transmissão. Para isso, a igreja se utiliza de

⁹⁸ O Censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa) em 2010 apontou que 84,35% das pessoas que vivem no Brasil residem em áreas urbanas e apenas 15,65% moram em regiões rurais. Disponível em:

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=8>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

⁹⁹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 26.

¹⁰⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 27.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

¹⁰² COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas, p. 4.

diversas mídias, como o *site* próprio,¹⁰³ o YouTube,¹⁰⁴ o Facebook,¹⁰⁵ o Instagram,¹⁰⁶ o Zoom, o WhatsApp.

2.3.4

Os pequenos grupos

Compreendendo que as pessoas estão à procura de casas e ambientes mais seguros para viver, a igreja tem desenvolvido, ao longo dos últimos dez anos, reuniões de pequenos grupos, que acontecem semanalmente nas casas de membros e frequentadores.¹⁰⁷

Como a IBM Alphaville é uma igreja que acolhe pessoas de diferentes classes sociais, os pequenos grupos são uma ferramenta que atende demandas de diversos contextos sociais. É por meio de pequenas reuniões que pessoas de distintas origens religiosas têm a possibilidade de se juntarem à vida comunitária.¹⁰⁸ Os pequenos grupos tentam praticar a vida em comunidade e oferecer espaço para a conexão e o crescimento das pessoas.

A IBM Alphaville conta com a tecnologia “QR Code”, que permite às pessoas utilizar os aparelhos celulares para encontrar um pequeno grupo para frequentar.¹⁰⁹ A igreja mantém disponível uma lista atualizada dos pequenos grupos em seu *website*.

Por meio do *website* é possível encontrar um pequeno grupo adequado às necessidades de cada pessoa. O sistema utilizado permite a escolha de um grupo de acordo com o perfil, local da reunião, dia e horário dos encontros, líder e hospedeiro. Também é possível fazer contato telefônico da pessoa que lidera o grupo.¹¹⁰

¹⁰³ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 9 de jul.

¹⁰⁴ Disponível em:

https://www.youtube.com/channel/UCj57GJX_yeftYDF8ydO4WZw. Acesso em: 8 de jul. 2020.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/lbmalphaville>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/lbmalphaville/?hl=pt-br>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

BARCELOS, F. Relacionar-se, p. 5.

BARCELOS, F. Uma igreja sem muros, p. 1.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/pg>. Acesso em: 8 de jul. 2020.

¹⁰⁹ Revista Comunidade, Barueri, 2019, p. 24.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/pg>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

2.3.5

A espiritualidade sem religiosidade

Uma das preocupações da IBM Alphaville é diferenciar a espiritualidade da religiosidade. A espiritualidade não é vista como uma conquista do ser humano, mas uma inspiração vinda de Jesus, fonte de toda a boa espiritualidade. Em outras palavras, considera que nenhum ser humano é capaz de conquistar a própria espiritualidade por meio do próprio esforço.¹¹¹

O conceito desenvolvido pela IBM Alphaville é o de uma espiritualidade focada em Jesus, em que o ser humano não cria sistemas para alimentar a própria espiritualidade, mas coopera com Jesus no sentido de receber mais Dele. Por exemplo, uma espiritualidade focada em Jesus não demanda que o ser humano suba montes e se sacrifique para cumprir penitências ou exigências oriundas de um líder espiritual, justamente porque a espiritualidade de uma pessoa não pode ser medida pela quantidade de coisas que se faz. Isso se chamaria ativismo religioso.¹¹² A proposta da igreja é que a espiritualidade das pessoas não esteja necessariamente baseada nas experiências daqueles que lideram a comunidade. A ideia é que a membresia sinta-se inspirada por Jesus.¹¹³

2.4

A teologia e a liturgia da IBM Alphaville

Trataremos aqui das maneiras como a IBM Alphaville pensa a respeito de Cristo, da Bíblia, do Espírito Santo e de que maneira lida com os aspectos litúrgicos. Verificaremos se o jeito de ser, a visão e a espiritualidade da igreja apontam para uma teologia focada em Cristo.

2.4.1

Uma teologia cristocêntrica

A proposta teológica da IBM Alphaville está em viver Jesus, glorificar a Ele e engajar-se em sua missão. A ideia é a de que a fonte de inspiração que orienta cada passo da comunidade seja a voz do próprio Jesus.¹¹⁴

¹¹¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 47-48.

¹¹² COSTA, S. Compre cadeira, p. 48-49.

¹¹³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 40-41.

¹¹⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 40.

O conceito trazido pela IBM Alphaville não foca nem na teologia sistemática, nem em alguma teologia contemporânea. O entendimento é o de que todas as teologias devem apontar para Cristo.¹¹⁵

A IBM Alphaville reconhece a divindade e a autoridade de Jesus Cristo como Senhor. Também entende que Ele é a fonte suprema de autoridade e que o ser humano deve sujeitar-se à soberania de Cristo.

A fonte suprema da autoridade cristã é o Senhor Jesus Cristo. Sua soberania emana da eterna divindade e poder – como o unigênito filho do Deus Supremo – de Sua redenção vicária e ressurreição vitoriosa. Sua autoridade é a expressão de amor justo, sabedoria infinita e santidade divina, e se aplica à totalidade da vida. Dela procede a integridade do propósito cristão, o poder da dedicação cristã, a motivação da lealdade cristã. Ela exige a obediência aos mandamentos de Cristo, dedicação ao Seu serviço, fidelidade ao Seu reino e a máxima devoção à Sua pessoa, como o Senhor vivo. A suprema fonte de autoridade é o Senhor Jesus Cristo, e toda a esfera da vida está sujeita à sua soberania.¹¹⁶

O conceito de ser uma igreja focada em Jesus começou a ser mais evidentemente desenvolvido a partir do ano de 2009, quando a igreja passou a construir o processo de consolidação.

Pareceu-nos que a teologia focada em Jesus é, na verdade, uma proposta para que a comunidade viva um estilo de vida cristocêntrico, haja vista que a teologia praticada pela IBM Alphaville é caracterizada por um jeito simples de ser e pela valorização das pessoas que não estão necessariamente acostumadas ao ambiente eclesiástico.

A construção de pontes que facilitassem a conexão do povo a Jesus¹¹⁷ apresentou-se como um dos princípios norteadores da igreja. Em termos teológicos, o foco da IBM Alphaville passou a ser o de viver Jesus de maneira contextualizada, atendendo as necessidades e demandas do tempo presente.

Uma igreja focada em Jesus tem nEle sua fonte de vida; a conexão com Ele garante a espiritualidade genuína. (...) na igreja tradicional o conhecimento é a fonte de espiritualidade. Na igreja neopentecostal a fonte é o líder. Na igreja focada em Jesus, Jesus é a fonte. É dEle que recebemos tudo que precisamos; quem tem Jesus não tem falta de nada.

Uma igreja focada em Jesus compreende bem as palavras do Mestre sobre esse princípio de vida:

“Eu sou a videira; vocês são os ramos. Se alguém permanecer em mim e eu nele, essa dará muito fruto; pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (João 15.5).¹¹⁸

¹¹⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 41.

¹¹⁶ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em: 4 de abril de 2020.

¹¹⁷ COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas, p. 3.

¹¹⁸ COSTA, S. Compre cadeira, p. 49-50.

A visão da IBM Alphaville é ser uma igreja de Jesus, pois entende que é por Ele e para Ele que devem ser feitas todas as coisas.¹¹⁹ A teologia da comunidade enfatiza que acredita que Deus não tem uma missão para a própria IBM Alphaville, mas que Deus tem a IBM Alphaville para a missão da Igreja.

2.4.2

Uma teologia bíblica

A IBM Alphaville é uma comunidade cristã que propaga o conteúdo bíblico. As Escrituras são reconhecidas como a palavra de Deus, e formam a única regra de fé e prática de todo o cristão que é salvo por intermédio de Nosso Jesus Cristo.¹²⁰

A Bíblia fala com autoridade porque é a palavra de Deus. É a suprema regra de fé e prática porque é testemunha fidedigna e inspirada dos atos maravilhosos de Deus através da revelação de si mesmo e da redenção, sendo tudo patenteado na vida, nos ensinamentos e na obra salvadora de Jesus Cristo. As Escrituras revelam a mente de Cristo e ensinam o significado de seu domínio. Na sua singular e uma revelação da vontade divina para a humanidade, a Bíblia é a autoridade final que atrai as pessoas a Cristo e as guia em todas as questões de fé cristã e dever moral. O indivíduo tem que aceitar a responsabilidade de estudar a Bíblia, com a mente aberta e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de pesquisa e oração, orientando a vida debaixo de sua disciplina e instrução. A Bíblia, como revelação inspirada da vontade divina, cumprida e completada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo é a nossa regra autorizada de fé e prática.¹²¹

Assim, a IBM Alphaville declara não abrir mão do conteúdo bíblico. Sobre as Escrituras Sagradas, a compreensão é a seguinte.

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana.

- É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens;
- Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo;
- Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus;
- Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina;

¹¹⁹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 32.

¹²⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 47-49.

¹²¹ Princípios Batistas. Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em: 4 de abril de 2020.

- Revela o destino final do mundo e os critérios pelo qual Deus julgará todos os homens;
- A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas as doutrinas e a conduta dos homens;
- Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo.¹²²

Há uma importante consequência dessa visão no que se refere ao ministério da palavra. A respeito dele, a IBM Alphaville declara que:

- Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o Seu reino, na medida dos talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo;
- Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial para o serviço distinto, definido e singular do ministério da Sua Palavra;
- O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens;
- Cabe-lhe missão semelhante àquela realizada pelos profetas do Velho Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, tendo o próprio Jesus como exemplo e padrão supremo;
- A obra do porta-voz de Deus tem finalidade dupla: a de proclamar as Boas Novas aos perdidos e a de apascentar os salvos;
- Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à Igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã;
- Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocados pela Igreja, impõem as mãos sobre o vocacionado;
- O ministro da Palavra deve dedicar-se totalmente à obra para a qual foi chamado, dependendo em tudo do próprio Deus;
- O pregador do Evangelho deve viver do Evangelho;
- Às Igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e sustentar adequada e dignamente seus pastores.¹²³

A IBM Alphaville propõe ser uma comunidade em que a teologia seja baseada na Bíblia, tendo as Sagradas Escrituras como parâmetro para o desenvolvimento teológico da igreja.

¹²² Declaração Doutrinárias da Convenção Batista Brasileira. Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 abr. 2020.

¹²³ Declaração Doutrinárias da Convenção Batista Brasileira. Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 abr. 2020.

2.4.3

Uma teologia pneumatológica

A vida eclesial da IBM Alphaville leva em conta sua submissão ao Espírito Santo de Deus e às demais Pessoas da Santíssima Trindade. A igreja, como comunidade local, apregoa que seu frequentador e/ou membro deve viver uma vida debaixo da autoridade do Espírito.¹²⁴

A IBM Alphaville compartilha da crença de que o Espírito Santo é a presença ativa de Deus no mundo e é capaz de se fazer presente na vida humana. Da mesma maneira propaga o caráter divino do Espírito, conforme segue.

O Espírito Santo é a presença ativa de Deus no mundo e, particularmente, na experiência humana. É Deus revelando Sua pessoa e vontade ao homem. O Espírito, portanto, é a voz da autoridade divina. É o Espírito de Cristo, e sua autoridade é a vontade de Cristo. Visto que as Escrituras são produto de homens que, inspirados pelo Espírito, falaram por Deus, a verdade da Bíblia expressa a vontade do Espírito, compreendida pela iluminação do mesmo.

Ele convence os homens do pecado, da justiça e do juízo, tornando, assim, efetiva a salvação individual, através da obra salvadora de Cristo. Ele habita no coração do crente, como advogado perante Deus e intérprete para o homem. Ele atrai o fiel para a fé e a obediência e, assim, produz na sua vida os frutos da santidade e do amor.

O Espírito procura alcançar vontade e propósito divinos entre os homens. Ele dá aos cristãos poder e autoridade para o trabalho do Reino e santifica e preserva os redimidos, para o louvor de Cristo; exige uma submissão livre e dinâmica à autoridade de Cristo, e uma obediência criativa e fiel à palavra de Deus.

O Espírito Santo é o próprio Deus revelando sua pessoa e vontade aos homens. Ele, portanto, interpreta e confirma a voz da autoridade divina.¹²⁵

A teologia da IBM Alphaville professa que o Espírito Santo é a alegria que contagia a vida do cristão, e por este motivo suas celebrações estão sujeitas à ação pneumatológica. Nesse sentido, considera que a presença do Espírito deve ser evidenciada na vida dos frequentadores da igreja.¹²⁶

¹²⁴ COSTA, S. (2019). A vida focada em Jesus e o mover do Espírito Santo. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

¹²⁵ Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21. Acesso em: 4 de abril de 2020.

¹²⁶ BISPO, Fabiano. (2019). Alegria que contagia. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em 24 de abril de 2020.

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina.

- É o Espírito da verdade;
- Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras;
- Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina;
- No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, Ele se manifestou de maneira singular, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo;
- O recebimento do Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja;
- Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica;
- Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo;
- Opera a regeneração do pecador perdido;
- Sela o crente para o dia da redenção final;
- Habita no crente;
- Guia-o em toda a verdade;
- Capacita-o a obedecer a vontade de Deus;
- Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo;
- Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante.¹²⁷

A pneumatologia presente na teologia da igreja também aponta que não somente a alegria, mas também o amor,¹²⁸ a paciência,¹²⁹ a paz,¹³⁰ a bondade,¹³¹

¹²⁷ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 de abril de 2020.

¹²⁸ COSTA, S. Amabilidade. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

McCORD, Carlos. Ainda existe o amor. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

¹²⁹ GLADSTONE, M. (2019). Paciência. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

¹³⁰ BARCELOS, F. (2019). É possível ter paciência? Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

¹³¹ GLADSTONE, M. (2019). Bondade. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

o domínio próprio,¹³² a mansidão¹³³ e a fidelidade¹³⁴ são fruto da ação direta do Espírito na vida dos membros da comunidade.

Fernando Barcelos, que é pastor e membro da equipe ministerial da igreja, explica a maneira como a IBM Alphaville compreende a ação pneumatológica: a comunidade entende que para viver debaixo da ação do Espírito a pessoa deve andar e permitir que Ele guie a própria vida, a fim de que os desejos carnis não sejam atendidos, conforme a instrução do apóstolo Paulo descrita na carta aos irmãos da região da Galácia (Gl 5,16-18).

Um dos balizadores que a IBM Alphaville utiliza está descrito em Efésios (2.3), em que Paulo explica que todos os cristãos viviam, antes de seguirem a Jesus, em uma busca ardente por atender os desejos e demandas de seus próprios corações.¹³⁵ Mas tão logo passaram a se sujeitar ao Espírito Santo, se tornaram alvos da vontade de Deus.

Parece-nos que a compreensão da IBM Alphaville é a de que todo membro ou frequentador da comunidade local deve estar sujeito a ação do Espírito, para que as ações praticadas pela igreja, como um todo, e por aqueles que a frequentam possam evidenciar a vontade do Espírito Santo de Deus, e não a vontade humana de cada um que compõe a igreja.

Ainda com relação a temática da pneumatologia, cabe salientar que a IBM Alphaville se declara ser uma comunidade que busca atender aos desejos de Deus, e aos desejos humanos e físicos do indivíduo, em consonância com a recomendação do texto sagrado registrado por João (1Jo 2,16).

2.4.4

Os aspectos litúrgicos

No tocante aos aspectos litúrgicos, a IBM Alphaville tem como valor desenvolver e praticar uma liturgia que seja leve, profunda e funcional.¹³⁶ As celebrações buscam propiciar, de forma dinâmica e criativa, uma participação coletiva das

¹³² COSTA, S. (2019). Você tem domínio próprio? Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

¹³³ McCORD, C. (2019). Mansidão no século 21. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

McCORD, C. (2019). Existe mansidão? Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

¹³⁴ GLADSTONE, M. (2019). Fidelidade? Você é fiel? Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

¹³⁵ BARCELOS, F. (2019). Como você anda? Anda no Espírito? Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

¹³⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 107.

peças. A música, a mensagem, o ambiente e a cenografia são preparados com o objetivo de levar as pessoas a Jesus.¹³⁷

A cuidado com as pessoas que servem nos momentos litúrgicos é de responsabilidade do maestro e compositor Hugo Ksenhuk, que é o pastor de adoração da igreja. Além de atuar na IBM Alphaville, ele também é músico profissional da Orquestra Sinfônica de São Paulo.¹³⁸

A IBM Alphaville considera a liturgia como uma das maiores expressões práticas da comunidade. Percebe-se que seus participantes se sentem contagiados durante as celebrações.¹³⁹ Os aspectos litúrgicos são bastante simples, mas contextualizados, não apenas para agradar a Deus, mas também para atender as necessidades sensitivas das novas gerações e do ser humano pós-moderno, especialmente os “sem igreja”.

Em uma celebração dominical existe um momento dedicado ao louvor congregacional, realizado por meio de músicas e orações; um período de exposição da Palavra; e um tempo de entrega de ofertas e dízimos.¹⁴⁰

2.4.5

O ambiente litúrgico

O ambiente litúrgico da IBM Alphaville é esteticamente preparado de maneira singela e, ao mesmo tempo, elegante e sóbria. Alguns recursos tecnológicos são utilizados para facilitar a conexão com as pessoas.¹⁴¹

O aspecto sensitivo também é um ponto de forte influência. A utilização de iluminação cênica cria diferentes ambientes durante a celebração com o intuito de melhor comunicar as mensagens e meditações. A cenografia cria imagens que levam as pessoas a pensarem em Jesus. Vídeos são utilizados para comunicar com maior rapidez e assertividade os conteúdos e informações de atividades que são relevantes para a dinâmica da igreja.¹⁴²

Embora saiba que a experiência de uma pessoa com Jesus é algo pessoal, a IBM Alphaville se utiliza de variados recursos que visam a cooperar para a criação de um ambiente em que as pessoas possam viver experiências com Cristo.¹⁴³

¹³⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 58.

¹³⁸ COSTA, S. Target, p. 9.

¹³⁹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 56-57.

¹⁴⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 57.

¹⁴¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 57.

¹⁴² KSENHUK, H. Nascidos para celebrar, p. 22.

¹⁴³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 57.

2.4.6

A adoração comunitária

A adoração comunitária é prática, e é pensada de maneira a não atrapalhar o que Jesus pretende fazer com a comunidade local. As letras cantadas falam sempre de Jesus. Os textos do Antigo Testamento que são utilizados nas celebrações são aplicados sob a ótica de Jesus, mostrando onde Jesus estava naquele contexto e ensinamento.¹⁴⁴

As músicas escolhidas para as celebrações têm a finalidade de facilitar a conexão dos participantes com Deus,¹⁴⁵ gerando um ambiente de espiritualidade.¹⁴⁶ O repertório de canções da IBM Alphaville inclui músicas tradicionais como as do “Cantor Cristão”¹⁴⁷ e do “Hinário para o Culto Cristão”¹⁴⁸ – que são historicamente utilizados pelos batistas –, e também composições mais contemporâneas.¹⁴⁹

Entre as músicas cantadas congregacionalmente na IBM Alphaville estão composições dos autores como Ben Fielding,¹⁵⁰ Reuben Morgan,¹⁵¹ Matt Redman, Kirby Kaple, Karl Martin, Brett Younker, Pat Barret, Benjamin Hastings, Joel Houston,¹⁵² Israel Houghton, Jeremiah Woods, Luciano Claw,¹⁵³ e Osinachi Joseph Sinach¹⁵⁴. Visando evitar erros teológicos, as traduções e versões das canções são geralmente realizadas pela equipe de adoração da própria igreja.

2.4.7

As mensagens e meditações

As mensagens e meditações costumam ser realizadas pelos pastores em até 40 minutos. As mensagens também são feitas de maneira simples, direta e

¹⁴⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 56-57.

¹⁴⁵ KSENHUK, H. Nascidos para celebrar, p. 22.

¹⁴⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 48.

¹⁴⁷ CC: Cantor Cristão.

¹⁴⁸ HCC: Hinário para o Culto Cristão.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CJvYul3hqY4>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8dJD25oiN8>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

¹⁵¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Qyks-UUWEUw>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

¹⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3z9QNOuiuxo>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uvnuWmYNF6U>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

¹⁵³ Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1HgAKP51a68>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pvq1ry9U9vc>. Acesso em: 14 de jul. 2020.

com a utilização de recursos visuais, sejam eles apresentações em PowerPoint, vídeos etc. A linguagem utilizada são sempre falas de Jesus e de seu reino.¹⁵⁵

Existe uma preocupação constante com a centralidade da pregação. A mensagem transmitida nos cultos tem um *link* direto com as músicas cantadas anteriormente e posteriormente a ela. Ou seja, a mensagem não é um elemento estranho no culto, e o culto não é uma colcha de retalhos.¹⁵⁶

(...) Todas as mensagens são baseadas nas palavras de Jesus, e quando usamos um texto do Antigo Testamento, mostramos onde Jesus estava naquele contexto e ensinamento. Todas as palavras precisam apontar para Jesus. Ele é a única pessoa que estamos celebrando.

Entendemos perfeitamente que não podemos proporcionar a experiência da pessoa com Jesus, mas podemos cooperar criando um ambiente para que isso aconteça. Portanto, ao fazer escolhas, levamos em conta o ambiente de um contexto pós-moderno, o público que participa da nossa comunidade e os recursos que temos à disposição.¹⁵⁷

Os cultos e as celebrações são focados em Jesus e contemporâneos, capazes de alcançar o coração de praticamente todas as gerações. A contemporaneidade do culto parece ser uma questão muito bem planejada e elaborada na IBM. As mensagens pregadas e as letras cantadas falam constantemente de Jesus. Os textos do Antigo Testamento utilizados nas celebrações são aplicados sob a ótica de Jesus.¹⁵⁸

2.5

O estilo de atuação da IBM Alphaville

O estilo de atuação da IBM Alphaville diz respeito à forma com a qual a igreja operacionaliza as ações pastorais e de como realiza suas atividades cotidianas, que visam a atender as demandas das comunidades interna e externa.

As diferentes maneiras de atuação praticadas pela igreja tencionam aproveitar as necessidades da comunidade local como oportunidades de serviço e crescimento da igreja.¹⁵⁹

O hábito de reorganizar os espaços físicos e as atividades da igreja a cada semestre está presente na cultura organizacional da IBM Alphaville.¹⁶⁰ Aqui verificaremos as principais ações utilizadas para cumprir sua missão.

¹⁵⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 56-57.

¹⁵⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 56-57.

¹⁵⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 57.

¹⁵⁸ COSTA, S. Compre cadeira, p. 40-45.

¹⁵⁹ COSTA, S. Uma igreja nova novamente, p. 1-5.

¹⁶⁰ COSTA, S. Uma igreja nova novamente, p. 5.

2.5.1

As celebrações e cultos semanais

A IBM Alphaville realiza uma série de atividades com periodicidade semanal para atender demandas específicas de variados grupos que frequentam a comunidade local, o que implica em desenvolver atividades para faixas etárias diferentes e concepções diferenciadas.

Todos os domingos acontecem quatro grandes celebrações, voltadas ao público em geral, nos seguintes horários: 9h00, 11h00, 17h00 e 19h00. As meditações dos cultos e celebrações dominicais são organizadas em séries temáticas de mensagens.¹⁶¹

Via de regra, todo mês possui uma temática específica para as meditações. Todas as séries também são disponibilizadas via internet, permitindo que pessoas de diversos lugares do mundo participem e acessem às programações. As séries de mensagens são realizadas pelos pastores da igreja. Elencamos a seguir alguns dos últimos temas de meditações trabalhados ao longo do ano de 2020.¹⁶²

- a) Série “Vinho novo; mundo novo” – realizada entre os dias 7/6/2020¹⁶³ a 28/06/2020;¹⁶⁴
- b) Série “Porto seguro” – realizada entre os dias 3/5/2020¹⁶⁵ a 31/5/2020;¹⁶⁶
- c) Série “Se que quiser falar com Deus” – realizada entre os dias 5/4/2020¹⁶⁷ a 26/4/2020;¹⁶⁸
- d) Série “Essencial” – realizada entre os dias 8/3/2020¹⁶⁹ a 28/3/2020;¹⁷⁰
- e) Série “180 graus” – realizada entre os dias 2/2/2020¹⁷¹ a 23/02/2020;¹⁷²

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶² Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-3>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GE5fAQFRiEk>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x8r8n8tza9A>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ub0eYARZxbg&feature=youtu.be>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁶ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YmR4ZA9oG4E>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FL_lkMp9mkw. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5dU47FJ2y0&feature=youtu.be>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIZ1Nf0VF-s>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xloEiU33ipw>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Gk0qOmNGjM>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5F6XF2EzvQ>. Acesso em: 11 abr. 2020.

- f) Série “Tempo, talento e tesouro” – realizada entre os dias 5/1/2020¹⁷³ a 26/1/2020.¹⁷⁴

Cada uma das séries temáticas possui subtemas dominicais. As mensagens são ordenadamente trabalhadas ao longo das semanas de maneira que o conteúdo das meditações não seja aleatório.¹⁷⁵

2.5.2

As *lives* e os devocionais diários

As *lives* produzidas pela IBM Alphaville não possuem um dia ou horário específicos para acontecer. As realizações se dão de acordo com necessidades e demandas pontuais, e são marcadas por uma dinâmica de bate-papo sobre determinado assunto e oração. Pastores, líderes e frequentadores da igreja que atuam no meio corporativo e empresarial são comumente convidados a participar e interagir por meio das *lives*.¹⁷⁶

Os devocionais diários são produzidos em séries temáticas pelo pastor titular da igreja.¹⁷⁷ São meditações breves sobre uma temática, e trazem uma aplicação prática, com um desafio capaz de ser realizado na vida cotidiana do indivíduo. As *playlists* completas são disponibilizadas por meio de canal específico nas redes YouTube, Facebook e também em grupos de WhatsApp.¹⁷⁸

A seguir é possível verificar algumas das temáticas trabalhadas nas últimas séries:

- a) Série “Encontro” – realizada de 13/7/2020 a 17/7/2020;¹⁷⁹
- b) Série “Pacote completo” – realizada de 6/7/2020 a 10/7/2020;¹⁸⁰
- c) Série “Dias melhores” – realizada de 29/6/2020 a 3/7/2020;¹⁸¹
- d) Série “Melhor presente” – realizada de 3/6/2020 a 5/6/2020;¹⁸²

¹⁷³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9br1Ne91tzY>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J4QGq4J__SU. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-3>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁶ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁷ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCj57GJX_yeftYDF8ydO4WZw. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁷⁹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bzRG3w08Wwc&list=PLO9IZPCTzs0Gs6YoTk54rdICYU0pdRwED>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸⁰ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NNIVO2W3Rr4&list=PLO9IZPCTzs0GFDZ40zjQTHnfU6y2foRIT>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸¹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=loxXeqCPSP4&list=PLO9IZPCTzs0EjMQn4vLCBGaz3LAVWZusb>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸² Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=W8CC7fC2qgw&list=PLO9IZPCTzs0GZrLrZ_0yFaAvTvUUI0pR

- e) Série “Perguntas” – realizada de 26/5/2020 a 29/5/2020;¹⁸³
- f) Série “10 marcas de construtores” – realizada de 27/4/2020 a 8/5/2020.¹⁸⁴

A veiculação dos devocionais se dá por aplicativo de mensagens, por WhatsApp, pelo *síte* da igreja, pelas redes Instagram e pela página oficial da IBM Alphaville no Facebook. São escritos e gravados, sendo possível acessá-los em vídeo ou em linguagem escrita. O preparo final e a disponibilização do material são de responsabilidade da área de comunicação.

2.5.3

O programa “Celebrando a Restauração”

Toda terça-feira, às 20 horas, acontece uma programação denominada “Celebrando a Restauração”,¹⁸⁵ também conhecida como “CR” ou simplesmente “Celebrando”. É um culto de uma hora de duração, voltado para pessoas que necessitam de restauração em diversas áreas da vida.¹⁸⁶

Após o culto, os participantes são convidados a ingressar em grupos de apoio, específicos para cada área de restauração. A participação é voluntária e tem como objetivo viabilizar a caminhada e o discipulado junto às pessoas que precisam de um acompanhamento mais pessoal.¹⁸⁷

Para as pessoas que queiram, de fato, participar de um programa avançado de restauração, o CR propõe que elas sejam direcionadas para um “grupo de passos”,¹⁸⁸ que são grupos fechados para aplicação dos recursos do “Celebrando a Restauração” de uma maneira mais completa. Esses grupos geralmente se reúnem nas noites de quinta-feira, e contêm um currículo de aproximadamente um ano.¹⁸⁹

y. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸³ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=DxQOID5IXbs&list=PLO9IZPCTzs0FyQms_eVHNY5KB2RkQ_F7r. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸⁴ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=X7cgoqu6gfA&list=PLO9IZPCTzs0E83_XBzQ5Sk9gg62F07Zvp&index=11&t=0s. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸⁵ A partir daqui trazemos referências de três autores com o mesmo sobrenome, a saber: Carlos Barcelos, Elza Barcelos e Fernando Barcelos. Todos eles atuam no programa “Celebrando a restauração da IBM Alphaville” e fazem parte da equipe pastoral da igreja. O presente comentário visa evitar a possibilidade do leitor ser induzido a pensar erroneamente que todas as referências são do mesmo autor.

¹⁸⁶ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

¹⁸⁷ BARCELOS, C. Grupos de apoio do celebrando restauração/grupo de estudo de passos, p. 6.

¹⁸⁸ BAKER, J. Celebrando a recuperação: guia do líder, 2017, p. 43-46.

¹⁸⁹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/celebrando-restauracao>. Acesso em: 11 abr. 2020.

Existem “grupos de apoio” e “grupos de passos”¹⁹⁰ para pessoas com dificuldades em diversas áreas, a saber: problemas emocionais,¹⁹¹ codependência,¹⁹² compulsão sexual¹⁹³ e alimentar,¹⁹⁴ pornografia, ira,¹⁹⁵ finanças,¹⁹⁶ drogadição e alcoolismo.¹⁹⁷ O “Celebrando a Restauração” é um programa que tem por objetivo ajudar as pessoas a vencerem seus vícios, traumas emocionais, maus hábitos e comportamentos destrutivos. O CR é um programa que não tem custo de mensalidade.¹⁹⁸

Todo participante do grupo de passos recebe o livro “12 passos”, que é uma espécie de manual de acompanhamento dos estudos curriculares trabalhados nos grupos do programa “Celebrando a Restauração”.¹⁹⁹ É uma versão ainda mais contemporânea da obra “Celebrando a Recuperação”,²⁰⁰ que em 2015 foi adaptada para o contexto brasileiro.

Os líderes dos grupos de CR também têm acesso a um outro livro, o “Celebrando a Recuperação, Guia do Líder”, que é um roteiro para a realização e acompanhamento das reuniões e dos conteúdos curriculares do programa.²⁰¹

2.5.4

O IBMA universitário

O IBMA universitário é um culto voltado para os jovens universitários da igreja,²⁰² realizado todos os domingos em dois horários: 17h00 e 19h00. Ocorre simultaneamente às celebrações voltadas para o público em geral, e, por tal motivo, acontecem em um auditório montado dentro do ginásio.

Fazem parte desse grupo os jovens de 18 a 29 anos. Por meio dos nossos encontros, incentivamos o engajamento nas diversas ações dentro e fora da igreja, a profundidade nos relacionamentos, mostrando, sempre, que é possível manter a

¹⁹⁰ BARCELOS, C. Grupos de apoio do celebrando restauração/grupo de estudo de passos, p. 6-7.

¹⁹¹ BARCELOS, C. Transtornos emocionais. Revista Celebrando restauração, Barueri, fev/2019, p. 18.

¹⁹² BARCELOS, C. O que é restauração? p. 14-15.

BARCELOS, C. Gangorra, p. 23.

BARCELOS, E. Mulheres que amam demais, p. 21.

BARCELOS, C. Desligamento emocional, p. 22.

¹⁹³ BARCELOS, C. Codependência, p. 12-13.

¹⁹⁴ BARCELOS, C. Compulsão alimentar, p. 19.

BARCELOS, C. Compulsão, p. 24.

¹⁹⁵ BARCELOS, C. Livre-se da ira, p. 20.

¹⁹⁶ BARCELOS, C. Restauração financeira, p. 17.

¹⁹⁷ BARCELOS, C. Dependência de álcool e drogas, p. 16.

¹⁹⁸ BARCELOS, C. O que é restauração?, p. 5.

¹⁹⁹ MASSAMBANI, C. R. W. 12 passos, p. 9-14.

²⁰⁰ BAKER, J. Celebrando a recuperação: guia do participante, p. 3.

²⁰¹ BAKER, J. Celebrando a recuperação: guia do líder, p. 3.

²⁰² Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 19 de abril de 2020.

fé em Jesus mesmo diante de uma geração corrompida e marcada pelo pecado, levando-os a entender que podem desfrutar a juventude sem perder a verdadeira identidade em Cristo.²⁰³

A celebração dos universitários produz um movimento para apoiar, abraçar e amar jovens que estão na universidade ou em fase de vestibular. O IBMA universitário é transmitido via Facebook e Instagram. O grupo possui um pastor específico, o Fabiano Bispo.²⁰⁴

2.5.5

O IBMA *teen*

O IBMA *teen* é um culto voltado para os adolescentes da igreja,²⁰⁵ e é realizado em dois dias da semana: aos domingos, em três horários (8h30, 10h15 e 12h00); e às sextas-feiras (às 20h00). O ministério IBM *teen* também é responsável pelo *flow*, um movimento especial para adolescentes entre treze e dezessete anos que desejam ter um relacionamento profundo com Jesus.

Como sabemos que a adolescência é uma fase cheia de mudanças em que os adolescentes procuram por respostas e algo que lhes dê significado, apontamos o caminho por meio de reflexões bíblicas e outras atividades interativas que os auxiliam a lidar com as situações do dia a dia. Além disso, utilizamos esportes e incentivamos o envolvimento em pequenos grupos, visando o fortalecimento das amizades e o senso de responsabilidade com Deus e a sociedade.²⁰⁶

A arte e o esporte são as ferramentas utilizadas para estimulá-los a se relacionarem em ambientes seguros, que promovam interação, com a finalidade de aperfeiçoamento e de contato com Jesus. As atividades acontecem nas quadras esportivas da igreja.²⁰⁷ O grupo também é pastoreado pelo Fabiano Bispo.²⁰⁸

2.5.6

O IBMA *pré-teens*

O IBMA *pré-teens* é um culto voltado para os pré-adolescentes da igreja,²⁰⁹ e é realizado em dois dias da semana: aos domingos, em três horários (8h30,

²⁰³ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações, p. 17.

²⁰⁴ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Target, p. 9.

²⁰⁵ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 9 de abril de 2020.

²⁰⁶ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações, p. 17.

²⁰⁷ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-2>. Acesso em: 9 de abr. 2020.

²⁰⁸ COSTA, S. Target. Revista Comunidade: edição especial, Barueri, jun/2018, p. 9.

²⁰⁹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. de 2020.

10h15 e 12h00); e às sextas-feiras (às 20h00). As atividades são realizadas nas quadras esportivas da igreja.²¹⁰

Os nossos pré-adolescentes são encorajados desde cedo a acrescentarem Jesus em suas vidas. Fazemos isso através de experiências que aproximam essa turma aos valores e ensinamentos do Reino (...).

A primeira fase após a infância e que antecede a adolescência é fundamental para reforçarmos as verdades bíblicas e também inserir alguns assuntos específicos da idade. Fazemos isso através de dois encontros semanais com interação por meio do esporte, competições e dinâmicas de grupo.²¹¹

O grupo é pastoreado pelo Rafael Gaudêncio. O ministério IBM *pré-teen* também é responsável pelo *ptx*, que é um programa com encontros semanais, especialmente desenvolvidos para os pré-adolescentes de dez a doze anos, com o objetivo de receber, celebrar e repartir o amor de Jesus, por meio de devocionais, louvor, filme ou teatro, pequenos grupos e atividades dinâmicas.²¹²

2.5.7

O IBMA *kids*

O IBMA *kids* é responsável pelo berçário e demais crianças da igreja,²¹³ e suas atividades ocorrem paralelamente aos horários dos cultos e celebrações dominicais. O grupo também é pastoreado pela Tatiana Ksenhuk, e utiliza diversas estruturas e espaços da IBM Alphaville.²¹⁴

O relato a seguir traz uma explicação a respeito da filosofia do IBMA *kids*:

O *kids* envolve crianças de 0 a 9 anos (...). Todas elas são ensinadas a partir de um material próprio e séries de mensagens sequenciais aos domingos. Elas são (...) acolhidas com um time de aproximadamente 300 voluntários atuantes nas áreas de recepção, segurança, alimentação, equipe de lembranças, artes, cenários, música, teatro, fantoches, roteiristas, berçaristas e professores (...). Além disso, temos uma equipe especial para o cuidado de crianças com necessidades especiais pois acreditamos que incluir é também amar.

Estamos focados na formação espiritual de cada criança e em como conseguiremos levá-los para Jesus, através de oportunidades que constroem uma comunidade onde farão diferença desde hoje até quando forem adultos.²¹⁵

Os materiais didáticos e pedagógicos são produzidos pela própria equipe do IBMA *kids*, que estabelece centros de aprendizagem como ferramenta de

²¹⁰ Disponível em:

<https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-2>. Acesso em: 9 abr. de 2020.

²¹¹ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações. p. 16.

²¹² Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-2>. Acesso em: 9 abr. 2020.

²¹³ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²¹⁴ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes>. Acesso em: 11 abr. de 2020.

²¹⁵ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações. p. 16.

ensino para alcançar as múltiplas inteligências.²¹⁶ Também oferece às crianças momentos divertidos de adoração, com uma banda ao vivo, e o ensino lúdico e criativo sobre Jesus e a Bíblia por meio do teatro.²¹⁷

2.5.8

As atividades anuais

A IBM Alphaville realiza, ao longo de cada ano, eventos e programações voltados tanto para o público interno quanto para o externo. Estas iniciativas são vistas como pontes que têm como objetivo construir meios de conexão das pessoas com Jesus.

Ao longo dos últimos anos, milhares de pessoas têm participado de eventos como o “Musical de Natal”,²¹⁸ as “Serenatas de Natal”,²¹⁹ a “Cantata de Páscoa”²²⁰ e a “Conferência Target”.²²¹ Essas ações são ferramentas utilizadas pela IBM com o objetivo de promover o amor a Deus e às pessoas que Ele criou.²²²

2.5.9

O Musical de Natal

O Musical de Natal da IBM Alphaville já é um evento conhecido na cidade. Um dos focos do evento é ajudar as pessoas a resgatarem o sentido e a essência do Natal. Na edição de 2019, foi apresentado em sete sessões. Mais de seiscentos voluntários contribuíram para a realização do evento. *Shows* de luzes, cores e criatividade são algumas das marcas deste musical.²²³

Os ingressos sempre foram comercializados por meio da Evenbrite,²²⁴ empresa especializada na divulgação e venda de ingressos para eventos. A renda do

²¹⁶ A teoria das múltiplas inteligências foi desenvolvida por uma equipe liderada por Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard. Ela visa analisar e descrever a maneira de se entender a inteligência. Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, há algumas das obras de Gardner traduzidas para a língua portuguesa:

SABINO, M.A.; ROQUE, A. S. S. A teoria das inteligências, p. 410-429.

GARDNER, H. Estruturas da mente - A teoria das inteligências múltiplas.

GARDNER, H. Inteligências múltiplas: a teoria na prática.

²¹⁷ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/copia-geracoes-2>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²¹⁸ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Musical de Natal. p. 32.

²¹⁹ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/afuganatal2017>

²²⁰ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Musical de Páscoa. p. 16.

²²¹ COSTA, S. Target, p. 3.

²²² Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²³ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²⁴ Por conta do recente anúncio do fechamento das operações da Evenbrite no Brasil em virtude do covid-19, é possível que a IBM Alphaville realize nova parceria com alguma empresa do segmento de comercialização de *tickets*.

musical é revertida para a Associação Foco, responsável por gerir e administrar a distribuição dos recursos obtidos.²²⁵

2.5.10

A Conferência Target

A Conferência Target, inicialmente denominada Conferência Foco, teve o nome mudado no ano de 2019. É considerada pela igreja como um evento-ponte, e possui reconhecimento nacional, já que congressistas de todas as cinco regiões do país frequentam anualmente o evento.²²⁶

O evento traz preletores nacionais e internacionais, e aborda temas bastante variados como liderança, música, eclesiologia, missão da igreja e outras temáticas contemporâneas.²²⁷ A conferência é conhecida por seu viés interativo, gastronômico, musical, artístico e tecnológico. O evento produz conteúdos relevantes para praticamente todas as idades.²²⁸

2.5.11

As Serenatas de Natal

Na época de proximidade do Natal, vários grupos da igreja realizam cantatas com músicas natalinas. Estes grupos são formados por pessoas da própria comunidade eclesial, que se apresentam nos condomínios, casas, empresas e *shoppings centers* da região.²²⁹

Em tempos de segregação, sectarismos e polarizações, as serenatas são pensadas pela igreja como instrumento para facilitar que as pessoas conheçam o amor de Jesus. Com as serenatas, a IBM Alphaville oportuniza a cada participante e frequentador da igreja a possibilidade de sentir-se útil por meio da expressão musical.²³⁰

Disponível em: <https://portalradar.com.br/eventbrite-demite-45-da-equipe-em-todo-o-mundo-e-fecha-escritorio-no-brasil/>. Acesso em 10 jul. 2020.

²²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uejOPARrCKg>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²⁶ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²⁷ Disponível em:

<https://www.eventbrite.com.br/e/target-2020-tickets-63317405063>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²⁸ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/target-2020>. Acesso em: 11 abr. 2020.

²²⁹ Disponível em: <https://www.picuki.com/tag/serenatal>. Acesso em 10 jul. 2020.

²³⁰ Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/afuganatal2017>. Acesso em 10 jul. 2020.

2.5.12

O Musical de Páscoa

Na época da Páscoa a IBM Alphaville mobiliza parte de seus frequentadores para atuarem no musical de Páscoa, que é um evento aberto ao público e que tem por objetivo lembrar a ressurreição de Jesus Cristo, por meio da expressão musical e artística.²³¹

O musical de Páscoa acontece desde o ano de 2017, quando foi inserido na agenda anual da igreja. Desde então, cerca de doze mil pessoas já assistiram presencialmente ao evento, que também possui milhares de visualizações pelo YouTube.²³²

2.5.13

A Associação Foco

A “Foco Arte e Desenvolvimento”, também conhecida como “Associação Foco”, “Foco Conecta” ou simplesmente “Foco”, é uma associação vinculada à IBM Alphaville e que compartilha praticamente dos mesmos espaços físicos e estruturais da igreja.²³³ Todos os recursos obtidos pela Foco são destinados a projetos de inclusão social em Alphaville e também em seu entorno.²³⁴

Apesar de ser uma região abastada do ponto de vista econômico-financeiro, Alphaville possui, em seu entorno, regiões bastante carentes. A quase 4 quilômetros do endereço físico da IBM é possível perceber um dos maiores bolsões de pobreza do Brasil. Alguns bairros de Barueri, como o Parque Imperial, em Santana de Parnaíba, Osasco, Itapevi, Carapicuíba e Jandira são exemplos da desigualdade econômica.²³⁵

Em certa ocasião, o Jornal inglês *The Guardian* classificou Alphaville como o sexto maior muro de segregação social, superando inclusive o muro entre México e EUA. A argumentação da Forbes se dá pela soma da metragem linear dos muros dos em torno de cento e cinquenta condomínios de classe média alta da região.²³⁶

²³¹ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações. p. 16.

²³² Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=musical+de+pascoa+ibmalphaville. Acesso em: 20 abr. 2020.

²³³ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações. p. 12-13.

²³⁴ Disponível em: <https://www.fococonecta.org.br/>. Acesso em 10 jul. 2020.

²³⁵ Disponível em: <https://www.baruerinarede.com.br/o-muro-da-vergonha/>. Acesso em 10 jul. 2020.

²³⁶ Disponível em:

Face às diferenças sociais existentes na região, a IBM Alphaville decidiu implantar a Associação Foco, fundada em 2015, com o propósito de conectar pessoas que tivessem a intenção de fazer o bem ao próximo. É uma organização sem fins lucrativos, e bastante relevante no ambiente em que está inserida. As ações da Foco pretendem quebrar as barreiras da desigualdade social existente na região de Alphaville.²³⁷ “Saber que estamos em uma região com grande segregação urbana e desigualdade social nos faz olhar para o nosso redor e atuar com iniciativas que quebram barreiras sociais e promovem a inclusão (...).”²³⁸

A missão da Foco é gerar inclusão social no entorno de Alphaville por meio de projetos sustentados por negócios rentáveis. A Foco é uma *startup* que segue o modelo do empreendedorismo social. Alguns dos projetos recebem o apoio de “padrinhos”²³⁹ que oferecem aporte financeiro e intelectual.

2.5.14

Os projetos esportivos e artísticos

Por meio de projetos esportivos,²⁴⁰ a Foco viabiliza o desenvolvimento de potencialidades físicas e relacionais, pois com o esporte as pessoas podem construir relacionamentos saudáveis e cuidar da própria saúde. Aulas e cursos são ministrados nas seguintes modalidades: jiu-jitsu adulto, jiu-jitsu infantil, voleibol, patinação, ginástica artística e futsal infantil.²⁴¹

A Foco também se propõe a atender pessoas que desejam se envolver com a arte, seja como *hobby* ou como interesse profissional. Na área da dança, os destaques são para as modalidades de *ballet* e *jazz*. Na área das artes cênicas, o teatro é um carros-chefes do Foco Arte.²⁴²

O propósito da música na Foco é despertar talentos musicais, independentemente da faixa etária do interessado. Aulas e cursos são oferecidos nas seguintes áreas: guitarra, musicalização infantil, violão, violino, teclado, piano, saxofone, sopro, flauta transversal, canto, percussão e bateria.²⁴³

<https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/11/jornal-ingles-coloca-alphaville-sp-entre-os-10-maiores-muros-do-mundo.html>. Acesso em 10 jul. 2020.

²³⁷ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em 10 jul. 2020.

²³⁸ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta. p. 32.

²³⁹ A FOCO denomina “padrinhos” todas as pessoas que atuam como patrocinadores da associação. Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁴⁰ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta. p. 13.

²⁴¹ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁴² Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁴³ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

2.5.15

Os projetos de saúde e bem-estar

Levando em conta que saúde é algo fundamental, a Associação Foco optou por dedicar-se a esta temática por meio da possibilidade de realização de atividades esportivas em grupo,²⁴⁴ proporcionando ao associado a chance de cuidar do corpo e da alma. Foco Saúde também oferece opções de terapia, pilates e nutrição. Também atua no segmento de barbearia, cabeleireiro, estética, manicure e pedicure.²⁴⁵

A Foco Bem-Estar possui uma certa similaridade com a Foco Saúde. No entanto, os serviços são diferenciados e atentam propósitos distintos, e são basicamente voltados para proporcionar ao ser humano momentos de relaxamento e prazer. São oferecidas sessões de estética, acupuntura e massagens.²⁴⁶

2.5.16

Os projetos educativos

A Foco apoia projetos sociais no entorno de Alphaville. Um deles é o “Projeto Gente Grande”,²⁴⁷ que atende semanalmente cento e oitenta crianças de baixa renda oferecendo-lhes aulas de música, esporte e inglês. É por meio da Foco Social que dezenas de crianças começam a construir um futuro de grandes oportunidades.²⁴⁸

Atualmente a Foco Social atende cento e oitenta crianças: noventa meninos e noventa meninas. Com o Projeto Gente Grande, que é um plano de desenvolvimento extracurricular realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Carapicuíba, os meninos participam de aulas de violão, inglês e *jiu-jitsu*; já as meninas fazem aulas de balé, inglês e esportes variados.²⁴⁹

2.5.17

Os projetos comerciais

²⁴⁴ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 13.

²⁴⁵ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁴⁶ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁴⁷ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 32.

²⁴⁸ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 12-13.

²⁴⁹ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

A Foco desenvolve dois projetos de cunho comercial. O primeiro deles é uma livraria com mais de três mil títulos cristãos.²⁵⁰ O projeto funciona nas instalações da IBM, ao lado do auditório principal das celebrações e em frente ao restaurante da igreja.²⁵¹ Pessoas da comunidade e de toda a cidade se dirigem até o local para aquisição de materiais. As publicações dos pastores da igreja, bem com os livros e materiais produzidos pela equipe pastoral da IBM Alphaville também são comercializados na livraria.²⁵²

O segundo projeto comercial desenvolvido pela Foco é o restaurante, que oferece refeições diárias, como café da manhã, almoço, café da tarde e jantar. É um ambiente excelente e confortável, ideal para boas conversas, encontros com amigos e aconselhamento.²⁵³

2.5.18

Os projetos corporativos

Com o objetivo de atender demandas do meio corporativo, a Foco mantém um *coworking*.²⁵⁴ É um espaço reservado para pessoas desenvolverem suas atividades profissionais. Diversas empresas e profissionais liberais fazem uso da estrutura, que oferece ambientes com salas privativas e compartilhadas. É uma forma de negócio associado à cultura, uma maneira de transferir lucros individuais ou coletivos para a promoção humana. É uma chance de atrair empresas que desejem experimentar o caminho da economia sustentável e colaborativa. A ideia é que o projeto abra portas para negócios mais justos, mais sustentáveis, mais honestos e mais inteligentes.²⁵⁵

Outro projeto que atende ao público corporativo é o ensino de idiomas. O plano é conectar as pessoas ao mundo por meio do desenvolvimento de variadas línguas estrangeiras. São oferecidos cursos de inglês, espanhol, libras e português para estrangeiros. A Foco atende pessoas da comunidade que desejam aperfeiçoar um idioma estrangeiro, bem como estrangeiros que vieram morar em nosso país e desejam melhor se comunicar em nosso contexto linguístico.²⁵⁶

²⁵⁰ Revista Comunidade. Edição de fevereiro de 2019. Ibma. Barueri, 2019. p. 21.

²⁵¹ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 12.

²⁵² Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁵³ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁵⁴ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 13.

²⁵⁵ Disponível em: www.fococonecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

²⁵⁶ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, p. 12-13.

2.6

A estrutura organizacional

A IBM Alphaville possui uma estrutura que faz a gestão administrativa e ministerial da igreja. A estruturação segue os princípios organizacionais inerentes aos batistas.

Ela assume um modelo de liderança que articula e que tem como características fundamentais ser visional, horizontal, multigeracional e coletiva. Visional porque abre espaço para a atuação de líderes visionários; horizontal porque permite uma maior mobilização de pessoas; multigeracional porque envolve pessoas de diferentes faixas etárias; e coletiva porque entende que em uma comunidade local todos devem ser cooperadores de Deus.²⁵⁷

As áreas administrativa e ministerial são pensadas para funcionar como se fossem duas asas de um avião.²⁵⁸ Assim, uma das asas é a administrativa; a outra, a ministerial.

2.6.1

A asa administrativa

A asa administrativa da IBM Alphaville é formada da seguinte maneira.²⁵⁹

- 1) Assembleia geral
 - a) Conselho administrativo
 - b) Conselho fiscal
 - i) Diretoria executiva
 - (1) Gestão executiva
 - (2) Departamentos
 - ii) Ministério pastoral
 - (1) Gestão ministerial
 - (2) Ministérios

Por ser uma igreja batista, a IBM Alphaville possui um estatuto e um regimento interno. Estatutariamente, a instância máxima decisória de uma comunidade local batista é a assembleia geral. Como em outras igrejas batistas, a assembleia é soberana sobre as principais e mais importantes decisões da igreja.

²⁵⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 117-124.

²⁵⁸ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 5-6.

²⁵⁹ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 5-6.

No caso da IBM Alphaville, o conselho administrativo é formado por sete conselheiros: o líder do ministério pastoral; o presidente e diretor-executivo; o presidente do conselho fiscal; e mais quatro membros eleitos pela assembleia geral convocada com o propósito de eleição.

O conselho fiscal é formado por três membros, e tem por responsabilidade fiscalizar as ações da diretoria executiva e do ministério pastoral. Esse conselho, apesar de possuir apenas a função de órgão fiscalizador, também serve como instrumento de promoção de boas práticas de governança corporativa que são capazes de trazer maior transparência e controle dos atos executados pela diretoria executiva e pelo ministério pastoral.

Já a diretoria executiva é composta por cinco pessoas, a saber: o presidente; o vice-presidente; o secretário; o tesoureiro; e o vice-tesoureiro. Os membros são eleitos e respondem legalmente pela igreja. Eles também são responsáveis por acompanhar a gestão executiva e os departamentos da IBM Alphaville.²⁶⁰

2.6.2

A asa ministerial

A asa ministerial da igreja é formada pelo ministério pastoral, que é liderado pelo pastor titular, que também é o gestor área e reporta-se à assembleia geral e ao conselho administrativo. O gestor ministerial também presta contas ao conselho fiscal, e é responsável por toda a gestão ministerial.²⁶¹

O ministério pastoral abrange 4 grandes áreas: as áreas essenciais; as novas gerações; o ministério com adultos; e as áreas de suporte. Cada uma destas áreas possui um líder, que se reporta diretamente ao pastor titular e coordena as equipes que estão debaixo de sua liderança.

Estão sob a gestão das áreas essenciais os seguintes ministérios: adoração; missão; pequenos grupos; celebrando a restauração; conexão; ensino; aconselhamento; capelania; e *campus*.²⁶²

Sob a responsabilidade da área de novas gerações estão elencados os seguintes ministérios: *kids* (zero a nove anos); *ptx* (dez a doze anos); *flow* (treze a dezessete anos); e *uni* (dezoito a vinte e quatro anos).

²⁶⁰ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 3-6.

²⁶¹ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 5-6.

²⁶² A IBM Alphaville possui dois campi na Grande São Paulo: a IBM Zona Sul e a IBM Zona Oeste. Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/zonasul>. Acesso em: 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/ibmalphavillezo/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Debaixo da gestão da área responsável pelos adultos estão dispostos os ministérios responsáveis pelos seguintes grupos: homens; mulheres; casais; 30+; 40+; 50+; inglês; espanhol; e surdos.

A quarta área da asa ministerial, denominada área de suporte, lidera os ministérios: pastores associados; comunicação; e eventos. A IBM Alphaville afirma que não existe competição, mas cooperação entre as áreas. Assim, a ideia é a de que todos possam trabalhar para um propósito comum de uma maneira leve, profunda e missional.²⁶³

2.6.3

O ministério pastoral

No que tange à liderança eclesiástica e pastoral, a igreja deixou de focar na escolha eletiva de pessoas que pudessem compor o ministério pastoral, exceto o pastor titular, todos os demais não são votados pela membresia para atuarem em suas funções. No entanto, todos se reportam ao pastor titular. A maneira inovadora de gerir o ministério pastoral passou a enfatizar o serviço das pessoas em áreas nas quais elas pudessem servir de acordo com os próprios dons, habilidades e afinidades.²⁶⁴

Para se tornar um pastor na IBM Alphaville existem alguns critérios, entre os quais estão a afinidade e o alinhamento com a visão ministerial, assim como a produção de mensagens que produzam conteúdos que sejam condizentes com a teologia da igreja. Também é necessário ter uma convicção e paixão pelo pastoreio de pessoas. Faz-se necessário gostar de aprender constantemente, ter um coração ensinável e disposição para possíveis reposicionamentos – a médio ou longo prazo – dentro da estrutura de funcionamento da igreja.²⁶⁵

No tocante ao sustento pastoral, existem na equipe aqueles que são sustentados integralmente pela igreja, alguns que são sustentados parcialmente, porque possuem atividades profissionais remuneradas fora da IBM Alphaville, e ainda existem os pastores associados, que fazem parte da equipe pastoral, mas atuam de maneira voluntária porque atuam em profissionalmente no meio corporativo e empresarial.²⁶⁶

²⁶³ COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações, p. 25.

²⁶⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 117-123.

²⁶⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 124-130.

²⁶⁶ COSTA, S. Compre cadeira, p. 133-134.

2.7 Conclusão

A IBM Alphaville é uma batista que atua de maneira organizada junto aos órgãos de sua denominação, compactuando e subscrevendo os princípios e documentos denominacionais.

Distingue-se de muitas igrejas de sua denominação por conta de sua experiência histórica e dos diversos ciclos historicamente vividos desde a sua implementação.

Relaciona-se com a cidade e com a cultura contemporânea de maneira relacional, construindo pontes de relacionamento com a sociedade, levando em conta os desafios atuais, como a mobilidade urbana e a rápida velocidade com que as informações são veiculadas.

Atua comunitariamente através de pequenos grupos que se reúnem nas casas de seus membros e frequentadores e valoriza a prática de uma espiritualidade sem religiosidade.

Sob o ponto de vista teológico e litúrgico, pratica uma teologia cristocêntrica, bíblica e pneumatológica, além de prezar por uma liturgia que favorece o desenvolvimento de um ambiente em que a adoração seja comunitária e a exposição das mensagens e meditações sejam focadas em Jesus.

Atua pastoralmente através de diversas atividades semanais, como cultos, celebrações, *lives* e devocionais. Atende a diversas faixas etárias, especialmente crianças, adolescentes, pré-adolescentes e jovens.

Realiza grandes eventos anuais em épocas específicas, como é o caso dos períodos da Páscoa e do Natal. Através de uma associação sem fins lucrativos mantém diversos projetos comunitários que atendem comunidades próximas à sua sede. Do ponto de vista organizacional, possui uma estrutura administrativa e ministerial que atende as necessidades eclesiais.

3

A eclesiologia da Igreja do Novo Testamento

Este terceiro capítulo tem por objetivo examinar a eclesiologia fundante das igrejas do Novo Testamento, composta pelo conjunto de diferentes comunidades deixadas pelos apóstolos e que são detectáveis através das informações contidas no cânon bíblico.²⁶⁷

Quando falamos em “igrejas do Novo Testamento”, “igrejas neotestamentárias” ou “igrejas apostólicas”, estamos nos referindo à diversidade de comunidades cristãs que se espalharam por diversas cidades existentes no primeiro século de nossa era, como é o caso da Igreja primitiva de Jerusalém, bem como das igrejas de Antioquia da Síria, das comunidades paulinas, petrinas, joaninas e também dos grupos de cristãos citados no livro do Apocalipse e que se reuniram em localidades da Ásia. Todas elas foram responsáveis pela propagação do cristianismo e percebidas como assembleias do povo, pertencentes à “Igreja de Deus”, virtualmente única.²⁶⁸

O presente capítulo tem a intenção de trazer uma visão global das comunidades cristãs do primeiro século, das quais de antemão temos conhecimento sobre a diversidade existente entre as igrejas neotestamentárias, haja vista o distanciamento geográfico e cultural entre elas.

Não obstante as particularidades de cada igreja do cânon bíblico,²⁶⁹ ainda assim é possível identificar características comuns e um propósito único que as fez permanecerem unidas e capazes de superar os obstáculos locais que cada uma delas enfrentou em seu contexto local. Ademais, existe uma unidade profunda que vigorou entre as igrejas e que as manteve unidas.²⁷⁰

Assim, identificar as características dessas comunidades cristãs é a principal tarefa deste capítulo, já que a identificação dos pontos em comum das igrejas

²⁶⁷ BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 21-35.

²⁶⁸ CERFAUX, L. La Iglesia en San Pablo, p. 159.

²⁶⁹ O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 361.

²⁷⁰ O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 361.

neotestamentárias será o balizador para a avaliação da experiência eclesial da IBM Alphaville, descrita no capítulo anterior.

Apresentaremos as características essenciais, bem como as experiências históricas e espirituais vivenciadas pelas igrejas neotestamentárias. Descreveremos as origens, a história, a teologia, a liturgia, a forma como a se relacionavam com a cidade e com a cultura da época, e elencaremos algumas ações e aspectos vinculados à estrutura organizacional.

Este capítulo tornar-se-á importante para a análise crítica que será realizada posteriormente. Por tal motivo ele visa fornecer um aporte necessário para a compreensão da IBM Alphaville face à experiência eclesial fundante.

O método de pesquisa utilizado é o bibliográfico. Dentre as principais fontes de pesquisa utilizadas no presente capítulo destacam-se os textos neotestamentários e os pensamentos e reflexões de estudiosos, historiadores e comentaristas, tais como como Raymond Brown, Karl Rahner, Rudolf Schnackenburg, Salvador Pié-Ninot, José Comblin, John Stott, Uwe Wergner, Lorenzo Turrado, Juan Estrada, Joaquim Gnilka, Lucien Cerfaux, José Castillo, Howard Snyder, Christopher O'Donnell, Jean Comby, Joachim Jeremias, Gerhard Kittel, H. Muirhead, Thurmon Bryant, Wayne Meeks, Jose Comblin, Don De Welt, Geo McDaniel, Joseph Ratzinger e Klaus Berger, dentre outros.

3.1

A autoridade apostólica na vida eclesial

Uma das questões mais perceptíveis na eclesiologia fundante é presença da autoridade apostólica primitiva, que foi importante e decisiva para o desenvolvimento de toda a fé cristã.²⁷¹

A igreja apostólica teve a sua normatização e fundamentação²⁷² no caráter definitivo da revelação plena que Jesus Cristo. Tal revelação foi entregue à Igreja pelos apóstolos e conservada ao longo dos séculos,²⁷³ servindo como um padrão a ser seguido por todos os tempos.²⁷⁴

²⁷¹ PIÉ-NINOT, S. Eclesiología, p. 114.

²⁷² BROWN, R. E. A Igreja Primitiva: A Igreja no Novo Testamento, § 80, 7-33.

²⁷³ PIÉ-NINOT, S. Eclesiología, p. 114.

²⁷⁴ BROWN, R. E. A Igreja Primitiva, § 80, 7-33.

3.1.1

A conclusão da revelação constitutiva com a morte do último apóstolo

Desde a confissão de Pedro, registrada no evangelho de Mateus na ocasião em que Jesus disse a Pedro que sobre esta pedra edificaria a sua Igreja e que as portas do inferno não prevaleciam sobre ela (Mt 16), temos duas evidências: a de que o poder do reino dos mortos não seria capaz de vencer a Igreja; e a de que quem confessasse a Cristo como Filho de Deus - como foi o caso de Pedro - passaria a fazer parte da Igreja, formada pelo conjunto de crentes capazes de testemunhar a respeito de Cristo.²⁷⁵

A autoridade apostólica da Igreja foi avalizada pelo concílio de Trento e, mais tarde, pelo concílio Vaticano I,²⁷⁶ ocasião em que J. Franzelin defendeu que a revelação universal por meio de Jesus Cristo e do Espírito Santo completou-se através dos apóstolos.²⁷⁷ Alguns anos mais tarde, J. Newman também afirmaria que nenhuma nova verdade teria sido dada à Igreja após a morte de João, o último apóstolo.²⁷⁸

Embora tal afirmação tenha sido colocada em dúvida a partir do século XX,²⁷⁹ o teólogo K. Rahner explica que a questão da “conclusão da revelação” é uma expressão escatológica de como Deus se faz presente de maneira plena na Igreja, fundamentando-a.²⁸⁰

Já o concílio Vaticano II concluiu que Cristo é o mediador e a plenitude de toda a revelação. Ou seja, Jesus consumou a obra de salvação, trazendo plenitude à toda e qualquer revelação. Assim, a nova aliança é definitiva e jamais passará. Por tal motivo não há nenhuma necessidade de aguardar outra nova revelação pública antes que ocorra a gloriosa manifestação de Jesus Cristo.²⁸¹

Ainda assim, dentro de uma dinâmica conciliadora, não se diz explicitamente que a revelação está encerrada com a morte dos apóstolos, mas que ela é revelada em Jesus Cristo.²⁸²

No que diz respeito à função apostólica na transmissão da revelação, o concílio Vaticano II concorda com os concílios de Trento e Vaticano I, apontando

²⁷⁵ BERGER, K. Jesús, p. 533.

²⁷⁶ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 114.

²⁷⁷ FRANZELIN, J. B. *Tractatus de Divina Traditione et Scriptura*, p. 228.

²⁷⁸ NEWMAN, J. H. C. *Certain Difficulties felt by the Anglicans in Catholic Teaching II*, p. 327.

²⁷⁹ RONDET, H. *Los dogmas cambian?* p. 15.

DE SOUZA, J. A. *O conceito de Revelação na controvérsia modernista 1898-19710*, p. 186-188.

SPIAZZI, R. *Rivelazione compiuta con la morte degli Apostoli*, p. 24-57.

²⁸⁰ RAHNER, K. *Sobre el problema de la evolución del dogma*, p. 60-63.

²⁸¹ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 115.

²⁸² HELLÍN, F. G. *Revista Dei Verbum*, 1993, p. 32.

que não apenas os Doze tiveram a autoridade de transmitir as informações, mas também outros apóstolos que foram autores do Novo Testamento.²⁸³

Assim, a missão peculiar apostólica, conforme defendida pelo Vaticano II, está em reunir a Igreja universal que o Senhor formou nos apóstolos e edificou sobre Pedro, o primeiro deles.²⁸⁴ A noção de apostolicidade possui uma natureza ontológica, uma vez que a Igreja está fundamentada em suas primeiras testemunhas apostólicas.²⁸⁵

No tocante ao título neotestamentário de apóstolo – apesar de ter sido utilizado nos evangelhos sinóticos (Mc 6,30; Mt 10,2; Lc 6,13; 9,10; 17,5; 22.14; e 24.10) –, ele só é empregado por Jesus em duas ocasiões: uma no evangelho de Lucas (Lc 11,49) e outra em Mateus (Mt 23,34). Parece-nos que o termo foi consolidado posteriormente ao acontecimento pascal.²⁸⁶

De fato, a missão definitiva dos apóstolos se realiza apenas após a ressurreição de Jesus, ocasião em que os Doze formam o primeiro núcleo a testemunhar o Cristo ressuscitado (1Cor 15,5).

A ressurreição de Cristo é tida como um evento escatológico e decisivo, transmitido de maneira testemunhal pelos apóstolos, que se tornaram os responsáveis pela revelação cristã,²⁸⁷ consolidando a fé e a Igreja apostólica.²⁸⁸ Embora haja uma tendência em identificar apenas os Doze como apóstolos (Mt 10,2; e Ap 21,14), o Novo Testamento amplia a atuação apostólica a outros personagens como Paulo, Barnabé e Timóteo.²⁸⁹ Tal concepção é consolidada mais amplamente através dos escritos da Didaqué, de Hermas e de Irineu.²⁹⁰ Ainda no presente capítulo a atuação apostólica será abordada com maior especificidade.

Pode-se dizer que a etapa de constituição da Igreja, conhecida como “era apostólica”, coincide com a formação do Novo Testamento estende-se até o último livro neotestamentário.²⁹¹

²⁸³ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 116.

²⁸⁴ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 116.

²⁸⁵ PHILIPS, G. *La Iglesia y su misterio em concilio Vaticano II*, p. 296.

²⁸⁶ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 116.

²⁸⁷ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología: la sacramentalidad de la comunidade cristiana*, p. 117.

²⁸⁸ RAHNER, K. *Inspiración de las Escrituras canónicas y apostolicidad de la Iglesia*, p. 178.

²⁸⁹ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 116.

²⁹⁰ RIGAUX, B. *Los doce apóstoles*, p. 7-18.

²⁹¹ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 117.

SCHUMACHER, J. *Die Apostolische Abschluss der Offenbarung Gottes*, p. 316-324.

VORGRIMMER, H.; URKICHE; URGEMEINDE; URCHRISTENTUM. *Neues Theologisches Wörterbuch*, p. 650.

3.1.2

A normatividade dos escritos apostólicos

A propagação do cristianismo através dos séculos foi impulsionada pelos escritos apostólicos. A literatura do Novo Testamento não foi necessariamente escrita pela ordem dada por Jesus aos seus discípulos. Embora não seja descartada tal possibilidade, não há provas concretas de que Cristo tenha ordenado aos seus discípulos que escrevessem a respeito de sua vida e seu ensino.²⁹²

A expectativa de Jesus era a de que no futuro os seus seguidores estivessem sujeitos à atuação do Espírito do Santo e se sentissem inspirados por Ele. Este anseio de Jesus se concretizou de tal maneira que permitiu o avanço do evangelho pelo mundo inteiro (1Pd 1,21).

O Novo Testamento, escrito pelos homens comissionados por Jesus e inspirados pelo Espírito do Santo, é o produto das atividades e experiências missionárias dos seguidores de Cristo. O conteúdo bíblico não é uma criação direta de Deus, mas uma interpretação da influência divina na vida humana.²⁹³

É importante dizer que além do conteúdo neotestamentário, também existiram muitos outros tratados que narraram os ensinamentos e feitos de Jesus, enfatizando especialmente a sua morte e ressurreição. Tais escritos foram de extrema importância para que igrejas locais e pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecer a Cristo durante o seu ministério e que também não haviam ouvido os relatos vindos diretamente dos apóstolos pudessem ter conhecimento a respeito de Cristo.²⁹⁴

Dentre os muitos evangelhos escritos durante o tempo apostólico, os três primeiros – os sinóticos – possuem alto grau de relevância. Ressalta-se o valor das obras de Lucas – grande historiador da época -, que decidiu escrever a obra de Jesus dividindo-a em duas partes: o evangelho de Jesus Cristo e o evangelho do Espírito Santo.²⁹⁵

O primeiro escrito lucano trata do que Jesus fez antes de ter sido recebido nos céus. Já o segundo aborda o que Cristo fez por intermédio do Espírito Santo. Enquanto a primeira obra de Lucas explica como o evangelho se originou, a segunda se preocupa em explicar as formas através das quais o cristianismo se espalhou por todo o Império Romano.²⁹⁶

²⁹² MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 63.

²⁹³ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 63.

²⁹⁴ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 63-64.

²⁹⁵ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 64.

²⁹⁶ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 64.

O livro dos Atos dos Apóstolos, por exemplo, é considerado o primeiro capítulo da história das missões e é tido como um modelo para a realização das missões em todos os tempos.²⁹⁷

Já a necessidade de se interpretar a vida e as doutrinas cristãs aos novos convertidos dos novos campos missionários inspirou a escrita das epístolas de Tiago e as cartas de Paulo destinadas aos cristãos de Tessalônica, Galácia, Roma e Éfeso.²⁹⁸

Para corrigir interpretações errôneas que surgiram a respeito das doutrinas fundamentais e fazer uma apologia cristã face à oposição que surgia ao progresso do evangelho, missionários escreveram a epístola aos Hebreus, os Evangelhos, Colossenses e as duas epístolas de João.²⁹⁹

As duas cartas escritas a Timóteo, a carta escrita aos filipenses e a terceira epístola de João são mensagens escritas por grandes missionários apostólicos que se dedicaram a escrever à segunda geração de cristãos que os haveria de suceder. A carta a Filemom, por exemplo, visa tratar de uma questão social presente em um dos novos campos missionários que havia surgido.³⁰⁰

Já as epístolas de Pedro, assim como os livros de Judas e Apocalipse, foram escritos com o intuito de encorajar os novos cristãos que estavam enfrentando difíceis tempos de perseguição.³⁰¹

3.1.3

A concomitância entre a formação do cânon do Novo Testamento e a Igreja

A formação do cânon do Novo Testamento ocorreu em concomitância com o desenvolvimento da história do cristianismo até o final do tempo apostólico. Paralelamente aos escritos neotestamentários, ocorreram a fundação, o desenvolvimento e a organização do cristianismo.³⁰²

A seguir trataremos de três aspectos relacionados às características fundamentais da Igreja e que estão diretamente ou indiretamente ligados à formação do cânon neotestamentário: a fundação do cristianismo; o cristianismo em atividade; e a organização do cristianismo.

²⁹⁷ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 64.

²⁹⁸ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 64.

²⁹⁹ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 64-65.

³⁰⁰ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 65.

³⁰¹ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 65.

³⁰² MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 7.

3.1.4

A fundação do cristianismo

O cristianismo tem suas raízes no judaísmo, que ao longo dos séculos anteriores havia recebido o influxo das civilizações pérsica, grega e romana. O descontentamento de judeus e gentios desenvolveu uma expectativa messiânica que lhes trazia uma nova esperança. A imagem do Messias esperado era a de alguém que lhes pudesse ser um Salvador que trouxesse novamente uma superioridade nacional à Israel.³⁰³

O precursor do Messias foi João Batista, que passou parte de sua vida no deserto, distante de um contato mais urbano. Aos vinte e seis anos de idade passou a pregar uma nova religião baseada no arrependimento pessoal. Dizia ele que para entrar no reino de Deus era preciso arrepender-se dos seus pecados. Ou seja, o fato de alguém ser descendente de Abraão não bastava se não se arrependesse.³⁰⁴

Foi João Batista quem apontou a Jesus como o Messias. Suas ideias estavam baseadas no Antigo Testamento – especialmente nas profecias e nos salmos – e não compactuavam com a existência de uma base racial cerimonial. Para ele, a religião era pessoal e espiritual, e não nacional e cerimonial. A única cerimônia praticada por ele era o batismo pós-arrependimento. No final de sua vida foi encarcerado e degolado.³⁰⁵

O apóstolo Paulo, em sua carta escrita aos cristãos da região da Galácia, traz a informação de que o fundador do cristianismo, Jesus Cristo, veio na plenitude dos tempos (Gl 4,4). O evangelista Mateus também faz referência semelhante à descrição paulina (Mt 13,13).

Tal informação pode ser verificada historicamente através da observação do local de nascimento do cristianismo. Originária do mundo mediterrâneo - que até então era o maior e mais importante centro da civilização – e quase contemporânea ao surgimento do Império Romano, a nova religião gozou de vantagens inerentes à época, como a paz imperial e a unidade política, cultural, comercial e linguística. Tais condições favorecem o ajuntamento dos cristãos.³⁰⁶

A concomitância dos escritos neotestamentários em relação ao período de fundação do cristianismo pode ser verificada em diversas ocasiões. O evangelista

³⁰³ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 36.

³⁰⁴ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 35-36.

³⁰⁵ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 36.

³⁰⁶ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 36-37.

Mateus, por exemplo, nos informa que Jesus nasceu antes da morte de Herodes, o Grande (Mt 2,1-12).

No tocante ao tempo de ministério exercido por Jesus, não é possível determinar com precisão a sua duração. Os evangelhos sinóticos mencionam apenas uma Páscoa (a da crucificação). Já o evangelista João menciona três delas, e dá a ideia de que Cristo tenha iniciado a sua atuação ministerial antes da primeira (Jo 2,13).

É possível que o tempo de ministério de Jesus tenha variado de dois anos e meio a três anos e meio, ainda que a festa mencionada no capítulo cinco do evangelho de João possa não ter sido necessariamente uma Páscoa (Jo 5.1).

Vale dizer também que apenas o evangelista João descreve o ministério público de Jesus na Judeia. Ainda assim, as muitas atividades de Cristo parecem exigir pelo menos um período de três anos (Jo 2,13-4,42).

3.1.5

O cristianismo em atividade

A continuação das atividades do cristianismo após a sua fundação é descrita em diversas ocasiões no Novo Testamento. Até o momento da ressurreição de Jesus, o seu ministério – salvo raras exceções – havia se limitado aos judeus residentes na Palestina. No entanto, o grupo de homens preparados por Ele tinha recebido uma ordem muito clara: aguardar o revestimento do Espírito Santo e, posteriormente, fazer discípulos de todas as nações (Mt 28,19).

O programa do Senhor ressuscitado é descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, que narra o fortalecimento a atuação do Espírito Santo junto aos discípulos de Jesus que, por consequência, conquistaram o mundo através do seu testemunho (At 1,8).

Apesar de terem iniciado a propagação do evangelho na localidade onde se encontravam, os continuadores do ministério de Jesus mantiveram os seus olhos fixos no mundo. O testemunho deles foi gradualmente ganhando terreno, alcançando inicialmente a cidade de Jerusalém (At 2.14-6,1) e posteriormente os judeus mestiços de Samaria (At 6,8-9; e At 6,31), bem como os estrangeiros simpatizantes que habitavam dentro do país (At 9,32-12,25), e mais tarde os estrangeiros do novo centro cristão estabelecido em Antioquia da Síria (At 13,1-19,20). Finalmente, eles alcançaram os gentios espalhados pelo mundo de então (At 9,21-28,31).

Um momento que merece destaque no desenvolvimento do cristianismo é o conhecido “dia de Pentecostes”, ocasião em que a pequena igreja de Jerusalém passou de cento e vinte pessoas para três mil (At 4,4). Não muito tempo depois o número de cristãos se multiplicaria ainda mais a ponto de alcançar a adesão de muitos sacerdotes locais (At 6,7).

A transposição do evangelho da cidade de Jerusalém em direção às regiões da Judeia e Samaria (At 8,4) é registrada em trechos específicos dos Atos dos Apóstolos (At 8,2-24; 10,44-48; e 11,18). O alcance dos gentios também recebe diversos pontos de destaque na narrativa lucana (At 1,2; 11,23; 11,25-26; 13,2; e 12.17), que encerra a sua descrição informando a respeito da chegada do cristianismo em Roma, capital do império (At 16,1-21,30 e At 26).

3.1.6

A organização do cristianismo

A organização da Igreja do Novo Testamento leva em conta a existência de apóstolos, bispos, presbíteros e diáconos. Estatisticamente falando, o termo apóstolo ocorre setenta e nove vezes no cânon neotestamentário, sendo que em oitenta por cento das ocasiões as ocorrências estão presentes nos escritos paulinos e lucanos.³⁰⁷

O conceito presente no grego clássico e no helenismo trazia a ideia de que o apóstolo era um mensageiro religioso. Já o apostolado no Novo Testamento tem a sua origem e essência em Jesus e no seu primeiro círculo de discípulos. Mais tarde os apóstolos também importante atuação na Igreja primitiva.³⁰⁸

O conceito neotestamentário de apóstolo é o de um homem que é enviado ou de um mensageiro que tinha o encargo de representar alguém ou as coisas de outrem no sentido jurídico.³⁰⁹ Ele está inteiramente sob a jurisdição de seu senhor e dele recebe tudo o que é. Nos Atos dos Apóstolos Paulo e Barnabé são citados como tal (At 14,4 e At. 14,14).

No que diz respeito aos bispos, as ideias presentes no grego extrabíblico traziam a ideia de que eles eram homens tidos como supervisores, vigias e espões e que possuíam a designação de um cargo público.³¹⁰

³⁰⁷ RENGSTORF, K. H., Apóstolo, Falso Apóstolo, Apostolado e Enviar, p. 135.

³⁰⁸ RENGSTORF, K. H., Apóstolo, Falso Apóstolo, Apostolado e Enviar, p. 115-149.

³⁰⁹ RENGSTORF, K. H., Apóstolo, Falso Apóstolo, Apostolado e Enviar, p. 136.

³¹⁰ BEYER, H. W. Bispo, p. 193-201.

Já nas comunidades neotestamentárias eles possuíam outras duas conotações: a primeira delas está presente na primeira Carta de Pedro, onde o termo é visto como uma espécie de pastor e vigia das ovelhas (1Pd 2,25), em paralelo com a ideia de que o bispo deve ser um pastor tal qual Cristo é pastoreia e cuida das almas de todos os fiéis.³¹¹

Nas demais passagens do Novo Testamento está presente a segunda concepção. Nelas o termo bispo refere-se aos líderes de uma comunidade cristã. Aqui eles são homens que têm sobre si o cargo de presidir uma igreja local.³¹²

Já com relação aos presbíteros, podemos dizer que durante boa parte da história das instituições israelítico-judaicas eles eram tidos como os “anciãos”. As suas atuações são perceptíveis na obra histórica javística-eloística, bem como no tempo dos juízes, dos reis, do exílio, do pós-exílio, do Sínédrio e do judaísmo helenístico.³¹³

Nas comunidades cristãs primitivas foram atuantes na igreja de Jerusalém, e embora tenham recebido poucas referências nos escritos concernentes às comunidades paulinas, tiveram grande expressão na formação das sinagogas da Diáspora. Também são citados no Apocalipse e na Segunda e Terceira Carta de João.³¹⁴

Para além do período apostólico também foram bastante citados pelos padres apostólicos e na Antiga Igreja, especialmente na Primeira Carta de Clemente, em O Pastor de Hermas, e nos escritos de Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Pápias, Irineu, Clemente Alexandrino e Orígenes.³¹⁵

No tocante aos diáconos, que já tinham uma atuação importante no judaísmo, é possível afirmar que foi no Novo Testamento em que tiveram o seu grau de importância mais acentuado. Eles eram os responsáveis por servir às mesas e estavam sempre a serviço da comunidade.³¹⁶

O apóstolo Paulo cita que uma das responsabilidades dos diáconos era servir aos santos. De fato, atuação dos diáconos era um serviço de amor à comunidade. Eram também eles os responsáveis pela coleta, pois este também era um dos exercícios inerentes ao cargo.³¹⁷

De maneira geral, nos escritos neotestamentários, o uso da palavra diácono dá a conotação de alguém que não apenas servia à mesa, mas de uma

³¹¹ BEYER, H. W. Bispo, p. 203.

³¹² BEYER, H. W. Bispo, p. 204.

³¹³ BORNKAMM, G. Presbítero, p. 223-234.

³¹⁴ BORNKAMM, G. Presbítero, p. 236-249.

³¹⁵ BORNKAMM, G. Presbítero, p. 250-264.

³¹⁶ BEYER, H. W. Servir, Serviço e Diácono, p. 176-280.

³¹⁷ BEYER, H. W. Servir, Serviço e Diácono, p. 280-283.

pessoa que estava sujeita a um senhor que lhe atribuía um poder espiritual. De igual maneira, os diaconos possuíam um encargo na comunidade, e a sua atuação não era restrita apenas aos homens, mas também às mulheres, denominadas diaconisas.³¹⁸

3.1.7

As características fundamentais da Igreja no Novo Testamento

Muitas das características fundamentais da Igreja podem ser perfeitamente percebidas no cânon neotestamentário em diversas ocasiões. A vida em comunidade, por exemplo, é apresentada tanto no capítulo dois dos Atos dos Apóstolos (At 2,42) como na descrição feita por Pedro em sua primeira carta (1Pd 2,17; 1Pd 5,9).

Em ambas as descrições é possível notar que a *koinonia* era um modelo de vida estabelecido nas comunidades cristãs e que enfatiza pelo menos quatro aspectos da Igreja: a oração, a fração do pão, o ensino dos apóstolos e o compartilhamento de bens.³¹⁹

Com relação à diversidade existente nas comunidades cristãs, podemos dizer que a sua evolução foi apresentada de maneira progressiva no cânon concomitante com o avanço do evangelho. A incorporação dos gentios, por exemplo, teve em Pedro, Tiago e Paulo seus principais porta-vozes.³²⁰

A diversidade de grupos deu lugar à diversidade teológica, que ia além da distinção de dons carismáticos existe em determinadas comunidades cristãs, como no caso da igreja de Corinto (1Cor 12).

Dentre os diversos pensamentos teológicos existentes na Igreja fundante destacamos quatro: os que insistiam na observância plena da lei mosaica, inclusive o ato da circuncisão (At 11,2; 15,2; Gl 2,4; e Fp 1,15-17); os que consideravam importante a prática da lei mosaica, mas não entendiam que a circuncisão fosse relevante (At 15 e Gl 2); os que negavam as práticas judaicas, especialmente naquelas relacionadas aos costumes alimentares (At 15,20-39; Gl 2,11-14; e 1 Cor 8); e os que não consideravam como essenciais os cultos e festas judaicas (At 7,47-51).

O último grupo demonstrou clara oposição ao templo de Jerusalém e manifestou uma forma de apoio ao discurso de Estêvão descrito nos Atos dos

³¹⁸ BEYER, H. W. *Servir, Serviço e Diácono*, p. 283-290.

³¹⁹ DUPONT, J. *Teologia della Chiesa negli Atti Apostoli*, p. 16-20.

³²⁰ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiologia*, p. 125.

Apóstolos e, mais precisamente, às ideias constantes na Carta aos Hebreus (Hb 8.13) e nos escritos joaninos (Jo 8,44; 15,25; e Ap. 3,9).

3.2

Questões conceituais da eclesiologia

O estudo da eclesiologia fundante exige a observação de alguns conceitos essenciais inerentes à temática. Aqui elencamos algumas questões que desde os primórdios tiveram seu grau de importância no desenvolvimento e na atuação da Igreja.

3.2.1

A Igreja é agente do Reino de Deus

O “Reino de Deus”, “Reinado de Deus”, “Reino dos Céus” ou apenas “Reino” são expressões que trazem um conceito oriundo do Antigo Testamento que se refere ao domínio de Deus sobre toda a Criação por intermédio do Seu Filho Jesus Cristo. O evangelista Mateus preferia utilizar a designação “Reino dos Céus”; Lucas utilizava “Reino de Deus”; e João, “Vida Eterna”. Na verdade, todos os termos expressam a mesma realidade.³²¹

Optamos por utilizar na presente tese a expressão “Reino de Deus” ou apenas “Reino”, simplesmente por serem os mais utilizados convencionalmente pela maior parte dos autores.

Muitas das parábolas constantes nos evangelhos sinóticos são alusões ao Reino, como é o caso da parábola do joio e do trigo (Mt 13,36-43), onde há a pressuposição de que a ação de Jesus deveria ser continuada através da atuação dos seus seguidores.³²² Assim, a Igreja deveria ser uma agente do Reinado de Deus, responsável por espalhar e propagar a semente de Jesus pelo mundo.

A expressão “Reino de Deus”, comumente utilizada pelos evangelistas sinóticos e pelo escritor dos Atos dos Apóstolos, se torna mais escassa à medida em que são apresentados os demais escritos do Novo Testamento. Em sentido contrário, a palavra *ekklesia* ocorre pouquíssimas vezes nos evangelhos – todas em Mateus (Mt 16,18 e Mt 18,17) – e vai sendo amplamente apresentada ao longo dos textos canônicos.

³²¹ QUEIROZ, C. Ser é o bastante, p. 19.

³²² SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 111.

O autor H, Muirhead explica que “(...) o âmago do ensino de Jesus foi ‘O reino de Deus’; por isso não é de admirar que ele empregasse o vocábulo ‘igreja’ apenas duas vezes”.³²³ Ele também destaca que tal expressão é encontrada cento e sete vezes Atos dos Apóstolos, nas Epístolas e no Apocalipse.³²⁴

Como organismo, a Igreja dos primeiros cristãos foi agente do Reino e capaz de ser instrumento de Deus junto à sociedade e aos poderes instituídos. Portanto, a Igreja não é o Reino de Deus, mas parte integrante do Reino, e atua como ferramenta necessária para a consolidação da vontade de Deus na história.

De acordo com a parábola do joio e do trigo, existem os “filhos do reino”, que dão bons frutos; e os “filhos do mal”, dominados pelo demônio (Mt 13,38). R. Schnackenburg afirma que o processo em que estão misturados bons e maus continuará até o final do mundo, quando ocorrerá a separação deles.³²⁵

É importante salientar que a Igreja não é o Reino de Deus, já que ela é uma agente do Reino, responsável por semear o bem pelo mundo.³²⁶ Já o Reino é a esfera onde Deus domina desde a criação do mundo. O seu início se deu com a chegada de Jesus Cristo na Terra, quando Ele se tornou homem para estar no meio dos homens, e perdura até os nossos dias e será plenamente consumado com a volta definitiva de Cristo.

Dentre as muitas concepções a respeito do Reino de Deus, Zabatiero explica, baseado nos sinóticos e fundamentado na asserção de J. Jeremias, da seguinte maneira:

Basileia tou theou é um conceito escatológico, que tem a ver com a concretização do propósito de Deus para a humanidade. Na sua qualidade escatológica, o Reino de Deus já veio a Terra, em e através de Jesus Cristo, e nela está operante até hoje, e continuará até a “consumação dos séculos”, quando será plenamente realizado; produzindo o fim desta era e iniciando a existência da nova era isoladamente da presente. Nesse sentido, o termo “escatológico”, aplicado ao Reino de Deus, inclui as noções de “apocalíptico” e “presente”, ou, na linguagem de Ladd, significa “cumprimento sem consumação”; ou, ainda, uma “escatologia em processo de realização”.³²⁷

Observemos que no Antigo Testamento o Reino era um conceito futuro, ainda por vir. Hoje, podemos dizer que ele já foi inaugurado, pois temos conhecimento de que, há cerca de dois mil anos, Jesus veio a este mundo, conforme os excertos abaixo:

Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus (Mt 12,28).

³²³ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 58.

³²⁴ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 58.

³²⁵ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 111-110.

³²⁶ KINGSBURY, J. D. The Parables of Jesus in Matthew 13, p. 97.

VOGTLE, A. Das christologische und ekklesiologische Anliegen von Mt 28,18-20, p. 253-271.

³²⁷ ZABATIERO, O mistério do Reino, p. 2049-2053.

Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: “O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17,20-21).

O Reino dos céus é como um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo. O Reino dos céus também é como um negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo o que tinha e a comprou (Mt 13,44-46).

Este último texto, conhecido como “As parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande valor”, nos permite compreender que o Reino de Deus tem tanto valor que cada pessoa do Universo deve estar disposta a abrir mão de tudo o que lhe é mais caro para obtê-lo. Embora aparentemente haja uma tendência em entender que o Reino possa ser comprado, a ideia de Jesus é justamente esclarecer que ninguém pode comprar o Reino com dinheiro e/ou boas ações.

A respeito do “tesouro escondido” mencionado em Mateus (Mt 13,44), atentemos para o fato de que nos tempos antigos não era incomum as pessoas esconderem seus tesouros na terra, já que a instituição bancária ainda não existia como nos moldes de hoje — ainda que Jesus tenha evidenciado que já na sua época havia banqueiros, conforme o Evangelho de Mateus: “você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros” (Mt 25,27).

Na época do ministério de Jesus, era comum os banqueiros sentarem-se atrás de pequenas mesas para trocar dinheiro com as pessoas. É por tal motivo a palavra grega que designava “banqueiro” era *trapezista*, que significa *mesa*. Ainda hoje, os bancos da Grécia expõem em suas fachadas a palavra *trapeza* (banco), tal como era nos tempos em que Cristo caminhava sobre a terra. Os juros mencionados em Mateus (Mt 25,27) são traduções da palavra grega *prole*, visto que os juros eram vistos como “os filhotes” do dinheiro investido.

No que tange ao tempo, o Reino pode ser compreendido de três maneiras: a primeira delas é o “Reino Escatológico”, que assinalará o fim da presente era e a inauguração da Era Vindoura; o segundo é o “Reino Presente”, marcado pelo fato do ministério de Jesus representar o cumprimento da promessa do Antigo Testamento; e o terceiro é o “Reino em Processo de Realização”, que ocorre quando a Era Vindoura invade a Era Presente, fazendo com que a Igreja viva a sobreposição destas duas eras.³²⁸

³²⁸ KUNZ, C. A. As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus, p. 39-40.

3.2.2

A Igreja é continuadora das ações de Jesus

As igrejas locais do Novo Testamento foram importantes porque deram continuidade ao ministério de Cristo,³²⁹ haja vista que as ações de Jesus foram introjectadas na Igreja e se transformaram em um paradigma permanente para a vida dos fiéis, tanto daqueles que viveram no primeiro século quanto dos que vivem nos dias de hoje.³³⁰

Através de uma nova interpretação da lei, Jesus criou um algo novo em seu ensino, que desde então permaneceu como uma espécie de instrução normativa para a Igreja,³³¹ que cumpriu o seu dever de ensinar a todos os povos o que o Cristo Ressuscitado havia ordenado (Mt 28,20).

A continuidade das ações de Jesus através das igrejas foi um cumprimento às ordenanças por Ele estabelecidas e que se tornaram suas regras obrigatórias.³³²

A temática da ação continuada de Jesus é fortemente abordada nos escritos do evangelista Mateus (Mt 18), especialmente quando ele fala a respeito do “regulamento doméstico de Deus”.³³³

O autor R. Schnackenburg explica a respeito da autoridade da Igreja no tocante à continuidade das ações de Jesus: “Jesus Cristo transferiu, assim como para Pedro (16,19), também para a Igreja, que foi construída sobre a rocha de Pedro, a decisão sobre o destino salvífico dos que crêem”.³³⁴ Para ele, Cristo exerce sua autoridade dentro e pela comunidade.³³⁵

É perceptível que as ações da comunidade cristã tinham como modelo o próprio Jesus. Ainda que Cristo não tivesse imposto um jugo insuportável à Igreja (Mt 11,29-30 e Mt 23.4), o desejo D’Ele era o que o seguimento de suas instruções fosse incondicional.³³⁶

R. Schnackenburg cita alguns exemplos presentes no evangelho de Mateus onde Jesus expressa algumas de suas expectativas a respeito dos seus discípulos:

³²⁹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 105.

³³⁰ DORMEYER, D. Die Passion Jesu als Verhaltensmodell, p. 269-287.

³³¹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 106.

³³² SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 106.

³³³ SCHWEIZER, E. Matthaus und seine Gemeinde, p. 106-115.

³³⁴ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 108.

³³⁵ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 108.

³³⁶ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 106.

A parábola final da edificação da casa (7,24-27) sublinha que não se deve apenas escutar as palavras de Jesus, mas também cumpri-las. Também a comunidade está sujeita à sentença do juízo de Jesus (cf. 13,41-43.47-50; 22,11-14; 25,31-46). Cada qual deve responsabilizar-se pelos dons e capacidades a ele concedidos (25,14-30); são exigidas a vigilância e a prontidão (24,43-44.45-51; 25,1-13).³³⁷

Os discípulos das primeiras comunidades cristãs entendiam que Cristo continuava a ser a única fonte de autoridade, e por tal motivo deram continuidade às Suas ações ministeriais.³³⁸

Uma das regras comunitárias orientadas por Jesus que deveria estar presente na Igreja, era de que todos deveriam se considerar irmãos, ao invés de serem reconhecidos como mestres (Mt 23,8-10). Para R. Schnackenburg, a presença mental e espiritual de Jesus³³⁹ estava entre todos os que congregavam em seu nome (Mt 18,20).

Sobre tal assunto é importante lembrar que Jesus se denomina como o “Deus conosco” (Mt 1,23) que garante a sua presença junto à sua Igreja até o final dos tempos (Mt 28,20), de maneira que Ele pudesse continuar agindo em favor da comunidade cristã e juntamente com ela.³⁴⁰

Assim, Cristo continua a agir na Igreja até a sua gloriosa vinda. Até lá, Ele permanecerá ao lado daqueles que fazem parte de sua comunidade, como o Senhor da Aliança, incapaz de abandoná-la.³⁴¹

3.2.3

O uso do termo *ekklésia*

O conceito de “Igreja” no Novo Testamento deriva do uso do termo *ekklésia*, palavra que remonta ao vocabulário do grego profano, que significa “assembleia popular”.³⁴² A ideia está presente em diversas ocasiões no Novo Testamento (At 19,32-39), já que tanto o judaísmo helenístico e o cristianismo adotaram tal expressão dos gregos.

O sentido bíblico, tanto vétero como neotestamentário, aparece somente quando se lhe junta *tou theou*, de Deus, enquanto que o sentido neotestamentário, propriamente dito, se manifesta pelo acréscimo ulterior “em Cristo Jesus”; é indiferente que este acréscimo seja explícito ou implícito.³⁴³

³³⁷ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 107.

³³⁸ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 106.

³³⁹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 108.

³⁴⁰ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 109.

³⁴¹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 111.

³⁴² SCHMIDT, K. L. Igreja, p. 31.

³⁴³ SCHMIDT, K. L. Igreja, p. 31.

A conceituação bíblica de Igreja estabelecida no Novo Testamento é em grande parte amparada pelos escritos dos evangelhos sinóticos e do livro dos Atos dos Apóstolos, a principal fonte histórica da comunidade cristã nascida na cidade de Jerusalém. É através dos referidos que temos acesso a importantes informações a respeito da vida interna da primeira igreja cristã e dos laços que uniam e regulavam a vida eclesiástica.³⁴⁴

(...) o termo grego *ekklésia*, traduzido por “igreja” no Novo Testamento, é a palavra que a Septuaginta mais frequentemente usa para traduzir o termo *qāhal* do Antigo Testamento, palavra usada para referir-se à “congregação” ou à “Assembléia” do povo de Deus. *Ekklésia* traduz *qāhal*, “assembléia”, 69 vezes na Septuaginta. A próxima tradução mais frequente é *synagoge*, “sinagoga” ou “lugar de reunião” (37 vezes).³⁴⁵

Ekklesia é um termo que traduz a palavra hebraica *Qahal*, que se refere ao povo da aliança reunido no Sinai para ouvir a Palavra de Deus, nas assembleias que aconteciam e, posteriormente, no templo. Paulo não criou a palavra *ekklésia*; ela é própria da tradução dos Setenta (LXX), que usa para traduzir *Qahal*.³⁴⁶

Etimologicamente a palavra eclesiologia é formada pela junção de duas palavras gregas: *ekklésia* e *logos*. Assim, *ekklésia* é conceituada como a “assembleia dos chamados para fora”, “ajuntamento dos chamados para fora”³⁴⁷, “ajuntamento popular” ou “assembleia devidamente convocada”.³⁴⁸ A palavra *logos*, por sua vez, possui mais de um significado, a saber: “palavra escrita”, “verbo”, “estudo”, “razão” ou “capacidade de racionalização do indivíduo”.³⁴⁹

A eclesiologia também pode ser vista como o estudo sistemático da natureza, características e propósitos da Igreja. O uso do termo ocorre cento e quatorze vezes nas páginas do Novo Testamento. Entre os gregos, a *ekklésia* era originária do verbo *kalein*, que significava chamar. Era comum a utilização do termo para designar uma assembleia do povo convocada regularmente em algum local público com a intenção de deliberar sobre assuntos importantes.³⁵⁰ Por tal motivo a eclesiologia apostólica se preocupou em fazer com que as igrejas se relacionassem com o mundo, exercendo um importante papel social frente às mudanças geradas pelo tempo através da história.

³⁴⁴ TURRADO, L. T. La Iglesia em los Echos de los Apostoles, p. 1.

³⁴⁵ GRUDEM, W. A. Teologia Sistemática, p. 729.

³⁴⁶ BACARJI, A. D. Eclesiologia católica, 29.

³⁴⁷ REZENDE, J. R. Eclesiologia contemporânea, p. 21-22.

³⁴⁸ SCHMIDT, K. L. Igreja, p. 15.

³⁴⁹ MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 4-6.

³⁵⁰ MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 4-6.

3.2.4

A autoconsciência eclesial

A autoconsciência eclesial é percebida nos escritos do Novo Testamento através da utilização de termos que repetidamente são empregados pelos autores canônicos quando se referem à Igreja. A reincidência de ideias desenvolvidas nos escritos canônicos como as expressões “corpo de Cristo”, “povo de Deus” e “templo do Espírito Santo” são alguns exemplos perceptíveis.

A LXX traz o conceito de *ekklésia* como sendo uma “congregação judaica”. No Novo Testamento, o termo diz respeito à “Igreja” ou a um “corpo de cristãos”, sendo que em todas as vezes em que a palavra é citada ela possui a conotação de uma comunidade universal, aberta para fora e, ainda que se refira a uma congregação local, particular ou doméstica,³⁵¹ está voltada para a sociedade.

É importante registrar que no contexto neotestamentário a Igreja pode ter dois sentidos diferentes: o de Igreja universal e o de igreja local. Quando falamos de Igreja universal, referimo-nos à reunião de todos os santos crentes de todas as épocas e lugares e que creem em Jesus. Já quando citamos Igreja local, consideramos os grupos de pessoas de uma comunidade local ou de um espaço geográfico que se reúnem como cristãos.³⁵²

Na maior parte das citações nestestamentárias os seus autores fazem referência à igreja local, como é o caso de diversos textos (1Co 1,2) citados por Paulo. No entanto, há ocasiões em que o termo é mais amplo, referindo-se à Igreja universal, como na passagem em que o evangelista Mateus cita as palavras do próprio Jesus Cristo (Mt 16,18).

De qualquer maneira, em ambas as ocasiões o termo aponta para a necessidade que a Igreja tem de ser relevante não somente para os seus frequentadores, mas também para os de fora dela, o que foi evidenciado pela igreja apostólica, pois foi capaz de responder e atender as grandes questões dos centros urbanos do primeiro século.³⁵³

A concepção da Igreja neotestamentária apontava para uma comunidade voltada para fora. As comunidades cristãs do primeiro século tinham um profundo compromisso de impactar a sociedade em que estavam inseridas. O capítulo dois de Atos dos Apóstolos é bastante assertivo ao dizer que os cristãos de Jerusalém conquistaram a simpatia das pessoas da sua cidade. Tal fato ocorreu

³⁵¹ SCHMIDT, K. L. Igreja, p. 15.

³⁵² REZENDE, J. R. *Eclesiologia contemporânea*, p. 21-22.

³⁵³ REZENDE, J. R. *Eclesiologia contemporânea*, p. 23-25.

provavelmente porque eles faziam diferença no contexto social em que estavam inseridos (At 2,42-47) e porque havia um real compromisso com a própria raiz etimológica o termo *ekklésia*.

3.2.5

A Igreja é corpo de Cristo

A noção doutrinária da expressão “corpo de Cristo”, que é atribuída à Igreja, se faz presente de maneira especial nos trechos paulinos (Cl 1,24). Na Carta de Paulo aos cristãos da cidade de Colossos o apóstolo explica que Cristo é o cabeça do corpo, que é a Igreja (Cl 1,18).

Embora em alguns momentos Cristo e a Igreja sejam colocados lado a lado (Cl 3,21 e Cl 5,32), parece-nos que na maior parte das tratativas relacionadas tema é levado em conta a existência de uma subordinação da Igreja à Cristo (Cl 5,24-25), uma vez que é Ele quem a ama (Cl 5,29) e cuida (Cl 5,27).

A linguagem figurada da Igreja como corpo de Cristo parece não estar totalmente clara na mente de Paulo, e por tal motivo ele trata a questão com um dos mistérios de Deus (Cl 3,4).

Sobre a temática, o autor K. L. Schmidt explica que aquilo que é mistério para os homens é para Deus revelação. Para ele, a Igreja é pensamento de Deus, obra de Deus e sustentada por Ele.³⁵⁴ Além disso, as relações entre homem e mulher também devem estar baseadas na relação existente entre Cristo e a Igreja (Cl 5,25-32).

Parece-nos que a unidade do corpo de Cristo, a Igreja, é uma resposta positiva à oração feita por Jesus na noite de sua prisão, momento em que Ele orou por três vezes pedindo que os seus discípulos se tornassem um (Jo 17,20-23). Fato é que a unidade dos cristãos do primeiro século afirmou e testemunhou ao mundo a evidência de uma fé salvadora em Jesus.

A expressão “corpo de Cristo” também aponta para a unidade e a universalidade da Igreja. Dentro do contexto eclesial, as palavras católica e universal possuem praticamente o mesmo significado: elas indicam a universalidade da Igreja de Cristo como uma de suas marcas. Neste sentido, a Igreja, como corpo de Cristo, não se limita a um tempo, lugar, raça ou cultura, diferenciando-se do conceito de povo escolhido, oriundo da Antiga Aliança. Tal ideia está em

³⁵⁴ SCHMIDT, K. L. Igreja, p. 26.

concordância com o movimento cristão ao longo do primeiro século, marcado por seu alcance universal.³⁵⁵

3.2.6

A Igreja é povo de Deus

Uma outra expressão bastante comum para a articulação da autoconsciência teológica da Igreja do Novo Testamento é a utilização da expressão “povo de Deus”, que por diversas ocasiões é encontrada no cânon bíblico, especialmente nos escritos de Paulo.³⁵⁶

A ideia de povo de Deus tem uma estreita relação com a eleição de Israel como tal. No entanto, a própria nação havia rejeitado o evangelho de Jesus Cristo, o que fez com que Paulo – que também era povo de Deus (Fl 3,5) – discorresse sobre o tema, de maneira especial em sua carta destinada aos cristãos de Roma.

Paulo reconhece que, embora a salvação estivesse disponível a toda pessoa que crê, ela havia sido ofertada primeiramente aos judeus (Rm 1,16), que se negaram a aceitar o evangelho e conseqüentemente foram reprovados por Deus (Rm 2,9), tornando-se sujeitos à ira divina.³⁵⁷

O autor J. Estrada explica com maiores detalhes a respeito do tema:

Inicialmente a mensagem foi dirigida a todo o Israel, em consonância com a intenção de Jesus de restaurar a aliança entre Deus e o povo (Mc 1,15). Vem daí o significado dos “doze discípulos” enquanto símbolo das doze tribos de Israel. Jesus sentia-se enviado ao povo judeu e não aos pagãos (Mt 10,6; 15,24; Mc 12,6; Lc 4,18), situando-se na tradição dos profetas do Antigo Testamento (Mc 6,4; 8,28 par.; Lc 4,24-27). Historicamente é preciso analisá-lo no contexto judaico; só depois de sua morte (Mc 10,45; 14,22-24; Lc 24,46; Jo 3,16) e ressurreição é que surgiu a missão universal (Mt 28,19; Mc 13,10; 16,15; Lc 24,47). Sua intenção não foi a de fundar uma Igreja independente – embora esta tenha surgido após a sua morte –, mas a de renovar Israel e de abri-lo para o reinado de Deus, como o cume da aliança.³⁵⁸

Sobre a escolha dos doze discípulos como símbolo das doze tribos de Israel, a teóloga A. Bacarji traz a seguinte explicação:

A escolha dos doze entre o círculo de discípulos (Mt 10,1-4; Lc 6,12-16) foi um dos acontecimentos mais importantes da vida pública de Jesus. O número era santo para os israelitas, pois remetia aos doze patriarcas que simbolizavam todo povo de Israel. Eles aparecem como a prefiguração do novo povo de Deus, como os novos patriarcas da nova comunidade messiânica de salvação, após a rejeição

³⁵⁵ MEEKS, W. A. Os primeiros cristãos urbanos, p. 13-15.

³⁵⁶ GNILKA, J. Teología del Nuevo Testamento, p. 114.

³⁵⁷ GNILKA, J. Teología del Nuevo Testamento, p. 132.

³⁵⁸ ESTRADA, J. A. Para compreender como surgiu a Igreja, p. 74.

de Jesus por parte do povo de Israel (Schmaus, 1978, p. 34). Eles foram “enviados por Jesus para que proclamassem o Reino de Deus, curassem os enfermos, ressuscitassem os mortos, limpassem os leprosos e expulsassem os demônios (Mc 6,7-13; Lc 9,1-6; Mt 10,5-8; Lc 10,1-16)” (Schmaus, 1978, p. 35). “Provavelmente, Jesus mesmo não chegou a chamar seus discípulos de Apóstolos” (Kasper, 2012, p. 284).³⁵⁹

Um outro aspecto relacionado a expressão “povo de Deus” é que ela sempre se aplica à comunidade de maneira coletiva, plural, e nunca é aplicada a indivíduos pertencentes à Igreja. o termo demanda uma conotação escatológica, na qual a comunidade representa o rebanho de Deus.³⁶⁰

Inicialmente o nome “povo de Deus” foi utilizado em Jerusalém, o que levanta a discussão a respeito da dependência das igrejas locais posteriores em relação à igreja mãe.³⁶¹

Fato é que o apóstolo Paulo optou por um vínculo com os cristãos de Jerusalém, o que é perceptível através de suas contínuas visitas à cidade, bem como do momento específico em que ele se comprometeu a levantar uma coleta para os pobres que ali moravam.³⁶²

É possível que Paulo tenha entendido a necessidade de um reconhecimento da procedência da Igreja de Jerusalém. No entanto, é mais provável que a sua ajuda aos cristãos da comunidade primitiva fosse uma maneira de expressar o seu serviço (*diakonia*) (Rm 15,31; 2Co 8,4; 9,1; e 9,12).

O fato de Paulo ter dado por si mesmo o nome de comunidades às suas próprias igrejas demonstra a ideia de que ele considerava a relação de igualdade entre a igreja de Jerusalém e as demais (1Co 10,32; 11,16; e 11,22).

Possivelmente Paulo entendia que a igreja mãe tinha os seus limites, o que não era um impeditivo para que ele reconhecesse a comunidade de Jerusalém e a honrasse, especialmente no tocante aos aspectos de cunho espiritual. Para o apóstolo, tanto as comunidades distintas da primitiva como as que haviam sido fundadas por ele faziam parte do povo de Deus, denotando a ideia de uma unidade eclesial de características globais.³⁶³

De posicionamento contrário a tal concepção está o teólogo J. Hainz, que opina que Paulo não conhecia nem concebia a ideia de uma Igreja universal. Diferentemente de Hainz está K. Schmidt, que considera que o ponto de partida da

³⁵⁹ BACARJI, A. D. *Eclesiologia católica*, 30.

³⁶⁰ GNILKA, J. *Teología del Nuevo Testamento*, p. 115-116.

³⁶¹ GNILKA, J. *Teología del Nuevo Testamento*, p. 115.

³⁶² GNILKA, J. *Teología del Nuevo Testamento*, p. 116.

³⁶³ GNILKA, J. *Teología del Nuevo Testamento*, p. 116.

concepção eclesiológica de Paulo está justamente no caráter universal da Igreja, que se realiza em cada comunidade local.³⁶⁴

Contudo, parece-nos que no emprego da expressão “povo de Deus” se percebe uma tendência à ideia da concepção de unidade. O próprio fato das igrejas locais se reunirem já pode ser entendido como uma evidência da manifestação do povo de Deus.³⁶⁵

Quando Paulo se dirige à igreja de Corinto ele a denomina de “povo de Deus”, demonstrando uma consciência de unidade, presente na reunião de cristãos de uma localidade específica (1Co 11,18; 11,22; 1,2; e 1,1.2).

Paralelamente à ideia de unidade, a comunidade de discípulos de Jesus do Novo Testamento assumiu para si o papel de novo povo de Deus, que até então era reclamado pela nação de Israel.³⁶⁶

O próprio Jesus anunciou à Igreja títulos de honra, como “sal da terra”, “cidade sobre o monte” e “luz do mundo” (Mt 5,13-16). Tais metáforas denotavam a que posição preferencial rida por Israel até o momento estava sendo transferida para a Igreja.³⁶⁷

Os discípulos de Jesus passam a ser considerados por Ele como “condimento” para a vida no mundo e poder iluminador para todas as pessoas. Assim, a Igreja formada pelos seguidores de Cristo passa ter sobre si a responsabilidade de realizar boas ações capazes de representar o “novo Israel de Deus” ou o “verdadeiro Israel de Deus”.³⁶⁸

O evangelista Mateus explica, citando um dos diálogos de Jesus, a respeito da do momento histórico em que o Reinado de Deus seria transferido de Israel para a comunidade de discípulos e aponta também o motivo: a negação dos dirigentes judeus do reconhecimento do “Filho amado de Deus” como o último dos profetas enviados (Mt 21,43).

3.2.7

A Igreja é templo do Espírito

A expressão teológica “templo do Espírito” também é uma das mais utilizadas dentro da teologia paulina. A concepção de Igreja que Paulo transmitiu às

³⁶⁴ GNILKA, J. Teología del Nuevo Testamento, p. 116-117.

³⁶⁵ GNILKA, J. Teología del Nuevo Testamento, p. 117.

³⁶⁶ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 109.

³⁶⁷ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 109.

³⁶⁸ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 109.

muitas das comunidades pelas quais passou estava relacionada a ideia de que cada cristão era habitação do Espírito Santo (1Co 6,19-20).

Para Paulo, o cristão é o templo do Espírito e habitação do Senhor, significando que cada Deus habita em cada crente. Na antiga aliança, o templo era o local onde o nome de Deus habitava e onde a sua presença se manifestava (1Rs 8,10-11). Já na nova aliança a presença divina está em seu próprio povo, pois Deus enche o crente com o Espírito Santo, tornando aquele que o recebe templo e local de sua habitação.

Assim, Deus habita em sua própria Igreja, já que cada crente é um santuário divino. Em sua primeira carta escrita aos cristãos de Corinto, Paulo aponta para o povo de Deus em sua coletividade, unidade e como sendo o santuário de Deus (1Co. 3,16). Na concepção paulina a Igreja é o único templo em que Deus habita, e por tal motivo ela é santa, haja vista que o próprio Espírito Santo está dentro dela.

3.3

As igrejas locais do Novo Testamento

Embora a existência da Igreja seja anterior aos escritos neotestamentários,³⁶⁹ é através do estudo do Novo Testamento que podemos extrair importantes informações a respeito das diversas igrejas locais do período apostólico.³⁷⁰

A eclesiologia neotestamentária é ampla e diversificada. Além disso, em muitos aspectos ela não possui uma visão única, fechada, explícita, acabada e clara.³⁷¹ A diversidade nela existente produziu variadas ênfases eclesiológicas: a dos evangelhos sinóticos, a dos Atos dos Apóstolos, a dos escritos paulinos, a dos textos joaninos, a das cartas católicas, a da carta aos Hebreus e a das igrejas do Apocalipse.

A finalidade da atual seção é apresentar um panorama amplo do conjunto de igrejas que se apresentam nos escritos do Novo Testamento, destacando as suas características mais marcantes.

³⁶⁹ O'DONNEL, C.; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 360-361.

³⁷⁰ SCHLIER, E. Eclesiología del Nuevo Testamento, p. 107-229.

RAHNER, K. Teología del Nuevo Testamento, 33-54.

MORGAN, R. Comunión de Iglesias em el Nuevo Testamento, p. 47-60.

DE LORENZI, L. Iglesia, p. 785-806.

³⁷¹ BACARJI, A. D. Eclesiologia católica, 29.

Vale salientar que quando falamos sobre as igrejas do Novo Testamento não estamos nos limitando às comunidades cristãs que existiram durante o tempo em que viveram os principais apóstolos, tendo em vista que os mais conhecidos deles, como Pedro, Paulo e Tiago (irmão do Senhor) morreram em meados dos anos 60 da nossa era.³⁷²

A maior parte das comunidades cristãs para as quais se dirigiram os escritos neotestamentários eram igrejas locais que já não eram mais dirigidas pelos apóstolos, visto que todos – ou pelo menos a maioria – já havia morrido.³⁷³

3.3.1

A eclesiologia do evangelista Marcos

Nos evangelhos sinóticos é possível perceber o desejo de Jesus de congregar as ovelhas dispersas de Israel (Mt 9,36) e sua intenção em fazer com que os seus discípulos – o termo apóstolos ainda não era utilizado na época – fossem enviados como representantes do povo escatológico das doze tribos.³⁷⁴

Inicialmente a congregação de discípulos se concentrou em torno de Jesus, pois Ele era o novo centro para onde o Povo de Deus seria congregado.³⁷⁵ No entanto, Israel acabou não aceitando e a fé entre os pagãos começou a ser estabelecida - conforme o relato dos evangelistas Marcos e Mateus (Mc 7,24-30 e Mt 8,5-13) - o que trouxe o prenúncio de uma Igreja escatológica e universal (Mt 8,11).

Marcos é o primeiro dos evangelhos sinóticos a ser escrito, e é bem possível que ele tenha servido de base para a construção e elaboração dos demais. A sua eclesiologia é mais implícita e direta, derivada da cristologia.³⁷⁶

A eclesiologia marciana descreve as atividades de Jesus, especialmente a sua proclamação e ensino.³⁷⁷ As reflexões eclesiológicas de Marcos evidenciam o significado salvífico da vida e obra de Jesus, bem como suas palavras e obras. Ele vincula o envio de Cristo à sua luta contra o espírito mal, o que é perceptível na descrição das curas e exorcismos, cuja descrição também permite a descoberta da identidade do Messias (Mc 15,39 e 9,7), chamada de segredo messiânico.³⁷⁸

³⁷² BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 6.

³⁷³ BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 6.

³⁷⁴ BACARJI, A. D. Eclesiologia católica, 30.

³⁷⁵ KASPER, W, A Igreja Católica, p. 128.

³⁷⁶ ESTRADA. Para compreender como surgiu a Igreja, p. 85.

³⁷⁷ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 31-39.

³⁷⁸ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 79-88.

Um fator importante sublinhado por Marcos é a incompreensão dos discípulos e a rejeição do povo, o que pode dar a ideia de que a missão de Jesus foi um fracasso histórico.³⁷⁹

A importância que Marcos dá aos milagres de Jesus é uma manifestação da autoridade de sua missão, contrastando com a ânsia de prodígios e a incompreensão de seus adversários (Mc 1,37-38; 3,6; 3,22-20; 5,17; 6,1-16; 8,11-12; e 8,14-21).

O evangelista também valoriza descrição de uma perspectiva da ressurreição, insistindo na cruz e no significado expiatório da morte de Cristo (Mc 10,45; 14,21-14; e 15,34-37).

Na cristologia marciana é notável a utilização de títulos honoríficos³⁸⁰ como “Filho do Homem” (Mc 2,10; 2,28; 8,31; 9,31; 10,33; e 10,45) e “Filho de Deus”, além de manifestar outras designações de dignidade a Jesus,³⁸¹ embora não haja nenhuma cristologia triunfal por conta da ressurreição, já que esta, para Marcos, está vinculada à paixão de Jesus (Mc 14,62; 16,7; e Mc 14,28).

Outro aspecto que Marcos destaca é a identidade da comunidade em relação ao Reino de Deus, que é explicado por J. Estrada:

A identidade da comunidade depende de sua ligação com o Reino: Jesus os constitui como missionários no Reino de Deus, do qual devem dar testemunho (Mc 4,10-34 par.: em comparação com os de fora, eles são os que conhecem os segredos do Reino, embora não o compreendam). Por isso, há um ensinamento de Jesus aos discípulos, em separado da multidão (M 4,34.36-41; 5,37.40; 6,6-13.31-33.45-52; 7,17-23; 8,1-10.14-21.27-35; 9,1-13.28; 10,10-23; 11,12-14.21; 12,43; 13,1-4), o qual se concentra nas passagens contidas em Mc 8,27-10,52 (...).³⁸²

A concepção de Marcos é a de que a comunidade cristã é um germe do Reino de Deus,³⁸³ enquanto a multidão – trinta e oito vezes citada em seu evangelho – serve de destinatário para a missão divina e encontra-se em contraste com a missão dos discípulos.³⁸⁴

³⁷⁹ ESTRADA. Para compreender como surgiu a Igreja, p. 85.

³⁸⁰ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 59.

³⁸¹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 59-79.

³⁸² ESTRADA. Para compreender como surgiu a Igreja, p. 87.

³⁸³ LOHFINK, G. Die Korrelation von Reich Gottes und Volk Gottes bei Jesus, p. 173-183.

SCHWEIZER, A. The Kingdom of God and Primitive Christianity, p. 68-130.

³⁸⁴ ESTRADA. Para compreender como surgiu a Igreja, p. 87.

3.3.2

A eclesiologia do evangelista Lucas

A eclesiologia lucana está presente em suas duas obras: o Evangelho de Lucas e os Atos dos Apóstolos. Em seus dois escritos é possível perceber a mesma visão, o que faz de seus textos coerentes um para com o outro. Eles não se contradizem em relação aos assuntos eclesiológicos.³⁸⁵

As duas obras de Lucas foram escritas nos anos oitenta da nossa era, possivelmente na mesma época em que Mateus escreveu o seu evangelho. A eclesiologia lucana foi, desde os primórdios da Igreja, importante fonte de inspiração para diferentes grupos cristãos.³⁸⁶

Lucas apresenta várias fases do desenvolvimento eclesial: o Antigo Testamento; o ministério de João Batista; a comunidade dos discípulos formada ao redor de Jesus durante o seu ministério público; as aparições do Senhor ressuscitado; o Pentecostes; os sinais e prodígios realizados pelos apóstolos; a proclamação da palavra com intrepidez e ousadia; e a admissão dos pagãos na Igreja.³⁸⁷

Lucas é o primeiro escritor cristão a narrar uma espécie de “história da salvação” seguindo certa ordem (...).

O evangelho de Lucas é o “evangelho da alegria”. Ao longo de suas páginas somos convidados a acolher Jesus com prazer. Não devemos sair ao seu encontro com medo, preocupação ou receio, mas com alegria e confiança (...).

Lucas insiste em que Jesus é o “hoje da salvação”. Em Cristo, Deus nos está oferecendo sua salvação hoje, agora mesmo, sempre (...).

Esta salvação que Lucas anuncia é fruto da *misericórdia de Deus*. Em Jesus se nos revela a bondade, o perdão e a graça de Deus.³⁸⁸

A Igreja descrita por Lucas anuncia o evangelho de Jesus Cristo e se permite ser dirigida pelo Espírito Santo de Deus. É uma comunidade de cristãos que consegue suportar as perseguições inerentes ao seu tempo e superar os desafios que lhe foram impostos.³⁸⁹

(...) a salvação de Deus nos chega pela força do Espírito. Jesus é o “portador do Espírito de Deus”. Nele se torna presente no mundo o Espírito Santo, doador de vida. O Batista está “cheio do Espírito Santo já desde o seio de sua mãe” (1,15). Mas Jesus é inclusive concebido da Virgem Maria por esse Espírito Santo. Assim anuncia-se a Maria: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que há de nascer será santo e será chamado

³⁸⁵ BROWN, R. E. Las Iglesias que los apóstoles nos dejaron, p. 83-100.

ANTÓN, A. La imagen lucana de la Ekklesia, p. 420-475.

RASCO, E. *Jesús y el Espíritu, Iglesia e Historia*, p. 321-367.

TURRADO, L. T. *La Iglesia de Dios em los Echos de los Apóstoles*, p. 101-163.

³⁸⁶ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 365.

³⁸⁷ O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. *Diccionario de eclesiología*, p. 365.

³⁸⁸ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus*, p. 13-14.

³⁸⁹ O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. *Diccionario de eclesiología*, p. 365.

Filho de Deus” (1,35). O salvador do mundo não aparece na história humana como fruto do amor de dois esposos que se amam mutuamente, mas como fruto do amor que Deus tem por nós. Este Espírito é aquele que “desce sobre Ele” enquanto está em oração depois do batismo (3,22).³⁹⁰

A visão lucana apresenta Cristo como o enviado de Deus que atua no poder do Espírito Santo, anunciando o evangelho da graça. Para Lucas, Jesus é o Salvador, o Messias e o Senhor que foi apresentado a judeus e gregos. Ele aponta que Jesus exaltou a Deus através da sua morte e ressurreição, apresentou-se como guia para a salvação e prometeu que retornar a fim de completar definitivamente a obra outrora iniciada.³⁹¹

Além de toda a descrição positiva a respeito de Cristo, a eclesiologia lucana ainda aponta alguns traços individuais de Jesus que foram fonte de inspiração para a igreja, tais como a sua humanidade, a atenção aos pobres e miseráveis, a dedicação às mulheres e o seu relacionamento com o Pai através da prática da oração.³⁹²

As comunidades lucanas não foram perfeitas, mas tiveram a capacidade de contornar diversas situações desafiadoras, como o problema dos helenistas (At 6), as questões identitárias do judaísmo, o ingresso dos pagãos na comunidade cristã, o avanço missionário em Antioquia da Síria e a relação entre a Torá e a liberdade cristã (que culminou no concílio de Jerusalém). Face a todos os desafios enfrentados pela Igreja que descreveu, Lucas necessitou desenvolver em seus escritos um tom conciliador, especialmente quando discorreu a respeito das tratativas relacionais entre os cristãos judaizantes e os helenistas.³⁹³

No que tange às questões estruturais de liderança, Lucas descreve com certos detalhes a atuação de Pedro, de Tiago, dos Doze apóstolos, dos Sete que foram eleitos juntamente com Estêvão, bem como as ações ministeriais de Paulo e de Barnabé (At 14,23).

3.3.3

A eclesiologia do evangelista Mateus

Os indícios são de que o evangelho de Mateus tenha sido escrito cerca de dez anos após o de Marcos, e acredita-se que ele tenha se utilizado das

³⁹⁰ PAGOLA, J. A. O caminho aberto por Jesus, p. 16.

³⁹¹ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 147-195.

³⁹² SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 196-234.

³⁹³ O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 365.

informações deste último como uma de suas fontes principais, embora é bem provável que também tenha tido acesso à fonte Q e outros materiais próprios.³⁹⁴

Seus destinatários foram pessoas da comunidade judaico-cristã que estava estabelecida na cidade de Antioquia da Síria.³⁹⁵ Mateus mesclou suas fontes de informação para expor a respeito de coisas novas e antigas (Mt 13,52), numa tentativa de conservar odres velhos e novos (Mt 9,17).

A eclesiologia mateana destaca a existência de três pontos importantes sobre a história da salvação: o Antigo Testamento; o tempo de ministério de Jesus; e a missão universal da Igreja (Mt 21,43).

A história de Jesus narrada por Mateus apresenta-se de maneira mais ampla se comparada à narrativa marciana. O horizonte judeo-cristão e gentio-cristão é bastante enfatizado, e a Igreja é tida como o espaço para a ação continuada de Cristo.³⁹⁶

Ao tecer a imagem de Jesus ele destaca os seus predicados cristológicos e o aponta como o cumpridor das profecias e promessas do Antigo Testamento. A eclesiologia mateana descreve Cristo como o enviado de Deus que cobra uma justiça nova e maior.³⁹⁷

Outro tema de grande interesse de Mateus é a importância do papel da Torá para a comunidade cristã. Ele consegue estabelecer umnexo entre Cristo, a Igreja e as questões de cunho moral.³⁹⁸

Mateus toma o cuidado de fazer uma advertência aos cristãos no sentido de que eles entendessem que o ato de possuir carismas não faz com que uma pessoa seja automaticamente salva (Mt 7,21-23). Ele propõe a busca de um discernimento (Mt 7,15-20).

O Reino de Deus também é um ponto de destaque na eclesiologia mateana. Ele dá a devida atenção a temas como: a fraternidade entre todas as pessoas que possuem um mesmo Pai; o relato do ministério de Jesus; e a relevância do papel de Pedro na Igreja.³⁹⁹

Embora tenha falado a respeito de Pedro, Mateus pouco fala a respeito do papel da liderança na comunidade cristã. No entanto, ele não esquece de advertir

³⁹⁴ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 364.

³⁹⁵ ANTÓN, A. *La Iglesia de Cristo*, p. 309-419.

MARCONCINI, B. *Los sinópticos*, p. 101-104.

FUSCO, V. *Mateo*, p. 1149-1157.

RAMIREZ, J. M. C. *Iglesia y Pueblo de Dios em el evangelio de san Mateo*, p. 19-99.

³⁹⁶ SCHNACKENBURG, R. *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*, p. 89-110.

³⁹⁷ SCHNACKENBURG, R. *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*, p. 111-146.

³⁹⁸ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 364.

³⁹⁹ PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología*, p. 364.

a respeito da possibilidade e da pretensão de se imitar aos escribas e fariseus (Mt 23,1-12).

3.3.4

A igreja da cidade de Jerusalém

A descrição da igreja de Jerusalém registrada no segundo capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47) é uma espécie de idealização do sonho⁴⁰⁰ que deveria ser vivido por todas as comunidades cristãs.⁴⁰¹

Para J. Comblin, o livro dos Atos dos Apóstolos apresenta um retrato idealizado dos traços mais essenciais da comunidade primitiva em Jerusalém.⁴⁰² G. Hackmann entende que ele narra a ação do Espírito Santo no início da vida da Igreja,⁴⁰³ mas que ainda assim o referido texto lucano não deve ser interpretado literalmente porque não representa exatamente à toda realidade histórica.⁴⁰⁴

De maneira similar à G. Hackmann pensa U. Wegner, que afirma ter o livro dos Atos dos Apóstolos uma semelhança literária de gênero muito parecida com as descritas nos evangelhos, apresentando semelhanças de narrativas anteriormente já realizadas por pessoas famosas como Aquiles e Alexandre, o Grande. Ainda assim, ele assinala que o texto lucano traz muitas características únicas em reação aos escritos da época, especialmente no que se refere à singularidade de caráter testemunhal e de conclamação à fé cristã.⁴⁰⁵

D. Marguerat entende que Lucas descreve a primeira comunidade de Jerusalém como uma espécie de mito fundador. É como se ele entendesse que aquele momento histórico era a “idade de ouro” da cristandade, e por tal motivo o seu relato é um retrato favorecido da comunidade local,⁴⁰⁶ especialmente no que tange à unanimidade dos irmãos (At 2.46; 4.32; e 5.12), à prática da comunhão de bens (At 2.44 e At 4.32.37) e à progressão numérica (At 2.41; 4.4; 5.14; e 6.7) dos cristãos da cidade.⁴⁰⁷

⁴⁰⁰ COMBLIN, J. Atos dos Apóstolos, p. 22.

⁴⁰¹ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 285.

⁴⁰² COMBLIN, J. Atos dos Apóstolos, p. 22.

⁴⁰³ HACKMANN, G. L. B. A Igreja nos Atos dos Apóstolos, p. 427.
STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 86-93.

⁴⁰⁴ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 285.

⁴⁰⁵ WEGNER, U. Exegese do Novo Testamento, p. 182.

⁴⁰⁶ MARGUERAT, D. Os Atos dos Apóstolos, p. 156-157.

⁴⁰⁷ MARGUERAT, D. Os Atos dos Apóstolos, p. 156-157.

Segundo Brown et al,⁴⁰⁸ “o seu retrato da primeira comunidade como um grupo que persevera em todas essas normas (*proskarterountes*) inicia o padrão de idealização que marca todos os resumos e atesta a distância do autor em relação a seu assunto”.

O autor R. Schnackenburg diz que a presença da mão modeladora de Lucas é facilmente percebida no texto de Atos dos Apóstolos. Para ele, a visão histórica e teológica lucana é muito mais enfática aqui do que no evangelho por ele escrito, o que é observável através da liberdade de movimento e de estruturação textual presente no segundo texto.⁴⁰⁹

Para G. Hackmann, o Lucas traz uma visão idealizada da vida comunitária da Igreja, expondo um relato teológico cheio de significados bastante pertinentes para a eclesiologia de nosso tempo, o que é muito importante para que possamos considerar alguns dos elementos paradigmáticos da identidade cristã presente nos primeiros tempos do cristianismo.⁴¹⁰

Assim, o conteúdo do segundo capítulo de Atos dos Apóstolos traz uma importante representação do movimento pós-pascal dos seguidores de Jesus,⁴¹¹ proporcionando a projeção de um sonho ou de um modelo comunitário a ser compartilhado pelas igrejas locais daquela época e que provavelmente foi vivido pelas principais comunidades cristãs que existiram entre os anos trinta a sessenta do primeiro século.⁴¹²

3.3.5

A igreja da cidade de Antioquia

A igreja de Antioquia da Síria – que teve Seleuco como seu fundador – foi reconhecida como uma igreja com forte ênfase missionária. É possível que a sua posição estratégica, bem como sua importância comercial, política e histórica tenham contribuído para que os irmãos da cidade desenvolvessem um espírito evangelístico.⁴¹³

Embora a cidade fosse um centro de complexa mitologia e de frouxidão de costumes, foi em Antioquia que os discípulos de Jesus foram chamados de

⁴⁰⁸ BROW, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. Novo comentário bíblico São Jerônimo, p. 333.

⁴⁰⁹ SCHNACKENBURG, R. Reino y reinado de Dios, p. 240.

⁴¹⁰ HACKMANN, G. L. B.. A Igreja nos Atos dos Apóstolos, p. 427.

STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 86-93.

⁴¹¹ HACKMANN, G. L. B.. A Igreja nos Atos dos Apóstolos, p. 427.

STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 86-93.

⁴¹² MOSCONI, L. Atos dos Apóstolos, p. 121.

⁴¹³ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 53.

cristãos pela primeira vez. O evangelho anunciado pela igreja através da nobre atuação de Barnabé elevou a moral da cidade tornou a comunidade cristã dali o principal centro do cristianismo.⁴¹⁴

A liberalidade no contribuir foi uma das marcas da igreja. Embora não fosse rica, a comunidade local era ativa e liberal do ponto de vista financeiro. O seu método de contribuição era bastante diferente do praticado em Jerusalém. Houve um momento em que os irmãos de Antioquia levantaram um recurso específico para prestar auxílio aos irmãos da igreja mãe.⁴¹⁵

A sua atividade missionária baseava-se em uma cadeia de três elos: evangelismo, liberalidade e missões. A capacidade de ouvir a voz do Espírito foi capaz de fazer com que a igreja separasse Paulo e Barnabé para o trabalho missionário.⁴¹⁶

A prática da sã doutrina era outro fator importante da vida da igreja. Para eles, o cristianismo não era um sistema e a sua conotação não era apenas espiritual, mas universal. Tal concepção permitia a união de judeus e gregos na obra cristã.⁴¹⁷

Com relação à sua forma de governo e estrutura hierárquica, a igreja de Antioquia era independente e congregacional. O seu plano de ação incluía o cuidado com as finanças eclesiais e o enfrentamento das múltiplas dificuldades com notável senso prático.⁴¹⁸

3.3.6

As igrejas paulinas

As igrejas paulinas têm posição de destaque dentro da eclesiologia neotestamentária.⁴¹⁹ A primeira e mais antiga obra de Paulo nos oferece informações preciosas a respeito da igreja de Tessalônica.⁴²⁰

⁴¹⁴ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 54-62.

⁴¹⁵ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 62-65.

⁴¹⁶ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 65-68.

⁴¹⁷ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 68-73.

⁴¹⁸ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 73-75.

⁴¹⁹ O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 360.

⁴²⁰ MEEKS, W. A. Os primeiros cristãos urbanos, p. 31-120.

ANTÓN, A. La Concepción paulina de la Ekklesia, p. 524-627.

FABRIS, R. Pablo: el apóstol de las gentes, p. 340.

ROSSANO, P. Pablo, p. 1351-1371.

GONZÁLEZ RUIZ, J. M. Sentido comunitário-eclesial de algunos substantivos abstractos em San Pablo, p. 289-322.

O referido apóstolo afirma que os tessalonicenses aceitaram a fé, a esperança e o amor (1Ts 1,2-3; 3,6-7; 2Ts 1,23; e 2Ts. 3,16). Ademais, viviam em santidade (1Ts 4,1-12 e 1Ts 5,14-18), davam bom testemunho (1Ts 1,8) e agiam com responsabilidade (1Ts. 5,12).

Ainda assim, não eram uma comunidade perfeita, já que tinham problemas relacionados aos carismas do Espírito Santo, motivo pelo qual foram exortados a buscarem mais discernimento e a aceitarem os dons autênticos (1Ts 5,19-20).

Paulo relata que os cristãos de Tessalônica – posteriormente Salônica⁴²¹ – sofreram perseguição (2Ts 1,4-7) e até mesmo oposição por parte dos judeus (1Ts 2,14; 1,6; e 3,2-4), mas mantiveram-se fiéis à tradição apostólica (2Ts 2,13-16; 2,3; e 6,13-14) e à proclamação do Senhor ressuscitado.⁴²²

A igreja local surgiu de um grande despertar religioso. Foi uma comunidade cristã que demonstrou intencionalidade na procura de pastores que pudessem dirigir os seus trabalhos. Havia entre os irmãos a notável triplicidade de graças.⁴²³

Apesar de ser reconhecida como uma comunidade esperançosa, a fraternidade e utilidade dos cristãos locais foi enfraquecida e prejudicada por pessoas que demonstraram certa ociosidade espiritual. Era uma igreja que cria firmemente na segunda vinda do Senhor e chegou a acreditar erroneamente que Jesus voltaria no tempo deles.⁴²⁴

Já a igreja de Corinto era composta em sua maioria por gentios convertidos ao cristianismo, sendo que é bem provável que a maioria deles fosse proveniente de classes sociais mais baixas (1Co 1,26-28). Era uma comunidade cristã ricamente dotada de dons carismáticos (1Co 1,4-7). Foi responsável pela coleta de recursos para os irmãos de Jerusalém, manifestando o valor de suas obras de caridade.⁴²⁵

O trabalho cristão em Corinto – cidade que era considerada um grande centro comercial e uma das três mais importantes da Grécia, atrás apenas de Atenas e Esparta – começou em meio a muitas lutas e desafios. Mesmo assim, o socorro divino acolheu os irmãos locais e em dois anos um grande grupo de cristãos foi capaz de estabelecer ali uma grande igreja.⁴²⁶

⁴²¹ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 166.

⁴²² O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Dicionario de eclesiologia, p. 362.

⁴²³ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 166-175.

⁴²⁴ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 175-186.

⁴²⁵ O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Dicionario de eclesiologia, p. 362.

⁴²⁶ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 187-197.

Com o tempo, a igreja de Corinto acabou se tornando bastante problemática, apesar de ter em seu grupo de irmãos importantes cristãos citados no Novo Testamento, como Áquila e Priscila. Embora estivesse fundamentada em Cristo, suas condições internas tornaram-se deploráveis, haja vista a ocorrência de divisões por causa de pregadores e de desordens de ordem moral e religiosa. Além disso, o uso e o abuso dos dons do Espírito foram verificados na comunidade.⁴²⁷

Apesar de não ter sido uma igreja modelar e exemplar, Paulo louvou a prontidão dos irmãos que aceitaram os seus conselhos e elogiou a cooperação da comunidade que em diferentes ocasiões promoveu a benevolência.⁴²⁸

Com relação às igrejas da região da Galácia e da cidade de Roma, podemos dizer que possuíam uma similaridade em relação a alguns importantes temas da eclesiologia. Paulo se preocupou em escrever orientações similares às duas igrejas, incentivando-as a reconhecerem: a igualdade de todos os que se batizavam (Gl 3,29 e Rm 8,14-17); a importância dos carismas (Rm 12,6-8); a tradição transmitida oralmente (Gl 1,8; 1,11; e Rm. 1,1-5); o reconhecimento da crucificação e da ressurreição de Cristo (Gl 2,19-20 e Rm 6,1-11); e a obediência às autoridades civis (Rm 13,1-7).

No que diz respeito à estrutura hierárquica, não há indícios de que, tanto as igrejas da Galácia como a igreja de Roma, apresentassem uma hierarquia,⁴²⁹ embora seja justamente na carta aos romanos em que Paulo se denomina como apóstolo (Rm 1,1), título que ele também aplica a Andrônico e Júnias (Rm 16,7).

Em relação à história da fundação da igreja em Roma, esta é bastante obscura. Sabemos que a capital do império romano era a cidade mais interessante do mundo da época e uma referência comercial, arquitetônica, política e religiosa. No entanto, quanto à comunidade cristã ali estabelecida, temos poucas informações sobre os seus primeiros passos.⁴³⁰

É perceptível contudo que, pelo menos em relação à igreja de Roma, a participação das mulheres nas atividades eclesiais fosse algo comum à época, já que Paulo cita o exemplo de Júnias e de Febe. É bem provável que esta última exercesse a função de diaconisa (Rm 16,1).

O que sabemos é que a celebre igreja de Roma era composta de membros de diversas nacionalidades e que parte deles tinha uma boa educação e

⁴²⁷ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 197-207.

⁴²⁸ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 207-213.

⁴²⁹ O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 363.

⁴³⁰ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 214-222.

considerável posição social,⁴³¹ visto que existiam membros da “casa de César” que costumeiramente frequentavam as reuniões eclesiais.⁴³²

A comunidade cristã era forte na doutrina e desenvolvia uma fé notória. Ao escrever à igreja Paulo fala de temas teológicos como justificação e santificação, o que nos dá a ideia de que os cristãos dali tinham condições de compreender o que o apóstolo mencionava.⁴³³

Ademais, foi uma igreja que enfrentou heroicamente grandes perseguições, especialmente a que foi promovida pelo imperador Nero. O heroísmo e a abnegação dos discípulos de Jesus que residiam em Roma foram louváveis, especialmente porque as dificuldades não os impediram de divulgar o evangelho.⁴³⁴

Já as igrejas da região da Galácia tinham uma certa inconstância no que tange à natureza humana. Apesar de terem começado muito bem, os gálatas vivenciaram um declínio espiritual por conta da influência que sofreram dos judaizantes. Paulo preocupou-se com a volubilidade dos irmãos da região e advertiu-os a respeito de diferentes assuntos.⁴³⁵

A inconstância da natureza humana se deu por conta dos aplausos aos jogadores, nos fatos políticos e na persistência e astúcia dos falsos doutrinadores que tentavam destruir os alicerces que haviam sido fincados por irmãos que os antecederam. Paulo tratou-os com severidade e insistiu na tentativa de orientá-los à luz da verdade.⁴³⁶

No que concerne à igreja de Filipos, diferentemente de Roma, já havia alguns sinais de uma estrutura eclesial, pois Paulo escreve uma carta aos filipenses dirigindo-a aos santos, bispos e diáconos locais (Fl 1,1). No mesmo escrito o apóstolo exorta os cristãos da comunidade a aprofundarem a comunhão e a desenvolverem a alegria.⁴³⁷

Habitantes de uma cidade histórica que já havia recebido em suas ruas homens de grande importância como “Filipe da Macedônia” – de quem recebeu o nome -, “Alexandre, o Grande”, e o filósofo “Aristóteles,” os cristãos de Filipos tinham um certo conhecimento do relacionamento próximo que os líderes de sua

⁴³¹ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 222-230.

⁴³² MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. I, p. 65.

⁴³³ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 222-230.

⁴³⁴ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 230-241.

⁴³⁵ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 76-88.

⁴³⁶ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 89-95.

⁴³⁷ O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 363.

DI MARCO, A. Koinonia-communio, p. 376-403.

MEARNS, C. L. The identity of Paul's Opponents at Philippi, p. 194.204.

cidade tinham com o governo romano, especialmente pelo fato de a cidade ser uma colônia de Roma.⁴³⁸

A comunidade cristã de Filipos demonstrou valorizar a importância da mulher na igreja, a regozijar-se sempre no Senhor e a triunfar sobre a oposição, enfrentando os seus inimigos. Os irmãos demonstraram uma certa dose de liberalidade pecuniária, auxiliando os pobres, levantando ofertas voluntárias e insistindo em realizar contribuições contínuas. Dedicaram-se ao Senhor e aos trabalhos missionários.⁴³⁹

Por sua vez, podemos dizer em relação à comunidade cristã de Éfeso, que a igreja da cidade apresentava aspectos eclesiológicos bastante profundos.⁴⁴⁰ Ela concordava com a ideia da existência de uma Igreja universal ou cósmica que representava o corpo de Cristo (Ef 1,22-23 e Ef. 5,32). Recebeu a orientação paulina de que os dons carismáticos (Ef 4-6) e os ofícios são outorgados para a edificação da Igreja, e não para a edificação individual (Ef 4,11-12).

A igreja de Éfeso foi reconhecida como uma comunidade cristã eficiente e que apresentou sua importância em uma cidade conhecida por seus monumentos, seu grande teatro e o famoso templo de Diana. A comunidade cristã local professou publicamente a fé em Cristo por meio de palavras e pelo rito batismal. Foi revestida pelo Espírito Santo e teve seu púlpito ocupado por uma pessoa reconhecidamente idônea.⁴⁴¹

Era uma igreja completamente capaz de exercer a disciplina interna. Foi uma comunidade missionária, honrada com o dom de milagres. Além disso, desmascarou e derrubou uma falsa religião. Teve a iniciativa de procurar os que se desviavam da comunidade cristã e obteve êxito em apresentar a salvação os pecadores.⁴⁴²

Já a igreja local de Colossos foi uma comunidade cristã que se deixou influenciar por heresias judaicas e gnósticas. Mesmo habitando em uma cidade pequena - embora de notável importância para o seu tempo - e de terem em seu grupo pessoas como Filemon e Epafros – pastor evangelista probo e piedoso -, os irmãos colossenses receberam do apóstolo Paulo relevante exortação.⁴⁴³

Os cristãos colossenses foram capazes de praticar o ascetismo religioso e observaram de maneira demasiada as cerimônias judaicas. Além disso,

⁴³⁸ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 143-158.

⁴³⁹ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 159-165.

⁴⁴⁰ O'DONNELL; PIÉ-NINOT, S. Diccionario de eclesiologia, p. 365.

⁴⁴¹ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 96-111.

⁴⁴² McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 111-122.

⁴⁴³ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 123-128.

pretendiam uma clarividência espiritual. Os efeitos das práticas de suas doutrinas desencadearam o monarquismo e o antinomianismo dentro da comunidade.⁴⁴⁴

Em referência aos aspectos sociais e econômicos, boa parte dos guias espirituais da igreja pertenciam às classes mais abastadas. Os cristãos da cidade foram desafiados não somente deixarem de aceitar as suas práticas liberais a retornarem ao cristianismo prático, mas também a resolverem de modo justo os problemas sociais, políticos e financeiros, numa tentativa de demonstração do poder salvador do evangelho.⁴⁴⁵

3.3.7

As igrejas petrinas

A eclesiologia das igrejas petrinas traz concepções teológicas bastante interessantes. É nos escritos de Pedro que o conceito de pedra fundamental é estabelecido, e é também aqui que a Igreja é chamada de povo escolhido, sacerdócio real, nação santa e povo de Deus. O povo ao qual o apóstolo se refere também inclui os cristãos originários do judaísmo.⁴⁴⁶

A imagem da “casa de Deus” (1Pd 4,17) tem a conotação de uma “comunidade doméstica”⁴⁴⁷ e a utilização da expressão “rebanho de Deus” (1Pd 5,2) se manifesta especialmente para referir-se à igreja local.⁴⁴⁸

Os crentes são vistos como “peregrinos” e “estrangeiros” no mundo atual, e são considerados cidadãos santos, habitantes dos céus e familiares de Deus (1Pd 2,19). O apóstolo Pedro trata os cristãos como “estrangeiros eleitos na dispersão do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1Pd 1,1).

A dispersão nas comunidades petrinas possui um sentido espiritual, embora também traga a ideia de que o novo povo de Deus está disperso entre os gentios (1Pd 2,12). A concepção é a de que os cristãos devem caminhar no mundo como peregrinos e estrangeiros, temendo a Deus e abstendo-se dos desejos carnis (1Pd 2,11).

A Igreja é tida como a nova geração de Deus (1Pd 3,23) e que anseia por uma esperança viva, incorruptível e incontaminada nos céus (1Pd 1,3). Pedro

⁴⁴⁴ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 128-133.

⁴⁴⁵ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 133-142.

⁴⁴⁶ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 104-106.

⁴⁴⁷ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 106.

⁴⁴⁸ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 107.

entende que as diversas provas e sofrimentos (1Pd 1,6; 2,20; 3,14-17; e 4.12-19) são manifestações escatológicas inerentes à Igreja.⁴⁴⁹

3.3.8

As igrejas joaninas

Uma das heranças do discípulo amado João está presente nas comunidades para as quais ele escreveu o seu evangelho e as suas epístolas pastorais. A ênfase das igrejas joaninas está no desenvolvimento de uma comunidade de discípulos guiados pelo Espírito (Paráclito).⁴⁵⁰

A eclesiologia joanina também valoriza alguns títulos enfaticamente cristológicos dados a Jesus, tais como o de “Pai” (Jo 10,30), o de “Deus” (Jo 20,28), o de “Messias”, o de “Filho de Deus”, o de “Rei” e o de “Filho do Homem”, notadamente mais utilizados por ele do que por outros escritores do Novo Testamento.⁴⁵¹

Outro aspecto bastante relevante nas comunidades do discípulo amado é a presença de samaritanos convertidos (Jo 8,48; 4,39-42) e a mistura de judeus cristãos com helenistas.⁴⁵² Aliás, a aceitação de não judeus por parte de João já é notada em seu evangelho, especialmente quando ele enfatiza a conversão de originários de Samaria e a perda da importância e do significado do Templo de Jerusalém (Jo 4).

Na origem da comunidade joanina, os discípulos de João Batista (1,35-51) constituem um dos principais seguidores de Jesus até (4,4-42), quando um grande grupo posterior de samaritanos se convertem. Este grupo posterior não foi convertido pelo primeiro (4,38), e seu conceito de Jesus (4,42) difere das expectativas gerais do Antigo Testamento mencionadas no cap. 1. O fato de Jesus reconciliar seus discípulos do cap.1 com os convertidos samaritanos do cap. 4 (4,35-38) demonstra uma aceitação dos samaritanos pelo primeiro grupo, e atraiu para a comunidade joanina uma grande suspeita e hostilidade da parte dos chefes das sinagogas (8,48) 75. O fato dos samaritanos serem convertidos por Jesus e não pelos seus discípulos, e o fato dele afirmar sua identidade judaica (4,22), e ao mesmo tempo rejeitar o princípio teológico samaritano de Deus ser adorado em Garizim, e nem em Jerusalém (4,21). Pressupõe que esse grupo posterior era formado por judeus com opinião contrária ao Templo, que converteram samaritanos e assimilaram deles alguns elementos teológicos, inclusive uma cristologia não centralizada no Messias Davídico.⁴⁵³

A mistura de judeus cristãos com helenistas pode ter apressado iniciativas inovadoras na cristologia joanina, embora também tenha feito parecer com que as

⁴⁴⁹ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 108.

⁴⁵⁰ BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 128.

⁴⁵¹ BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 128.

⁴⁵² BROWN, R.E. As igrejas dos apóstolos, p. 129.

⁴⁵³ NASCIMENTO, A compreensão da comunidade joanina em Raymond Brown, p. 11.

suas comunidades fossem vistas como perturbadoras, principalmente aos olhos dos judeus que não acreditavam em Jesus.⁴⁵⁴

A entrada deste grupo posterior: judeus contrários ao Templo e seus samaritanos convertidos, serviram como um catalisador para uma cristologia mais elevada (4,4-42) diferente daquela cristologia articulada pelos primeiros seguidores de Jesus (1,35-51). Isto implica dizer que esse novo grupo trouxe consigo categorias para interpretar Jesus, as quais lançaram a comunidade joanina numa teologia de descida de cima e de preexistência (1,1-14; 3,13; 5,37; 8,12; 9,5; 10,30; 14,9)78. Para os judeus os cristãos joaninos estavam proclamando um segundo Deus, e violando o princípio de sua identidade israelita (Dt 6,4), essa insistência numa alta cristologia, vai tornar as lutas com os judeus cada vez mais intensas. A luta com a sinagoga levou os cristãos joaninos a insistir que a entrada no reino, não se baseava na descendência humana, mas em ter sido gerado por Deus (3,3. 5) e que os que aceitassem Jesus seriam verdadeiros filhos de Deus (1,12).⁴⁵⁵

A divindade de Jesus como alguém que veio do céu⁴⁵⁶ é outro aspecto fundamental na tradição joanina. João já havia narrado ocasiões em que Jesus havia se envolvido em longas discussões com os judeus. Ele também já observara que a hostilidade dos judaizantes estava crescendo cada vez mais.⁴⁵⁷

Um outro aspecto a ser observado nas comunidades joaninas é o seu afastamento da sinagoga. O entendimento era o de que os discípulos de Jesus estavam distanciados dos discípulos de Moisés. Tal entendimento trouxe às igrejas de João uma perseguição por parte de líderes sinagogais.⁴⁵⁸

Os cristãos joaninos foram expulsos da sinagoga em razão de sua profissão de fé em Jesus (Jo 16,2), sendo inclusive condenados à morte, diretamente – pelas autoridades judaicas – ou indiretamente – através de denúncias feitas às autoridades romanas (Jo 15,20 e Jo 16,2-3).

Diante do tratamento que tiveram, os cristãos joaninos desenvolveram uma oratória mais amarga,⁴⁵⁹ tanto em relação aos seus perseguidores quanto aos judeus que criam em Jesus, mas que não o confessavam abertamente (Jo 12,42).

⁴⁵⁴ BROWN, R.E. A comunidade do discípulo amado. p. 15.

⁴⁵⁵ NASCIMENTO, A compreensão da comunidade joanina em Raymond Brown, p. 12.

⁴⁵⁶ BROWN, R. E. The Epistles of John, p. 521-523.

⁴⁵⁷ BROWN, R. E. As igrejas dos apóstolos, p. 130.

⁴⁵⁸ BROWN, R. E. As igrejas dos apóstolos, p. 130.

⁴⁵⁹ BROWN, R. E. As igrejas dos apóstolos, p. 131.

3.3.9

As igrejas asiáticas

As sete igrejas da Ásia, relatadas especialmente no livro canônico do Apocalipse (Ap 2-3), merecem posição de destaque dentre as comunidades cristãs que se estabeleceram no primeiro século da nossa era.

A igreja de Éfeso, já mencionada anteriormente no item “as igrejas paulinas”, ficou conhecida como uma comunidade arrefecida ou esfriada; a comunidade de Esmirna foi reconhecida como espiritualmente rica; Pérgamo foi leal e fiel; Tiatira teve uma utilidade crescente; Sardes foi apática e sonolenta; Filadélfia, apesar de pequena, fez uma grande obra; e Laodicéia foi literalmente reprovada.⁴⁶⁰

Apesar de terem demonstrado posturas diferentes em relação a diversos quesitos, as sete igrejas da Ásia apresentam características comuns: todas elas tinham um pastor; eram igrejas locais; cada uma delas era independente; tinham alguma coisa em comum com as demais; possuíam um legislador e executivo; e eram agências que se permitiam ser operadas por Cristo.⁴⁶¹

Eram igrejas contemporâneas no seu contexto e com uma diversidade tão distinta como qualquer comunidade cristã existente em nossos dias. No entanto, tinham um trabalho comum e foram constituídas e comissionadas para derramar luz no meio das trevas.⁴⁶²

Embora tenham tido suas falhas e faltas, as igrejas da Ásia operaram por Cristo e foram agentes do Reino de Deus no mundo. Foram simbolizadas por uma noiva e, ainda que tenham sido imperfeitas, foram instrumentos de Deus em seus contextos, sendo reconhecidamente tidas como comunidades militantes.⁴⁶³

3.3.10

Outras igrejas

Sem dúvida, muitas outras igrejas existiram nos tempos apostólicos e não foram mencionadas no Novo Testamento.⁴⁶⁴ Há evidências de que existia, por

⁴⁶⁰ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 242-243.

⁴⁶¹ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 243.

⁴⁶² McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 272-273.

⁴⁶³ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 273-274.

⁴⁶⁴ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 242.

exemplo, mais de uma igreja na Judéia (Gl 1,22). Também havia comunidades cristãs na Babilônia (1Pd 5,13), no Oriente, no Egito e em outras localidades.⁴⁶⁵

Não é objetivo da tese atual descrever todas as comunidades cristãs que existiram no período pesquisado. No entanto, destinamos a seção atual para discurrir a respeito de algumas em que observamos aspectos relevantes.

A carta canônica destinada aos Hebreus denota uma eclesiologia pertinente às igrejas hebraicas. Nelas percebe-se o pensamento de um “povo de Deus em marcha” (Hb 1,6; 2,20; 3,14-17; 4,12-19; 2,5-18). O autor se utiliza de imagens tipológicas que apresentam uma Igreja em peregrinação.⁴⁶⁶

Outro aspecto importante é a apresentação de Jesus como o Filho de Deus que conduz muitos filhos e muitos irmãos até a glória (Hb; 2,5-18). A Igreja de Deus é vista como a “casa” de Deus escatológica, onde o Sumo sacerdote se ofereceu, através do derramamento de seu sangue (Hb 9,11-28), em sacrifício definitivo (Hb 7-10), proporcionando redenção e santificação.

Teologicamente, o Filho é colocado acima dos anjos em uma posição de domínio cósmico (Hb 1,3-14), convidando (Hb 1,2; 1,14; 2,10; 9,15) a todos aqueles que estão unidos em torno de si a formarem o povo de Deus escatológico (Hb 4,9 e Hb 13,12). Assim, Jesus é o verdadeiro “mediador” e conclui uma nova e definitiva aliança de salvação (Hb 12,22 e Hb 8,8-12), haja vista que as promessas escatológicas fundamentais (Hb 8,6) se cumprem através da voz de Deus (Hb 3,15).

A Igreja é uma comunidade redimida e santificada, pertencente ao reino dos céus, e que peregrina e persevera (Hb 3,16; 3,14; 10,23) em sua luta contra as paixões do mundo (Hb 10.32-36). Ademais, as igrejas dos hebreus foram exortadas a vigiar a santidade de seus membros e a evitar a raiz de amargura.

A concepção eclesiológica dos cristãos hebreus foi bastante ampla, com muitas ideias e imagens que não eram comuns as demais igrejas neotestamentárias. Eles comumente utilizaram expressões como “povo de Deus”, “diáspora”, “peregrinação”, “casa de Deus”, “cidade futura” e “Jerusalém celeste.

Outra igreja que merece destaque nos escritos neotestamentários é a comunidade cristã existente na Beréia. Os cristãos bereanos se tornaram notáveis por terem recebido de bom grado a palavra de Deus e de demonstrarem a preocupação em examinar as Escrituras diariamente.⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 242.

⁴⁶⁶ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 108-109.

⁴⁶⁷ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 242.

Foram os cristãos bereanos que protegeram Paulo e formaram uma comissão para acompanhá-lo até a cidade de Atenas, na Grécia. Parece-nos que a dedicação deles em conservar a fé e a ordem da igreja foi tão grande que nunca foi necessário que algum apóstolo lhes escrevesse alguma carta de instrução ou advertência.⁴⁶⁸

3.4

As características marcantes das igrejas

A seguir elencaremos algumas das características presentes nas igrejas neotestamentárias. As comunidades cristãs do Novo Testamento compartilhavam entre si alguns elementos fundamentais e parte deles estão presentes nos três sumários eclesiais do livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47; 4,32-35; e 5,12-16), onde é perceptível aspectos como: a perseverança do ensino dos apóstolos, a comunhão fraterna, a fração do pão e o compartilhamento dos bens entre os cristãos.

Vale dizer que o texto dos Atos dos Apóstolos é um dos que mais contém elementos informativos sobre tal temática. No entanto, a leitura do referido livro deve ser feita com um discernimento crítico, capaz de produzir uma desmitologização de toda a idealização lucana a respeito da eclesiologia por ele desenvolvida. Deve-se considerar que o livro escrito por Lucas é uma narração descritiva do período apostólico, basicamente compreendido entre os anos 30 e 70 da nossa era, logo, é possível sugerir que o autor ainda não tinha as condições ideais para narrar o processo de estruturação e organização da Igreja, pois tal fato se deu com maior ênfase alguns anos mais tarde.⁴⁶⁹

Ainda assim, Atos dos Apóstolos é a fonte de estudo mais confiável para a análise de alguns elementos característicos da Igreja e que podem ser percebidos a partir de momentos históricos importantes, tais como: a abertura do evangelho aos pagãos (como são os casos da conversão de Cornélio – At 10 - e da chegada dos cristãos em Antioquia da Síria – At 11,19-30); e da dinâmica missionária a partir da diáspora cristã (At 8,1-3), especialmente através da observação das atividades realizadas por Barnabé (At. 9-15) e Paulo (At 9-28).

⁴⁶⁸ McDANIEL, G. W. As Igrejas do Novo Testamento, p. 242.

⁴⁶⁹ HACKMANN, G. L. B. A Igreja nos Atos dos Apóstolos, P. 428-429.

Além de tais características, ainda é notória a intencionalidade da Igreja em comprometer-se com os pobres e em organizar-se internamente. No tocante à organização ministerial, a escolha dos Sete (At 6,1-15) e o estabelecimento de presbíteros-episcopos são indicadores de alguns dos elementos constitutivos presentes na Igreja da época. O conjunto de tais aspectos produziram uma unidade eclesiológica capaz de tornar a comunidade cristã evangelizadora.⁴⁷⁰

A seguir destacaremos algumas das características mais marcantes das principais igrejas neotestamentárias.

3.4.1

A perseverança no ensino dos apóstolos

Dentre os fundamentos elementares da Igreja primitiva destaca-se a atenção dada ao ensinamento dos apóstolos,⁴⁷¹ prezando pela tradição apostólica.⁴⁷² A primeira comunidade cristã era perseverante (At 2,42) no ensino trazido por aqueles que conviveram com Jesus durante o seu tempo de ministério terreno e que foram testemunhas oculares de seus atos.⁴⁷³

J. Ratzinger afirma que a comunidade cristã nascente, a partir da palavra daqueles que foram os primeiros, foi convocada a seguir os passos de Jesus. Ele aponta que a igreja local tinha a consciência de que podia contar com a orientação dos Doze, bem como daqueles que progressivamente os sucederiam.⁴⁷⁴

A perseverança da comunidade cristã de Jerusalém no ensino dos apóstolos constitui um dos principais elementos da vida Igreja. Originariamente, tal ensinamento trazia a lembrança das palavras de Jesus ilustrando situações, expondo condutas, anunciando a paixão e a ressurreição de Cristo.⁴⁷⁵ J. Comblin explica que “estes ensinamentos eram tradição de autoridade na igreja primitiva e mais tarde foram incluídos em nosso Novo Testamento”.⁴⁷⁶

A mensagem de Jesus era uma das características mais enfáticas da pregação apostólica. Se até a ressurreição de Jesus a principal mensagem anunciada

⁴⁷⁰ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 285.

⁴⁷¹ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 285.

⁴⁷² RATZINGER, J. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo, p. 33.

⁴⁷³ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 285.

⁴⁷⁴ RATZINGER, J. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo, p. 33.

⁴⁷⁵ MOODY, D. L. Comentário Bíblico Moody, v. 4, p. 245.

⁴⁷⁶ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 115-116.

era a respeito do Reino de Deus, a comunidade nascente pós-ressurreição passou a enfatizar, de maneira mais direta, a ideia de Jesus como Messias e Senhor.⁴⁷⁷

Ao comentar sobre o ensino dos apóstolos descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, J. Comblin explica que o ensinamento apostólico sobre a ressurreição e a ascensão de Jesus é anterior ao conteúdo canônico.⁴⁷⁸

O ensino dos apóstolos, especialmente dos Doze, foi de fundamental importância para estabelecer os fundamentos nos primeiros anos do cristianismo. É possível que com o passar das décadas do primeiro século de nossa era, o número de representantes do grupo apostólico fosse mais amplo que o do grupo dos Doze. Possivelmente a Didaqué também tenha sido utilizada pelas primeiras comunidades cristãs como um manual catecismo.⁴⁷⁹

Em relação ao número de representantes do grupo apostólico reconhecido pela Igreja do primeiro século, é provável que nomes como o de Paulo, Barnabé, Matias (At 1), Andrônico e Júnias (Rm 16.7) tenham sido reconhecidos e enviados como referências positivas de ensinamento apostólico (2Co 8,23), em oposição aos impostores que se autodenominavam apóstolos (Ap 2,2).

Tal qual o conceito do judaísmo primitivo, que interpretava a palavra “apóstolo” como “enviado”, os apóstolos cristãos eram mensageiros da sabedoria e da imagem de Deus. O entendimento dos cristãos era que à medida em que se relacionavam com os apóstolos estavam também se relacionando com Deus, pois quem honrasse os apóstolos estaria automaticamente honrando a Deus.⁴⁸⁰

O apóstolo Paulo, ao escrever aos cristãos da Galácia, reconhece a forma como havia sido bem recebido pelos cristãos daquela região. Ele aponta que em meio à uma provação eles não o trataram com desprezo, mas o receberam como um anjo de Deus, como se estivessem recebendo o próprio Cristo (Gl 4,14).

Um dos motivos pelos quais o ensinamento dos apóstolos foi de extrema importância para a Igreja se dá pelo fato de que o poder de Deus era observado na vida deles, e a vida deles era vista como uma representação da imagem e semelhança de Deus.⁴⁸¹

⁴⁷⁷ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 33.

⁴⁷⁸ COMBLIN, J. *Atos dos apóstolos*, p. 115-116.

⁴⁷⁹ BERGER, K. *Los primeros cristianos*, 192-193.

⁴⁸⁰ BERGER, K. *Los primeros cristianos*, 193.

⁴⁸¹ BERGER, K. *Los primeros cristianos*, 193.

3.4.2

A comunhão fraterna

Outro elemento fundamental presente na Igreja primitiva é a comunhão⁴⁸² derivada da pregação apostólica. A prática da divisão do pão e o exercício da oração expressava uma caridade fraterna, denotando a entrega existente pelos irmãos da comunidade.⁴⁸³

A comunhão fraterna dos cristãos é pela primeira vez descrita no cânon bíblico através de conteúdos presentes no livro dos Atos dos Apóstolos, quando Lucas expõe três sumários que resumem a vida interna da comunidade de Jerusalém.⁴⁸⁴

O modo comunitário de viver da primeira igreja cristã era uma imitação da opção de vida e dos sentimentos de Jesus, demonstrando uma solidariedade extrema e um espírito eucarístico capaz de tornar as pessoas mais generosas.⁴⁸⁵

A comunhão cristã era percebida por atitudes voluntárias e de cuidado que levava as pessoas a compartilharem os seus sentimentos e a se envolverem em ações que gerassem transformações positivas.⁴⁸⁶

O primeiro sumário lucano (At 2.42-47) trata de uma visão idealizada da vida da comunidade cristã de Jerusalém. É possível dizer que o relato de Lucas é uma utopia que acabou por dirigir não apenas a comunidade de Jerusalém e as comunidades lucanas, mas várias das comunidades cristãs do primeiro século.⁴⁸⁷

Embora existam muitas repetições nos três sumários lucanos, a divisão documental por ele realizada visa ampliar ao máximo as narrações de acontecimentos particulares, fazendo com que o leitor tenha a sensação de que a história está se desenvolvendo no tempo.⁴⁸⁸

Em seu relato, Lucas aponta uma comunhão (At 2.42) que mantinha os fiéis unidos (At 2.44) e que os fazia frequentar o templo diariamente (At 2.44). Paralelamente, os cristãos também demonstravam a sua alegria e a sua simplicidade de maneira que o Senhor acrescentava a eles outras pessoas que iam sendo salvas (At 2.47).

⁴⁸² HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 286-7.

⁴⁸³ RATZINGER, J. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo, p. 25.

⁴⁸⁴ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 113.

⁴⁸⁵ STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 88.

⁴⁸⁶ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade, p. 288.

⁴⁸⁷ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 113-114.

⁴⁸⁸ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 115.

Na maneira de descrever a utopia, Lucas apela para temas comuns da filosofia grega, sobretudo a noção de comunhão (*koinonia*). Mas o conteúdo é cristão e constitui uma novidade. Em Qumran também havia comunhão. Mas a comunidade monástica é comunidade entre iguais. A comunidade grega também é comunhão de amigos.⁴⁸⁹

A grande novidade da comunhão exposta por Lucas em relação às demais formas de comunhão já existentes até então é que o modelo cristão propõe uma comunidade entre iguais, especialmente entre ricos e pobres.

Diferentemente de outros movimentos religiosos ou mesmo filosóficos, a comunhão entre ricos e pobres é uma solução capaz de realizar as promessas messiânicas e atender ao evangelho de Jesus.

A comunhão do primeiro sumário do livro de Atos dos Apóstolos é o início da realização da utopia presente nas bem-aventuranças, que poderia não ter sobrevivido caso a comunidade de Jerusalém e as demais comunidades descritas por Lucas não tivessem iniciado um processo comunitário capaz de dar crédito às promessas de Jesus.

O que Lucas descreve é que a comunhão cristã diz respeito envolve especialmente o compartilhamento de bens materiais. Não se trata apenas de uma comunhão de sentimentos, mas redistribuição de bens.

Os cristãos vendiam os seus bens e repartiam entre aqueles que tinham maior necessidade. Tal fato supõe a presença, dentro da comunidade cristã, de ricos que podiam compartilhar bens e de pobres que tinham apenas necessidades.

A comunhão do primeiro sumário estabelece uma igualdade de condições entre os irmãos da Igreja. Ricos como Barnabé - e possivelmente o próprio Lucas – foram capazes de constituir fundos para ajudar os pobres, o que era uma atitude totalmente antagônica às iniciativas presentes no mundo greco-romano, bem como no mundo judaico.

A iniciativa dos ricos cristãos é uma novidade para a sociedade da época, e atende aos estímulos procedentes de Jesus. A redistribuição dos bens é uma afronta à sociedade estabelecida na época e uma forma de contestar a legitimidade dos sistemas de propriedade que até então eram estabelecidos.

No mundo grego e romano a principal característica era a extrema concentração da terra e da riqueza nas mãos de poucas famílias, e a extrema pobreza das massas, não somente dos escravos, mas de todos os desempregados, agricultores expulsos dos campos, ou trabalhadores diaristas, ou agricultores trabalhando como meeiros.⁴⁹⁰

⁴⁸⁹ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 114.

⁴⁹⁰ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 115.

A comunhão da comunidade cristã de Jerusalém responde ao tema da partilha de bens materiais, que é também trabalhado por Paulo em uma de suas cartas aos cristãos da cidade de Corinto (2Co 8,4; 9,13.).

O caráter comunitário da fé cristã instituiu a necessidade da solidariedade entre os participantes da comunidade, o que representou um desafio – e de certa maneira uma provocação - à situação social do mundo da época.⁴⁹¹

3.4.3

A fração do pão

Em seu pequeno resumo sobre a vida da Igreja Primitiva (At 2,42-47), descrito no livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas explica que a comunhão uns com os outros acontecia especialmente no partir do pão, que provavelmente era uma refeição fraternal, com a ceia do Senhor, realizada regularmente associada à períodos de oração em conjunto.⁴⁹²

A fração do pão referia-se à ceia eucarística (At 20,7 e 1Co 10,16), que inicialmente era celebrada como parte de uma refeição comunitária (1Co.10,16; 11,25) e em lembrança à última ceia realizada por Jesus com os seus discípulos.⁴⁹³

Já as orações realizadas junto com o partir do pão faziam parte das práticas judaicas. A diferença é que os judeus oravam no templo, enquanto a sensibilidade dos cristãos ao Espírito deu lugar a um novo modo de orar.⁴⁹⁴ Anteriormente o próprio Jesus havia ensinado aos seus discípulos uma maneira própria de orar (Lc 11,2-3).

É provável, todavia, que na Igreja Primitiva a comunhão seguia ao costume judaico da “comunhão de mesa” ou “comunidade de mesa”, que não permitia aos judeus comerem com os pagãos.⁴⁹⁵

O costume judeu tinha o caráter sociológico de afirmar ou comunicar a sua identidade como um povo distinto. Além de ser considerada uma falta grave, comer com um pagão significava contaminar-se com ele, já que a possibilidade de um diálogo com alguém que não fosse judeu presumia uma possibilidade de assimilação da cultura e dos costumes do outro.⁴⁹⁶

⁴⁹¹ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 116.

⁴⁹² COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 115-116.

⁴⁹³ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 116.

⁴⁹⁴ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 116.

⁴⁹⁵ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 15.

⁴⁹⁶ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 15.

Para os judeus que aderiram a Cristo, o problema não estava tanto na conversão dos pagãos. Que Deus chame também as nações, afinal de contas os profetas o tinham anunciado. O problema era comer habitualmente com eles. Era aceitável o movimento pelo qual os pagãos se aproximavam dos judeus, era mais dificilmente aceitável um processo pelo qual os judeus se aproximavam dos pagãos. Ora, aceitar os pagãos na sua mesa era aproximar-se deles, era ceder diante deles, abandonar um sinal muito profundo de identidade judaica.⁴⁹⁷

Apesar do partir do pão ter sido algo característico no cristianismo primitivo, a questão da comunhão de mesa foi algo bastante agudo. Paulo relata em sua carta aos cristãos da Galácia o episódio em que Pedro estava visitando os irmãos de Antioquia e sentou-se à mesa com gentios.

Amedrontado com a chegada dos irmãos judeo-cristãos de Jerusalém, também enviados por Tiago (Gl 2,11-14), Pedro retirou-se da mesa dos gentios. A partir de então, nas reuniões cristãs passaram a existir duas mesas: uma para os judeus e outra para os gentios. A história termina com o enfrentamento que Paulo fez a Pedro. Não há indícios de que Pedro tenha respondido à acusação paulina. O fato é que, pelo menos na comunidade de Antioquia, a comunhão passou a ser realizada com judeus e gentios sentados à mesma mesa.⁴⁹⁸

3.4.4

O compartilhamento dos bens

Ao descrever a vida comunitária dos irmãos de Jerusalém, Lucas explica que eles vendiam as suas propriedades e bens e repartiam os valores financeiros entre todos, de acordo com a necessidade de cada um (At 2.42-47).

A redistribuição era uma forma de contestação do sistema de propriedade estabelecido desde a antiguidade.⁴⁹⁹ É provável que Lucas estivesse generalizando a sua descrição e que estivesse se utilizando de uma fórmula literária inspirada em linguagens filosóficas, pois acredita-se que nem todos os irmãos da comunidade vendiam tudo o que possuíam.⁵⁰⁰

O fato é que alguns ricos se desfaziam de seus bens para que os pobres fossem eficazmente ajudados, pois havia na igreja de Jerusalém mendigos, aleijados e marginalizados que formavam uma espécie de subproletariado que costumavam se acumulavam nas grandes cidades da antiguidade.⁵⁰¹

⁴⁹⁷ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 15.

⁴⁹⁸ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 15-16.

⁴⁹⁹ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 114-115.

⁵⁰⁰ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 116.

⁵⁰¹ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 116.

Contrariamente à ideia de que apenas alguns ricos vendiam os seus bens está a tese de que os primeiros cristãos formaram a primeira comunidade comunista da história.⁵⁰² Embora não se tenha condições de afirmar tal possibilidade, a recomendação que Jesus dá aos seus discípulos de vender tudo o que tinham para dar aos pobres pode favorecer a tendência de tal afirmação (Lc 18,22).

Quando Lucas cita que os cristãos “tinham tudo em comum” ele está se utilizando de uma frase já de Aristóteles que já era conhecida na época por estar contida na obra *Ética a Nicômaco XI*. No entanto, a ideia aristotélica era de uma comunidade de amigos, e não tinha a conotação de uma experiência de compartilhamento comunitário de bens,⁵⁰³ como é a ideia descrita nos escritos lucanos (At 4,32).

No texto escrito aos gálatas o apóstolo Paulo dá a entender que a experiência comunitária de compartilhamento de bens vivida pelos irmãos de Jerusalém não foi algo com o qual ele concordava plenamente (Gl 2,9).

A opinião paulina, evidenciada no concílio dos apóstolos, é a de que a ajuda aos pobres de Jerusalém havia empobrecido toda a comunidade a ponto de levá-la à falência econômica.⁵⁰⁴

É presumível que a comunidade de Jerusalém tenha dividido os valores financeiros das vendas das posses dos bens compartilhados pelos irmãos a todos os necessitados, gerando uma situação de insolvência à medida que a soma dos valores se extinguia.⁵⁰⁵

Parece-nos que havia entre os cristãos de Jerusalém a expectativa de que o fim do mundo estava próximo e que a volta de Cristo estava prestes a acontecer. Por tal motivo eles não viam a redistribuição dos bens como algo ilógico.⁵⁰⁶

3.4.5

A universalidade do evangelho

A universalidade do evangelho foi uma das grandes inovações da religião cristã.⁵⁰⁷ A Grande Comissão dada por Jesus Cristo e presente no texto do evangelista Mateus denota a tarefa que a Igreja teria de ir pelo mundo e pregar as boas-novas (Mt 28,18-20).

⁵⁰² BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 286.

⁵⁰³ BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 286-287.

⁵⁰⁴ BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 287.

⁵⁰⁵ BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 287.

⁵⁰⁶ BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 287.

⁵⁰⁷ BERGER, K. Los primeros cristianos, p. 11-12.

O autor T. Bryant explica que nunca passou pelo pensamento de Jesus a possibilidade de seus discípulos fazerem outra coisa a não ser ir pelo mundo e fazer discípulos. A única razão pela qual os discípulos são instituídos é a proclamação do evangelho.⁵⁰⁸

A missão divina da Igreja possui um caráter universal e aponta para uma consciência coletiva e *sensus fidei* e visa encontrar correspondência humana.⁵⁰⁹ Assim, o mundo da criação, que é amado por Deus, deve ser salvo por Ele e evangelizado pela Igreja.⁵¹⁰ É notório que a Igreja buscava estabelecer um diálogo com os cristãos e com o mundo, visando alcançar a sociedade e dar sentido à missão eclesial.⁵¹¹

Nos Atos dos Apóstolos é possível perceber a universalidade do evangelho enquanto a Igreja seguia um complicado e difícil caminho em direção aos pagãos. Lucas desenvolve uma eclesiologia narrativa que permite uma evolução contínua do caráter universal do evangelho.⁵¹²

Geograficamente, o ponto de partida do evangelho é Jerusalém. De lá, a expansão ocorre em direção à Judeia, Samaria e confins da terra (At 1,8). Os Doze também autorizam outros Sete (At 6,1-7) e outras pessoas, tais como Paulo (At 9,27) e Barnabé (At 11,22), passam a contribuir para a evolução das ações da Igreja.

A discussão provocada por Estêvão nas sinagogas (At 6,8-11) leva os cristãos a serem dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria (At 8.1-3). A narrativa lucana dá a entender que a os discípulos de Jesus que residiam em Jerusalém temiam Paulo (At 9,26) e se reuniam nas casas (At 12,12).

A universalidade da igreja neotestamentária também pode ser vista através do sentido que se dava à “igreja universal”, já que ela possuía, no primeiro século de nossa era, a conotação de uma reunião de todos os crentes em Cristo, de todas as épocas e lugares.⁵¹³

Em termos acadêmicos, a eclesiologia pode ser entendida como “o ramo da teologia que estuda a doutrina da igreja”. Dentro desse conceito, a eclesiologia estuda o papel da igreja na salvação do homem e a forma de este se relacionar com o mundo, exercendo o seu papel social frente às mudanças constantes. A

⁵⁰⁸ BRYANT, T. A “Ekkesia do Novo Testamento”, p. 33.

⁵⁰⁹ BACARJI, A. D. A Re-Institucionalização Igreja, p. 110-113.

⁵¹⁰ BRYANT, T. A “Ekkesia do Novo Testamento”, p. 33.

⁵¹¹ BACARJI, A. D. A Re-Institucionalização Igreja, p. 114-116.

⁵¹² KAUFMANN, T.; KOTTJE, R.; MOELLER, B.; WOLF, H. (Orgs.). História Ecumênica da Igreja I, p. 11.

⁵¹³ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 23.

eclesiologia também estuda a relação entre as denominações e as diversas formas de governo da igreja.⁵¹⁴

3.4.6

A dinâmica missionária

A história da dinâmica missionária da Igreja passou a ter uma maior relevância a partir da perseguição narrada no capítulo oito dos Atos dos Apóstolos (At 8,1-3).

A partir de então, evidencia-se o rompimento do cristianismo com o judaísmo e o centro da atividade eclesial transfere-se para a cidade de Antioquia da Síria, de onde saíam as caravanas de algumas das viagens missionárias, como é o caso de Paulo (At 8-11).

Após o crescimento da Igreja na cidade de Jerusalém por conta da conversão de grande número de judeus (At 2,1-6,7), a perseguição judaica aos cristãos culminou na morte de Estêvão e desencadeou um movimento de propagação do evangelho (At 6,8-7,60), que chegou a Samaria e Antioquia da Síria (At 8-12).

Com a conversão de Paulo e o crescimento do evangelho em Antioquia da Síria, as missões expandiram-se por regiões como Chipre (At 13,4-12), Antioquia da Psídia (At 13,13-52), Icônio (At 14,1-7) e Listra (At 14,8-20). Mais tarde, o movimento missionário seria impulsionado com a partida de Paulo rumo à Macedônia (At 16,1-10), Filipos (At 16,11-40), Tessalônica (At 17,1-9), Beréia (At 17,10-15), Atenas (At 17,16-34), Corinto (At 18,1-17) e Éfeso (At 18-19,1-20). Os escritos finais dos Atos dos Apóstolos ainda narram a ida de Paulo a Roma (At 19,21-28,31).

A dinâmica missionária da Igreja é uma demonstração da consciência de que a sua missão no mundo não é anunciar a si mesma, mas evangelizar a partir da sua comunhão com Deus.⁵¹⁵

Embora tenha existido por algum tempo diferentes opiniões a respeito de quem poderia alcançar a salvação,⁵¹⁶ a conduta de Cristo sempre apontou para atitudes não discriminatórias às pessoas que não tinham um grande conhecimento da lei, como pecadores e publicanos,⁵¹⁷ que eram mal vistos condenados pelos religiosos fariseus (Jo 7,49).

⁵¹⁴ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 22.

⁵¹⁵ HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. *A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade*, p. 293.

⁵¹⁶ SJOBERG, E. *Gott und die Sunder im palastinischen Judentum*, p. 72-94.

⁵¹⁷ SCHNACKENBURG, R. *La Iglesia em el Nuevo Testamento*, p. 163-164.

Com a realização de ações missionárias junto aos gentios a Igreja abriu as portas do reino dos céus aos não religiosos⁵¹⁸ e realizou a proclamação da salvação sem discriminar nacionalidade (Mt 8,11; 25,31-46), origem ou formação anterior de cada pessoa.⁵¹⁹

As ações missionárias trouxeram o conceito de povo de Deus para uma amplitude além do nacionalismo israelita, reforçando a universalidade do cristianismo. A comunidade passou a se tornar uma comunidade missionária em que muitos prosélitos passaram a ser reconhecidos como parte integrante do povo de Deus. A universalidade presente na mensagem de Jesus, que abria a salvação a todos de maneira igualitária, passa a ser, através do movimento missionário, uma nova porta de acesso para que o evangelho fosse levado à diferentes pessoas.⁵²⁰

3.4.7

O compromisso com os pobres

As igrejas do Novo Testamento tiveram diversas atitudes em que evidenciaram o compromisso com os pobres e miseráveis. Durante o seu ministério, Jesus já havia imposto aos dirigentes uma responsabilidade especial para com a comunidade, embora a implicação não significasse necessariamente a renúncia às posses.⁵²¹

O compromisso que a Igreja teve com os pobres foi uma resposta positiva ao desafio deixado anteriormente por Jesus, que desejava que o seu empenho pelos pobres pudesse fazer com que os seus discípulos se tornassem o protótipo e o modelo da comunidade cristã.⁵²²

Jesus já havia dado aos seus discípulos diversas orientações no sentido de que eles pudessem vender os seus bens e dar esmolas (Lc 12,33), o que favorece a ideia de que o círculo de seguidores de Jesus deveria tornar-se um sinal para Israel e para a Igreja.⁵²³

Trata-se de um chamado profético, um apelo aos que têm posses, a fim de partilharem seus bens e darem esmolas (11,41; 12,33), e isso, na verdade, num sentido amplo: deve-se renunciar todas as posses (14,33), vender tudo quanto se tem e distribuir o dinheiro entre os pobres (18,22). Esse apelo é dirigido àqueles que querem ingressar num seguimento mais estreito de Jesus. Não se pode ser discípulo de Jesus se não se renuncia a suas propriedades e às ligações familiares “por causa do Reino de Deus” (cf. 18,22-30). Além do círculo dos seguidores de

⁵¹⁸ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 164.

⁵¹⁹ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 164.

⁵²⁰ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 164.

⁵²¹ WEISER, A. Die Knechtgleichnisse der synoptischen Evangelien, p. 216-219.

⁵²² SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos quatro evangelhos, p. 206-207.

⁵²³ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos quatro evangelhos, p. 207.

Jesus, contudo, esse convite se dirige a todos quantos foram abençoados com bens terrenos.⁵²⁴

Apesar de seus constantes apelos em relação aos pobres e de tê-los chamados de “abençoados” (Lc 6,20), Jesus não pode ser considerado como um reformador social, embora tenha defendido que a completa renúncia aos bens materiais fosse uma necessidade não apenas de seu círculo de seguidores, mas um desafio da sociedade como um todo.⁵²⁵

Textos bíblicos em que a preocupação de Jesus com os pobres é evidenciada dão maior credibilidade ao cuidado que a Igreja teve para com eles. Alguns exemplos são: a bem-aventurança dos pobres e os “ais” dos ricos - dirigido aos discípulos (Lc 6,20) -; o incentivo de não convidar para um banquete os parentes e vizinhos rico, mas os pobres, aleijados, coxos e cegos (Lc 14,12); a parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31); a recomendação de não se acumular tesouros na terra, mas no céu (Lc 12,33); o incentivo à doação aos pobres (Lc 12,33); a advertência contra as riquezas (Lc 16,9); e a argumentação de que é impossível servir a Deus e ao dinheiro (Mt 6,24; Lc 16,13).

3.4.8

A organização ministerial

O início da organização ministerial da Igreja se deu na cidade de Jerusalém, através da atuação dos apóstolos escolhidos por Jesus. Lucas relata que antes de subir aos céus Cristo deu um mandamento - por intermédio do Espírito Santo e após ter se apresentado vivo através de provas incontestáveis – ao grupo apostólico (At 1,1-3).

A organização ministerial foi iniciada pelos Doze apóstolos de Jesus, que Dele receberam, durante uma refeição, a incumbência de não se ausentarem de Jerusalém, mas de manterem-se na cidade até que a promessa vinda do Pai – o batismo em o Espírito Santo - lhes sobreviesse (At 1,4-5).

Lucas também afirmou que Jesus só foi recebido nas alturas “depois de haver dado mandamento por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera”. Jesus deu esses “mandamentos”, ou seja, o que nós chamamos de Grande Comissão, mais de uma vez. Mas, o fato que aqui foram dados por “intermédio do Espírito Santo” empresta força à sua grande importância.⁵²⁶

⁵²⁴ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos quatro evangelhos, p. 206.

⁵²⁵ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos quatro evangelhos, p. 206.

⁵²⁶ WELT, D. D. Atos atualizado, p. 2.

Com o crescimento do evangelho em Jerusalém fez-se necessária a escolha de mais pessoas para auxiliarem em funções mais específicas como as finanças e os bens da igreja.⁵²⁷ Inicialmente foram eleitos sete homens (At 6,1-6) que mais tarde dariam origem ao ofício de diácono.⁵²⁸

A respeito dos oficiais das igrejas, o Novo Testamento aponta a existência de três grupos: um transitório e dois permanentes. O primeiro se refere aos apóstolos e o segundo aos anciãos – também chamados de presbíteros – e diáconos.⁵²⁹

Com relação ao vocábulo “apóstolo”, cabe dizer que possuía dois sentidos. No mais abrangente referia-se a todos os missionários – como Barnabé, Apolos, Timóteo, Silvano e outros - e evangelistas ambulantes que atuaram depois da época apostólica. Em um âmbito mais restrito, dizia respeito aos Doze homens escolhidos por Jesus. Paulo, especialmente, defendia a tese de fazer parte do segundo grupo, haja vista ter tido uma visão de Cristo ressuscitado.⁵³⁰

Sobre os anciãos e diáconos, podemos dizer que eles também eram denominados de superintendentes, pastores (At 11,30; 14,23; 20,17-28; Fm 1,1; 1Tm 3,1-5; 1Tm 5,17; 5,19; Tt 1,5; Tg 5,14; e 1Pd 5.10) e, em algumas ocasiões, de bispos. Os termos ancião, bispo e pastor significam uma só pessoa e não três cargos diferentes. Paulo (Ef 4,11 e 1Tm. 3,17) e Lucas (At 20,17-28) elencam em seus escritos os seus referidos deveres.⁵³¹

Já os diáconos eram vistos como servos e, num sentido geral, atuavam como pastores e ministros (1Co 3,5 e Fm. 1,1). Eles conservaram-se no mesmo nível dos demais membros, não constituindo um grupo à parte.⁵³² Em uma de suas cartas a Timóteo, Paulo enumera os deveres a eles pertinentes (1Tm 3,8-13).

⁵²⁷ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 61.

⁵²⁸ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 61.

⁵²⁹ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 60.

⁵³⁰ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 60.

⁵³¹ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 60-61.

⁵³² MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, v. 1, p. 61-62.

3.5 Conclusão

As igrejas apostólicas foram comunidades que valorizaram a autoridade apostólica e os escritos produzidos pelos apóstolos. A própria formação do cânon neotestamentário e o seu reconhecimento são evidências de tal afirmação. O Novo Testamento é uma fonte de valor inestimável para o conhecimento de informações sobre a história da Igreja, desde o seu nascimento até os dias de hoje.

A eclesiologia neotestamentária traz conceitos que têm sido percebidos e praticados pela Igreja e que são fundamentais para o exercício da fé cristã. O entendimento de que a Igreja é uma agente do Reino e um instrumento de continuidade do que Jesus começou a fazer e a ensinar são fundamentos imutáveis e que devem continuamente ser preservados.

Não fosse a autoridade apostólica e seus escritos não seria possível a correta compreensão da autoconsciência eclesial da Igreja como corpo de Cristo, povo de Deus e templo do Espírito Santo. Também não seríamos capazes de compreender as diferenças e particularidades de tantas igrejas locais, existentes ao longo do primeiro século de nossa era, as quais são fonte de inspiração e balizadores para as comunidades cristãs contemporâneas.

O conhecimento e a prática de valores característicos e marcantes das igrejas apostólicas só se tornou possível em razão das diferentes narrativas apostólicas que foram registradas e que chegaram até os nossos dias.

4

Análise crítica de elementos característicos da IBM Alphaville a partir da experiência eclesial fundante

Este quarto capítulo tem por objetivo realizar uma análise crítica de alguns dos elementos característicos da IBM Alphaville a partir da experiência eclesial fundante vivida pelas igrejas locais do Novo Testamento.

O método de pesquisa utilizado é o bibliográfico. Para a análise utilizaremos informações já descritas do primeiro capítulo da presente tese, onde descrevemos a IBM Alphaville à luz de bibliografias e dados que foram extraídos de ambientes virtuais, tais como os sites da própria igreja e do IBGE. Alguns dos subsídios atuais foram extraídos de plataformas virtuais oficiais da denominação batista, como por exemplo, a Convenção Batista Brasileira.

Muitos das informações expostas no segundo capítulo, somadas ao pensamento de outros autores que ainda serão citados na pesquisa, contribuirão para a parametrização e comparação das informações características da IBM Alphaville à luz da eclesiologia fundante.

4.1 A origem da IBM Alphaville

Em conformidade com a descrição realizada no primeiro capítulo (2.1.1), a IBM Alphaville está organizada de acordo com os princípios estabelecidos historicamente por sua denominação (2.1.4). Assim, ela compactua com as práticas e princípios batistas (2.1.5).

Também verificamos que a IBM Alphaville afirma que a sua relação com Deus e com a sociedade se dá através da observação não apenas dos “princípios batistas”, mas também dos documentos referenciais dos batistas, tais como o “Pacto da Comunhão”, a “Confissão de Fé Batista” e a “Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira”, que já foram descritos anteriormente (2.1.4).

Trataremos aqui, de maneira analítica, a respeito dos princípios norteadores, doutrinas e práticas da IBM Alphaville. Além dos princípios norteadores denominacionais – alguns deles serão abordados no atual capítulo – salientamos que a

IBM Alphaville se estabeleceu como igreja local a partir de uma motivação e uma visão eclesial que serão analisadas nas próximas páginas.

4.1.1 Os princípios norteadores

O primeiro princípio norteador da IBM Alphaville é a aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta (2.1.5), o que significa que a Bíblia é o modelo e parâmetro para a comunidade. Ela também é a instância maior que deve influenciar todas as tomadas de decisão.

Em consonância com a definição de W. Grudem, a IBM Alphaville considera que a Bíblia é a Palavra de Deus em forma escrita, e não apenas um livro histórico de valor literário. O entendimento é que ela é um livro sagrado escrito por homens que foram inspirados por Deus e que tiveram com Ele experiências pessoais. Ela é um instrumento de comunicação de Deus para com o homem, e deve ser utilizada para aplicação pessoal.⁵³³

Para a IBM Alphaville a Bíblia está acima de qualquer declaração doutrinária, confissão de fé, sínodos, concílios ou credos (o que não significa que a igreja não os subscreva). Ela também supera as tradições orais e escritas da Igreja. A Palavra de Deus é o fundamento da fé cristã e balizador para todas as doutrinas e ensinamentos eclesiais.

Historicamente os batistas reconhecem a Bíblia como um livro permanente, e não efêmero (Lc 21,33). É única autoridade e bússola para todo o sistema eclesiástico e doutrinário. Os seus ensinamentos são atuais e eternos, e o seu conteúdo atesta a respeito da graça e do poder salvador de Jesus Cristo.

Outro princípio que norteia a IBM Alphaville é o conceito de Igreja como comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e bíblicamente batizadas (2.1; 2.1.5), ajustando-se à forma de atuação das diversas igrejas apostólicas, que apesar da sua diversidade e distanciamento geográfico e cultural, foram capazes de enfrentar os obstáculos inerentes aos seus contextos locais, de acordo com o que já expomos anteriormente (3.1.5).

A análise nos permitiu concluir que a IBM Alphaville possui uma autoconsciência eclesial na qual está implícita a ideia de que ela é formada por um grupo de cristãos que se reúnem em uma localidade específica (3.2.4) e que busca olhar e agir no mundo através das suas ações locais.⁵³⁴ É uma comunidade cristã que

⁵³³ GRUDEM, W. A. Teologia Sistemática, p. 23-26.

⁵³⁴ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 4-5.

olha globalmente agindo localmente, e que atua no mundo a partir de Alphaville (2.2.1).

O seu aspecto democrático é evidenciado porque as suas principais decisões estão sujeitas à sua estrutura organizacional, que segue os princípios organizacionais inerentes aos batistas (2.6).

A forma de governo congregacional democrática é uma das marcas distintivas dos batistas, e é ponto de destaque da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira,⁵³⁵ utilizada como parametrizador da IBM Alphaville.

Levando em conta a sua autonomia local, poderíamos questionar até que ponto tal independência existe de fato, já que ao mesmo tempo em que a liberdade eclesial é defendida, percebemos que ela está sujeita à centralização denominacional representada pela Convenção Batista Brasileira.

Para o pesquisador P. Alves, a edificação e o sucesso da Convenção Batista Brasileira se dá justamente por conta do equilíbrio de dois princípios denominacionais que aparentemente parecem estar em oposição: a autonomia individual das igrejas e a centralização delas através de instituições cooperativas.⁵³⁶

P. Alves traz o entendimento de que o balanceamento entre os dois princípios é de fundamental importância para a denominação. No caso da IBM Alphaville, ela possui a sua autonomia local e independência em relação às demais igrejas batistas e órgãos denominacionais, o que não a impede de se relacionar com a Convenção Batista Brasileira, bem como com as igrejas a ela arroladas, através de laços cooperativos que estimulam um relacionamento fraterno e cooperativo.⁵³⁷

Percebemos que apesar da sua autonomia individual, a dinâmica da igreja está vinculada a um sistema eclesiológico que promove a colaboração entre as igrejas batistas brasileiras e os seus membros, fazendo com que os princípios da liberdade e da autodeterminação se relacionem com a inevitabilidade da construção de um aparato técnico-burocrático que tem por objetivo auxiliar as comunidades locais em termos estruturais para que o próprio princípio da liberdade eclesial batista seja preservado.⁵³⁸

Vale dizer também que nem todas as igrejas batistas existentes no território nacional estão vinculadas à Convenção Batista Brasileira, haja vista que a autonomia local não as obriga a se vincularem à alguma convenção.

⁵³⁵ Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 5 jul. 2020.

⁵³⁶ ALVES, P. O regime divino, p. 6.

⁵³⁷ SOUZA, S. (Org.). Organização de igrejas, p. 7.

⁵³⁸ ALVES, P. O regime divino, p. 12.

Por conta de tal realidade, não há uma unidade completa cooperativa entre os batistas. O autor J. Araújo explica que os batistas brasileiros se dividem hoje em mais de cinquenta grupos distintos, sendo que “cada um reivindica ser mais fiel ao outro”.⁵³⁹

De fato, a unidade cooperativa não é uma unanimidade entre os batistas brasileiros, já que após o surgimento da Convenção Batista Brasileira - da qual a IBM Alphaville faz parte - em 1907,⁵⁴⁰ surgiram outros grupos batistas que também passaram a se estabelecer dentro de sistemas convencionais, embora minoritários quando comparados à CBB.

A autonomia e democracia estabelecida entre os batistas culminou, por exemplo, no surgimento de variadas convenções, associações e entidades batistas, tais como: a Convenção Batista Nacional, a Convenção das Igrejas Batistas Independentes, a Igreja Batista Fundamentalista, a Associação Batista Brasileira, a Igreja Batista Regular do Brasil e a Conferência Batista do Sétima Dia Brasileira.⁵⁴¹

Levando em conta as informações trazidas até o momento, poderíamos discutir se os batistas - que historicamente tanto prezaram pela autogestão, autonomia e liberdade das igrejas – continuam a valorizar o princípio da autonomia, haja vista a necessidade que tiveram de centralizar seus empreendimentos denominacionais em sistemas organizacionais convencionais.

Parece-nos que, se comparada às práticas cooperativas que verificamos nas igrejas neotestamentárias, não temos condições de assegurar que as igrejas do Novo Testamento atuavam de maneira convencional, embora saibamos da existência do espírito cooperativo em algumas igrejas (Fl 4,10-19; Rm 15,25-28; 2Cor 8,3-4; 8,7; 8,12-13; 9,3).

Uma das discussões que podem ser levantadas é se a forma convencional através da qual os batistas cooperam é capaz de levar em conta as diversidades e os obstáculos inerentes a cada contexto geográfico e cultural, como faziam algumas das igrejas apostólicas (3.1.5).

Por outro lado, parece ser de bom senso considerar que a autoconsciência eclesial local pode não se preocupar apenas com o contexto em que uma igreja local está inserida, já que toda comunidade local faz parte de uma Igreja de caráter universal que precisa pensar globalmente.

⁵³⁹ ARAUJO, J. P. G. Batistas, p. 129.

⁵⁴⁰ REZENDE, J. S. Ecclesiology contemporânea, p. 43.

⁵⁴¹ ALVES, P. O regime divino, p. 13.

Pareceu-nos que a IBM Alphaville - apesar de cooperar com os fins denominacionais através da Convenção Batista Brasileira – tem uma preferência em investir os seus recursos humanos e financeiros em projetos através de projetos desenvolvidos a partir da própria igreja, permitindo que ela invista em concepções próprias como, por exemplo, a Associação Foco (2.5.13).

Ainda discorrendo a respeito do governo democrático utilizado pela IBM Alphaville e pelas igrejas batistas, podemos dizer que ele oferece vantagens e desvantagens.

Uma de suas vantagens está em atender ao exemplo de algumas das igrejas neotestamentárias, o que o configura como um modelo bíblico. Outra vantagem está no fato de que a democracia tende a levar os membros de uma igreja local a assumirem responsabilidades individuais.

O autor P. Porter assinala que quando um membro sente a sua responsabilidade individual junto à uma comunidade ele acaba melhor se preparando para servir a Cristo, além de se envolver mais com as atividades eclesiais, o que pode lhe proporcionar uma melhora no grau de espiritualidade.

Sobre a formação de sua membresia, a IBM Alphaville declara-se ser formada de pessoas regeneradas e batizadas (2.5.1). De imediato analisaremos a respeito da questão da regeneração.

A “Confissão de Fé de New Hampshire”, que é um dos balizadores batistas traz uma importante descrição a respeito da graça da regeneração:

Creemos que os pecadores para serem salvos precisam ser regenerados, isto é, nascer de novo; regeneração consiste na outorga de uma santa disposição à mente. E que isso se efetua pelo poder do Espírito Santo de um modo que transcende a nossa compreensão, em conexão com a verdade divina, de maneira a assegurar-nos nossa obediência voluntária ao Evangelho; que a evidência da regeneração transparece nos frutos santos do arrependimento e da fé em novidade de vida (...).⁵⁴²

Já a conceituação de W. Grudem define que a regeneração é um ato secreto de Deus, através do qual ele concede ao homem uma nova vida espiritual. É o ato de “nascer de novo” (Jo 3,3-8). A regeneração é uma obra exclusiva de Deus, sendo que a sua natureza é um mistério para os humanos. A aferição de tal ato pode ser analisado à luz dos resultados produzidos pela vida de uma pessoa.⁵⁴³

⁵⁴² PORTER, P. Organização batista, p. 119-120.

⁵⁴³ GRUDEM, W. Teologia sistemática, p. 584-590.

Levando em conta tais conceituações a respeito da regeneração e considerando que a IBM Alphaville, à semelhança das demais igrejas batistas, tem tais ideias como parâmetros para tratar o assunto, encontramos aqui alguns pontos de discussão.

Se a regeneração transcende a nossa compreensão e é obra exclusiva de Deus e mistério para os humanos, poderíamos discutir até que ponto uma igreja local poderia verificar tais resultados na vida de uma pessoa. No caso específico da IBM Alphaville, que no ano de 2020 recebeu a média de sete mil pessoas por domingo em suas celebrações (2.2.4), o desafio de aferir a ocorrência da regeneração na vida de tanta gente poderia ser uma tarefa inconclusiva.

Considerando que os registros lucanos registram a ocorrência de milhares de conversões ocorridas através na cidade de Jerusalém (At 2,14-40; 3,1-26; 4,4), poderíamos também questionar se a igreja primitiva conseguia realizar a aferição da regeneração na vida dos convertidos ou se não havia tal preocupação.

No tocante ao batismo, a IBM Alphaville subscreve a forma e o entendimento tido pelos batistas, que encontra amparo na explicação de W. Grudem:

A prática do batismo no Novo Testamento era realizada de um modo: a pessoa batizada era *imersa* ou posta completamente dentro da água e em seguida retirada. Batismo *por imersão* é, portanto, o modo ou a forma pela qual o batismo era realizado no Novo Testamento. Isso se evidencia pelas seguintes razões.

(1) A palavra grega *baptizo* significa “mergulhar, afundar, imergir” algo na água.

Isso é normalmente reconhecido, sendo esse o significado padrão do termo na literatura grega antiga tanto na Bíblia como fora dela.

(2) O sentido “imergir” é adequado e provavelmente exigido para a palavra nos vários textos do Novo Testamento. Em Marcos 1.5, o povo era batizado por João “no rio Jordão” (o texto do grego traz *en*, “em”, e não “ao lado” ou “próximo” ou “perto” do rio (...)).

(3) O simbolismo da união com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição parece exigir batismo por imersão (...).⁵⁴⁴

O batismo por imersão é, de fato, um dos distintivos batistas, e não é diferente na IBM Alphaville. Tradicionalmente muitas igrejas batistas brasileiras possuem um batistério dentro do templo, o que permite a realização dos batismos durante a realização de um culto.

Algumas igrejas não possuem batistério próprio e batizam em rios, piscinas, batistérios móveis ou ainda se utilizam de templos de outras igrejas batistas que possuem batistérios. Diferentemente da tradição batista brasileira, a IBM

⁵⁴⁴ GRUDEM, W. Teologia sistemática, p. 815.

Alphaville batiza as pessoas em piscina própria, localizada na área externa de seu templo. O batismo na IBM Alphaville, em consonância com as demais igrejas da mesma fé e ordem, é ministrado somente às pessoas que fizeram profissão de fé digna de crédito.

A IBM Alphaville também está em concordância com a forma batismal descrita na Confissão de Fé de New Hampshire, que discorre sobre a temática:

Creemos que o batismo cristão é a imersão do crente em água, em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo para simbolizar, em belo e solene emblema, sua fé no Senhor crucificado, sepultado e ressuscitado, com seus efeitos em nossa morte para o pecado e ressurreição para uma nova vida; que esse ato é um pré-requisito para usufruto dos privilégios da Igreja e para a participação na Ceia do Senhor, na qual membros da Igreja, pelo uso sagrado do pão e do vinho, comemoram juntos o amor de Cristo em sua morte, devendo ser sempre precedida de solene ato íntimo (...).⁵⁴⁵

Ainda com relação ao batismo, vale salientar algumas posições doutrinárias batistas que são compactuadas pela IBM Alphaville e que diferem de outras denominações cristãs: não possui caráter salvífico, mas testemunhal; é uma ordenança, e não um dogma; não é ministrado à bebês; não confere graça.⁵⁴⁶

Para finalizar a nossa análise crítica sobre o processo de membresia praticado pela IBM Alphaville, destacamos aqui um resumo dos principais pontos que dispõem sobre o tema e que costumeiramente compõem a maioria dos Estatutos que regem as igrejas batistas locais no Brasil:

A Igreja é formada de membros, ou pessoas salvas por Jesus Cristo e batizadas de acordo com o ensino do Novo Testamento, que se reuniram voluntariamente e organizaram uma comunidade (...).

Serão admitidos como novos membros:

- (a) as pessoas recebidas por profissão de fé e batizadas;
- (b) as pessoas portadoras de cartas de transferência por outras igrejas da mesma fé e ordem, que adotam a Confissão de Fé reconhecida pela Convenção Batista Brasileira;
- (c) e, finalmente, pessoas recebidas por declaração, isso quando a Igreja julgar que estejam devidamente preparadas.

A admissão de membros se fará pela unanimidade de votos da Assembleia. No caso de voto contrário à sua admissão, a Assembleia considerará as razões ou motivo desse voto e decidirá, por maioria absoluta, se os aceita ou rejeita. No caso de rejeição, considerar-se-á recebido o candidato.⁵⁴⁷

⁵⁴⁵ PORTER, P. Organização batista, p. 119-120.

⁵⁴⁶ GRUDEM, W. Teologia sistemática, p. 814-833.

⁵⁴⁷ PORTER, P. Organização batista, p. 109-110.

Outro item analisado na IBM Alphaville é sua opção pela separação entre Igreja e Estado, que também está em concordância com as demais igrejas batistas. Um dos argumentos bíblicos utilizados para tal posicionamento está nas palavras registradas no evangelho de Mateus, ocasião em que Jesus fez clara distinção entre a autoridade dada ao governo – no caso específico, o de César - e a que Deus exerce em relação à fidelidade devida a Ele (Mt 22,21).

O autor P. Porter explica de maneira didática e simples a respeito da forma de relacionamento existente entre as igrejas batistas - como a IBM Alphaville - o governo civil:

Jesus definiu a relação entre o trabalho espiritual e o governo civil quando disse aos fariseus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Entre as igrejas primitivas, não há um só exemplo de qualquer esforço por parte da igreja para exercer domínio sobre o governo civil. Os apóstolos mandaram orar pelas autoridades, e como bons cidadãos, obedecer a lei e pagar os impostos. Quando perseguidos por maus governos, sofreram com paciência, pedindo a Deus a liberdade para continuarem a pregar o Evangelho.

Mantinhm os seus cultos e a sua caridade com as ofertas voluntárias dos crentes, nada recebendo de fora. O seu exemplo deve nos ensinar a base das nossas relações para com o governo civil (...).⁵⁴⁸

Em nossa análise, não observamos nenhuma espécie de vinculação da IBM Alphaville com o governo civil. Observamos que a separação entre Igreja e Estado é, de fato, um dos distintivos da igreja, que se mantém financeiramente através dos dízimos e ofertas voluntárias dos seus frequentadores, tal qual o exemplo dado pelas igrejas do Novo Testamento.

Aqui cabe salientar uma diferença de razão de ser. O propósito do governo civil é o de proteger o seu povo, o que implica em permitir a liberdade dos cidadãos de bem e a retirada de liberdade de malfeitores que possivelmente venham a agir na sociedade, como os ladrões, corruptos e assassinos. É papel do Estado proteger o país dos inimigos internos e externos, inclusive usando a força, quando se fizer necessário.

Já o propósito da Igreja é diferente. Ela é um organismo espiritual que visa ajudar o homem a manter relações corretas com Deus e com o próximo, inclusive ajudando os humanos a serem cidadãos melhores, facilitando o trabalho do governo civil. Diferentemente do Estado, o seu papel é o de utilizar a influência espiritual ao invés da força física, incentivando o amor e a prática da obediência.

A liberdade de consciência também é uma característica distintiva da IBM Alphaville, e que está em consonância com os princípios batistas (2.1.5), que

⁵⁴⁸ PORTER, P. Organização batista, p. 97.

levam em conta o entendimento de que Deus é o único Senhor da consciência (Tg 4,12; Rm 14,4).

A ideia da liberdade de consciência está em concordância com a declaração de C. Spurgeon:

A liberdade que Cristo comprou para os crentes sob o Evangelho consiste em sua liberdade de culpa do pecado, da ira condenatória de Deus e do rigor da maldição da lei; também consiste na libertação do presente século mau, da escravidão de Satanás, do domínio do pecado, do mal das aflições, do temor e aguilhão da morte, da vitória da sepultura e da condenação eterna; como também em seu livre acesso a Deus, em prestar-Lhe obediência não por medo servil, mas por amor filial e mente voluntária. Tudo isso era comum também aos crentes sob a Lei, no que diz respeito à sua substância; mas sob o Novo Testamento, a liberdade dos Cristãos é ainda mais ampliada em sua liberdade do jugo de uma lei cerimonial, à qual a Igreja Judaica foi submetida; e na maior ousadia de acesso ao trono da graça, e nas comunicações mais plenas do livre Espírito de Deus, do que os crentes sob a lei ordinariamente participaram.⁵⁴⁹

O autor H. Muirhead também faz importante observação crítica a respeito da liberdade de consciência:

(...) A liberdade de consciência facilita a divisão, mas é preferível divisão à estagnação ou ditadura.

A liberdade de consciência não é apenas a verdadeira essência da religião de Cristo, mas é ainda única esperança do contentamento geral. A coersão religiosa produz divisão; a liberdade religiosa, mesmo ainda que por ignorância e egoísmo possa ir ao extremo e de quando em quando provocar divisão, eventualmente resulta em unidade. Somente homens livres podem viver em harmonia.⁵⁵⁰

Ainda que pesquisadores do tema, como H. Muirhead, tenham opiniões antagônicas – pelo menos em parte – à liberdade de consciência, ela é um dos pilares da denominação batista.

Em nossa análise observamos que a eclesiologia da IBM Alphaville contribui para o progresso da liberdade e do direito do indivíduo de pensar por si, sem a intervenção do Estado ou da Igreja.

Tal contribuição nos parece ser positiva, uma vez que a liberdade é uma aspiração natural do ser humano. O cuidado que deve ser tomado é o do uso da liberdade para o bem de todos, levando em conta a concepção de que o direito coletivo se sobrepõe ao individual.

Outro assunto que possui ligação com tal discussão é a temática da libertação da culpa do pecado. Sob a ótica batista, Cristo já comprou a libertação (Gl 3,13) e o livramento do presente século (Gl 1,4), em anuência ao pensamento paulino expresso em sua carta destinada aos cristãos da Galácia.

⁵⁴⁹ SPURGEON, C. A confissão de fé batista de 1689, p. 78-79.

⁵⁵⁰ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 24.

No tocante à responsabilidade individual diante de Deus, que também é uma das marcas distintivas dos batistas, a compreensão tem ligação com a aceitação do sacerdócio universal dos crentes.⁵⁵¹ Tal ideia parte do pressuposto de que não há hierarquia espiritual entre os salvos pela graça, uma vez que todos são pecadores (Ef 2,5-10).

Há que se destacar que a aceitação do sacerdócio universal dos crentes não implica na não aceitação de oficiais na igreja. A IBM Alphaville acompanha o pensamento batista que contempla os pastores e diáconos como oficiais eclesiais.

O autor P. Porter explica a respeito do entendimento dos batistas sobre a relação da igreja para com os oficiais:

Os oficiais mais mencionados no Novo Testamento são os bispos e presbíteros ou anciãos. Que se trata da mesma pessoa ou mesmo oficial, vemos nas seguintes passagens: Atos 20:28 – “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com o seu próprio sangue”. Vemos aqui que os bispos são pastores, porque pastoreiam as igrejas. Tito 1:5-7 – Nesta passagem os presbíteros e os pastores são tratados como sendo as mesmas pessoas. I Pedro 5:1-2 – Aqui, Pedro além de identificar os bispos com os presbíteros, diz que ele mesmo é presbítero.⁵⁵²

Mesmo que a compreensão da IBM Alphaville sobre os oficiais da igreja seja divergente do pensamento de outras denominações cristãs, o que nos importa aqui é ressaltar que a ideia do sacerdócio universal do crente não é contrária a existência dos oficiais.

A compreensão é a de que a responsabilidade individual do crente leva em conta que o sacrifício de Jesus abriu o caminho para o relacionamento do homem com Deus sem que haja intermediários (Hb 9,11-28).

Em outras palavras, Jesus é o único mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5-6), o que não impede que os oficiais da igreja exerçam suas funções. O sacerdócio universal considera: que é Deus quem transforma homens em sacerdotes por Jesus Cristo (1Pd 2,7-10); que o homem não depende de pessoas sagradas para interpretar a Bíblia (At 17,11); que a confissão de pecados pode ser feita a outras pessoas, mas que sacerdotes não possuem poderes de absolvição (1Jo 1,9; 1Tm 2,1-4; Tg 5,16; Mt 16,9; e Jo 20,23).

Sobre a autenticidade e apostolicidade das igrejas, a IBM Alphaville está de acordo o pensamento de H. Muirhead, que aponta que as igrejas batistas estão em conformidade com as normas das igrejas apostólicas, haja vista que a

⁵⁵¹ PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. História e princípios dos batistas, 2005. p. 9.

⁵⁵² PORTER, P. Organização batista, p. 33.

organização, as ordenanças, os preceitos e exemplos do Novo Testamento são tidos como fundamentais.⁵⁵³

Há concordância dos batistas com a ideia de que a conclusão da revelação constitutiva se deu com a morte do último apóstolo, o que implica em concordar com o pensamento de G. Philips que assegura que a Igreja está fundamentada nas primeiras testemunhas apostólicas,⁵⁵⁴ conforme expomos no capítulo três (3.1.1).

4.1.2 A motivação da fundação

Vale lembrar aqui que a história da fundação da IBM Alphaville é bastante recente, já que remonta ao ano de 2006 - conforme descrevemos no segundo capítulo (2.2) -, quando um grupo de cristãos oriundos de diferentes denominações passou a se reunir em uma residência.⁵⁵⁵

Antes de entrarmos mais especificamente nos aspectos que motivaram a fundação da igreja, optamos por citar o pensamento do pesquisador R. Muzio, que diz que o processo de nascimento de uma comunidade eclesial é similar à construção de uma casa: antes de edificar os pilares fundamentais, é preciso ter uma visão ou pelo menos uma imagem mental da casa ideal; depois faz-se os rascunhos; em seguida procura-se um engenheiro para elaborar uma planta; na sequência elaboram-se um plano de ação que culminará na contratação de uma equipe de construção que iniciará a construção da casa.⁵⁵⁶

Embora o pensamento de R. Muzio possa fazer sentido em alguns contextos de plantação de igreja, não foi exatamente o que aconteceu no processo de nascimento da IBM Alphaville. O que percebemos é que o grupo inicial não tinha uma imagem mental ideal do que desejava como igreja.

Em outras palavras, não existia um sonho ideal ou uma visão específica. Na verdade, não havia nem um rascunho que pudesse ser compartilhado com outras pessoas e que fosse capaz de exemplificar que tipo de igreja estava sendo fundada. A visão da igreja começou a ser desenvolvida após o terceiro ano de fundação, com a chegada do pastor S. Costa, conforme trataremos na sequência, quando abordaremos aspectos relacionados à visão eclesial.

⁵⁵³ MUIRHEAD, H. H. O cristianismo através dos séculos, p. 24.

⁵⁵⁴ PHILIPS, G. La Yglesia y su misterio em concilio Vaticano II, p. 296.

⁵⁵⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 19.

⁵⁵⁶ MUZIO, R. O DNA da Igreja, 229.

O que verificamos é que um dos aspectos que motivaram o grupo a ser reunido foi a proximidade geográfica em que eles residiam, a saber: a região de Alphaville. Outro fator motivacional era o fato de que alguns deles já se conheciam, pois anteriormente haviam sido frequentadores de uma mesma igreja batista da Grande São Paulo (2.2).

O fato de novas pessoas se unirem ao grupo inicial proporcionou um crescimento numérico que também motivou a organização oficial da igreja. Pareceu-nos que o aumento do número de pessoas se juntando ao grupo trouxe à IBM Alphaville uma mentalidade missionária e uma intencionalidade relacional (2.2).

Com o passar dos anos o grupo passou a ter o desejo de estabelecer em Alphaville uma igreja que fosse leve, profunda e missional (2.2.1). A leveza implicava em desenvolver um ambiente eclesial onde a espiritualidade se tornasse mais importante do que as expressões de religiosidade.

A declaração de S. Costa explica o conceito presente na igreja desde a sua fundação:

A espiritualidade não é uma conquista, mas uma inspiração, uma fonte. Nenhum homem pode conquistar a própria espiritualidade por seu esforço. Ele pode se conectar com Jesus, ser inspirado n'Ele e ter a alma abastecida por estar ligado à fonte.

A espiritualidade de uma pessoa começa no receber, não no fazer. A espiritualidade não resulta da diligência ou no zelo; em outras palavras, não depende do homem. É de graça e depende da fonte a que o homem está ligado. Se está ligado em Jesus, receberá tudo o que precisa para a vida. Quem encontra Jesus encontra a vida: "Todo aquele que o Pai me der virá a mim..." (João 6.37).⁵⁵⁷

O conceito de espiritualidade levado em conta na IBM Alphaville não está condicionado a realizar coisas, mas em estabelecer um relacionamento direto com Jesus, que é a fonte de nossa espiritualidade. Na mesma direção crítica está o teólogo A. Sella, que explica que as nossas igrejas estão cheias de celebrações religiosas onde a grande preocupação está em preparar e realizar os ritos ou rituais litúrgicos com ordem, majestade e sacralidade:

Há celebrações que são impecáveis desse ponto de vista da formalidade litúrgica. Obviamente, um certo grau de decoro litúrgico e sacralidade celebrativa é importante. Todavia, trata-se da forma e não da substância litúrgica. E quando a forma não consegue manifestar a substância, então torna-se um ritual que é vazio ainda que belo, ou seja, um rito que não tem profundidade de vida divina. Torna-se como uma flecha cortada do seu caule: bela e fascinante, mas depois de apenas poucas horas está murcha e morta. Assim é um ritual que não se torna uma celebração evangélica, isto é, um invólucro vazio embora belo.⁵⁵⁸

(...) O rito ou ritual é uma realidade que nos recorda o mito, e o religioso faz memória dos eventos divinos. A celebração evangélica, por sua vez, faz memória da ceia do Senhor, no caso da eucaristia, mas sobretudo torna presente hoje e muito vivo o Cristo Ressuscitado na forma eucarística. A celebração evangélica, justamente porque não é só uma recordação, mas um encontro com o Deus vivo, torna-

⁵⁵⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 48.

⁵⁵⁸ SELLA, A. Por uma Igreja do Reino, p. 79.

se portadora de novidade e de mudança para todos nós. Colocar o Evangelho na liturgia significa torná-la substancial e não somente entregue à forma. Significa ainda hoje encontrar um Deus vivo e presente, e não apenas um mito. Encontrar uma realidade tão vital e transcendente conduz a uma mudança tal, que exprime o melhor possível os traços divinos que trazemos em nós como suas criaturas.⁵⁵⁹

Segundo S. Costa, uma espiritualidade leve é estabelecida através de uma ligação do homem com Jesus, o que contraria a ideia pós-moderna que faz com que o ser humano imagine que é através de uma atividade religiosa ou da busca pelo transcendente que se tornará mais espiritual. A resposta da IBM Alphaville para o mundo pós-moderno é simples, mas ao mesmo tempo profunda: o vazio espiritual presença na alma dos homens só pode ser preenchido por Jesus.⁵⁶⁰

Sobre a ênfase missionária, podemos dizer que as práticas da IBM Alphaville podem ser comparadas com a prática missional desenvolvida pela comunidade cristã de Antioquia da Síria (3.3.5), que encabeçou um movimento missionário capaz de abrir as portas do evangelho à diferentes pessoas.⁵⁶¹

Felizmente, tal percepção não é exclusividade da IBM Alphaville, haja vista que também tem sido notada em outras realidades eclesiais. E. Stezer e S. Queiroz apontam que a mentalidade missionária tem sido um fator determinante dentre algumas igrejas que têm transformado realidades dentro de nosso país.

Em pesquisa histórica e científica recente, eles destacaram algumas comunidades locais em que práticas missionárias contextualizadas têm alcançado êxito, com é caso da Igreja Batista Central de Fortaleza e da Igreja Luterana da Renovação em Cordeirópolis.⁵⁶²

Com respeito à intencionalidade relacional, S. Costa conta que um dos sonhos iniciais do pequeno grupo que iniciou a IBM Alphaville era o de ser instrumento de Deus para alcançar a comunidade⁵⁶³ através de relacionamentos fortes.⁵⁶⁴

De fato, a impressão que se teve é a de que na IBM Alphaville existe a preocupação de se amar e acolher as pessoas, bem como de ensiná-las a amar e cuidar dos outros, motivando-os a formarem uma grande família que se relaciona em igualdade.⁵⁶⁵

4.1.3 A visão eclesial

⁵⁵⁹ SELLA, A. Por uma Igreja do Reino, p. 81.

⁵⁶⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 47.

⁵⁶¹ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 164.

⁵⁶² STETZER, E.; QUEIROZ, S. Igrejas que transformam o Brasil, p. 63-76.

⁵⁶³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 20.

⁵⁶⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 23.

⁵⁶⁵ COSTA, S. Compre cadeira, p. 23.

A respeito da visão eclesial, em primeiro lugar salientamos o fato de que a IBM Alphaville é uma igreja cristocêntrica, conforme descrito anteriormente no capítulo 2 (2.2.1; 2.4.1).

A impressão que que tivemos é a de que a ideia da centralidade em Cristo se reproduz na membresia da igreja por meio das mensagens com enfoque em Jesus (2.4.7) e de uma liderança comprometida com Cristo.

Embora não seja uma tarefa simples mensurar o comprometimento dos frequentadores de uma igreja com Cristo, é possível que se observe a devoção que uma comunidade local tem para com Jesus. Tal ideia é desenvolvida por E. Stetzer e S. Queiroz, que apontam para o fato de que a adoração é possivelmente a ação mais importante da experiência humana, e que algumas igrejas envolvem-se com Jesus através dela.⁵⁶⁶ Pareceu-nos ser este o caso da IBM Alphaville. Voltaremos a tratar desta temática no item 4.3.2 do atual capítulo.

Ainda no que se refere à adoração centrada em Cristo, vale lembrar a descrição as letras cantadas de maneira comunitária sempre falam a respeito de Jesus, conforme descrito no capítulo dois (2.4.6). Na opinião de S. Costa, a IBM Alphaville tem como ponto de destaque de sua visão a proposta de ser uma igreja atual e focada em Jesus.

Para ele, este é um paradigma que precisa ser quebrado pelas igrejas da atualidade, já que muitas desenvolvem uma eclesiologia que não é capaz de interpretar o conteúdo do evangelho para as pessoas que vivem em nosso mundo.⁵⁶⁷ A análise da eclesiologia da igreja nos permitiu compreender que o foco da IBM Alphaville está, de fato, em Jesus.

A IBM Alphaville também demonstrou o interesse em alcançar as pessoas da contemporaneidade, o que exige que a própria comunidade local desenvolva constantemente novas estratégias o tempo atual e para os que ainda virão. A impressão é a de que a visão eclesial da IBM Alphaville tem similaridades com a proposta eclesiológica de R. Bell, que defende que a Igreja precisa ser repintada, gerando uma visão contemporânea mais contextualizada, já que a que a tradição cristã é cheia de mudanças, crescimento e transformação.⁵⁶⁸

A visão da IBM Alphaville também está em concordância com o pensamento de B. Smith, que ao prefaciá-la uma das obras de E. McManus, defende a ideia de que o papel dos líderes das igrejas é o de promover mudanças, o que por

⁵⁶⁶ STETZER, E.; QUEIROZ, S. Igrejas que transformam o Brasil, p. 7.

⁵⁶⁷ COSTA, S. Compre cadeira, p. 35-36.

⁵⁶⁸ BELL, R. Repintando a Igreja, p. 11.

si só já é uma tarefa capaz de intimidar muita gente, já que o gosto pelo conforto e pela segurança é inerente a muitos dos que lideram comunidades cristãs.⁵⁶⁹

Para S. Costa, a IBM Alphaville é uma igreja focada em Jesus e disposta a revisar a forma e o jeito de ser igreja para que consiga melhor interpretar o evangelho de Jesus no mundo em que vivemos. Para ele, a única coisa da qual a igreja não deve abrir mão é a respeito do conteúdo do evangelho.⁵⁷⁰

A concepção de S. Costa é também validada por S. Noceti, que ao citar um ensaio escrito por B. Haring em 1993, quando discorreu a respeito da urgência de se refletir sobre a transformação da Igreja e o levantamento de caminhos para uma possível mudança.⁵⁷¹

Face a tais percepções, parece-nos de bom grado que concordemos com o fato de que a Igreja precisa estar em um processo constante de transformação e mudanças, como se estivesse sujeita à uma permanente reforma para melhor atender ao chamado de Cristo.

Em tempos de urbanização e de mudanças constantes, vale considerar o texto de R. Muzio, que levanta a questão da necessidade de se desenvolver estratégias capazes de tornar a Igreja mais relevante para o nosso tempo:

Para que se desenvolva de maneira saudável e vigorosa, a igreja precisa compreender e interpretar melhor o contexto social, histórico e cultural ao seu redor. Fazendo isso, ela aplicará melhor suas estratégias e recursos. Podemos chamar isso de hermenêutica da cidade.⁵⁷²

Se por um lado a hermenêutica bíblica considera a necessidade de uma interpretação correta das Escrituras, a hermenêutica da cidade leva em conta um imperativo para as igrejas: o de interpretar as suas realidades urbanas de maneira correta para que possa realizar mudanças eclesiais capazes de tornar a Igreja mais relevante para o seu tempo.

Entendemos que a IBM Alphaville se coloca como uma promotora de mudanças, haja vista que um dos grandes desafios que o Reino de Deus implica à vida da Igreja é que esta precisa estar em constante mudança.

Em outras palavras, a IBM Alphaville sente-se convidada a reformar-se constantemente. Assim, ela possui uma característica emergente, já que, embora seja um organismo permanente, sempre estará sujeita ao compasso dos tempos.

⁵⁶⁹ McMANUS, E. R. Uma força em movimento, p. 13.

⁵⁷⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 35-36.

⁵⁷¹ NOCETI, S. Para gerar uma nova Igreja, p.7.

⁵⁷² MUZIO, R. Revolução silenciosa II, p. 10.

Nossa análise leva em conta que uma igreja promotora de mudança precisa estar em permanente atitude de reforma e de aprendizado, como é o caso da IBM Alphaville.

O desafio da mudança implica à igreja renovar a sua visão e pensar as mudanças com discernimento (não apenas mudar por mudar), avaliando o tempo certo de cada mudança, seja esta relativa às questões espirituais, processuais ou de pensamento.

A mutação da Igreja já era percebida pelo autor da carta aos hebreus, que afirmava que Jesus havia apresentado “um novo e vivo caminho” (Hb 10,20). Ou seja, o caminho que veio sendo transitado pelos seguidores de Jesus não é o mesmo que foi trilhado pelo povo de Israel nos tempos do Antigo Testamento: é um caminho que nos é apresentado passo a passo.⁵⁷³

J. Pagola faz uma importante afirmação a respeito da renovação da Igreja:

A renovação da Igreja está exigindo de nós hoje o seguinte: deixar de ser comunidades formadas majoritariamente por “adeptos” e passar a ser comunidades de “discípulos” e “seguidores” de Jesus. Precisamos disto para aprender a viver mais identificados com seu projeto, menos escravos de um passado nem sempre fiel ao Evangelho e mais livres de medos e servidões que podem impedir-nos de escutar seu chamado à conversão.⁵⁷⁴

Se o apelo de J. Pagola for realmente atendido pela Igreja atual, é possível que a ela venha a se tornar mais relevante à cultura emergente do que é na atualidade. Por enquanto, parece-nos que ainda há muitas pessoas que gostam bastante de Jesus e o respeitam, mas que não têm a menor empatia pela Igreja.

4.2 A relação da IBM Alphaville com a cidade e a cultura

A seguir analisaremos alguns aspectos inerentes à relação desenvolvida pela IBM Alphaville junto à cidade e o entorno em que está sediada, bem como algumas formas através das quais ela se relaciona com a cultura contemporânea.

Parte da análise leva em conta alguns dos elementos já descritos no segundo capítulo da atual pesquisa (2.3). Outros aspectos serão analisados à luz do diálogo com autores que tratam das temáticas a serem aqui desenvolvidas e que dizem respeito às questões ligadas à cidade e à cultura.

4.2.1 A relação com a cidade

⁵⁷³ REZENDE, J. S. O Reino e a Igreja, p. 105.

⁵⁷⁴ PAGOLA, J. A. O caminho aberto por Jesus, p. 9-10.

Uma das necessidades da eclesiologia contemporânea é buscar alternativas que visem influenciar a cultura pós-cristã, sem que se manipule o evangelho original de Jesus. Cabe à igreja da atualidade levantar questões e respondê-las à altura, de maneira que o evangelho que ela apresenta seja um evangelho centrado, capaz de atingir a cidade e gerar um movimento guiado pelo Espírito Santo de Deus.⁵⁷⁵

J. Barro aponta sobre a dificuldade que a igreja brasileira tem em interagir com a cidade e responder às grandes questões dos centros urbanos. Ele aponta que a missão da igreja está em perigo e precisa de uma nova reflexão:

A teoria e a prática de organização das comunidades parecem precisar de reflexão e interação mais profunda com a igreja na cidade. Por outro lado, muitos esforços de evangelismo de massa na cidade estiveram cegos às questões sistêmicas da cidade e raramente buscaram uma transformação mais radical e holística das cidades onde os empreendimentos evangélicos aconteceram.⁵⁷⁶

Levando em conta a percepção de J. Barro, parece-nos que o panorama da eclesiologia em nossos dias está, de fato, um pouco confuso e carece de um enfoque mais contextualizado. É possível que uma das soluções para tal problema está em olhar para Jesus e para as suas formas de atuação, já que Ele não tinha problemas em interagir com as multidões e solucionar as suas questões.⁵⁷⁷

R. Warren lembra que o desafio da igreja de nosso tempo é interagir não apenas com o núcleo da igreja - formado pelos ministros e leigos -, mas também com os membros maduros e comprometidos, com a congregação em geral, com a multidão de frequentadores da comunidade e especialmente os “desigrejados” que residem em nossas cidades.⁵⁷⁸

A análise de nosso objeto de estudo nos trouxe a percepção de que a IBM Alphaville é uma igreja que, ao longo da sua experiência histórica, tem crescido numericamente (2.2). É possível que parte de sua ascensão numérica se dê em virtude de diversas particularidades, dentre elas a interação com as pessoas da cidade.

O pesquisador D. McGravan aponta que as igrejas têm apresentado diferentes formas de crescimento, uma vez que a sociedade é definida em termos de classes e massas, e que ambas têm clamado por justiça de igualdade de oportunidades:

Mais do que qualquer outro século anterior, o nosso é consciente acerca das massas e seu clamor por justiça e igualdade de oportunidades. Os que trabalham com

⁵⁷⁵ REZENDE, Eclesiologia contemporânea, 2016. p. 24-25.

⁵⁷⁶ BARRO, J. H. De cidade em cidade, p. 12.

⁵⁷⁷ REZENDE, Eclesiologia contemporânea, 2016. p. 25.

⁵⁷⁸ WARREN, Uma igreja com propósitos, 2008, p. 183-273.

suor nos serviços menos desejáveis têm sempre compreendido a maior parte da sociedade, mas no século vinte eles têm adquirido mais e mais poder social e político. O industrialismo criou um enorme proletariado em nossas cidades cada vez maiores os sindicatos e as organizações trabalhistas têm adquirido uma força tremenda. As igrejas têm clamado por justiça social. Uma consciência despertada entre os líderes nacionais tem mudado nossa estrutura de impostos em direção a uma distribuição de riquezas mais justa. O comunismo estabeleceu ditaduras do proletariado em muitas nações, defendendo-as como um passo necessário em direção a uma sociedade justa.⁵⁷⁹

A compreensão de McGravan parece ter uma conexão com a forma através da qual a IBM Alphaville tem desenvolvido o seu relacionamento junto à cidade, haja vista que a região onde está estabelecida é caracterizada por ser uma região rica, mas ao mesmo tempo com um entorno populoso que clama por justiça. Ademais, Alphaville é também uma região de muitas indústrias que trazem como consequência a formação de um proletariado.

A percepção é a de que a IBM Alphaville tem conseguido, ao longo dos anos, interagir tanto com as classes mais abastadas financeiramente quanto com as massas que fazem parte do proletariado citado por D. McGravan.

Percebe-se também que a IBM Alphaville se utiliza de variadas maneiras para relacionar-se com a cidade e com o entorno em que está inserida. Observamos que após os primeiros anos de sua fundação a IBM Alphaville não era muito conhecida na cidade, mas durante a sua fase de expansão (2.2.3) a igreja passou a ser mais amplamente reconhecida não somente por seus frequentadores, mas também por pessoas de fora da comunidade eclesial, o que permitiu uma relação mais próxima com as pessoas da cidade.

Parece-nos que vários motivos contribuíram para que a IBM Alphaville ampliasse o seu relacionamento com as pessoas da região. Um deles é o fato dela ter mudado por algumas vezes o seu endereço físico e ampliado os seus espaços reuniões, tornando-os mais adequados e acessível às pessoas da cidade.

A inserção de um programa de recuperação de pessoas na igreja foi outro fator que contribuiu para que a IBM melhor se relacionasse com mais indivíduos. A reunião de pequenos grupos nas casas, a realização de atividades culturais e esportivas também proporcionaram a interação com as pessoas da cidade.

Observamos também uma intencionalidade em se relacionar com pessoas que não frequentavam uma igreja, os desigrejados. Anteriormente à sua chegada na IBM Alphaville o pastor Sidney Costa já havia estudado o modelo eclesial da Igreja Saddleback, que incluía em sua visão a ideia de ter cultos e celebrações

⁵⁷⁹ McGRAVAN, D. A. Compreendendo o crescimento da Igreja, p. 281.

mais atrativas aos “sem igreja”.⁵⁸⁰ Mais à frente, quando tratarmos a respeito dos aspectos litúrgicos, analisaremos com maior profundidade questões relacionadas ao estilo de culto praticado na IBM Alphaville.

É bem possível que o conhecimento prévio que Costa teve sobre os modos de operação da Igreja de Saddleback tenha contribuído para que a IBM Alphaville conseguisse, de fato, para que a ela tenha conseguido se tornado mais atrativa aos “desigrejados” da cidade.

Fazendo uma breve comparação com o ministério realizado por Jesus, percebemos que Ele teve a preocupação de viver entre as pessoas das cidades e vilarejos pelas quais passava, sempre dando atenção aos mais diferentes tipos de indivíduos.⁵⁸¹

De cidade em cidade, de vilarejo em vilarejo, Jesus ia até onde as pessoas estavam (Lc 8,1). Ele tocava as pessoas e as transformava, demonstrando um grande exemplo de como devemos dar atenção e amor aos diversos tipos de indivíduos que habitam nas cidades.⁵⁸²

Neste sentido, a IBM Alphaville demonstra ter em Jesus a sua principal fonte de inspiração para relacionar-se com a sociedade em que está inserida e pratica os elementos necessários para a realização de uma teologia bíblica de missão urbana pautada na práxis de Jesus.⁵⁸³

4.2.2 A interação com a cultura

A análise da maneira como a IBM Alphaville se relaciona com a cultura contemporânea leva em conta a descrição realizada no segundo capítulo desta tese (2.3), bem como algumas das transformações sociais e culturais que ocorreram no mundo nos últimos anos, dentro e fora do Brasil.⁵⁸⁴

A interação com a cultura tem sido é uma das necessidades eclesiais mais vitais. O autor E. Mcmanus discorre sobre o assunto contribuindo com a ideia de que a toda igreja deve preocupar-se com o ambiente externo, o que demanda manter um estado constante de mudança a fim de adaptar-se às necessidades da cultura.⁵⁸⁵

⁵⁸⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 18.

⁵⁸¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 25.

⁵⁸² COSTA, S. Compre cadeira, p. 25.

⁵⁸³ BARRO, J. H. De cidade em cidade, p. 24-25.

⁵⁸⁴ COSTA, S. Compre cadeira, p. 26.

⁵⁸⁵ McMANUS, E. R. Uma força em movimento, p. 20-21.

Embora a exposição de McManus seja bastante relevante, é preciso lembrar que a eclesiologia contemporânea precisa buscar alternativas que visem influenciar a cultura pós-cristã sem que se manipule o evangelho original de Jesus, conforme expõe R. Agreste:

O papel da igreja diante de qualquer cultura é, primeiramente, identificar os pontos de contato e as oportunidades para comunicar aos homens e mulheres inseridos na cultura, a mensagem do Evangelho de Deus. Ao mesmo tempo, a igreja deve também identificar distorções e disfunções presentes na cultura, confrontando seus mecanismos que vão gradativamente envolvendo, cegando e escravizando seres humanos, tornando-os, a cada dia, seres mais distantes da imagem e semelhança de Deus.⁵⁸⁶

Um dos objetivos principais da igreja contemporânea – como é o caso da IBM Alphaville – é o de contextualizar o evangelho de Jesus Cristo às necessidades da cultura em que ela está inserida.⁵⁸⁷ As comunidades cristãs devem cuidar para não se tornarem subcontextualizadas ou, tampouco, supercontextualizadas, porque o equilíbrio deve ser o ponto-chave de suas ações.⁵⁸⁸

Ocorre que não basta à uma igreja simplesmente se adaptar à cultura, já que é possível que alguns aspectos culturais não estejam de acordo com os princípios cristãos. Uma igreja precisa desafiar as pessoas a andar de acordo com a verdade e a vontade de Deus, mesmo que isso, de certa forma, tenha de ir na contramão da cultura local. Assim, quando falamos que uma igreja deve estar atenta à cultura em que está inserida, isso não implica necessariamente aceitar aspectos pecaminosos dessa cultura.⁵⁸⁹

Levando em conta tal consideração, vale ter em mente a importante exposição propositiva em relação feita por R. Agreste, que discorre sobre as formas através das quais as igrejas contemporâneas podem analisar a cultura:

(...) sempre que nos deparamos com a análise de uma cultura, precisamos ter esta dupla perspectiva. Por um lado, na cultura podemos encontrar flashes da imagem e semelhança de Deus nos seres humanos. Por outro lado, nela também podemos encontrar valores e hábitos que refletem a desconexão entre eles e o Criador. Por isso, sempre teremos elementos positivos e negativos numa cultura em relação ao Evangelho. Sempre identificaremos aspectos que sabotam o plano de Deus para homens e mulheres e aspectos que funcionam como ponto de contato entre eles e o Evangelho de Deus.⁵⁹⁰

Soma-se aos pensamentos de E. McManus e de R. Agreste a compreensão de T. Keller, que destaca o fato de que a própria igreja está vivendo um momento de crise cultural interna:

⁵⁸⁶ AGRESTE, R. S. Igreja? Tô fora! p. 41.

⁵⁸⁷ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 64.

⁵⁸⁸ KELLER, T. Igreja centrada, p. 292.

⁵⁸⁹ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 65.

⁵⁹⁰ AGRESTE, R. S. Igreja? Tô fora!, p. 41.

A igreja (...) atual pulsa com debates internos. Vemos hoje dentro da igreja debates em torno da autoridade da Bíblia, da justificação pela fé, da morte reconciliatória de Cristo, das maneiras de conduzir o culto, do papel dos homens e das mulheres na família e na igreja e dos métodos de evangelismo, assim como inúmeras disputas sobre a natureza e os ministérios da igreja. E então temos os debates mais acadêmicos em torno do significado do reino de Deus, do caráter de Deus (ex., “teísmo aberto” e “a Trindade social”), da “nova perspectiva sobre Paulo”, dos objetivos da missão da igreja e das questões que envolvem a epistemologia e a natureza da verdade.⁵⁹¹

A respeito da compreensão de T. Keller, vale salientar que a sua opinião leva em conta o contexto eclesial norte-americano, já que ele é pastor de uma comunidade local de Nova Iorque. No entanto, tal consideração não tira o mérito de suas considerações, pois tais preocupações também podem dizer respeito aos debates concernentes à eclesiologia brasileira.

Em se tratando da IBM Alphaville, nossa análise permite dizer que a igreja apresenta indícios de uma preocupação em interagir com a cultura externa e com a evolução das pessoas que moram nas cidades, inclusive no que diz respeito aos aspectos migratórios que levaram ao aumento de pessoas residindo nos grandes centros urbanos e com o desenvolvimento da pós-modernidade e com a ampliação do pensamento secularista.⁵⁹²

Há uma intencionalidade da IBM Alphaville em interagir com o ambiente cultural externo, conforme proposto por E. Manus. Existem também sinais de que a igreja busca verificar se os elementos culturais externos são compatíveis com a fé cristã, de acordo com exposição de R. Agreste.

No que diz respeito aos debates internos destacados por T. Keller, verificamos que a IBM Alphaville não enfoca a discussão de tais questões, haja vista que as respostas sobre os principais assuntos podem ser facilmente identificadas através da verificação dos seus princípios norteadores, que são concernentes aos princípios batistas e que, por sua vez, são de conhecimento geral dos que conhecem a denominação batist.

Ainda sobre a forma de interação da IBM Alphaville com a cultura, podemos dizer que ela está em consonância com o pensamento de D. McGravan, que assinala o fato de que as igrejas de hoje precisam discernir os obstáculos que impedem o seu crescimento e analisar os fundamentos sociológicos, como a estrutura social e a forma de receptividade de cada indivíduo e sociedade.⁵⁹³

Face a tal entendimento, o seguinte texto de E. Manus parece explicar que os desafios expostos por D. McGravan não tem sido realizados a contento:

⁵⁹¹ KELLER, T. Igreja centrada, p. 216.

⁵⁹² COSTA, S. Compre cadeira, p. 26-32.

⁵⁹³ McGRAVAN, D. A. Compreendendo o crescimento da Igreja, p. 177-280.

Ao longo dos últimos quarenta anos, as comunidades em volta de várias igrejas mudaram de um modo radical, ainda que as igrejas tenham permanecido as mesmas. Em algum momento do processo de transformação da comunidade, a igreja se desconectou. E como a transição começou de maneira intensa, a congregação local estava despreparada e desatenta. A igreja precisa se adaptar ao mundo que está se transformando; caso contrário, estará se condenando à irrelevância ou mesmo à extinção.⁵⁹⁴

Embora seja uma consideração de caráter geral, parece-nos que a IBM Alphaville tem conseguido superar os desafios citados por E. McManus, indo ao na direção contrária das comunidades locais às quais o autor se refere, o que denota um ponto positivo.

O enfrentamento dos desafios contemporâneos de forma positiva não exclusividade da IBM Alphaville. Levando em conta a exposição de R. Agreste, podemos fazer uma conexão da igreja contemporânea com as igrejas neotestamentárias, já que em diversos momentos elas também responderam positivamente aos difíceis ambientes externos que tiveram de enfrentar, como bem explica E. McManus:

Para a igreja do primeiro século, ambientes difíceis e desafiadores foram fatores de crescimento. A igreja primitiva se formou a partir de um contexto de perseguição. A igreja foi criada para prosperar nos limites da mudança e no centro da História. Ela foi criada para crescer em meio às mudanças radicais de nossos ambientes.⁵⁹⁵

Parece-nos que a IBM Alphaville é uma igreja que se propõe a atender às necessidades das pessoas que vivem em um contexto cultural urbano. Assim, a impressão que tivemos é a de que ela tem sido relevante no contexto da cidade em que está inserida.

Por outro lado, é bem possível que as estratégias eclesiais utilizadas pela IBM Alphaville com o intuito de se relacionar com a cultura necessitassem de adequações caso a igreja estivesse inserida em um contexto rural. Do contrário, a impressão que tivemos é a de que as táticas praticadas em uma realidade não urbana não alcançariam os mesmos índices de relevância que têm alcançado em Alphaville.

Levando em conta o pensamento de C. Engen, que diz que o nosso mundo é um crescente mundo urbano,⁵⁹⁶ parece-nos que as estratégias de interação com a cultura urbana praticadas pela IBM Alphaville estão de acordo com as necessidades do momento.

⁵⁹⁴ McMANUS, E. R. Uma força em movimento, p. 21.

⁵⁹⁵ McMANUS, E. R. Uma força em movimento, p. 21.

⁵⁹⁶ BARRO, J. H. De cidade em cidade, p. 11.

Assim, a adaptação ao ambiente cultural externo, proposta por E. McManus,⁵⁹⁷ é uma realidade na IBM Alphaville. Ela leva em conta que um mundo em constante mudança necessita de igrejas capazes de se adaptarem e de mudarem para melhor atender às necessidades da sociedade.

4.3 A teologia e a liturgia da IBM Alphaville

A análise da teologia e da liturgia praticada pela IBM Alphaville também leva em consideração alguns dos elementos já descritos no segundo capítulo da pesquisa (2.4), que serão somadas ao diálogo com autores que tratam das mesmas temáticas.

4.3.1 A teologia

Analisaremos aqui três aspectos citados no capítulo dois da presente pesquisa e que são tidos como práticas primordiais da IBM Alphaville: a teologia cristocêntrica (2.4.1); a teologia bíblica (2.4.2); e a teologia pneumatológica (2.4.3). Verificaremos a veracidade de tais afirmações.

Levando em conta que as igrejas do Novo Testamento eram fundamentalmente cristocêntricas e que os escritos neotestamentários asseguram tal realidade,⁵⁹⁸ entendemos que o testemunho de uma igreja local, como é o caso da IBM Alphaville, precisa evidenciar o testemunho e de uma comunidade que professa Jesus Cristo.

A cristocentricidade da IBM Alphaville pode ser verificada pelo fato dela prescrever a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que considera como igreja batista local toda congregação formada por pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé.⁵⁹⁹

Em uma de suas obras, S. Costa explica que a teologia da IBM Alphaville está focada em Jesus, pois tem como uma de suas prioridades viver Jesus no tempo atual, bem como interpretar o evangelho de maneira simples no contexto em que está inserida.⁶⁰⁰

A afirmação de S. Costa está de acordo com a declaração de Paulo, quando disse aos filipenses que Cristo é tudo e deve estar em todos (Cl 3,11).

⁵⁹⁷ McManus, E. R. Uma força em movimento, p. 20.

⁵⁹⁸ SCHNACKENBURG, R. La Iglesia em el Nuevo Testamento, p. 9.

⁵⁹⁹ Declaração Doutrinárias da Convenção Batista Brasileira. Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 abr. 2020.

⁶⁰⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 40.

Também está em concordância com outra afirmação paulina dita aos cristãos da igreja de Éfeso, ocasião em que o apóstolo recomenda que eles deveriam seguir a verdade em amor e crescer em tudo naquele que é a cabeça, a saber, Jesus Cristo (Ef 4,15-16).

Abaixo transcrevemos algumas das opiniões de S. Costa e que dizem respeito à maneira através da qual a IBM Alphaville entende a sua relação com Cristo:

A eclesiologia de uma igreja focada em Jesus precisa fazer o que ele ensinou com a própria vida e com os primeiros passos da igreja que ele formou. Não existe uma pirâmide em que um homem é o cabeça; existe, sim, uma fonte onde todos bebem e buscam direção para o funcionamento do corpo. Todos somos um em Cristo. Temos o mesmo *DNA*, funções diferentes, mas o mesmo alvo de fazer o que Jesus- não outra pessoa – quer.⁶⁰¹

A visão teológica de uma igreja centrada em Cristo está ajustada com a ideia de T. Keller, que enfatiza a necessidade de se produzir uma teologia que parta do evangelho de Jesus Cristo. Para ele, o centro é o lugar do equilíbrio, e o evangelho de Cristo deve estar no centro.⁶⁰²

S. Costa concorda com T. Keller e destaca que na IBM Alphaville a voz de Jesus é o centro de partida para todas as ações ministeriais, haja vista que compreende que Jesus, de fato, está no centro de todas as coisas e é o ponto de partida e alinha de chegada para a decisão sobre qualquer assunto.⁶⁰³

A IBM Alphaville também desenvolve uma teologia bíblica, em concordância com a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que considera as Escrituras Sagradas, a Bíblia, como palavra de Deus⁶⁰⁴ em linguagem humana (SI 119,89; Hb 1,1; Is 40,8; Mt 24,35; Lc 24,44-45; Jo 10,35; Rm 3,2; 1Pd 1,25; e 2Pd 1,21).

Na visão de T. Keller, a prática de uma teologia bíblica implica em contextualizar o evangelho para as pessoas da cidade de maneira intencional, equilibrada e ativa. A compreensão dele é a de que a Bíblia tem muito a dizer sobre a cultura humana e a forma como o evangelho estabelece o nosso relacionamento com ela.⁶⁰⁵

O pesquisador A. Sella destaca que uma das maiores necessidades de nosso tempo é valorizar mais o conteúdo bíblico em relação à diversidade de livros

⁶⁰¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 43.

⁶⁰² KELLER, T. Igreja centrada, p. 25.

⁶⁰³ COSTA, S. Compre cadeira, p. 43.

⁶⁰⁴ Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 abr. 2020.

⁶⁰⁵ KELLER, T. Igreja centrada, p. 129.

religiosos que temos ao nosso alcance. Para ele, precisamos de mais Bíblia e menos livros religiosos.⁶⁰⁶

Se de um lado T. Keller expressa a sua preocupação em apresentar a Bíblia de maneira contextualizada à cultura atual, A. Sella discorre sobre a valorização da Bíblia em relação aos livros religiosos atuais, que também podem nos servir como referência para o entendimento da cultura religiosa em voga na atualidade.

A respeito de tal celeuma, nos parece interessante levar em conta a consideração de T. Keller:

Naquelas áreas em que a Bíblia nos deixa livres para agir, devemos sempre buscar a adaptação cultural ao realizar o ministério cristão – abstendo-nos de certas atividades ou comportamentos, com o objetivo de tirar as pedras de tropeço desnecessárias do caminho daquelas pessoas que têm ideias estruturais equilibradas. (...) quando a Bíblia não se pronuncia, não devemos tornar absolutas as normas culturais humanas que são relativas.⁶⁰⁷

A proposta da IBM Alphaville de ser uma igreja pautada em uma teologia bíblica parece estar em acedência com o axioma de T. Keller, mas mais ainda com a afirmação de A. Sella, que destaca a necessidade de se colocar a Bíblia em um lugar de primazia, conforme nos explica:

Então, menos leitura de livros religiosos, ainda que sejam úteis e importantes, para poder dar mais espaço à leitura da Bíblia! Menos livros devocionais que nos fazem descobrir melhor a vida do santo ou da Nossa Senhora a quem temos devoção, mas que correm o risco de colocar na sombra o conhecimento da vida do Filho de Deus!

E, então, mais Bíblia, para poder recuperar o primado da palavra de Deus em nossa vida e em nossa leitura. Mais Bíblia para poder colocar-nos à escuta, profunda e profícua, da palavra de Deus que contém uma força capaz de mudar radicalmente a nossa vida! Mais Bíblia em nossas comunidades e em nossas casas, para torná-la a Palavra que orienta sempre a nossa vida para a realização do sonho de Deus: um mundo novo!⁶⁰⁸

A proposta apontada por A. Sella está em estado de combinação com a forma através da qual a IBM Alphaville lida com a questão bíblica: ela não descarta a interação com outras fontes de conhecimento, mas coloca a Bíblia em posição prioritária face à demais literaturas.

A fundamentação bíblica deve ser um dos princípios mais valorizados em toda e qualquer igreja. Lucas explica em um de seus textos que os bereanos foram considerados mais nobres que os tessalonicenses não apenas porque receberam

⁶⁰⁶ SELLA, A. Por uma Igreja do Reino, p. 70-78.

⁶⁰⁷ KELLER, T. Igreja centrada, p. 133.

⁶⁰⁸ SELLA, A. Por uma Igreja do Reino, p. 78.

a mensagem cristã com grande interesse, mas porque a examinaram, todos os dias, para fins de verificação (At 17,11).

A IBM Alphaville concorda com a concepção teológica paulina de que a Bíblia é revelada e inspirada por Deus (2Tm 3,16), além de ser inerrante e de possuir grande importância para a vida do cristão.⁶⁰⁹

A percepção a respeito da IBM Alphaville é a de que ela é uma igreja que considera ser a Bíblia não apenas algo acessório na vida da igreja, mas fundamental. A Palavra de Deus não é apenas um discurso para seduzir as pessoas, mas fonte de sustento para o rebanho.

Tal percepção nos faz recorrer ao pensamento de T. Maston, quando disse que os cristãos que viraram o mundo de cabeça para baixo eram homens e mulheres que tinham uma visão em seus corações e a Bíblia em suas mãos.⁶¹⁰ Na mesma linha de entendimento está C. Paes, quando afirma que uma igreja precisa definir a Palavra de Deus como base de tudo o que empreende. Ele também destaca que os princípios bíblicos devem ser contextualizados segundo a realidade circunstancial da igreja, desde que esta não conflita com a fé bíblica.⁶¹¹

Verificou-se que a IBM Alphaville é uma igreja que interage com a cultura. Ela inclusive se utiliza desta como ponte para aproximar-se do coração das pessoas, desde que não seja necessário a falta de observância dos princípios cristãos, conforme verificamos mais adiante (4.2).

A respeito da questão referente à teologia pneumatológica, a IBM Alphaville também prescreve a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, que diz ser o Espírito Santo pessoa divina, que é um em essência com o Pai e com o Filho⁶¹² (Gn 1,2; Jó 23,13; Sl 51,11; 139,7-12; Is 61,1-3; Lc 4,19-18; Jo 4,24; 14,16-17; 15,26; Hb 9,14; IJo 5,6-7; Mt 28,19).

Semelhantemente ao pensamento teológico de R. Aquino, a IBM Alphaville entende que é o Espírito Santo que adota, santifica, regenera, dá poder e é capaz de encher a vida do crente em Jesus Cristo.⁶¹³

É também através do Espírito Santo que a Trindade torna-se pessoal aos crentes, conforme explica M. Erickson mais detalhadamente:

O Espírito Santo é o ponto em que a Trindade torna-se pessoal para o que crê. Em geral, pensamos no Pai como alguém transcendente e bem longe, no céu; de forma semelhante, o Filho parece muito distante na história e, portanto,

⁶⁰⁹ MILHORANZA, A. O mosaico de Deus, p. 131.

⁶¹⁰ MASTON, T. A Igreja e o mundo, p. 27.

⁶¹¹ PAES, C. Igrejas que prevalecem, p. 35.

⁶¹² Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Disponível em:

http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em: 4 abr. 2020.

⁶¹³ AQUINO, R. B. Mosaico teológico, p. 53-75.

relativamente incognoscível. Mas o Espírito Santo é ativo dentro da vida dos que creem; ele reside dentro de nós. o Espírito Santo é a pessoa específica da Trindade por meio de quem toda a Divindade Triúna atua em nós.⁶¹⁴

Na mesma direção está A. Nicodemus, que ao falar sobre o Espírito Santo relembra a visão pneumatológica paulina: “Paulo diz que, por sua vez, Deus vem habitar na Igreja pelo seu Espírito. A Igreja é o local da habitação de Deus em Espírito. A Trindade bendita, pelo Espírito, está ali presente”.⁶¹⁵

O entendimento pneumatológico presente na IBM Alphaville acorda com a ortodoxia cristã que ao longo dos séculos propaga a crença na divindade do Espírito Santo, que diferentemente do Filho, não é gerado, mas procede do Pai e do Filho, conforme observado nos escritos paulinos (Rm 8,9; 8,11) e em concordância com a explicação de Aquino:

Com o conceito de processão, o qual não deixa de ser um conceito misterioso, não se quer falar de subordinação, afinal, o Espírito Santo também é Deus, mas apenas entender em que sentido Ele se difere das demais Pessoas da Trindade. (...) o Espírito Santo é Deus, e que, junto ao Pai e ao Filho age no mundo. Sistemáticamente, podemos perceber mais o Pai nas obras da criação, o Filho na obra de redenção e o Espírito Santo aplicando essa obra redentora na criação de Deus. Essa distinção é apenas didática, pois todas as Pessoas agem em conformidade com a outra.

É o Espírito Santo que está presente com a Igreja após a ascensão de Cristo (...).⁶¹⁶

Notamos que a IBM Alphaville tem um cuidado especial com o estudo pneumatológico, já a ação do Espírito Santo tem sido tema controverso desde o surgimento dos grandes avivamentos que ocorreram na Europa e nos Estados. A cautela se faz necessário justamente porque os avivamentos trouxeram vida para a Igreja, mas também confusão e excessos. Por tais motivos não se pode negar acentuadamente a ação carismática do Espírito Santo, mas também não se pode aceitar que tudo seja sua manifestação.⁶¹⁷

Os três aspectos teológicos analisados são observados de maneira positiva e constante da IBM Alphaville, o que confere à vida eclesial de tal comunidade a submissão a Cristo, à palavra de Deus e ao Espírito Santo.

4.3.2 A liturgia

⁶¹⁴ ERICKSON, M. Introdução à teologia sistemática, p. 344.

⁶¹⁵ NICODEMUS, A. Cheios do Espírito, p. 17.

⁶¹⁶ AQUINO, R. B. Mosaico teológico, p. 53.

⁶¹⁷ AQUINO, R. B. Mosaico teológico, p. 54.

A liturgia tem sido um dos principais temas de pesquisa entre teólogos da atualidade. Como a IBM Alphaville considera-se uma igreja contemporânea, optamos por dedicar parte da pesquisa para analisar alguns de seus aspectos litúrgicos à luz das informações descritas no segundo capítulo e dialogando com estudiosos do tema.

Analisaremos aqui quatro dos aspectos litúrgicos praticados pela IBM Alphaville: o conceito de culto; os elementos do culto; a forma do culto; e a pregação. Tais elementos estão em concordância com práticas essenciais que são concernentes à identidade batista.⁶¹⁸

Conceitualmente, o culto é a resposta do homem em relação à revelação de Deus. Em uma de suas obras, E. Ferreira traz a explicação de que a expressão cultural de uma criatura é a maneira que ela tem de honrar, referenciar e oferecer louvor à sua divindade.⁶¹⁹

J. Martins, pesquisador contemporâneo da eclesiologia batista, traz a seguinte concepção a respeito do tema:

O culto é assaz fundamental para colocar a pessoa em relação pessoal com Deus e em comunhão com os demais cristãos; provê estímulos e desafios para a vida cristã; dá oportunidade para confissão e purificação dos pecados; fornece instrução para o viver diário; e, dá condições ao fiel para que tenha a sua fé e o seu ardor aumentados.⁶²⁰

Conceitualmente, os batistas consideram que o culto a Deus pode ser pessoal ou coletivo, e que ele é a expressão mais elevada da fé e da devoção cristã. Ele é o “eu adorando e servindo a Deus”, e é o reconhecimento da presença, da soberania e do poder de Deus.⁶²¹

A IBM Alphaville leva em conta o entendimento batista de que o culto é uma experiência de adoração e confissão que se expressa com temor e humildade, tornando-se significativo pela combinação da inspiração, da presença de Deus, da proclamação do Evangelho, da liberdade individual e da atuação do Espírito Santo. Ele resulta na exaltação de Deus, na edificação do adorador, no fortalecimento da comunhão, na salvação de vidas e na motivação para o serviço.⁶²²

Algo que não é amplamente destacado oficialmente na liturgia batista é a visão de planejar um culto capaz de atender às necessidades da geração atual.

⁶¹⁸ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 9.

⁶¹⁹ FERREIRA, E. Manual da Igreja e do obreiro, p. 64.

⁶²⁰ MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 115.

⁶²¹ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 9.

⁶²² TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 10.

Enquanto essa geração não tiver as suas necessidades atendidas, será muito difícil alcançarmos o coração dela.

Sobre tal aspecto a IBM Alphaville antecipa-se à necessidade não atendida de forma oficial pelos batistas e favorece a realização de cultos e celebrações capazes de atender as novas gerações. Tal percepção pode ser comprovada através das diversas programações e atividades voltadas aos públicos das gerações mais recentes.⁶²³

É interessante que a ótica batista diz que o culto deve ser prestado a Deus, o que é absolutamente correto. De fato, o culto deve ser prestado a Deus, mas as pessoas que prestam o culto ou que dele participam precisam se sentir à vontade ao fazê-lo.

Parece-nos que esta é uma lacuna existente em algumas igrejas batistas, haja vista que se preocupam apenas com a questão teológica, sem se preocupar com outros elementos que envolvem o culto. O culto não deve, necessariamente, agradar aos líderes da igreja ou à equipe pastoral, mas às gerações que a igreja quer alcançar e pelas quais se interessa.⁶²⁴

No tocante aos elementos do culto, a IBM Alphaville atende à composição dos seguintes momentos tidos como padrão dentro da liturgia batista: exaltação (louvor); contrição; profissão; proclamação da Palavra (leitura bíblica e mensagem); consagração de bens e de vida; comunhão; testemunho; e intercessão.⁶²⁵ Tais elementos compõem a “ordem de culto”, tradicionalmente utilizada nas igrejas batistas.

Normalmente os momentos ocorrem de acordo com uma ordem de culto padrão, mas nem sempre as partes cultuais ocorrem na ordem em que foram aqui citadas, já que a liturgia em uma igreja batista é geralmente mais flexível e pode variar de acordo com o contexto local.⁶²⁶

Vale salientar que a flexibilidade existente no tocante à ordem de culto existente na IBM Alphaville, bem como em outras igrejas batistas, não implica na ocorrência de desordem, confusão ou improvisado.

Ainda que seja flexível, a ordem de culto visa facilitar a realização do culto, conforme nos explica M. da Silva, que foi um pesquisador da liturgia batista:

A ordem de culto “facilita” à mente do adorador acompanhar os movimentos do serviço prestado a Deus com clareza, inteireza e plenitude (sua mente, alma, espírito, emoções, vontade). Tudo do seu ser evoca o nome do Senhor. E, à medida

⁶²³ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 212.

⁶²⁴ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 212.

⁶²⁵ TORQUATO, R. (Org.). *Manual de identidade batista*, p. 10.

⁶²⁶ MARTINS, J. G. *Manual do pastor e da igreja*, p. 117.

que o culto se desenvolve, ele não apenas o acompanha, mas participa ativamente, glorificando o nome do Senhor.⁶²⁷

A preocupação com a organização de uma ordem de culto está em concordância com a recomendação fornecida pelo apóstolo Paulo aos cristãos da cidade de Roma no tocante à prática de um culto racional (Rm 12). Orientação semelhante foi dada aos crentes de Corinto, no sentido de que eles precisavam fazer tudo com ordem e decência (1Co 14).

A respeito do momento de exaltação (louvor), a IBM Alphaville segue uma tendência utilizada por algumas igrejas contemporâneas. O momento de louvor e adoração é relativamente longo e dura cerca de 40 minutos. Durante esse tempo, não há quebras (o famoso “senta e levanta”), embora as pessoas estejam à vontade para se sentar e se levantar quando bem entenderem.⁶²⁸ O início do culto se dá com uma breve oração e em seguida as canções já começam a ser entoadas. Entre uma música e outra, acontece o momento de intercessão e o de dedicação de dízimos e ofertas.

É observável que a IBM Alphaville atende a realização das principais partes de um culto sugeridas por J. Martins, que destaca a necessidade do momento da leitura bíblica, da oração, da pregação, dos hinos e cânticos.⁶²⁹ No entanto, notamos a ausência da impetração das bênçãos, que comumente finalizam os cultos batistas.

O cuidado com o louvor está em concordância com a opinião de J. Comiskey, que destaca a necessidade que a música tem de ajudar a congregação a exaltar a Deus, a entrar em sua presença e a entregar a ele o controle do culto. Para ele, o tempo indicado para o momento de exaltação pode variar de 20 a 45 minutos, dependendo do estilo e da cosmovisão da igreja, e é importante que se tenha em mente que o momento musical precisa evidenciar a presença de Cristo e permitir a socialização das pessoas. O autor diz que entrar na presença de Deus é parte importante do momento de exaltação.⁶³⁰

Sobre a mensagem litúrgica - formada pelo conjunto que comunica o culto, e não simplesmente o sermão -, a IBM Alphaville entende que ela está contida em todos os elementos do culto e deve ser cristocêntrica (1Co 2,1-5). Ela é desenvolvida de maneira criativa, utilizando-se de diversas formas, tais como:

⁶²⁷ DA SILVA, M. C. Cultos e panacéias, p. 58.

⁶²⁸ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 214.

⁶²⁹ MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 117-124.

⁶³⁰ COMISKEY, J. Reuniões atraentes, p. 34.

salmos; hinos; orações; música; teatro; adoração; pregação etc. O objetivo da mensagem é convergir para o anúncio e a glorificação de Cristo.⁶³¹

Com relação à pregação, ela é desenvolvida tanto pelo pastor titular como pelos demais pastores da comunidade. A pregação é realizada em consonância com textos neotestamentários onde é percebida a leitura da Escritura (1Tm 4,23; 1Ts 5,27; 2Ts 3,14; cl 4,15-16; 2Pd 3,15-16) tal qual realizada na IBM Alphaville.

A IBM Alphaville concorda com o pensamento de J. Martins, que ao discorrer sobre a responsabilidade do pregador diz o seguinte:

O pregador possui uma responsabilidade muito grande, pois ele é o transmissor das verdades divinas ao coração dos fiéis e dos infiéis. Para isso, é necessário que o pregador possua certas qualidades cristãs: deve ser alguém cheio do Espírito Santo, maduro espiritualmente, boa conduta moral, que possua o dom da palavra, cheio fé, cheio de sabedoria, que saiba interpretar corretamente as passagens bíblicas e que tenha desejo ardente de continuamente estudar as Escrituras e livros afins.⁶³²

Na visão de R. Dayle, a visão neotestamentária aponta que a fé pode tomar a forma de confissão quando testemunhamos aos outros sobre a grandeza de Deus, e fazemos isso tornando a Palavra de Deus o centro de nossas atividades, seja lendo-a, pregando-a, ou fazendo dela a base da exortação e até mesmo colocando-a em forma de música por meio de hinos de louvor.⁶³³

Assim acontece na IBM Alphaville, que também coloca a pregação em posição de destaque dentro da ordem de culto. Os textos utilizados nas pregações são geralmente projetados em um grande painel de *led* que fica disposto atrás de todo o perímetro do palco.

O destaque da mensagem pregada e forma de projeção está em anuência com o seguinte pensamento de J. Martins:

A leitura bíblica possui local de destaque em todo o culto cristão. Sendo ela o livro básico do cristianismo, a palavra de Deus escrita, seria inadmissível um culto sem a leitura da Bíblia. Embora os fiéis devam estar com suas Bíblias para acompanhar a leitura do texto escolhido, é importante que os textos a serem lidos possam estar impressos no boletim ou projetados, pois isso facilita a leitura pública, especialmente aos visitantes não crentes, devido ao fato de haverem várias versões e traduções diferentes. Ao se ler o texto bíblico, toda a igreja participa junta, beneficiando-se mutuamente da leitura e recebendo inspiração para a vida.⁶³⁴

⁶³¹ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 10.

⁶³² MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 122-123.

⁶³³ DOYLE, R. The one true worshipper, p. 8.

⁶³⁴ MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 117.

A exposição dos textos sagrados utilizados nas pregações da IBM Alphaville encontra amparo bíblico (1Tm 4,13; Lc 4,20; 2Tm 3,15-17; 4,2) e evidenciam a fé publicamente confessada (1Tm 6,12; 1Pd 3,21; Hb 13,15; 1Co 15,1-3).

Todos os elementos do culto convergem para a pregação, que, aos moldes da orientação denominacional batista, é bíblica, cristocêntrica e elaborada com esmero e na dependência do Espírito Santo. Especialmente na IBM Alphaville, ela tem profundidade, é simples, desafiadora, e é comunicada de maneira clara e dinâmica.⁶³⁵

No que tange à sua forma, o culto da IBM Alphaville é planejado tendo em vista a participação não somente do público cristão, mas especialmente dos não cristãos, acompanhando a tendência litúrgica defendida por R. Warren de que os não crentes precisam se sentir à vontade dentro de um ambiente litúrgico eclesial.⁶³⁶

É verificável que tal preocupação também é percebida nos escritos paulinos, especialmente quando ele explica aos cristãos da cidade de Corinto sobre a possibilidade da comunidade cristã ser vista pelos de fora da igreja como um grupo de loucos, já que os não cristãos poderiam não entender algumas práticas passíveis de ocorrerem nas reuniões cristãs (1Cor 14,23).

Ao escrever aos colossenses, a recomendação paulina é parecida, pois solicita aos cristãos para que agissem com sabedoria para com os de fora da comunidade cristã, a fim de as oportunidades junto aos não cristãos fossem melhor aproveitadas (Cl 4,5).

O pesquisador D. Kimball alerta para o fato de que às vezes a igreja está tão ocupada para conhecer os que estão dentro dela que acaba se esquecendo das pessoas que estão do lado de fora. Ele explica que é extremamente fácil uma comunidade cristã ser engolida pelas subculturas eclesiais a ponto de não conseguir mais conhecer somente os cristãos que participam das comunidades eclesiais.⁶³⁷

Em relação ao culto, D. Kimball aponta que o culto deve ter a preocupação de ser interessante até mesmo às pessoas pós-cristãs, que são consideradas anticristãs ou antiigreja. Para ele, é preciso ter a sensibilidade de se planejar formatos de cultos capazes de serem atrativos às novas gerações.⁶³⁸

⁶³⁵ TORQUATO, R. (Org.). Manual de identidade batista, p. 10.

⁶³⁶ WARREN, R. Uma igreja com propósitos, p. 223-247.

⁶³⁷ KIMBALL, D. Eles gostam de Jesus, mas não da igreja, p. 11.

⁶³⁸ KIMBALL, D. A igreja emergente, p. 27-38.

Analisando as formas de culto praticadas pela IBM Alphaville, é possível verificar que as ideias de R. Warren e D. Kimball são bastante valorizadas e tidas como diferenciais a serem praticados.

Aspectos estruturais também são observados na IBM Alphaville. Como a iluminação do ambiente é um dos aspectos que influenciam a forma de culto, há uma preocupação com a configuração física da forma como as luzes são projetadas.

Novamente encontramos um paralelo da IBM Alphaville com as necessidades litúrgicas apresentadas por R. Warren, que fala da necessidade de investimento em aspectos estruturais, tais como: iluminação do ambiente; sonorização; conforto dos assentos; capacidade do auditório; temperatura; ornamentação; e limpeza (especialmente dos banheiros).⁶³⁹

4.4 O estilo de atuação da IBM Alphaville

A atuação da IBM Alphaville leva em conta a realização de atividades e programas com periodicidade diária (2.5.2), semanal (2.5.1; 2.5.3) e anual (2.5.9-12), bem como o atendimento à diversas faixas etárias (2.5.4-7) e o desenvolvimento de projetos esportivos, artísticos, de bem-estar e saúde, educativos, comerciais e corporativos (2.5.13-18). Analisaremos aqui alguns aspectos relacionados ao atendimento às faixas etárias e aos projetos sociais.

4.4.1 Os pequenos grupos

Importante destaque na atuação da IBM Alphaville são as reuniões nas casas, que são conhecidas dentro da comunidade como “pequenos grupos”. Alguns teólogos da contemporaneidade apontam que as igrejas de hoje precisam estar mais voltadas para pessoas, e não para as estruturas físicas, para as tendas e construções.⁶⁴⁰

As “reuniões nas casas”, “células”, “grupos familiares” ou “pequenos grupos” são termos considerados similares para a eclesiologia contemporânea, especialmente a protestante. A IBM Alphaville não faz apologia a uma nomenclatura específica, pois não objetiva que se tenha a preferência por algum dos nomes

⁶³⁹ WARREN, R. Uma igreja com propósitos, p. 235-240.

⁶⁴⁰ SELLA, A. Por uma Igreja do Reino, p. 175-181; 197-202.

citados, mas geralmente utiliza o nome de “pequenos grupos” para se referir às reuniões que acontecem nas casas.

A análise dos pequenos grupos da IBM Alphaville nos permitiu chegar à conclusão de que, apesar de seus grupos terem similaridades com uma “igreja em células”, ela não pode ser reconhecida como tal, haja vista as igrejas em células têm objetivos multiplicadores e são orientadas por alvos numéricos claros, precisos e com data para ocorrer.⁶⁴¹

Há uma diversidade de concepções a respeito do que é exatamente ou pequeno grupo, principalmente no que se refere ao número de pessoas que o compõem. O autor E. Medeiros explica que, entre as definições possíveis, os pequenos grupos são formados de três a quinze pessoas que se encontram semanalmente, geralmente nas casas dos membros das igrejas, para a realização de propósitos como o evangelismo, a comunhão e o crescimento espiritual.⁶⁴²

Teólogos da atualidade têm reconhecido que as reuniões nas casas tem sido um movimento capaz de proporcionar alimento e pastoreio para todo o rebanho, ainda que esse seja um rebanho pequeno ou mesmo o de uma megaigreja.⁶⁴³

O pesquisador S. Queiroz não acredita que os pequenos grupos sejam um modelo que se encaixa perfeitamente no contexto de um novo tempo. Para ele, é bíblico reunir-se em comunidades pequenas e viver em missão, mas tal prática não significa que as reuniões em pequenas comunidades não tenham seus problemas. Em suas palavras: “os pequenos grupos podem ser motivo de muita dor de cabeça. Onde quer que aconteçam, há muito trabalho envolvido para que funcionem bem”.⁶⁴⁴

O autor J. Campanhã destaca que grandes igrejas – como é o caso da IBM Alphaville – são construídas a partir da atuação de “pequenos líderes”, que é a denominação que ele dá aos líderes de pequenos grupos. Ele destaca que a atuação deles é uma espécie de descoberta de um cristianismo genuíno.⁶⁴⁵

No que diz respeito ao fato de considerar que as pequenas reuniões concordam com práticas neotestamentárias, S. Queiroz traz uma abordagem do contexto de Atos (At 2) e o compara com a eclesiologia contemporânea:

Aquele grupo de cristãos era verdadeiramente orgânico. Não havia seminários, instrutores ou consultores, mas parecia haver um abraçar intencional da vida depois da conversão, tanto nas grandes reuniões quanto nos pequenos grupos. Eles

⁶⁴¹ COMISKEY, J. Crescimento explosivo da igreja em células, p. 17.

⁶⁴² MEDEIROS, E. Ferramentas para o líder de jovens, p. 97.

⁶⁴³ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 123.

⁶⁴⁴ QUEIROZ, S. Vida comunitária, p. 184.

⁶⁴⁵ CAMPANHÃ, J. Grandes igrejas, pequenos líderes, p. 7-9.

viviam uma comunhão vibrante. Pelo fato de a vida ser um acontecimento diário, a igreja também deveria ser.

Contudo, nós tendemos a sair da comunhão neotestamentária evidenciada por relacionamentos profundos para uma comunhão baseada no palco e na *performance* dos “atores eclesiais”. O grupo maior – que defendemos com veemência – não funciona bem como uma aplicação perfeita do cristianismo. Como podemos voltar ao ponto em que as pequenas comunidades são importantes?

Quando usamos termos como “pequenos grupos”, “conexões”, “grupos de crescimento ou células”, estamos nos referindo ao sistema em que grupos restritos de pessoas se reúnem para fazer discípulos. Em muitas igrejas, a realidade desses grupos menores ocorre na Escola Dominical, em classes que se reúnem semanalmente nas dependências da igreja para estudo, encorajamento e evangelismo. Em outras congregações, os pequenos grupos se reúnem, com os mesmos propósitos, em lugares fora do templo. Um número crescente de igrejas usa um híbrido de grupos dentro e fora da propriedade da congregação. Seja qual for o nome ou o método, o ponto a destacar dessa prática transformacional é que, por meio desses ajuntamentos, os cristãos unem suas vidas com o propósito de amadurecer na fé e de se envolver na missão de Deus.⁶⁴⁶

Notamos que S. Queiroz traz a concepção de que a igreja de Jerusalém era uma “igreja orgânica”. Tal conceito tem sido defendido por teólogos da atualidade. É muito difícil explicar o conceito de igreja orgânica para quem não faz parte de uma igreja orgânica ou nunca foi membro de uma. Ela não é um modelo de igreja, mas um conceito de igreja. No entanto, existem algumas características que podem ser perfeitamente observadas e que se distinguem de outras formas de igreja.⁶⁴⁷

Uma definição bastante completa e coerente a respeito da igreja orgânica é a fornecida pelos autores F. Viola e G. Barna. Eles explicam que o termo “igreja orgânica” não se refere a um modelo particular de igreja. Para eles, não existe um modelo eclesial perfeito, mas uma visão neotestamentária orgânica, evidenciada através de uma expressão comunal cristocêntrica, viva, pulsante, dinâmica, mutuamente participante, capaz de funcionar em todos os membros do corpo de Cristo.⁶⁴⁸

O escritor N. Cole relata em um dos seus livros que a igreja orgânica traz três princípios de abordagem da pregação paulina: o evangelho deve ser recebido pessoalmente; o evangelho deve ser repetido facilmente; e o evangelho deve ser reproduzido estrategicamente.⁶⁴⁹

O entendimento conceitual da igreja orgânica é o de que o evangelho deve ser recebido pessoalmente porque ele precisa causar uma transformação na vida e na alma do seu receptor. Ele deve ser repetido com facilidade a ponto de uma pessoa poder entendê-lo em poucas linhas ou explicá-lo num papel de

⁶⁴⁶ QUEIROZ, S. Vida comunitária, p. 176-177.

⁶⁴⁷ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 120.

⁶⁴⁸ VIOLA, F.; BARNAS, G. *Pagan Christianity*, p. 31.

⁶⁴⁹ COLE, N. D. *Igreja orgânica*, p. 151.

guardanapo. Também precisa ser reproduzido de maneira estratégica e multiplicadora, sem deixar de observar as particularidades de cada contexto.⁶⁵⁰

No caso da IBM Alphaville, os pequenos grupos possuem características orgânicas. Eles propagam o evangelho de forma pessoa, uma vez que se reúnem nas casas ensinam a igreja a ir aonde as pessoas estão e não a ficar esperando que elas venham até a templo para participar de um culto ou celebração. Também favorecem uma atenção particular aos indivíduos, contrariando o tratamento das pessoas no atacado.

Eles contribuem para a desburocratização da igreja e um maior alcance das pessoas, além de ser uma ferramenta da igreja para responder aos questionamentos da cultura pós-moderna. Também promovem o amor mútuo, a comunhão, a dependência mútua, a honra e a submissão para com Deus e para com as pessoas, tão necessárias à igreja da atualidade.

O pesquisador R. Muzio destaca que os pequenos grupos proporcionam aos leigos o exercício da liderança:

Igrejas em células e outros modelos ministeriais têm demonstrado que, em vez da onipotência do pastor-profissional que conduz os ministérios e supervisiona toda a congregação, existe uma liderança múltipla no coração da igreja. Nessas comunidades, os líderes de células assumem funções pastorais, ministrando aos membros em suas necessidades durante reuniões similares a grupos de terapia. Uma das questões mais complexas será estabelecer as diferenças e os limites funcionais entre os líderes de células e os pastores de tempo integral que servem no *staff* profissional da igreja.

A bem da verdade, o leigo sente-se ofuscado pelo profissional da religião. Os dons de liderança presentes nos membros não ordenados são frequentemente desprezados por outros participantes do ministério, prerrogativa do pastor, legítimo desprezeiro dos recursos espirituais. O consultor evangélico americano Kennon Callahan afirma que a igreja deve enfrentar o fato de que os dias do pastor-profissional estão contados. Chegou a hora do pastor-missionário.⁶⁵¹

A concepção de R. Muzio levanta variadas questões relacionadas aos pequenos grupos. Uma delas é que eles são ferramentas que favorecem e incentivam leigos a exercerem uma liderança pastoral. Outro dado importante e que deve ser levado em conta é o fato de que os líderes profissionais podem, de fato, ofuscar o desenvolvimento de leigos na igreja local. Analisando os dois aspectos, a existência de grupos familiares viabiliza a atuação leiga face aos pastores.

Os limites entre a liderança leiga e a profissional também precisam ser estabelecidos. No caso da IBM Alphaville, parece-nos que a horizontalidade da liderança – tal tema será tratado mais à frente (4.5) – favorece uma ligação mais

⁶⁵⁰ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 121.

⁶⁵¹ MUZIO, R. *O DNA da liderança cristã*, p. 30-31.

direta entre os pastores do *staff* e os líderes leigos, o que ameniza o ofuscamento leigo, conforme defendido por R. Muzio.

Mas há ainda outras questões abordadas por R. Muzio que podem ser motivo de análise. Por exemplo: as reuniões nas casas configuram um grupo de terapia? Parece-nos que no caso da IBM Alphaville tal afirmação não se configura como real, haja vista a igreja ter também os grupos do “Celebrando a Restauração”, que poderiam ser, em linhas gerais, comparadas às sessões terapêuticas.

Uma última consideração sobre o pensamento de R. Muzio diz respeito a afirmação pautada na concepção de Kennon Callahan de que os dias dos pastores-profissionais estão contados. Embora ele não tenha definido exatamente o que significa ser um pastor-profissional, parece-nos que ele os entende como sendo os líderes ordenados e remunerados de uma igreja local.

Se levarmos em conta o número de comunidades locais que não possuem condições de manter financeiramente um pastor, poderemos concordar que tal pensamento parece coerente. Mas se analisarmos as grandes igrejas - como é o caso da IBM Alphaville - verificamos que a necessidade de pastores remunerados que sejam capazes de atender as milhares de pessoas que frequentam a comunidade é cada vez maior.

Voltando ao ponto em que R. Muzio fala a respeito da atuação dos líderes de pequenos grupos e dos pastores, vale considerar a opinião que o pesquisador J. Campanhã tem a respeito da temática:

(...) milhares de pastores “desconhecidos” da multidão ou do mundo gospel (...) dedicam a vida a igrejas pequenas ou médias, nos lugares mais distantes do interior ou nos subúrbios das capitais. São pastores que dedicam a vida com abnegação, esforço e às vezes falta de reconhecimento, porque amam as ovelhas que Cristo lhes confiou. De outro lado, quase sempre desenvolvem seu ministério sem ferramentas ou recursos apropriados, mas conseguem, pelo próprio esforço e, acima de tudo, pela graça de Deus, construir “grandes igrejas”, não em número de membros, mas em espiritualidade, simplicidade e amor a Cristo.

(...) são líderes de pequenos grupos, células, grupos familiares ou líderes que ministram à vida de crianças, adolescentes, jovens ou casais. Esses líderes muitas vezes trabalham no limite, também sem as ferramentas ou recursos necessários, dedicando parte do seu tempo, dinheiro e potencial para pastorearem, cuidarem e encorajarem milhões de pessoas. Tais líderes não aparecem, não estão na capa das revistas gospel, nem nos programas de televisão, mas constroem todos os dias uma igreja forte e grande, basicamente obedecendo à ordem de Jesus de fazer discípulos e ensinar a eles todas as coisas.⁶⁵²

Ainda que a IBM Alphaville não se enquadre em um contexto de subúrbio ou de igreja pequena – sob a óptica numérica -, é mister ressaltar que a dedicação

⁶⁵² CAMPANHÃ, J. Grandes igrejas, pequenos líderes, p. 7.

e esforço de líderes como os que destaca J. Campanhã façam parte da realidade vivida pela igreja.

Em concordância com o pensamento de J. Campanhã, a forma de atuação da IBM Alphaville leva em conta a dedicação de líderes dispostos a cuidar e pastorear as pessoas, e que não são colocados debaixo dos holofotes da comunidade para serem reconhecidos.

Retornando nossa análise em relação às questões da igreja orgânica, percebemos que a atuação da IBM Alphaville dá alguns sinais de organicidade, pois tal como o corpo humano expressa a forma de vida de um homem, ela expressa o seu jeito de ser por meio de seus relacionamentos.

Mas há um fator contrário a algumas características presentes na igreja orgânica. Haja vista que os teólogos da atualidade entendem que a organicidade de uma comunidade cristã não deve ser sustentada por cargos, funções, estatutos, regimentos ou clérigos,⁶⁵³ a IBM Alphaville não poderia ser reconhecida como orgânica.

Outra questão importante é na igreja orgânica é a ausência do clero. Já a IBM Alphaville é uma comunidade, uma vez que reconhece a atuação dos seus pastores, líderes e ministros. Já as igrejas orgânicas partem do pressuposto de que nenhum cristão é leigo, pois Cristo capacita a todos para o exercício de seus dons.

Já se olharmos a compreensão teológica contemporânea de que uma igreja orgânica valoriza um forte relacionamento entre as pessoas que amam Jesus Cristo, a IBM Alphaville novamente apresenta sinais de organicidade.

⁶⁵³ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 122.

4.4.2 O atendimento às faixas etárias

Antes de analisarmos alguns aspectos que se referem ao cuidado que a IBM Alphaville tem para com as diferentes faixas etárias, é preciso registrar que nem todas as atividades da igreja se destinam a pessoas de idades específicas.

De maneira geral, as celebrações, os cultos dominicais, as *lives*, os devocionais diários, o programa “Celebrando a Restauração” e os pequenos grupos que se reúnem nas casas são considerados como realizações voltadas a todos os públicos etários.

Algumas atividades anuais realizadas pela IBM Alphaville também não têm como foco públicos etários específicos. É o caso do musical e das serenatas de Natal, da cantata de Páscoa e da “Conferência Target (2.5.9-10).

As atividades realizadas aferem aquiescência com a opinião de D. Kimball, que propõe que as igrejas da contemporaneidade criem espaços sagrados para a adoração clássica, bem como eventos propícios para a integração da espiritualidade com as artes e o planejamento de reuniões de adoração multissensoriais e experienciais.⁶⁵⁴

No entanto, muitas realizações são voltadas para públicos etários particulares, como é o caso do IBMA universitário, do IBMA *teen*, do IBMA *pré-teens* e do IBMA *kids* (2.5.4-7).

Um dos grandes desafios discutidos na eclesiologia da atualidade é a tríade “culto-crianças-estrutura”, pois acredita-se que uma igreja urbana dificilmente se desenvolverá se não oferecer um culto contemporâneo, uma boa equipe que pastoreie as crianças e uma estrutura física adequada, capaz de abrigar os veículos de seus frequentadores. Além do mais, todo ministério infantil também precisa de um espaço físico adequado que proporcione segurança às crianças.⁶⁵⁵

A preocupação em atender faixas etárias diferenciadas, especialmente as que dizem respeito aos públicos infantil, adolescente e jovem, parece condizente com algumas ocasiões narradas no Novo Testamento em que o cuidado com pessoas de idades específicas foi evidenciado.

O evangelista Mateus, por exemplo, narra um episódio em que pessoas levaram até Jesus para que Ele lhes impusesse as mãos e fizesse uma oração. Enquanto os discípulos tentavam impedir o acesso das crianças, Jesus solicitou que ninguém as impedisse de estarem com Ele (Mt 19.13-15).

⁶⁵⁴ KIMBALL, D. A igreja emergente, p. 161-210.

⁶⁵⁵ REZENDE, J. S. Eclesiologia contemporânea, p. 202-210.

O apóstolo Paulo também cita o caso da mãe e da avó de Timóteo, que ensinaram ao menino a respeito das Escrituras e do evangelho (2Tm 1.5). Embora mencionadas na Bíblia de maneira direta apenas uma vez, o cuidado de Lóide e Eunice permitiram à uma criança que pudesse conhecer as sagradas letras, capazes de tornarem alguém sábio para a salvação através da fé em Jesus Cristo (2Tm 3,15).

Em nossos dias, encontrar voluntários competentes e comprometidos com o pastoreio infantil tem sido um grande desafio para muitas igrejas. Infelizmente, muitas delas negligenciam o pastoreio de suas crianças ao oferecerem, durante o período de culto, apenas um espaço com “babás” que possam entreter as crianças, de modo que elas não atrapalhem o culto dos adultos.⁶⁵⁶ No tocante à estrutura física do ministério infantil, percebemos que a IBM Alphaville possui uma ampla e adequada estrutura.

No que diz respeito ao trabalho com jovens, podemos dizer que as programações concordam com a ideia de D. Fields, já que as atividades visam alcançar os estudantes da comunidade, cumprindo o propósito de Deus para a evangelização, adoração, comunhão, discipulado e ministério.⁶⁵⁷

4.4.3 Os projetos sociais

A IBM Alphaville realiza projetos de cunho social que são desenvolvidos através da Associação Foco, que foi criada pela igreja e tem como um de seus objetivos incluir socialmente diversas pessoas de baixo poder aquisitivo que residem no entorno da região de Alphaville (2.5.13).

Vale lembrar a descrição do capítulo dois que ressalta a informação de que apesar de estar localizada em uma região economicamente abastada de recursos financeiros, a igreja está muito próxima de um dos maiores bolsões de pobreza do país (2.5.13).

A temática dos pobres possui lugar de destaque no Novo Testamento, especialmente nos escritos lucanos, que demonstra a existência de pessoas – de dentro e de fora da comunidade cristã – que viviam em situação de pobreza.⁶⁵⁸

Nosso objetivo aqui não é discutir o conceito de pobreza, já que tal temática é bastante controversa e possui diferentes interpretações que demandariam

⁶⁵⁶ REZENDE, J. S. *Eclesiologia contemporânea*, p. 202.

⁶⁵⁷ FILEDS, D. *Um ministério com propósitos para líderes de jovens*, p. 103-208.

⁶⁵⁸ GILMANN, J. *Possessions and life of Faith*, p. 27

longas argumentações.⁶⁵⁹ O objetivo é o de analisar a maneira como a IBM Alpha-ville lida com a questão dos desfavorecidos que residem em seu entorno.

O autor P. Liu, que se dedicou à realização de pesquisa específica a respeito dos pobres nos escritos lucanos, aponta que Jesus se importava com as pessoas em suas necessidades físicas e reais por conta de haver um grande contraste entre os ricos e os pobres. Na sua visão, a preocupação com os desfavorecidos é inclusive um sinal apropriado da irrupção do Reino de Deus em Jesus.⁶⁶⁰

Antes do início do ministério de Jesus também é possível verificar uma atenção especial aos pobres durante a atuação ministerial de João Batista. O autor J. Barro defende que o chamado de João ao arrependimento também tinha uma conotação com a responsabilidade social.⁶⁶¹

De fato, o evangelho de Lucas aponta que a mensagem de João Batista é contra os ricos, que recebem a instrução de compartilhar as suas riquezas (Lc 3,11), em especial os publicanos e os mercenários (Lc 3,12-14), o que nos permite que para João o arrependimento implicava em compartilhar os bens com os pobres. Parece-nos que o problema não estava em ser rico, mas em não saber compartilhar a riqueza.

Importante narrativa de Lucas a respeito de existência de necessidades sociais específicas no âmbito da igreja de Jerusalém pode ser verificada no texto em que ele conta o episódio em que os helenistas murmuram a respeito da forma através da qual a distribuição diária de alimentos às viúvas dos gregos estava sendo realizada (At. 6,1-6).

É interessante notar que, apesar de ter existido a reclamação a respeito da distribuição de alimentos, esta era feita com a periodicidade diária (At 6,1), e não sazonal. Ou seja, ainda que a repartição não estivesse sido feita da melhor maneira possível, havia na igreja de Jerusalém a preocupação em se comprometer com as viúvas menos favorecidas.

Outro fator importante no texto em questão é que os Doze, líderes da igreja, convocaram uma assembleia para que um plano de ação fosse elaborado para melhor servir às mesas. Eles enfatizam que, além de priorizar a oração e o ministério da palavra, a comunidade cristã deveria escolher pessoas qualificadas para cuidar dos recursos que deveriam ser investidos nas causas sociais (At 6,2-4).

⁶⁵⁹ BARRO, J. H. De cidade em cidade, p. 151.

⁶⁶⁰ LIU, J. The Poor and the Good News, p. 137.

⁶⁶¹ COMBLIN, J. Atos dos apóstolos, p. 154.

O autor J. Comblin faz importante consideração a respeito dos recursos financeiros que foram colocados sob a gestão dos Sete escolhidos pela igreja de Jerusalém:

O sinal visível da autonomia da comunidade dos helenistas é a separação financeira. Os helenistas vão fazer uma caixa, própria para sustentar os seus pobres. E a caixa dos hebreus será separada. A verdade está sempre na caixa. Se há duas caixas, há duas Igrejas. Os apóstolos permitiram que houvesse duas caixas. Foi uma inspiração do Espírito Santo, porque não há nada mais difícil do que desfazer-se de uma parte da caixa.⁶⁶²

Merece destaque a autonomia que os Doze dão aos Sete para administrarem os recursos financeiros que agora serão destinados às causas sociais. Tal decisão é uma demonstração de que o coração dos líderes da igreja de Jerusalém não estava apegado ao dinheiro.

Mas o que nos parece discutível na opinião de Comblin é o fato dele considerar que a autonomia financeira dada aos Sete era uma alusão ao surgimento de uma outra igreja dentro da própria igreja de Jerusalém. Tal concepção pode ser discutida, já que a decisão de uma igreja local investir parte de seus recursos na área social – como em uma fundação ou associação, por exemplo - não configura necessariamente o surgimento de outra igreja, mas em uma melhor maneira de investimentos da arrecadação eclesial.

É possível que a concepção de Comblin ao denotar o surgimento de uma igreja local dentro da própria igreja de Jerusalém vá além das questões sociais, como é observável em sua consideração:

Os helenistas formaram a primeira Igreja local ou particular. Foi-lhes permitido reunir-se à parte e formar uma organização própria. Esta primeira Igreja local recebe um grupo para dirigi-la, diferente do grupo dos Doze. Os Doze são estabelecidos sobre o povo inteiro, como os antigos patriarcas. Os Sete imitam os sete homens que dirigem as sinagogas ou os povoados da Judeia. O número sete vai caracterizar uma Igreja local. A comunidade dos hebreus de Jerusalém permanece como grupo fundamental, o alicerce, a base de Israel. Dessa base vão surgir muitas Igrejas locais ou particulares. A primeira delas é a dos helenistas. Esta não durará muito, porque ficará dispersa pela perseguição. Mas provocará o surgimento de outras comunidades ou Igrejas locais em Antioquia e outras cidades. A marcha da palavra vai suscitando comunidades no mundo inteiro. A primeira das Igrejas locais é a dos helenistas em Jerusalém. Ela é importante porque faz a conexão entre a comunidade fundadora e a multiplicidade das comunidades que existem no tempo de Lucas.⁶⁶³

⁶⁶² WELT, D. Atos atualizado, p. 60.

⁶⁶³ WELT, D. Atos atualizado, p. 60.

Parece-nos que, na opinião de Comblin, a decisão dos Doze em escolher os Sete vai além da preocupação com o cuidado com os pobres e da intencionalidade em investir recursos financeiros de maneira mais pontual no viés social, já que há outros motivos históricos, culturais e históricos a serem considerados.

Fazendo um paralelo comparativo com nosso objeto de pesquisa, podemos perceber que a liderança da IBM Alphaville demonstra uma preocupação e intencionalidade em elaborar planos de ação específicos para o suprimento de necessidades das pessoas que se encontram em situação social de desfavorecimento.

A impressão que tivemos é a de que na IBM Alphaville existem muitos frequentadores que são abastados financeiramente, mas também um considerável número de pessoas desfavorecidas que são assistidas pela igreja através dos projetos sociais da Associação Foco.

A análise nos leva a entender é através da Associação Foco que a IBM Alphaville consegue manter uma equipe de pessoas qualificadas – tal qual as escolhidas pela igreja de Jerusalém – que são capazes de investir no exercício diário do diaconato.

A respeito do diaconato na igreja de Jerusalém, D, Welt faz a seguinte descrição, levando em conta o texto analisado anteriormente:

Enquanto Lucas nos dá a boa notícia que o número dos discípulos se multiplicava grandemente, deseja, ao mesmo tempo, que vejamos algo da vida pessoal e do trabalho do “corpo de chamados”. Por isso registou aqui, o problema e o incidente que provocou a criação do ofício de diaconato.⁶⁶⁴

A concepção de D. Welt traz a ideia de que é partir das necessidades sociais da igreja de Jerusalém que surgiu o ofício do diaconato, que é um dos ofícios de maior relevância e reconhecimento dentro da eclesiologia batista. No entanto, é de conhecimento comum que os batistas associam primeiramente a imagem dos diáconos como irmãos que servem os elementos da Ceia do Senhor, constante da liturgia denominacional.

Parece-nos que a motivação que tem a respeito do diaconato em algumas realidades eclesiais batistas não está em concordância com a motivação pela qual fora criado o ofício do diaconato. Diferentemente da imagem comumente tida a respeito dos diáconos dentro da estrutura denominacional à qual pertence, a IBM Alphaville não os vê apenas como servidores escolhidos para servirem a Ceia do

⁶⁶⁴ WELT, D. Atos atualizado, p. 60.

Senhor, mas como pessoas capacitadas para atender às necessidades sociais da igreja e da cidade.

4.5 A estrutura organizacional da IBM Alphaville

Aqui analisaremos a estrutura organizacional da IBM Alphaville, o que implica em considerar como elementos de pesquisa a forma de organização administrativa e ministerial da igreja.

4.5.1 A organização administrativa

Inicialmente vale lembrar a descrição sobre a forma de organização realizada no primeiro capítulo (2.6), que traz a compreensão da existência de duas asas sobre as quais a IBM Alphaville se organiza: a administrativa e a ministerial.

Levando em conta que as duas asas se equilibram e proporcionam a sustentação organizacional necessária para a gestão, podemos dizer que elas atendem aos princípios organizacionais inerentes à uma igreja batista, bem como a forma de governo denominacional.

Para fins de análise da forma de governo batista, utilizaremos a seguinte explicação de P. Porter:

A Igreja é, ao mesmo tempo, uma monarquia absoluta e uma democracia pura. Cristo é Rei e exerce a autoridade de rei. Os membros da igreja são irmãos, todos iguais na sua autoridade e nos seus direitos. Por este motivo, as decisões que a igreja toma têm de ser feitas democraticamente.

I. A Igreja como Monarquia

Jesus nunca se afastou daqueles que se reúnem em seu nome. Mat. 18:20 – “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Se Ele mesmo está presente não há necessidade de outro chefe. Qualquer que presume ser chefe engana-se a si mesmo e aos outros também. É sob a autoridade direta de Cristo que a sua igreja trabalha. O que ele precisa é de servos, submissos à Sua vontade, prontos para fazer a vontade do seu Senhor.

I. A Igreja como Democracia

Debaixo de Cristo, a igreja, nas suas relações humanas, é uma democracia. Do estudo das relações dos membros das igrejas no tempo do Novo Testamento (...), concluímos que o governo da igreja primitiva era congregacional, isto é, democrático.⁶⁶⁵

Nossa análise concluiu que a IBM Alphaville atende ao requisito de se sujeitar à autoridade de Cristo como Rei, haja vista que ela reconhece a suficiência

⁶⁶⁵ PORTER, P. Organização batista, p. 27-28.

de Jesus e age de maneira cooperativa nas ações que Jesus realiza na vida das pessoas.⁶⁶⁶

Sobre a maneira democrática de tomar decisões, a estrutura administrativa da IBM Alphaville está subordinada aos conselhos administrativo e fiscal (2.6.1), que estão sujeitos à soberania da Assembleia Geral.

A respeito da existência de uma assembleia geral, verifica-se que ela compõe uma das características essenciais da denominação batista, e demonstra uma horizontalidade na tomada das principais decisões eclesiais, já que é na assembleia que os membros de toda a comunidade podem expressar a sua opinião e o seu desejo através do voto.

A maneira democrática de tomar decisões encontra alguns paralelos com situações vivenciadas por algumas das igrejas do Novo Testamento, conforme explicação abaixo:

Para resolver qualquer problema, os . ajuntavam a assembleia dos crentes, expunham o problema e depois de discussão democrática, e oração, votavam todos.
(...)
A escolha do substituto de Judas como também a dos "sete" são exemplos.⁶⁶⁷

Lucas conta que Matias, que veio a substituir Judas Iscariotes, foi escolhido por voto comum. Na ocasião, o apóstolo Pedro teria conduzido o processo de tomada de decisão diante dos demais apóstolos e de um grupo de cerca de cento e vinte pessoas (At 1,21-26).

Outro episódio de escolha realizado por uma igreja neotestamentária é o relato da instituição dos Sete (At 6.1-7), ocasião em que a queixa dos helenistas a respeito do cuidado das suas viúvas por parte dos hebreus desencadeou em uma convocação para tratar do assunto.

Os Doze convocaram uma multidão de discípulos com o intuito de explicar que não era correto que os apóstolos priorizarem o serviço às mesas em detrimento da pregação da Palavra de Deus. Por tal motivo, propuseram que fosse realizada a escolha de sete homens de boa fama, repletos do Espírito Santo, a fim de que se responsabilizassem pelo cuidado das viúvas dos helenistas (6.1-3).

A proposta dos Doze agradou a toda a multidão que os ouvia e culminou na escolha de Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau de Antioquia. Os apóstolos oraram pelos escolhidos e lhes impuseram as mãos,

⁶⁶⁶ McCord, C. In.: Compre cadeira, p. 13.

⁶⁶⁷ PORTER, P. Organização batista, p. 27-28.

permitindo que, a partir de então, os Doze pudessem se dedicar prioritariamente à oração e ao ministério da palavra (At 6,4-7).

Tais episódios descritos nos textos neotestamentários apontam tentativas de se tomar decisões eclesiais sem que se fizesse distinção entre as pessoas. Parece-nos que os apóstolos apelavam a todos como responsáveis pelas escolhas.

Ainda que nos aspectos gerais a IBM Alphaville pratique a forma organizacional comumente utilizada pelas igrejas batistas e por práticas de algumas das igrejas neotestamentárias, verificamos que nem todas as escolhas da igreja são realizadas via assembleia – especialmente às que se referem aos líderes - o que nos parece ser antagônico à ao que normalmente se pratica dentro da denominação batista.

O pastor S. Costa explica que após a sua posse como pastor titular da igreja, a escolha eletiva de pessoas para os cargos deixou de acontecer. Segundo ele, a mudança passou a permitir que as pessoas pudessem servir em áreas nas quais melhor se identificassem de acordo com os seus dons espirituais.⁶⁶⁸

Se compararmos a forma de escolha dos líderes da IBM Alphaville com a maneira pela qual a igreja de Jerusalém escolheu o substituto de Judas Iscariotes e os Sete, poderíamos dizer que há uma disparidade, já que nestes dois casos neotestamentários o processo foi desenvolvido diante da presença de um grande grupo de pessoas, proporcionando uma maior abrangência democrática.

A escolha dos líderes da IBM Alphaville nos pareceu ser mais parecida com a forma de escolha praticada por um presbitério, o que nos impede de afirmar que a escolha dos líderes da igreja esteja incoerente com práticas verificáveis nas igrejas do Novo Testamento, já que em muitas delas é verificável a existência de diferentes formas de líderes, como anciãos (At 14-23), episcopos (1Tm 3,1-7), presbíteros (Tt 1,5) e diáconos (1Tm 3-8-13), e sabe-se que os processos de escolha inerentes a cada um destes exemplos pode ser diferenciado.

A análise da IBM Alphaville nos permitiu verificar a sua estrutura organizacional considera a maneira democrática de ser igreja, que difere muito de um regime político democrático, já que a igreja não pode criar nem mudar as leis dadas pelo seu Rei, a saber: Jesus Cristo.

As mesmas leis de Cristo são executadas voluntariamente. A exortação, a persuasão, e o apelo ao amor são as armas usadas para que a lei seja obedecida. Numa democracia política, tudo é bem diferente. As leis sempre se mudam de acordo com as ideias dos governadores e legisladores. Além disso, são executadas pela

⁶⁶⁸ COSTA, S. Compre cadeira, p. 21.

força. Os impostos são cobrados pela força. Os rebeldes são encarcerados e podem até ser mortos. A igreja não tem tal autoridade. Não há dúvida; haverá um dia de ajuste, o dia do juízo, mas tudo estará nas mãos de Deus naquele dia.⁶⁶⁹

Levando em conta o que foi apresentado, constatamos que a IBM Alphaville, de maneira geral, organiza-se administrativamente de acordo com as práticas democráticas praticadas por alguns dos contextos eclesiais citados no Novo Testamento.

4.5.2 A organização ministerial

Aqui analisaremos quatro aspectos da organização ministerial da IBM Alphaville que merecem destaque: a liderança visional; a horizontalidade ministerial; a valorização multigeracional; e a importância da coletividade.

Antes de iniciar a análise, é preciso registrar que os quatro aspectos citados são apreciados pelo ministério pastoral (2.6.2-3) da igreja, que é liderado pelo pastor titular. Este, por sua vez, presta contas ao conselho fiscal e é responsável pela gestão ministerial, que abrange as quatro grandes áreas da igreja, já apresentadas no capítulo dois (2.6.2).

A liderança visional praticada na IBM Alphaville é caracterizada por abrir espaços para que líderes visionários possam atuar na igreja através do exercício dos dons espirituais que Deus lhes deu. O entendimento da igreja é o de que cada líder deve ser visionário e precisa enxergar algo que ainda não existe como uma realidade futura.⁶⁷⁰

A expectativa que a IBM Alphaville tem de que todos os seus líderes possam ser visionários pode ser ponto de discussão. Por exemplo: será que o exercício da liderança dentro do contexto eclesial exige a capacidade de enxergar uma realidade futura?

O pesquisador G. Barna explica que os líderes de igrejas devem procurar ter uma “maior compreensão a respeito do conceito da visão, do processo pelo qual ela se desenvolve, e do impacto que ela pode exercer”.⁶⁷¹ Já J. Campanhã diz que “o pastor e a equipe de liderança precisam expressar sua visão de futuro para a igreja”.⁶⁷²

A impressão que temos ao considerar as opiniões de G. Barna e de J. Campanhã é a de que a visão é algo primordial para um líder eclesiástico.

⁶⁶⁹ PORTER, P. Organização batista, p. 28-29.

⁶⁷⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 117-119.

⁶⁷¹ BARNÁ, G. O poder da visão, p. 3.

⁶⁷² CAMPANHÃ, J. Planejamento estratégico para igrejas, p. 133.

Podemos dizer que a visão é o pontapé inicial para que sonhos e planos de ação para o futuro podem ser realizados.

A visão sobre o ministério é clara imagem de um futuro preferível, conferida por Deus aos Seus servos escolhidos, e alicerça-se sobre uma compreensão acurada de Deus, do próprio eu e das circunstâncias.

Não confunda visão com missão.

Missão relaciona-se aos objetivos do ministério, ao passo que visão trata da direção e do caráter ímpar de um ministério.

(...) Devemos remover as ideias errôneas sobre o processo para cujo uso Deus nos convida, enquanto buscamos Sua visão.⁶⁷³

Tendo em mente a citação de G. Barna, parece-nos compreensível que a expectativa da IBM Alphaville seja coerente, pois se os líderes não tiverem uma visão clara a respeito do que esperam do futuro, liderarão pessoas em direções errôneas.

O autor J. Campanhã levanta ainda outra questão importante, que é a clareza da visão:

Para que a visão de Deus fique bem clara para nós, é preciso fazermos aquilo que se faz com o som num estúdio profissional. Separam-se os sons de uma gravação, eliminam-se os ruídos, tiram-se todos os defeitos, e o resultado é uma obra-prima com som estéreo digital de alta definição.

A visão de Deus precisa ser captada e transmitida ao povo em qualidade digital. Não pode haver ruídos ou defeitos. Não pode haver interferência humana. Não se pode acrescentar à visão de Deus percepções humanas que achamos necessárias para complementar a vontade de Deus.⁶⁷⁴

Uma vez que um líder eclesial tem clara a visão de Deus, vale levar em conta a exposição do autor B. Hybels, que em consonância com a concepção de J. Campanhã, traz um desafio aos líderes eclesiais de nosso tempo:

Líderes, não se desculpem pela força do sentimento que vocês têm pela visão que Deus colocou na sua vida. Não escondam seus sentimentos em relação a ela. Deus os fez para que a sentissem com mais profundidade do que sentem qualquer outra coisa. E é isso mesmo o que eu disse! *Qualquer outra coisa!* Apresente sua visão dada por Deus à família, aos amigos, aos colegas e a estranhos, se eles escutarem. Apresente-a o mais colorida e apaixonadamente que puder! Apresente-a para que o coração das pessoas seja tocado o suficiente para gritar: "Conte comigo!"⁶⁷⁵

Embora possa parecer uma exposição pastoral ou motivacional, a concepção de B. Hybels também nos leva a análise da forma através da qual a motivação e a visão da IBM Alphaville nos é apresentada (2.2.1). Parece-nos que desde a

⁶⁷³ BARNA, G. O poder da visão, p. 3-4.

⁶⁷⁴ CAMPANHÃ, J. Planejamento estratégico para igrejas, p. 146.

⁶⁷⁵ HYBELS, B. Axiomas, p. 40-41.

sua fundação os líderes da igreja já eram visionais, já que tinham em mente o sonho de construir uma igreja centrada em Cristo e que se apresentasse às pessoas de maneira leve, profunda e missional.⁶⁷⁶

Ainda no que diz respeito à expectativa visional que a IBM Alphaville tem com relação a seus líderes, cabe citar que a responsabilização individual a respeito dos dons está em concordância com o pensamento do autor R. Schnackenburg, que explica ser esta a mesma expectativa de Jesus para com os seus discípulos.⁶⁷⁷ Ele lembra a ideia exposta pelo evangelista Mateus, que aponta para o fato de que cada cristão deve ser responsável pelos dons e capacidades a si mesmo concedidos (Mt 25,14-30).

No que diz respeito à horizontalidade ministerial, a IBM Alphaville assegura praticar uma liderança ministerial capaz de liderar a todos com igualdade, levando em conta a compreensão de que todos são iguais diante de Deus, e que em uma igreja as pessoas são iguais na espiritualidade, embora possam ter funções diferenciadas no corpo de Cristo.⁶⁷⁸

O conceito de horizontalidade praticado na equipe ministerial da IBM Alphaville encontra similaridade no pensamento de J. Maxwell, que ao discorrer sobre o trabalho em equipe, defende que é preciso valorizar uma perspectiva global onde o objetivo seja mais importante do que a função.⁶⁷⁹

Apesar do conceito de horizontalidade ser aplicado ao nosso objeto de estudo, nossa análise não identificou um programa específico ou intencional para o desenvolvimento de habilidades voltado à membresia em geral. Parece-nos que um dos motivos pelos quais o desenvolvimento dos líderes ministeriais da IBM Alphaville acontece de uma maneira eficiente se dá por conta do sistema horizontal de liderança. No entanto, não observamos a mesma eficácia no que tange ao desenvolvimento dos demais frequentadores da comunidade. Não conseguimos observar se, de fato, os membros da igreja desenvolvem as suas aptidões dentro do contexto eclesial da comunidade.

Sobre a temática, o escritor R. Warren discorre a respeito da considerável quantidade de cristãos que se frustram porque sabem “o que fazer” mas não sabem exatamente “como” podem desenvolver as suas habilidades dentro de uma comunidade local:

⁶⁷⁶ Revista Vision Day, Barueri, jan/2019, p. 4-5.

⁶⁷⁷ SCHNACKENBURG, R. Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 106.

⁶⁷⁸ COSTA, S. Compre cadeira, p. 119-121.

⁶⁷⁹ MAXWELL, J. As 17 incontestáveis leis do trabalho em equipe, p. 29-40.

Muitos crentes hoje em dia estão frustrados porque eles sabem *o que fazer*, mas nunca foram ensinados *como fazer*. Eles já ouviram várias mensagens sobre a importância de estudar as Bíblias, mas ninguém mostra para eles como fazê-lo. Eles se sentem culpados por não possuírem uma vida de oração, mas ninguém reserva tempo para explicar como eles podem fazer uma lista de oração, como louvar o caráter de Deus usando os seus nomes, ou como interceder por outros. A exortação sem explicação leva à frustração. Quando exortamos as pessoas a fazer algo, somos responsáveis em explicar exatamente como fazê-lo.⁶⁸⁰

Não temos condições de afirmar que a IBM Alphaville não consegue desenvolver as habilidades das pessoas que frequentam a sua comunidade. Notamos que existem iniciativas de preparo e capacitação de líderes, como é o caso da Conferência Target, mas entendemos que eventos como a Target são ações pontuais e sazonais, e não se configuram como programas que visem tratar o desenvolvimento contínuo de habilidades específicas das pessoas que compõem a igreja.

Quanto à valorização multigeracional dentro da equipe ministerial, o entendimento da IBM Alphaville é o de que diferentes gerações devem trabalhar juntas.⁶⁸¹ No texto a seguir S. Costa faz uma breve explicação da composição da liderança pastoral da comunidade:

Temos na equipe pastoral 3 pastores com idade superior a 65 anos e 2 com mais de 40 anos de ministério; 4 pastores estão entre 38 e 45 anos com todas as características da geração X; 2 pastores pertencem à geração Y, que são extremamente ligados às novas gerações. Os mais antigos nos ajudam a ser mais sábios, os mais jovens nos trazem energia e recursos tecnológicos, e os pastores que estão no meio da geração - grupo ao qual pertencem – trazem coragem e equilíbrio ao compasso do grupo.⁶⁸²

Importante exemplo de valorização multigeracional constante nos escritos do Novo Testamento é o do apóstolo Paulo, que investiu na vida do jovem Timóteo e o alertou no sentido de que não permitisse que pessoas o desprezassem por conta de sua juventude (1Tm 4,12).

Outro exemplo neotestamentário de valorização multigeracional é o de Barnabé, que dedicou parte de sua vida no acompanhamento de João Marcos, discípulo que, quando jovem, foi motivo de discussão existente entre Barnabé e Paulo (At 15,36-18-22).

O pesquisador R. Joiner propõe que as igrejas de nosso tempo elaborem estratégias que sejam capazes de unir as famílias e a comunidade cristã em que

⁶⁸⁰ WARREN, R. Uma igreja com propósitos, p. 434.

⁶⁸¹ COSTA, S. Compre cadeira, p. 121-122.

⁶⁸² KELLER, T. Ego transformado, p. 15.

estão inseridas a fim de influenciar as novas gerações com a mensagem de Deus.⁶⁸³

Levando em consideração que uma das características tanto da modernidade quanto da pós-modernidade é a constante e crescente especialização,⁶⁸⁴ nos parece positivo o fato da IBM Alphaville ter dentro do seu quadro ministerial pessoas de variadas faixas etárias, pois é mais provável que cada uma delas possa melhor conhecer e se especializar em nichos específicos.

A estratégia de combinar a influência de pessoas de diferentes gerações é defendida por R. Joiner:

Quando combinamos duas influências criamos sinergia.⁶⁸⁵
Quando combinamos duas influências reforçamos aquilo que é importante.⁶⁸⁶
Faz sentido agir de todas as formas possíveis a fim de incutir a verdade no coração das novas gerações.⁶⁸⁷

A combinação das diferentes influências geracionais também é destacada por D. Kirk:

O propósito das gerações era que fossem independentes; jamais foi o desejo de Deus que se tornassem isoladas e auto-suficientes. Elas foram criadas para andarem juntas em completa unidade para a glória do seu nome (...). Quando nós perdemos a interdependência de vista, geralmente uma de duas coisas acontece com as nossas atitudes. Ou uma geração terá uma atitude bastante benevolente e condescendente em relação à outra, ou uma geração irá isolar-se, não se dando conta de que ela também está perdendo com isso.⁶⁸⁸

Analisando a proposta de valorização multigeracional da IBM Alphaville, podemos compreender que ela tende a ser um motivador para que as diferentes gerações que compõem a igreja possam melhor viver, celebrar e servir juntas.

A coletividade também é um elemento característico do ambiente pastoral e ministerial da IBM Alphaville. O bem comum de todos é visto como um valor indispensável para a composição da equipe. A ideia é a mesma que está implícita na concepção de T. Keller, quando propõe que o “eu” sempre seja trocado pelo “nós” a fim de que o bem coletivo prevaleça.⁶⁸⁹

S. Costa dá o seguinte testemunho a respeito do ambiente coletivo ministerial da igreja:

⁶⁸³ JOINER, R. *Pense laranja*, p. 111.

⁶⁸⁴ MUZIO, R. *O DNA da liderança cristã*, p. 28.

⁶⁸⁵ JOINER, R. *Pense laranja*, p. 114.

⁶⁸⁶ JOINER, R. *Pense laranja*, p. 140.

⁶⁸⁷ JOINER, R. *Pense laranja*, p. 143.

⁶⁸⁸ KIRK, D. *Reconectando as gerações*, p. 13.

⁶⁸⁹ KELLER, T. *Ego transformado*, p. 122-124.

O nosso ambiente é fraterno, sem competição. Mantemos uma agenda única de transparência sem exposição desnecessária. Temos um ambiente de cooperação e igualdade. Confrontamos ideias e amamos pessoas. Cada um tem procurado servir em um lugar que combine com sua paixão, com seus dons e com sua disponibilidade de tempo. Como pastor desse grupo, posso afirmar que estou realizando um sonho ao ver uma equipe de liderança de igreja muito comprometida, competente, amorosa e verdadeira que reflete Jesus!⁶⁹⁰

Embora o testemunho de S. Costa nos forneça a ideia de que ele esteja fazendo uma apologia à maneira como a IBM Alphaville lida com as questões relacionadas à coletividade, é perceptível que esta é uma forma apaixonada com a qual ele fala a respeito do tema. Tal impressão já é, por si só, um fator capaz de incentivar as pessoas da equipe a, de fato, agirem para que o bem coletivo esteja acima do individual.

Outra impressão que tivemos é que quando a IBM Alphaville se utiliza do termo “coletividade” para destacar um de seus aspectos organizacionais ministeriais, ela está implicitamente evidenciando que a intimidade e a comunhão entre as pessoas da equipe são valorizadas pela organização.

Talvez a maneira pela qual o termo “coletividade” seja utilizado pela IBM Alphaville tenha uma relação mais direta com um dos diferentes níveis de comunhão que S. Queiroz aborda em uma de suas pesquisas, ocasião em que ele oferece a seguinte explicação didática:

Usamos o termo “comunhão” de maneira abrangente, mas o fato é que existem múltiplos níveis de comunhão. Em um sentido amplo, ela ocorre em torno de interesses comuns. O exemplo mais concreto de comunhão é a sua vizinhança. Pode ser que você não tenha conversas significativas com os vizinhos, muito embora vivam na mesma rua há anos. De maneira geral, se acontecerem vários arrombamentos no seu quarteirão ou alguma outra crise na vizinhança, você começará a falar com eles. Vocês agora compartilham um interesse comum: a segurança de sua propriedade particular. Embora novas amizades possam começar por causa do interesse mútuo e de conversas relativas a ele, você só estará experimentando comunhão em um nível muito raso.⁶⁹¹

À luz da concepção de S. Queiroz, poderíamos dizer que a coletividade presente na equipe da IBM Alphaville é uma espécie de comunhão em nível mais acentuado, uma vez que as pessoas da equipe estão próximas umas das outras – tal qual a vizinhança de um bairro – e compartilham um interesse em comum: o serviço organizacional e ministerial da comunidade cristã em que estão inseridos.

Uma vez estabelecida a comunhão em um nível mais acentuado, as consequências poderão ser positivas, como o estabelecimento de amizades

⁶⁹⁰ COSTA, S. Compre cadeira, p. 129-130.

⁶⁹¹ QUEIROZ, S. Igrejas que transformam o Brasil, p. 190.

significativas e mais próximas, além da experimentação de conversas e diálogos mais relevantes entre as pessoas da equipe.

4.6 Conclusão

A análise de alguns de alguns elementos característicos da IBM Alphaville nos permite dizer que desde a sua fundação ela destacou-se pela apreciação de alguns princípios norteadores e de uma visão eclesial que foi sendo desenvolvida ao longo da sua história. A pertença ao grupo batista caracterizou-se, desde o princípio, como marca fundamental.

Com o passar dos anos a igreja passou a desenvolver uma relação mais intensa com a cidade e com a cultura, o que deu à igreja uma visibilidade na sociedade, tornando-a conhecida no entorno.

A teologia e os aspectos litúrgicos demonstraram serem bíblicos, mas contextualizados. O estilo de atuação variado – atendendo à diversos públicos etários e econômicos – tem sido um diferencial da IBM Alphaville.

No tocante à sua forma de organização, a estrutura organizacional tende a ser mais horizontalizada, permitindo que os níveis hierárquicos se aproximem com a intenção de gerar uma maior acessibilidade entre as pessoas que compõem os quadros administrativo e ministerial.

5

Conclusão

O contexto atual apresenta diversos desafios para o desenvolvimento de uma eclesiologia contemporânea capaz de ser bíblica e neotestamentária. A compreensão da igreja atual passa pela necessidade de refletirmos sobre mudanças que sejam capazes de interagir com o mundo e a cultura sem deixar de lado os fundamentos que foram valorizados pelas comunidades cristãs apostólicas.

A análise da presente tese nos permitiu entender que os desafios eclesiológicos que a IBM Alphaville e as igrejas da contemporaneidade possuem é repleto de nuances e detalhes. Não podemos ignorar que, a fim de continuar alcançando a população, a condução e a gestão da Igreja precisam ser constantemente discutidas e atualizadas.

Com base em nossos estudos entendemos que a IBM Alphaville é uma igreja que tem buscado simplificar e descomplicar os seus processos eclesiais. É uma igreja que tem clareza e foco intencional em apontar para Jesus e compartilhar o evangelho de Cristo de maneira contextualizada.

A IBM Alphaville demonstrou ser uma igreja focada em Jesus e que desenvolve uma espiritualidade capaz de transformar a cultura, valorizando os princípios norteadores bíblicos e de sua denominação, mas quebrando alguns paradigmas que denominacionalmente têm sido valorizados ao longo das últimas décadas.

O levantamento de informações e reflexões realizados ao longo da pesquisa traz desafia os líderes eclesiais de nosso tempo a melhor conhecerem os aspectos bíblicos e neotestamentários da igreja fundante a fim de que possam aplicá-los na contemporaneidade.

Se tal fato acontecer, poderemos influenciar positivamente a cultura brasileira com igrejas locais que, apesar de se apresentarem de variadas formas, denominações e estilos, tenham uma centralidade em Cristo.

Nossa pesquisa confirmou o que descrevemos na introdução do atual trabalho, quando apontamos que comparar contextos eclesiais na contemporaneidade é uma tarefa difícil, dada a existência de diversos e variados tipos, formas e estilos de igreja.

No caso da IBM Alphaville, o simples fato da igreja estar localizada em Alphaville, uma região que tem um contexto urbano singular, nos permite também perceber muitas similaridades com os desafios enfrentados por outras igrejas que estão localizadas em grandes centros urbanos espalhados pelo Brasil.

Concluimos que a IBM Alphaville não é uma igreja perfeita, pois possui uma série de particularidades e de pontos em que não há uma convergência com o pensamento de eclesiólogos e teólogos da atualidade. Mas apesar de não convergir com todos os pensamentos contemporâneos, podemos dizer que a convergência de pensamento e de compreensão ocorreu em variados aspectos.

A IBM Alphaville apresentou evidências de ser uma igreja com o desejo e a intencionalidade de transformar o mundo a partir das suas ações eclesiais. Ela cumpre efetivamente a sua missão à medida que se engaja na comunidade sem a necessidade de estar totalmente vinculada à métodos ou modelos eclesiásticos que muitas vezes são inflexíveis e demonstram interesses voltados primariamente ao crescimento numérico das comunidades cristãs.

Não observamos na IBM Alphaville a utilização de modismos teológicos que enfatizam tão somente o crescimento numérico sem oferecer o evangelho que é capaz de transformar indivíduos e comunidades. Ao invés de utilizar-se de métodos, valoriza formas criativas para penetrar na cultura com a mensagem de Cristo.

Percebemos que a IBM Alphaville cumpre a sua missão com fidelidade bíblica e sensibilidade cultural, e que apesar de ter a preocupação de interagir com o mundo e a sociedade, pareceu-nos ser uma comunidade que tem buscado resistir às pressões do contexto local e ainda assim conseguido, de maneira geral, oferecer soluções bíblicas que sinalizem o reino de Deus.

A análise também nos permitiu entender que a IBM Alphaville é uma igreja que não está presa às formalidades institucionais nem à sua estrutura física, embora as valorize e as considere como importantes.

O modo de operação da comunidade leva em conta a utilização de prédios e de recursos tecnológicos que facilitam o exercício das práticas pastorais. No entanto, a IBM Alphaville os utiliza como um meio e não como um fim.

Em linhas gerais, nossa análise concluiu que a maior parte dos elementos analisados estão em compatibilidade com as práticas das igrejas neotestamentárias, o que dá à IBM Alphaville a possibilidade de ser reconhecida como uma igreja bíblica e de acordo com grande parte dos princípios eclesiais da igreja fundante.

No que diz respeito aos aspectos denominacionais batistas, ela está de acordo com os princípios que ao longo da história têm sido defendidos por sua

denominação, embora se diferencie, em alguns aspectos, de algumas formas que tradicionalmente são usuais entre os batistas.

Os principais pontos de divergência em relação aos batistas não dizem respeito aos princípios e documentos referenciais da denominação, pois se o fossem a descaracterizaria como uma igreja batista.

Percebemos que os elementos que mais se diferenciam do contexto denominacional estão relacionados à sua forma de organização administrativa e ministerial, bem como a sua maneira de se relacionar com a cidade e a cultura em que está inserida.

No tocante à sua relação com a cidade e a cultura, podemos dizer que a IBM Alphaville tem desenvolvido uma forma de relacionamento mais significativa do que parte das igrejas contemporâneas, especialmente se comparada às que pertencem à denominação batista, o que configura um avanço em relação às demais comunidades de seu segmento.

Ao mesmo tempo em que se demonstra fiel aos princípios neotestamentários e denominacionais, percebe-se a tentativa de interação com a urbe através da construção de pontes capazes de estabelecer relacionamentos com pessoas que não estão habituadas a frequentar uma comunidade cristã.

Percebemos uma intencionalidade de diálogo com as pessoas de pensamento pós-moderno, o que denota uma tentativa de acompanhar os passos da contemporaneidade. Aqui ressaltamos o cuidado que a IBM Alphaville tem de andar ao compasso dos tempos, mas ancorada nos princípios cristãos.

A análise permitiu verificar que a preocupação com a mobilidade urbana é de extrema importância para a Igreja de hoje, e que a IBM Alphaville tem estado atenta às transformações pelas quais as cidades e as pessoas que nelas vivem têm passado nos últimos anos.

Percebemos também que a velocidade das informações e das ações realizadas pela igreja chegam até às pessoas de uma maneira bastante rápida, uma vez que muitos de seus cultos e atividades são transmitidos em tempo real através da internet, permitindo que os conteúdos sejam acessados posteriormente por demanda.

Em consonância com aspectos comunitários das igrejas neotestamentárias, a IBM Alphaville se destaca pela prática de reuniões em pequenos grupos, o que favorece o acolhimento de pessoas de diferentes classes sociais em um mesmo núcleo cristão. Os grupos se reúnem nos lares nos moldes de uma igreja orgânica.

Outro fator que se apresenta de maneira positiva é a sua preocupação em expressar uma espiritualidade que não esteja vinculada à religiosidade. Enquanto

muitas igrejas contemporâneas trazem propostas que facilitam o exercício de práticas religiosas, a IBM Alphaville desenvolve o conceito de uma espiritualidade em que o foco principal está em Jesus Cristo.

O fato de focar em Jesus Cristo nos leva a entender que a IBM Alphaville é também uma igreja teologicamente cristocêntrica. A respeito de tal temática, observamos que a igreja reconhece a autoridade de Cristo como Senhor e se sujeita à sua autoridade e soberania. Os sermões, reflexões, músicas e programações enfatizam o nome de Cristo e apontam para Ele.

A teologia bíblica também é uma das características da igreja e foi comprovada por conta de diversos fatores, dentre eles o reconhecimento das Escrituras como palavra de Deus, da valorização do ministério da palavra e da utilização da Bíblia como parâmetro teológico.

No que tange aos assuntos pneumatológicos, a IBM Alphaville é uma comunidade cristã que se sujeita ao Espírito Santo de Deus e o reconhece como Pessoa da Santíssima Trindade. Várias das mensagens pregadas abordam de maneira pontual assuntos ligados à pneumatologia.

Embora seja uma igreja cristocêntrica, bíblica e sujeita à ação do Espírito Santo, percebemos a ausência de estudos teológicos mais aprofundados que pudessem ser disponibilizados aos seus frequentadores. Não há, por exemplo, a tradicional EBD (Escola Bíblica Dominical), que geralmente é das metodologias mais usuais das igrejas batistas.

Não entendemos que a ausência da EBD seja um problema ou um ponto negativo da IBM Alphaville. O que nos preocupa é que não identificamos o interesse de ofertar uma alternativa que seja capaz de trazer um conteúdo bíblico e teológico mais aprofundado a seus membros e frequentadores.

No que tange às questões teológicas, percebemos uma teologia pautada em Jesus e genuinamente bíblica. No entanto, pareceu-nos haver a necessidade de um desenvolvimento teológico mais robusto que pudesse oferecer uma cosmologia bíblica mais aprofundada aos frequentadores da igreja.

Embora as pregações, mensagens e reflexões sejam bíblicas, elas são direcionadas à congregação de uma maneira muito geral e pouco específica. Não há, por exemplo, em um culto público, um momento em que os frequentadores possam fazer perguntas ou tirar suas dúvidas.

Como a igreja atua com grupos pequenos, acreditamos que estes poderiam ser utilizados para suprir tais necessidades. No entanto, lhes fugiria o propósito original de promover a comunhão e o evangelismo, já que a discussão de temas

teológicos mais aprofundados poderia ser inadequada para participantes que não tivessem um melhor embasamento teológico.

No tocante aspecto missional, notamos a ênfase em expandir o Reino de Deus e de fazer discípulos de Jesus a partir de Alphaville. Embora seja uma igreja local, a sua atuação através de *campus* em outras localidades favorece a expansão das suas ações.

Os *campus* permitem que pessoas de outras regiões também possam pertencer à igreja. Ainda que se reúna em diferentes locais, a IBM Alphaville atua nos *campus* com a mesma visão, a mesma equipe pastoral, o mesmo orçamento e a mesma missão, o que traz um senso de unidade entre as pessoas que frequentam os diferentes locais de culto da igreja.

A estratégia dos *campus* facilita o alcance de um maior número de pessoas e também abre mais opções para que os frequentadores da igreja possam servir. É preciso dizer que algumas igrejas brasileiras contemporâneas já têm utilizado tais estratégias, embora ainda não seja uma ênfase estratégica costumeira no meio batista.

A atuação em múltiplos lugares pode ser uma proposta a ser aceita por igrejas de nosso tempo, desde que tais igrejas estejam dispostas a uma mudança de pensamento e de comportamento em relação ao uso dos sistemas operacionais tradicionalmente utilizados.

Um ponto positivo observado na IBM Alphaville é a preocupação com os desigrejados, o que se configura como um diferencial em relação à outras igrejas de seu segmento, já que algumas preocupam-se mais em manter os atuais frequentadores do que desenvolver estratégias capazes de alcançar os que não estão habituados aos ambientes eclesiais.

O culto é contemporâneo realizado na IBM Alphaville é capaz de atender às necessidades da cultura pós-moderna. Ainda assim, a liturgia é sustentada por uma tradição reformada, mas com um jeito mais simples e coloquial do que comumente tradicionalmente é praticado em ambientes de linha protestante.

Outro ponto importante a ser destacado é a necessidade de integração entre as gerações. Embora a IBM Alphaville seja uma igreja que realiza ações que visem o atendimento às faixas etárias, não tivemos a convicção da existência de uma união e de uma sincronia entre os diferentes grupos etários.

O que percebemos é que no grupo que lidera a igreja existe uma intencionalidade em agregar as diferentes gerações nas equipes administrativa e ministerial, mas não percebemos tal integração no contexto geral da comunidade.

Em linhas gerais, é preciso deixar claro que os resultados e as conclusões da atual pesquisa não significam que a IBM Alphaville deva ser usada como padrão para as demais igrejas do presente e do futuro, haja vista que a experiência eclesial fundante já nos é suficiente.

As informações contidas na presente tese nos desafiam a desenvolver, em nosso tempo, comunidades eclesiais capazes de transformar a sociedade com a força do evangelho do reino de Deus.

Para que o desenvolvimento de igrejas bíblicas e contemporâneas aconteça com maior efetividade, é necessário que líderes eclesiais adquiram a capacidade de compreender e interpretar melhor o contexto social, histórico e cultural que os cerca.

É responsabilidade de cada igreja local observar e compreender melhor a sua cidade e o seu entorno através do engajamento com as pessoas e de um envolvimento mais próximo com as temáticas necessárias à sociedade. É preciso planejar ações estratégicas que respondam às necessidades específicas do povo brasileiro. Diferentemente de muitas igrejas cristas espalhadas pelo Brasil, a IBM Alphaville tem conseguido influenciar decisivamente a cultura e impactado a sociedade.

Referências bibliográficas

AGRESTE, R. S. **Igreja? Tô fora!** Santa Bárbara d'Oeste: 2007.

ALVES, P. H. G. T. **O regime divino: batistas brasileiros entre a autonomia e a centralização (1881-1935)**. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

ANTÓN, A. La Concepción paulina de la Ekklesia. In: **La Iglesia de Cristo: El Israel de la Vieja y la Nueva Alianza**. Revista Gregorianum, v. LVIII, p. 524-627, 1977.

ANTÓN, A. La imagem lucana de la Ekklesia. In: **La Iglesia de Cristo: El Israel de la Vieja y la Nueva Alianza**. Revista Gregorianum, v. LVIII, p. 420-475, 1977.

AQUINO, R. B. o Espírito Santo. In.: AQUINO, R.B.; STAHLHOEFER, A; MACHADO, M; MILHORANZA, A. **Mosaico teológico: esboço de doutrinas cristãs**. Joinville: BTBooks, 2013.

ARAÚJO, J. P. G. **Batistas: dominação e dependência**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS DIÁCONOS BATISTAS DO BRASIL. Disponível em: http://www.diaconos.org.br/site/pagina.php?MEN_ID=8. Acesso em: 9 jul. 2020.

ASSOCIAÇÃO DOS MÚSICOS BATISTAS DO BRASIL. Disponível em: <https://ambb.org.br/index.html>. Acesso em: 9 jul. 2020.

ASSOCIAÇÃO FOCO CONECTA. Disponível em: www.focococonnecta.org.br. Acesso em: 26 dez. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESCOLAS BATISTAS. Disponível em: <https://aneb.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

ASSUMPÇÃO, X. **Pequena história dos batistas no Paraná**. Curitiba: Academia Evangélica de Letras do Brasil, 1976.

BACARJI, A. D. **A Re-Institucionalização Igreja**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

BACARJI, A. D. **Eclesiologia católica**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2019.

BAKER, J. **Celebrando a recuperação**: guia do líder. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BAKER, J. **Celebrando a recuperação**: guia do participante – livros 1 a 4. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BARCELOS, C. Codependência. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 12-13.

BARCELOS, C. Compulsão alimentar. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 19.

BARCELOS, C. Compulsão: recaída e lapso. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 24.

BARCELOS, C. Dependência de álcool e drogas. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 16.

BARCELOS, C. Gangorra: a diversão que esconde a dor do amor. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 23.

BARCELOS, C. Grupos de apoio do celebrando restauração/grupo de estudo de passos. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 6-7.

BARCELOS, C. Livre-se da ira. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 20.

BARCELOS, C. O que é restauração? **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 14-15.

BARCELOS, C. Restauração financeira. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 17.

BARCELOS, C. Transtornos emocionais. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 18.

BARCELOS, E. Desligamento emocional. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 22.

BARCELOS, E. Mulheres que amam demais. **Revista Celebrando restauração**, Barueri, fev/2019, p. 21.

BARCELOS, F. Relacionar-se. In.: **Flyer Pequenos Grupos**, Barueri, set/2019, p. 1.

BARCELOS, F. Uma igreja sem muros. In.: **Flyer Pequenos Grupos**, Barueri, set/2019, p. 1.

BARCELOS, F. (2019). **Como você anda? Anda no Espírito?** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em: 26 de abril de 2020.

BARCELOS, F. (2019). **É possível ter paciência?** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

BARNA, G. **O poder da visão**. São Paulo: Abba Press, 1995.

BARRO, J. H. **De cidade em cidade**: elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas-Atos. Londrina: Editora Descoberta, 2006.

BARRO, J. B. **O pastor urbano**: dez desafios práticos para um ministério urbano bem sucedido. Londrina: Editora descoberta, 2003.

BELL, R. **Repintando a Igreja**: uma visão contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2008.

BERGER, K. **Jesús**. Santander: Sal Terrae, 2009.

BERGER, K. **Los primeiros cristianos**. Santander: Sal Terrae, 2011.

BEYER, H. W. Bispo. In.: KITTEL, G. A. (Org.). **A Igreja no Novo Testamento**: São Paulo: Editora Aste, 1965.

BEYER, H. W. Bispo. Servir, Serviço e Diácono. In.: KITTEL, G. A. (Org.). **A Igreja no Novo Testamento**: São Paulo: Editora Aste, 1965.

BISPO, Fabiano. (2019). **Alegria que contagia**. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em 24 de abril de 2020.

BORNKAMM, G. Presbítero. In.: KITTEL, G. A. (Org.). **A Igreja no Novo Testamento**: São Paulo: Editora Aste, 1965.

BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Editora Edições Paulinas: 1984.

BROWN, R. E. A Igreja Primitiva: A Igreja no Novo Testamento. In: BROW, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). BROW, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo

Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

BROWN, R. E. **As igrejas dos apóstolos**. São Paulo: Edições Paulinas: 1986.

BROWN, R. E. **Las Iglesias que los apóstoles nos dejaron**. Bilbao: Desclée de Brower, 2000.

BROWN, R. E. **The Epistles of John: a new translation with introduction and commentary**. Londres: Yale University Press, 2007.

BROW, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

BRYANT, T. E. **A “Ekklesia” do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Redijo, 1976.

CAIRNS, E.E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAMPANHÃ, J. **Grandes igrejas, pequenos líderes**: a descoberta de um cristianismo mais genuíno. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.

CAMPANHÃ, J. **Planejamento estratégico para igrejas**: como assegurar qualidade no crescimento de sua igreja. São Paulo: Editora Hagnos, 2013.

CANTOR CRISTÃO. Santo André: Editora Geográfica, 2005.

CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO E MISSÕES. Disponível em: <https://www.ciem.org.br/historia>. Acesso em: 9 jul. 2020.

CERFAUX, L. **La Iglesia en San Pablo**. Bilbao: Desclée de Brower: 1959.

COLE, N. D. **Igreja orgânica**: plantando a fé onde a vida acontece. São Paulo: Habacuc, 2007.

COMBLIN, J. **Atos dos Apóstolos**: Comentário Bíblico Latinoamericano. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

COMISKEY, J. **Crescimento explosivo da igreja em células**: um guia de estudo para ajudá-lo no crescimento e na multiplicação da sua célula. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 1999.

COMISKEY, K. **Reuniões atraentes**: como conduzir encontros de grupos pequenos/células que estimulam o retorno das pessoas. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 2008.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=24. Acesso em: 11 abr. 2020.

CONVICÇÃO EDITORA. Disponível em: <https://www.conviccaoeditora.com.br/institucional/quemsomos-divisor>. Acesso em: 9 jul. 2020.

COSTA, S. **Compre cadeira:** igrejas para hoje focadas em Jesus. Barueri: Alpha Conteúdos, 2015.

COSTA, S. Construindo pontes, conectando pessoas. In.: **Revista Comunidade**, Edição de fevereiro de 2019. p. 3; 16; 32.

COSTA, S. Target. In.: **Revista Comunidade:** edição especial, Barueri, jun/2018, p. 3

COSTA, S. Uma igreja nova novamente. In.: **Revista Oportunidades**, Barueri, nov/2019, p. 5.

COSTA, S. (2019). **Amabilidade.** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

COSTA, S. (2019). **A vida focada em Jesus e o mover do Espírito Santo.** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

COSTA, S. (2019). **Você tem domínio próprio?** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Novas gerações. In.: **Revista Comunidade**, Edição de setembro de 2019.

COSTA, S; RODRIGUES, R; NOGUEIRA, L. Foco conecta, In.: **Revista Comunidade**, Edição de fevereiro de 2019.

DE LORENZI, L. Iglesia. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G; GIRLANDA, A. **Nuevo diccionario de teologia bíblica:** San Pablo. Madrid: Ediciones Paulinas, 2001.

DE SOUZA, J. A. O conceito de Revelação na controvérsia modernista 1898-1910, p. 186-188. In: LOISY, A. **Autour d'un petit livre.** Paris: Editora Brepols Publishers, 2007.

DE WELT, D. **Atos atualizado.** São Paulo: Associação Pró-Literatura Cristã, 1965.

DI MARCO, A. Koinonia-communio: Filipenses 2,1. In: **Laurentianum**, v. XXI, p. 376-403, 1986.

DORMEYER, D. Die Passion Jesu als Verhaltensmodell: Literarische und theologische Analyse der Traditions und Redaktionsgeschichte der Markuspassion. In: **Theologische Literaturzeitung**. Munster: 1976, v. CI / 3.

DOYLE, R. The one true whorshipper. In: **The Briefing**, 29 April 199, p. 8.
DUPONT, J. **Teologia dela Chiesa negli Atti Apostoli**. Bologna: Editora EDB, 2015.

ELLÍN, F. G. **Revista Dei Verbum**. Cittá del vaticano: 1993, p. 32.

Epístola de Barnabé.

ERICKSON, M. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ESTRADA, J. A. **Para compreender como surgiu a Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://seminariodosul.com.br/faculdade-batista-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FACULDADES BATISTA DO PARANÁ. Disponível em: <https://fabapar.com.br/estrutura/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL. Disponível em: <http://www.fatebe.edu.br/a-faculdade/institucional/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

FABRIS, R. **Pablo: el apóstol de las gentes**. Madrid: Editora San Pablo, 1999.

FERREIRA, E. **Manual da Igreja e do obreiro**. Rio de Janeiro: Juerp; 1993.

FIELDS, D. **Um ministério com propósitos para líderes de jovens**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

FRANZELIN, J. B. **Tractatus de Divina Traditione et Scriptura**. [s.n.], 1882.

FUSCO, V. Mateo. In.: ROSSANO, P. Pablo. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G; GIRLANDA, A. **Nuevo diccionario de teologia bíblica**: San Pablo. Madrid: Ediciones Paulinas, 2001, p. 1149-1157.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. São Paulo: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. São Paulo: Artes Médicas, 1995.

GILMANN, J. **Possessions and life of faith: a reading of Luke-Acts**. Colledgeville: Liturgical Press, 1991.

GLADSTONE, M. (2019). **Bondade**. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

GLADSTONE, M. (2019). **Fidelidade? Você é fiel?** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

GLADSTONE, M. (2019). **Paciência**. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wgGhWMARm5c>>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

GNILKA, J. **Teología del Nuevo Testamento**. Valladolid: Simancas Ediciones, 1998.

GONZÁLEZ RUIZ, J. M. Sentido comunitário-ecclesial de algunos substantivos abstractos em San Pablo. In: **Estudios Bíblicos**, v. XVII, p. 289-322, 1958.

GRUDEM, W. A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1999.

GUERRA, M. F. **Vende-se qualidade de vida: Alphaville Barueri – implantação e consolidação de uma cidade privada**. São Paulo: USP, 2013. p. 121-123.

HACKMANN, G. L. B. A Igreja nos Atos dos Apóstolos. **Telecomunicação**, v. 31, n. 133, p. 427-459, set. 2001.

HACKMANN, G. L. B.; GOMES, T. F. A Igreja como comunidade evangelizadora em busca da unidade. **Telecomunicação**, p. 285-307, jun. 2016. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2015.3.24367>>. Acesso em: 11 set. 2020.

HELLÍN, F. G. **Revista Dei Verbum**, 1993, p. 32.

HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO. Santo André: Editora Geográfica, 2005.

HYBELS, B. **Axiomas: máximas da liderança corajosa**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

IGREJA BATISTA DO MORUMBI. Disponível em: <https://ibmorumbi.com.br/#/>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

IGREJA BATISTA MEMORIAL DE ALPHAVILLE. Disponível em: <https://www.ibmalphaville.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/barueri.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

JOINER, R. **Pense laranja:** imagine o que acontece quando a igreja e as famílias se unem. Pompeia: Universidade da Família, 2012.

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <https://missoesmundiais.com.br/quem-somos>. Acesso em: 9 jul. 2020

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

JUVENTUDE BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <http://www.juventudebatista.com.br/a-jbb/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

KAMMER, T. (Org.). **Culto e adoração:** documentos batistas. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2011.

KASPER, W, **A Igreja Católica:** essência, realidade e missão. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

KAUFMANN, T; KOTTJE, R; MOELLER, B.; WOLF, H. (Orgs.). **História Ecumênica da Igreja I:** dos primórdios até a Idade Média. São Paulo: Edições Loyola; São Paulo: Editora Paulus; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2012.

KELLER, T. **Ego transformado:** a humildade que brota do evangelho e traz a verdadeira alegria. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KELLER, T. **Igreja centrada:** desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KIMBALL, D. **A Igreja emergente:** cristianismo clássico para as novas. São Paulo: Editora Vida, 2008.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja.** São Paulo: Editora Vida, 2011.

KIMBALL, D. Gosto de Jesus, mas não dos cristãos. In.: **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja.** São Paulo: Editora Vida, 2011.

KINGSBURY, J. D. **The Parables of Jesus in Matthew 13:** a study in redaction-criticism. London: Society for Promoting Christian Knowledge; First Edition, 1969.

KIRK, D. **Reconectando as gerações**. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2003.

KITTEL, G. A. (Org.). **A Igreja no Novo Testamento**: São Paulo: Editora Aste, 1965.

KSENHUK, H. Nascidos para celebrar! In.: **Revista Comunidade**, Barueri, set/2019, p. 22.

KUNZ, C. A. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**: desvendando o mistério das 42 parábolas muito além do óbvio. Curitiba: AD Santos Editora, 2014.

LIU, J. **The Poor and the Good News**: a study of the motif of Euangelizestai Ptochois in Isaiah 61 and Luke- Acts. Pasadena: Fuller Theological Seminary, 1986. p. 137-148.

LOHFINK, G. **Como Jesus queria as comunidades**. São Paulo: Editora Paulus, 1986.

LOHFINK, G. Die Korrelation von Reich Gottes und Volk Gottes bei Jesus. In.: **ThQ**, n. 165, p. 173-183, set. 1985.

MARCONCINI, B. **Los sinópticos**. Madrid: San Pablo Ediciones, 1998.

MARGUERAT, D. Os Atos dos Apóstolos. In.: **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

MARTINS, J. G. **Manual do pastor e da igreja**. Curitiba: Editora A. D. Santos, 2012.

MASSAMBANI, C. R. W. **12 passos**: guia de estudo para grupos do CR. Barueri: Foco, 2019.

MASTON, T.B. **A Igreja e o mundo**. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1987.

MATEOS, J; BARRETO, L. **O Evangelho de São João**. São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

MAXWELL, J. **As 17 incontestáveis leis do trabalho em equipe**: descubra os segredos para o desenvolvimento de equipes vencedoras. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

McCORD, C. (2019). **Ainda existe o amor**. Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhW-MARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

McCORD, C. (2019). **Existe mansidão?** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhW-MARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

McCORD, C. (2019). **Mansidão no século 21.** Série de mensagens: Fruto do Espírito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgGhW-MARm5c>. Acesso em: 24 de abril de 2020.

McCORD, C. Prefácio. In: COSTA, S. **Compre cadeira:** igrejas para hoje focadas em Jesus. Barueri: Alpha Conteúdos, 2015.

McDANIEL, G. W. **As Igrejas do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.

McGRAVAN, D. A. Compreendendo o crescimento da Igreja. São Paulo: Editora Sepal, 2001.

McMANUS, E R. **Uma força em movimento:** a espiritualidade que transforma a cultura. São Paulo: Garimpo Editorial, 2009.

MEARNS, C. L. **The identy of Paul's Opponents at Philippi.** In: NTS XXXIII, p. 194.204, 1987.

MEDEIROS, E. **Ferramentas para o líder de jovens:** volume 1 – estratégias. Curitiba: Editora Schultz, 2019.

MEEKS, W. A. **Os primeiros cristãos urbanos:** o mundo social do apóstolo Paulo. Santo André: Editora Academia Cristã; São Paulo: Editora Paulus, 2011.

MILHORANZA, A. O mosaico de Deus. In.: AQUINO, R.B.; STAHLHOEFER, A; MACHADO, M; MILHORANZA, A. **Mosaico teológico:** esboço de doutrinas cristãs. Joinville: BTBooks, 2013.

MOODY, D. L. **Comentário Bíblico Moody,** v. 4. São Paulo: Imprensa Bíblica Regular, 1984.

MORGAN, R. Comunion de Iglesias em el Nuevo Testamento. **Revista Concilium,** n. 164, p. 47-60. Madrid: Editora Cristiandad, 1981.

MOSCONI, L. **Atos dos Apóstolos:** como ser Igreja no início do terceiro milênio? São Paulo: Paulinas, 2005.

MUIRHEAD, H. H. **O cristianismo através dos séculos:** v. I. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1959.

MUZIO, R. In.: MUZIO, R. (Org.). **Revolução silenciosa II:** revolucionando a sociedade com a força do evangelho do reino. Brasília: Palavra, 2006.

MUZIO, R. **O DNA da liderança cristã.** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MUZIO, R. (Org.). **Revolução silenciosa II**: revolucionando a sociedade com a força do evangelho do reino. Brasília: Palavra, 2006.

NASCIMENTO, **A compreensão da comunidade joanina em Raymond Brown**, p. 11. Disponível em: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2014/relatorios_pdf/ctch/TEO/TEO-Douglas%20Nascimento.pdf.

Acesso em: 4 out. 2020.

NEWMAN, J. H. C. **Certain Difficulties felt by the Anglicans in Catholic Teaching, v. II**. Aurora: Bibliographical Center for Research, 2010.

NICODEMUS, A. **Cheios do Espírito**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

NOCETI, S. Para gerar uma nova Igreja. in.: SELLA, A. **Por uma Igreja do Reino**: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial. São Paulo: Paulus, 2010.

O'DONNELL, C.; PIÉ-NINOT, S. **Diccionario de eclesiologia**. Buenos Aires: San Pablo, 2015.

ORDEM DOS PASTORES BATISTAS DO BRASIL. Disponível em: <https://www.opbb.org.br/quem-somos>. Acesso em: 9 jul. 2020

PAES, C. M. **Igrejas que prevalecem**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PEREIRA, J. R. **Breve história dos batistas**. Rio de Janeiro: Editora Ju-erp, 1994.

PHILIPS, G. **La Yglesia y su mistério en concilio Vaticano II**: historia, texto y comentarios de la constitución "Lumen Gentium", Tomo II. Barcelona: Herder Editorial, 1970.

PIÉ-NINOT, S. **Eclesiología**: la sacramentalidad de la comunidade cristiana. Buenos Aires: San Pablo, 2015.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **História e princípios dos batistas**. Publicação independente, 2005.

PORTER, P. **Organização batista**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961.

QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**: felicidade à luz do Sermão do Monte. Curitiba: Editora Encontro; Viçosa: Editora Ultimato, 2006.

QUEIROZ, S. In.: STETZER, E; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

RAHNER, K. **Inspiración de la Sagrada Escritura**. Barcelona: Herder Editorial, 1970.

RAHNER, K. Inspiración de las Escrituras canónicas y apostolicidad de la Iglesia. In: **Santa Iglesia**. Barcelona: [s.n.], 1965.

RAHNER, K. Sobre el problema de la evolución del dogma. In: **Escritos de teología, v. V**. Madrid: Taurus Ediciones, 1964.

RAHNER, K. Teología del Nuevo Testamento. In: **Escritos de teología, v. V**. Madrid: Taurus Ediciones, 1964.

RAMIREZ, J. M. C. Iglesia y Pueblo de Dios em el evangelio de san Mateo. In: **XIX Semana bíblica española: concepto de la Iglesia em el Nuevo Testamento**. Madrid: Imprenta de Aldecoa, 1962, p. 19-99.

RASCO, E. Jesús y el Espíritu, Iglesia e Historia: elementos para uma lectura de Lucas. **Revista Gregorianum**, v. LVI, p. 321-367.

RATZINGER, J. **Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo**. São Paulo: Planeta, 2010.

RENGSTORF, K. H., Apóstolo, Falso Apóstolo, Apostolado e Enviar. In: KITTEL, G. A. (Org.). **A Igreja no Nôvo Testamento**: São Paulo: Editora Aste, 1965.

REZENDE, J. S. **Eclesiologia contemporânea: construindo igrejas bíblicas**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2016.

REZENDE, J. S. **O Reino e a Igreja: ministério urbano bíblico e equilibrado**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

REVISTA COMUNIDADE. Edição de janeiro de 2019. Ibma. Barueri, 2019, p. 24

REVISTA COMUNIDADE. Edição de fevereiro de 2019. Ibma. Barueri, 2019. p. 21.

REVISTA VISION DAY. Edição de janeiro de 2019. Ibma. Barueri, 2019. p. 4-5.

RIGAUX, B. Los doce apóstoles. In: **Revista Concilium**, n. XXXIV, p. 7-18. Madrid: Editora Cristiandad, 1968.

RODRIGUES, D. B. L. (Org.). **Exame e consagração ao ministério diaconal: documentos batistas**. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2011.

RONDET, H. Los dogmas cambian? In.: **Enciclopedia del católico en el siglo XX**, v. V. Madrid: Editora De Libris, 1961.

ROSSANO, P. Pablo. In: ROSSANO, P.; RAVASI, G; GIRLANDA, A. **Nuevo diccionario de teologia bíblica**: San Pablo. Madrid: Ediciones Paulinas, 2001.

SABINO, M.A.; ROQUE, A. S. S. **A teoria das inteligências múltiplas**. São José do Rio Preto: Ibilce Unespe, 2006.

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ. Disponível em: <http://sec.org.br/site/institucional.php>. Acesso em: 9 jul. 2020.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL. Disponível em: http://www.stbnb.com.br/site/pagina.php?PAG_ID=3. Acesso em: 9 jul. 2020.

SCHLIER, E. *Eclesiología del Nuevo Testamento*. In: **Mysterium salutis**. Vol. IV: A Igreja. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SCHMIDT, K. L. Igreja. In: KITTEL, G. (Ed.). **A Igreja no Nôvo Testamento**. São Paulo: Aste, 1965.

SCHNACKENBURG, R. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos**: São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

SCHNACKENBURG, R. **La Iglesia em el Nuevo Testamento**. Madrid: Taurus Ediciones, 1965.

SCHNACKENBURG, R. **Reino y reinado de Dios**: estudio biblico-teologico. Madrid: 1967.

SCHUMACHER, J. **Die Apostolische Abschluss der Offenbarung Gottes**. Freiburg: Herder Editorial, 1979.

SCHWEIZER, A. **Matthaus und seine Gemeinde**. Stuttgart: Stuttgart KBW-Verlag, 1974.

SCHWEIZER, A. **The Kingdom of God and Primitive Christianity**. New York: The Seabury Press, 1968.

SEGUNDA IGREJA BATISTA DE GOIÂNIA. Disponível em: <https://www.sibgoiania.org/sermao/por-que-o-pacto/>. Acesso em: 9 jul. 2020.

SELLA, A. **Por uma Igreja do Reino**: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, M. C. **Cultos e panacéias**. Curitiba: publicação independente, 1996.

SJOBORG, E. **Gott und die Sunder im palastinischen Judentum**: nach dem Zeugnis der Tannaiten und der apokryphisch-Pseudepigraphischen Literatur. Stuttgart: Editora Kohlhammer, 1938.

SOUZA, S. (Org.). **Exame e consagração ao ministério pastoral**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2011.

SOUZA, S. (Org.). **Organização de igrejas**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2010.

SOUZA, S. (Org.). **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Editora Convicção, 2010.

SPIAZZI, R. Rivelazione compiuta con la morte degli Apostoli. **Revista Gregorianum**, v. XXXIII, p. 24-57.

SPURGEON, C. **A confissão de fé batista de 1689**: um catecismo puritano. São Paulo: Estandarte de Cristo, 2018.

STETZER, E. Vida comunitária: a conexão de pessoas com pessoas. In.: STETZER, E; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STETZER, E; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**: sinais de um movimento revolucionário e inspirador. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STOTT, J. R. W. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. São Paulo: Abub, 1994.

TORQUATO, R. (Org.). **Manual de identidade batista**. Curitiba: Convenção Batista Paranaense, 2011.

TRAFFANSTEDT, C. **Uma introdução à história dos batistas**. São Paulo: Estandarte de Cristo, 2015.

TURRADO, L. T. La Iglesia de Dios em los Echos de los Apostoles. In: **XIX Semana bíblica española**: concepto de la Iglesia em el Nuevo Testamento. Madrid: Imprenta de Aldecoa, 1962.

UNIÃO FEMININA MISSIONÁRIA BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.ufmbb.org.br/quem-somos-1>. Acesso em: 9 jul. 2020

VEDDER, H. C. **A short history of the Baptists**. Chester: Nabu Press, 1907.

VOGTLE, A. Das christologische und ekklesiologische Anliegen von Mt 28,18-20. In: VOGTLE, A. **Das Evangelium und die Evangelien**. Dusseldorf: Patmos-Verl, 1971.

VORGRIMLER, H.; URKICHE; URGEMEINDE; URCHRISTENTUM. **Neues Theologisches Wörterbuch**. Freiburg: Verlag Herder Editorial, 2008.

WARREN, R. Pregando para os sem igreja. in.: **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Editora Vida, 1997.

WARREN, R. **Uma igreja com propósitos**: São Paulo: Editora Vida, 2008.
WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. São Paulo: Editora Paulus, 198.

WEISER, A. **Die Knechtgleichnisse der synoptischen Evangelien**: Studien zum Alten und Neuen Testament. München: Editora Kosel-Verlag, 1971.

ZABATIERO, O mistério do Reino. In.: BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida Nova, 2000.